

Universidade de São Paulo

Instituto de Psicologia

Na Psicanálise de Wilhelm Reich

Paulo Albertini

Tese apresentada ao Instituto de  
Psicologia da Universidade de São  
Paulo como parte dos requisitos  
para obtenção do Título de Livre-  
Docente em Psicologia

2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catlogação na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Albertini, Paulo.

Na psicanálise de Wilhelm Reich / Paulo Albertini. -- São Paulo, 2015.

321 f.

Tese (Livre-Docência – Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade.) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Reich, Wilhelm, 1897-1957 2. Caráter 3. Ferenczi, Sándor 1873-1933  
4. História da psicanálise 5. Sexualidade I. Título.

RC506

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Paulo Albertini

Na Psicanálise de Wilhelm Reich

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo com parte dos requisitos para obtenção do título de Livre-Docente em Psicologia

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## Banca Examinadora

Nome: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

## DEDICATÓRIA

Para Beatriz e Luisa

## AGRADECIMENTOS

Ana Loffredo, Cristina Kupfer, José Leon, Júlia Kovács, Henritte Morato, Laura Villares, Maria Luisa Schmidt, Marilene Proença e Marlene Guirado, colegas da “velha guarda” do PSA, **obrigado** pela convivência de mais de três décadas.

Grupo dos Doutores do IP, a “raia miúda” que mantém um espaço fundamental de discussão, **obrigado**.

Ailton Bedani, André Côrtes, Bruno Prates, Cynthia Melo, Daniel Avila, Gabriel de Almeida, Ilana Joveleviths, João Rodrigo, Liliane de Paula, Paulo Watrin, Ricardo Rego, Simone Ramalho, Tânia Alves e Zeca Sampaio, orientados que fizeram trabalhos sobre o pensamento reichiano, **obrigado**; ensinei, mas também aprendi muito com vocês.

Amadeu Weinmann, Cláudio Melo, Henrique Leal, Marcus Vinicius, Nicolau Maluf e Sara Quenzer, pares do campo reichiano, **obrigado** pela troca estimulante.

Olívia Rosa e Sandra Dias, secretárias incansáveis do PSA, **obrigado** pelo suporte nunca negado.

Leila, Lilian e Pedro, queridos irmãos, sem esquecer dos “agregados”, Felipe, Neusa e Rei, **obrigado** pela paciência e torcida.

Theresa Brecht, querida sogra, **obrigado** pela presença sempre positiva.

Bia e Lú, queridas filhas, **obrigado** pelas ajudas diversas - por exemplo, organização dos comprovantes de atividades nas pastas de documentos e formatação dos sumários (memorial e tese) -, mas, sobretudo, por simplesmente existirem.

Aurélio e Leonor - queridos pais que já se foram -, **obrigado** por tudo.

Regina Brecht, **obrigado**; te amo.

Amigos, colegas e familiares, acabou! **Desculpem** a meia presença nos últimos anos (nem sei quantos).

Albertini, P. *Na Psicanálise de Wilhelm Reich*. 2015. 321 p. Tese (Livre-Docência). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

## RESUMO

Mesmo no universo acadêmico, não é incomum constatar um conhecimento apenas superficial sobre a obra produzida pelo austro-húngaro Wilhelm Reich (1897-1957) no movimento psicanalítico. Esta tese de Livre-docência tem por objetivo contribuir para ampliar a compreensão a respeito da participação desse autor na psicanálise, especialmente aquela que se deu na década de 1920. Três ensaios a integram. No primeiro, *Movimentos de Wilhelm Reich na Psicanálise dos anos 1920*, analisamos, sobretudo, o papel que Reich desempenhou no Seminário de Técnica Psicanalítica de Viena, a Teoria do Orgasmo, as ideias do autor endereçadas ao campo da educação sexual infantil e as elaborações do então psicanalista vinculadas ao freudo-marxismo. Nesse escrito inaugural, demos ênfase às relações de Reich com o seu principal interlocutor no domínio psicanalítico, Freud. Para isso, dentre outros materiais pesquisados, comentamos dez cartas de Freud para Reich, todas do período de 1924 a 1930. Empreendemos tal ação com base no artigo *An anxious attachment: letters from Sigmund Freud to Wilhelm Reich*, publicado em 2011 pela pesquisadora norte-americana Elizabeth Ann Danto. No segundo, *Uma contribuição à técnica psicanalítica: a Análise do Caráter*, procuramos identificar as diretrizes que compõem a Análise do Caráter, tecer comentários sobre essa proposta clínica e fazer menção à repercussão por ela alcançada. O destaque aqui recaiu no manejo da transferência negativa e na influência que essa orientação analítica exerceu em autores da escola norte-americana da Psicologia do Ego. No terceiro, *Reich e a “técnica ativa” de Ferenczi*, investigamos a relação entre o pensamento de Reich e as formulações do psicanalista húngaro Sándor Ferenczi (1873-1933) conhecidas como “técnica ativa”. Nesse estudo final, ganhou relevo o tema do corpo na cena clínica e a leitura de cada autor a respeito da sexualidade genital.

Palavras-chave: Reich, Wilhelm, 1897-1957; Caráter; Ferenczi, Sándor 1873-1933; História da psicanálise; Sexualidade.

Albertini, P. *Within Wilhelm Reich's Psychoanalysis*. 2015, 321 pp. Senior Lecturer Thesis. Psychology Institute, University of São Paulo, 2015.

## ABSTRACTS

Even in the academic field, it is not uncommon to find a rather superficial knowledge about the work produced in the psychoanalytic field by the Austro-Hungarian author Wilhelm Reich. This Associate Professorship Dissertation aims at contributing to expand the understanding of Reich's participation in psychoanalysis, especially in the 1920s. Three separate essays are included. The first one, *Wilhelm Reich's Movements in the Psychoanalysis of the 1920s*, analyzes the following issues: the role Reich played at the *Vienna Seminar for Psychoanalytic Therapy*; the Theory of Orgasm; the author's ideas on the domain of child sexual education; and Reich's elaborations as a psychoanalyst connected with Freudo-Marxism. In this opening essay, I focus on Reich's relations with Freud, his main interlocutor in the psychoanalytic field. In order to do that, I discuss ten letters from Freud to Reich from the period between 1924 and 1930, among other materials. In doing this, I draw on the North-American scholar Elizabeth Ann Danto's paper *An anxious attachment: letters from Sigmund Freud to Wilhelm Reich*, published in 2011. The second essay in this dissertation, *Contributing to the Psychoanalytic Technique: the Analysis of Character*, focuses on the following: identifying the guidelines which underpin the Analysis of Character; commentating on this clinical proposal; and pointing out its reverberations. The main concern here is how to manage negative transference and the influence which this analytic position had on the authors of the North-American school of Ego Psychology. The third essay, *Reich and Ferenczi's "active technique"*, investigates the relations between Reich's thinking and the formulations of Hungarian psychoanalyst Sándor Ferenczi (1873-1933) known as "active technique". This final essay focuses mainly on the theme of the body in the clinical environment and Reich's and Ferenczi's understandings about genital sexuality.

Keywords: Reich, Wilhelm, 1897-1957; Character; Ferenczi, Sándor 1873-1933; History of Psychoanalysis; Sexuality

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	9
<b>1. Movimentos de Wilhelm Reich na Psicanálise dos anos 1920</b> .....	13
1.1 Antecedentes: infância e paixões de juventude .....	20
1.2 Psicanalista em Viena: 1920 - 1930.....	32
1.2.1 Um estudante de medicina na Psicanálise .....	32
1.2.2 Participações na instituição psicanalítica: Seminário de Técnica e <i>Ambulatorium</i> de Viena.....	39
1.2.3 A Teoria do Orgasmo .....	57
1.2.4 Raízes do pensamento em Freud .....	64
1.2.5 Psicanálise na cena social .....	74
1.3 Considerações finais.....	191
<b>2. Uma contribuição à técnica psicanalítica: a Análise do Caráter</b> .....	199
2.1 A clínica psicanalítica em movimento: da análise do sintomas para a análise do caráter .....	202
2.1.1 A proposta de Reich para a análise do caráter .....	205
2.2 Reunindo fios .....	230
<b>3. Reich e a “técnica ativa” de Ferenczi</b> .....	232
3.1 A “técnica ativa” em cinco artigos: relações com o pensamento de Reich	239
3.2 Palavras finais .....	285
<b>Referências</b> .....	290

## INTRODUÇÃO

Responsável por um fazer científico comprometido com a busca de melhoria das condições humanas, o austro-húngaro Wilhelm Reich (1897-1957) amarrou vida e obra num só projeto e percorreu um itinerário marcado pelo engajamento em propostas de intervenção social. Psicanalista nos anos 1920 em Viena, membro do Partido Comunista Alemão no início da década de 1930 em Berlim e orgonomista nos Estados Unidos da América no período do macartismo, Reich participou ativamente do cenário científico-cultural na primeira metade do século passado. No *Dicionário de Psicanálise*, Roudinesco e Plon o apontam como o “maior dissidente da segunda geração freudiana”<sup>1</sup> (1998, p. 650).

Desde o início dos anos 1980 investigando o pensamento desse cientista militante, defendi em 1992 a tese *Uma contribuição ao conhecimento das ideias de Reich: desenvolvimento histórico e formulações para a Educação* (Albertini, 1992), até onde sei, o primeiro doutorado no Brasil inteiramente dedicado ao estudo da obra reichiana. Este estudo constitui uma retomada e

---

<sup>1</sup> Entre outros, composta por Ernst Kris, Heinz Hartmann, Rudolph Loewenstein, Wilhelm Reich, Otto Fenichel e Melanie Klein. De acordo com Roudinesco e Plon (1998), essa geração: a) começou a se formar a partir de 1918; b) enfrentou a ascensão do nazismo, o que a forçou ao exílio; c) teve como vínculo fundamental a IPA, e não uma cidade ou um mestre; d) transformou a doutrina original a partir de uma leitura centralizada na segunda tópica.

uma continuidade daquela pesquisa inaugural, porém, agora, focalizo a produção do autor gerada particularmente no seio do movimento psicanalítico.

Mesmo no universo acadêmico, apesar da considerável ampliação da elaboração de dissertações e teses sobre o pensamento de Reich (Matthiesen, 2007), não é incomum constatar um conhecimento apenas superficial a respeito das ações desse autor no movimento psicanalítico. Um dado que, possivelmente, concorre para esta situação está vinculado ao fato de que determinadas ideias de Reich foram intensamente propagadas no clima da contracultura que permeou as décadas de 1960 e 1970. Se por um lado tal divulgação deu ampla visibilidade ao autor, recolocando-o na cena social, por outro implicou na estruturação de uma leitura padronizada de seu pensamento. Isto é, enquanto formulações desenvolvidas por Reich desde os anos finais da década de 1920, sobretudo no campo da sexualidade, foram pinçadas e ajudaram a compor o referido movimento contestatório, outros conteúdos de sua obra, os não sintonizados com o clima social dominante, permaneceram à sombra. Um desses aspectos pouco iluminado foi a participação de Reich na Associação Psicanalítica Internacional.

Esta tese visa contribuir para ampliar a compreensão e a discussão a respeito da participação de Reich na psicanálise, especialmente aquela que se deu na década de 1920. Três ensaios a integram. No primeiro, *Movimentos de Wilhelm Reich na Psicanálise dos anos 1920*, analisamos, sobretudo, o papel que Reich desempenhou no Seminário de Técnica Psicanalítica de Viena, a Teoria do Orgasmo, as ideias do autor endereçadas ao campo da educação sexual infantil e as elaborações vinculadas ao freudo-marxismo. Nesse escrito inaugural, demos ênfase às relações de Reich com o seu principal interlocutor no domínio

psicanalítico, Freud. Para isso, dentre outros materiais pesquisados, comentamos dez cartas de Freud para Reich, todas do período de 1924 a 1930. Empreendemos tal ação com base no artigo *An anxious attachment: letters from Sigmund Freud to Wilhelm Reich*, publicado em 2011 pela autora norte-americana Elizabeth Ann Danto (Danto, 2011). No segundo, *Uma contribuição à técnica psicanalítica: a Análise do Caráter*, procuramos identificar as diretrizes que compõem a Análise do Caráter - a técnica analítica formulada por Reich no contexto do movimento psicanalítico -, tecer comentários sobre essas diretrizes e fazer menções à repercussão alcançada por tal proposta técnica. No terceiro, *Reich e a “técnica ativa” de Ferenczi*, investigamos a relação entre o pensamento de Reich e as formulações do psicanalista húngaro Sándor Ferenczi (1873-1933) conhecidas como “técnica ativa”.

Como o nosso esforço neste estudo foi o de aproximar exposição e reflexão, utilizamos a elaboração de estudos ensaísticos como modalidade de produção científica. Em termos de procedimentos adotados, levando em conta o pouco conhecimento a respeito da obra de Reich e a nossa intenção de facilitar o trabalho de outros pesquisadores, em especial os interessados na investigação do pensamento reichiano, não economizamos no que se refere ao número de informações registradas. Por exemplo, ano da publicação original de escritos mais antigos (não só os de Reich), ano de nascimento e o de morte de autores citados, indicação de publicações atuais sobre os assuntos mencionados, notas de rodapé sintetizando conceitos utilizados etc.

No que diz respeito ao importante e complexo universo das traduções, sempre que possível, demos prioridade às publicações disponíveis em língua portuguesa. Em se tratando de trechos citados, nas situações em que não

concordamos com a edição em português, elaboramos traduções pessoais. O leitor poderá identificar a ocorrência desse fato se no corpo do trabalho a redação estiver em português e nas referências em outra língua.

Como imagem para representar esta investigação, supomos uma viagem pelos campos da psicanálise, sobretudo a psicanálise dos anos 1920 em Viena. No primeiro ensaio, fomos parando aqui e ali para olhar melhor determinadas paisagens. Completada essa incursão geral, no segundo e no terceiro ensaio voltamos para visitar com mais atenção determinados locais, aqueles indicados como necessários pela própria exploração inicial. No todo, foi uma aventura longa e trabalhosa, mas muito atraente e transformadora.

## 1. MOVIMENTOS DE WILHELM REICH NA PSICANÁLISE DOS ANOS 1920

*A verdade é que estamos mudando sem cessar, e que o próprio estado é já mudança (Henri Bergson)<sup>2</sup>*

Este ensaio está voltado para ampliar a compreensão a respeito da participação de Wilhelm Reich no movimento psicanalítico, particularmente aquela que se deu na década de 1920. Nesse universo, demos ênfase especial às relações de Reich com o seu principal interlocutor no domínio psicanalítico, Freud. Esse conteúdo foi antecedido por uma apresentação centrada nos primeiros anos da vida de Reich e no progressivo caminho trilhado por esse autor em direção ao meio psicanalítico da cidade de Viena. Como material básico de pesquisa, oito livros e um artigo científico foram empregados. Segue uma exposição comentada dessas referências e algumas informações relacionadas.

A principal fonte bibliográfica a respeito das primeiras duas décadas e meia da vida de Reich é a autobiografia *Passion of youth: an autobiography, 1897-1922* (Reich, 1988). Trata-se de um diário elaborado de 1918 até 1922, época em que Reich cursou medicina na Universidade de Viena, mas que contém também um relato do autor a respeito da sua infância e juventude. Depois, nos anos de 1937 e 1944, ele acrescentou alguns comentários ao material original. Cabe notar que o livro foi publicado originalmente em 1988, cerca de 30 anos

---

<sup>2</sup> Bergson (1907/1964, p. 42). Nesta e nas demais citações deste trabalho, a primeira data refere-se à publicação original, enquanto a segunda, à edição utilizada.

após a morte de Reich. Basicamente, um texto em que o autor, com sinceridade cortante, expõe o seu delicado passado familiar, a experiência como combatente na Primeira Guerra Mundial, o cotidiano na Faculdade de Medicina e a sua vinculação ao movimento psicanalítico. Parte da denominação do primeiro tópico deste ensaio constitui uma alusão a esse impactante escrito.

Ainda no que se refere ao domínio mais pessoal, outra fonte imprescindível é a biografia *Wilhelm Reich: uma biografia pessoal* (I. Reich, 1978), livro escrito por Ilse Ollendorff Reich (1909-2008), mulher com quem Reich teve o filho Peter, em 1944. Ilse Ollendorff foi a segunda esposa de Reich (relacionamento iniciado no natal de 1939, ano em que ele migrou para os Estados Unidos, e que perdurou até 1954) e, também, sua secretária, guarda-livros e assistente de laboratório. Na busca por material para elaborar a obra, que abrangeu também o passado europeu da vida de Reich, além de acesso ao acervo documental do biografado, a autora estabeleceu contato com algumas pessoas que fizeram parte do círculo íntimo dele. Dada essa iniciativa, ela conversou com, por exemplo, a primeira esposa de Reich, a psicanalista Annie Pink (1902-1971), e, também, com a companheira de Reich por quase toda a década de 1930 - a dançarina e militante comunista Elza Lindenberg (1906-1990). Como impressão geral, uma obra que não pretende ser vista como produção técnica, mas que tem a sua força na ampla gama de informações reunida e apresentada. Além disso, chama a atenção o tom de equilíbrio que a autora segue na apreciação dos fatos, uma qualidade importante em se tratando de um olhar sobre o turbulento trajeto reichiano.

Já no que diz respeito ao âmbito científico, o próprio Reich cuidou de registrar o desenvolvimento de suas ideias na biografia científica, de 1942, *The*

*Discovery of the orgone, vol I: The function of the orgasm* (Reich, 1942/1989). Em português, esse livro, uma fonte necessária para adentrar no universo das formulações reichianas, foi publicado como *A função do orgasmo: problemas econômicos sexuais da energia biológica* (Reich, 1942/1978c). No texto, caminhando de 1919 até 1942, Reich historia o paulatino movimento de construção do seu sistema teórico - interesse inicial pelo tema da sexualidade, vinculação e estada no movimento psicanalítico e a caminhada independente posterior. Em suma, uma visão detalhada do autor, elaborada no início dos anos 1940, sobre o seu trajeto científico. A perspectiva é a de expor uma construção em curso, na qual a formulação anterior representa, de alguma maneira, um passo para a edificação da atual, sendo esta entendida como uma elaboração, no mínimo, mais completa.

Também dedicado à história de suas ideias científicas, Reich publicou em 1953 o livro *People in trouble: v. II of The emotional plague of mankind* (Reich, 1953/1976b), texto fundado no manuscrito em alemão *Menschen im Staat*, de 1937, que passou por revisões em 1944, 1945 e 1952. Voltado, sobretudo, para o período de 1927 a 1939, o autor discorre sobre o seu envolvimento político-social em solo europeu. Um material básico para conhecer como Reich compreendeu a sua militância política comunista e, também, as razões que o levaram a não mais investir nessa forma de luta por transformações sociais. Nessa obra, o estilo da escrita é marcado por certo tom épico, gênero que lembra a narrativa de uma saga.

Na esfera das biografias científicas, dois livros se destacam. *Fury on earth: a biography of Wilhelm Reich* (Sharaf, 1994), escrito pelo psicoterapeuta e professor da Harvard Medical School, o norte-americano Myron Ruscoll Sharaf

(1927-1997). *Nos caminhos de Reich* (Boadella, 1985), obra do psicoterapeuta inglês David Boadella, o criador da Biossíntese, uma das abordagens clínicas vinculadas às ideias de Reich.

Myron Sharaf, paciente e assistente de Reich de 1948 a 1954, escreveu um detalhado e aprofundado trabalho sobre a obra e a vida de Wilhelm Reich. Ao final do compêndio, o professor norte-americano incluiu duas seções: na primeira, listou uma seleção de importantes escritos de Reich; na segunda, apresentou uma série de livros publicados sobre Reich. Faz parte ainda do material exposto, um conjunto de 36 fotos relacionadas ao biografado. No todo, um estudo repleto de dados, alicerçado em uma rigorosa pesquisa de fontes. No campo das biografias científicas sobre Reich, o texto mais completo já publicado (Sharaf, 1994).

No trabalho de David Boadella chama a atenção, além do minucioso levantamento de informações, a presença de uma redação clara e bem encadeada. Dois apêndices integram o livro: o primeiro, de Myron Sharaf, descreve o processo de julgamento de Reich nos Estados Unidos; o segundo, do educador, fundador de Summerhill e amigo de Reich, Alexander Sutherland Neill (1883-1973), contém um afetuoso retrato pessoal de Reich. No quadro dos escritos sobre a obra de Reich, o livro de Boadella constitui um material com uma visão empática ao biografado, um olhar proveniente da cultura que enreda as práticas clínicas inspiradas no legado de Reich (Boadella, 1985).

No território dos vocabulários de termos e temas vinculados à obra de Reich, nada supera o livro *Cem flores para Wilhem Reich*, escrito pelo filósofo e psicanalista francês, professor da Universidade Paris VII, Roger Dadoun. Por meio de 60 verbetes organizados em ordem alfabética, Dadoun, um autor que circula

com facilidade por diversas áreas do conhecimento, aborda com considerável grau de profundidade tanto conceitos-chave de Reich, como o de caráter, até matérias especialmente investigadas pelo autor, por exemplo, a família. Ao final de cada exposição, o leitor encontra as principais referências de Reich associadas ao ponto temático focalizado (Dadoun, 1991).

Qualquer trabalho que tenha como objetivo analisar a participação de Reich na psicanálise, e, em especial, a relação desse autor com Freud, não pode prescindir da longa entrevista dada por Reich a Kurt Eissler (1908-1999), representante dos Arquivos Sigmund Freud, entidade da Associação Psicanalítica Internacional, nos dias 18 e 19 de outubro de 1952. Inicialmente voltada para colher dados sobre Freud<sup>3</sup>, o depoimento acabou se constituindo numa ampla exposição da visão de Reich a respeito do movimento psicanalítico dos anos 1920 e início da década de 1930. Na realidade, ao procurar explicar suas posições e decisões tomadas, Reich registrou pontos centrais de sua abordagem e, além disso, promoveu agudas reflexões sobre acertos e erros cometidos no passado. Esse material, organizado por Mary Higgins e Chester Raphael, foi publicado com o título de *Reich speaks of Freud* (Higgins & Raphael, 1972). Em língua portuguesa há a edição *Reich fala de Freud* (Higgins & Raphael, 1979). No todo, uma entrevista bem conduzida e que resultou em valioso documento histórico. Em sintonia com o espírito de memória que enreda o livro, além do registro da entrevista, os organizadores incluíram na obra um suplemento documental

---

<sup>3</sup> Na abertura da entrevista, Kurt Eissler explica: “Gostaria que me dissesse tudo o que sabe acerca de Freud, tudo o que observou e tudo que pensou” (Higgins & Raphael, 1979, p. 19).

contendo uma série de cartas de Reich, outras, em menor número, recebidas por ele e alguns fragmentos de escritos do autor.

Ainda nessa esfera das cartas, utilizamos o artigo *An anxious attachment: letters from Sigmund Freud to Wilhelm Reich*, (Danto, 2011), publicado pela docente norte-americana, do Hunter College School of Social Work, Elizabeth Ann Danto. Essa professora, pesquisando os Arquivos de Freud da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos - arquivos, segundo a autora, contendo algumas cartas só recentemente liberadas à consulta -, encontrou dez cartas de Freud para Reich, todas do período de 1924 a 1930, e esse levantamento resultou no referido artigo. No trabalho, um escrito de 12 páginas, a investigadora expõe parcialmente as cartas de Freud, mais especificamente, ela cita pequenos trechos e esses fragmentos acabam compondo a apresentação, em linhas gerais, da temática abordada pelo mestre psicanalista em cada escrito. As missivas freudianas focalizam assuntos variados - técnica psicanalítica, apreciação sobre escrito de Reich a ser lançado como livro, comentário sobre conflito político ocorrido em Viena e outros. O relato comentado da autora segue a ordem cronológica das correspondências, da mais antiga à mais recente.

Devido à relevância para a nossa investigação, vale situar o contexto em que o artigo *An anxious attachment: letters from Sigmund Freud to Wilhelm Reich* (Danto, 2011) se insere. Essa publicação faz parte de um conjunto de trabalhos da pesquisadora norte-americana sobre um conteúdo da história da psicanálise, em geral, pouco conhecido: as Clínicas Psicanalíticas. Sobre esse tema, dentre outros escritos, a autora publicou o livro *Freud's Free Clinics: Psychoanalysis & Social Justice, 1918-1938*, obra que trouxe à tona o intenso

engajamento de Reich no *Ambulatorium* (denominação da clínica psicanalítica popular fundada em Viena em 1922) (Danto, 2005). A meu ver, o forte desses escritos de Elizabeth Ann Danto está situado no amplo material empírico que apresenta.

Sobre o número total de cartas de Freud para Reich, o cientista político e historiador da psicanálise Paul Roazen, em *Freud e seus discípulos*, afirma que é 12 e que existiriam cópias dessas missivas nos arquivos de Ernest Jones (1879-1958) (Roazen, 1974). Objetivando ter acesso à correspondência entre Freud e Reich, o analista e pesquisador Claudio Mello Wagner, em *Freud e Reich: continuidade ou ruptura*, relata ter feito uma consulta à curadora da Fundação W. Reich, Mary Higgins, e obtido como resposta que essa correspondência não poderia ser revelada, isso devido a um pedido dos Arquivos Sigmund Freud (Wagner, 1996).

Dados gerais sobre a atual situação dos arquivos de Reich, acervo que deve conter a correspondência entre Freud e Reich, podem ser obtidos em Hinchey (2012). De acordo com esse autor - Kevin Hinchey, Diretor Associado do Orgonon Institute e do Wilhelm Reich Museum -, a partir de 2007, os arquivos de Reich foram guardados e disponibilizados para consulta (mediante autorização do Orgonon Institute) na Biblioteca da Faculdade de Medicina de Harvard, num espaço de cerca de 98 pés cúbicos de materiais (282 caixas contendo 1.735 pastas, mais fotografias, filmes, gravações em áudio e objetos físicos). Trata-se de um material em estado bruto, algo não plenamente organizado por assunto, data etc. Vale observar que, de acordo com a vontade de Reich, manifestada em testamento lavrado em março de 1957 (Matthiesen, 2001), esses arquivos só

deveriam ser disponibilizados à consulta pública 50 anos após a sua morte (Reich faleceu no dia três de novembro de 1957).

Ainda no que diz respeito às cartas de Freud para Reich, além do artigo de Danto (2011), utilizamos como fonte de dados menções de Reich a essas missivas - presentes, de forma esparsa, em escritos do autor e na entrevista de 1952 dada a Kurt Eissler (Higgins & Raphael, 1979) -, e o exposto sobre o assunto por Paul Roazen, em *Freud e seus discípulos* (Roazen, 1974).

### 1.1 Antecedentes: infância e paixões de juventude

Primogênito de uma família de quatro membros, composta por Leon, o pai, Cäcilie, a mãe, e Robert, o irmão três anos mais novo, Wilhelm Reich nasceu em 24 de março de 1897, numa aldeia da Galícia, Dobrznynica, que, então, fazia parte no antigo Império Austro-Húngaro. Pouco tempo depois, a família mudou-se para Jujintz, na província de Bukovina, o lado germano-ucraniano da Áustria, onde adquirira extensa propriedade rural.

Em *Paixão de juventude* (Reich, 1988) sua infância é retratada de forma multifacetada. De um lado, há descrições do prazer desfrutado com a vida no campo, em contato íntimo com a natureza, que incluía passeios por vales e montanhas, além do cavalgar e acompanhar o pai em emocionantes caçadas. De outro, Reich registra que Robert e ele não tinham permissão para brincarem com os filhos dos empregados da fazenda. Nessa mesma linha que visava separar chefes e subalternos, o pai, de tradição judaica não ortodoxa, proibia aos integrantes da família o uso do iídiche, língua falada pelos judeus que ocupavam os cargos administrativos da propriedade. Somente o alemão, que apontava para

uma cultura considerada superior, e o hebraico, por vezes empregado para sinalizar o vínculo à tradição judaica, podiam ser utilizados.

Uma cena recordada por Reich bem ilustra esse clima de cerceamento e mando. De acordo com o autor, aos oito anos de idade, quando brincava no quintal de sua casa, um menino filho de um camponês atirou uma pedra que o atingiu na testa, ocasionando um pequeno ferimento. Căcilie, depois de lavar o machucado, contou o fato a Leon. Este mandou chamar o menino e seu pai e, depois de se reportar brevemente ao ocorrido, passou a golpear o trabalhador, que suportou tudo em silêncio, sem esboçar reação. Reich finaliza o relato destacando tanto o seu aborrecimento com a forte cena presenciada, como também a atitude de submissão do camponês frente ao poder desfrutado por seu pai (Reich, 1988).

Quanto à educação formal, até os 12 anos Reich não frequentou aula em escola regular. Sua instrução foi efetuada na própria fazenda, por meio de tutores especialmente contratados. Nos quatro primeiros anos, uma professora ocupou esse lugar. Depois, dois estudantes universitários, um a cada ano, desempenharam esse papel. O terceiro preceptor não chegou a concluir o seu trabalho, interrompido devido à ocorrência de trágicos eventos na família de Reich.

Em páginas carregadas de dor, esses acontecimentos foram registrados em detalhes pelo autor (Reich, 1988). De acordo com o escrito, sua mãe teve um envolvimento amoroso com o seu segundo preceptor e, em janeiro de 1910, quando já recebia instrução do terceiro acadêmico, numa situação em que foi pressionado pelo pai, ele contou que havia testemunhado a traição de Căcilie. Desde então, a família mergulhou num abismo sem volta: Reich, de

imediatamente, foi enviado a uma cidade próxima, Czernowitz, para continuar seus estudos; a mãe, castigada física e psicologicamente pelo marido, morre em outubro de 1910, em consequência de sua terceira tentativa de suicídio por meio da ingestão de medicamentos; o pai, emocionalmente fragilizado, com dificuldades econômicas e acometido de tuberculose, falece em 1914.

Como dimensionar, com a delicadeza que o assunto pede, a trama de fios presente nessa catástrofe familiar? De acordo com o escrito reichiano, chamam a atenção os temas da traição, vingança e culpa das pessoas envolvidas. Contudo, numa leitura mais global e distanciada, cabe pontuar que os eventos descritos ocorreram no contexto social europeu do início do século XX, em uma sociedade marcada por uma rígida moral sexual, com lugares muito claros em relação às figuras masculinas e femininas. Por tal linha de raciocínio, podemos olhar o conflito ocorrido naquela família como um microcosmo que trouxe à tona, de maneira radical e dramática, muito do enredo cultural do período, e não algo peculiar, idiossincrático.

Nessa ótica que aproxima parte e todo, difícil não supor uma relação estreita entre a perspectiva reichiana e o mapa social então presente. Segundo essa linha de entendimento, Reich, como uma espécie de pára-raios, experimentou, ainda muito jovem, problemas de um período histórico vinculado ao domínio da sexualidade e, com a devida militância de quem foi tomado pelo tema, dedicou-se a investigá-los e a combatê-los. Com essa orientação, longe de uma posição de análise fria dos fenômenos, a produção desse autor, profundamente envolvido com seu objeto de estudo, constitui um apontamento incessante dos efeitos danosos do modo de vida patriarcal, com sua aliança visceral entre autoritarismo e moral sexual repressiva. Superar esse contexto

social e contribuir para a construção de outra forma de existir, na qual sexualidade e cultura possam ser aliadas, constitui o cerne dos movimentos, teóricos e práticos, de Reich. Uma missão de vida.

Com a morte da mãe, em 1910, e do pai, em 1914, Reich, aos 17 anos, assumiu o controle da fazenda. Contudo, devido à ocorrência de avassaladores acontecimentos sociais, a sua estada como proprietário rural estava fadada a um breve desfecho. Em 28 de junho de 1914, o arquiduque da Áustria e herdeiro do trono, Francisco Ferdinando Habsburgo (1863-1914), é assassinado e o Império Austro-Húngaro declara guerra à Sérvia, sendo logo apoiado pelo Império Alemão. Com a rápida internacionalização do conflito, tem início a Primeira Guerra Mundial.

Distante do centro do Império, a província da Bukovina tornou-se extremamente insegura para seus habitantes e muitas fazendas foram abandonadas. Enquanto Robert foi mandado para a casa de parentes, Reich, apesar dos perigos, decidiu permanecer na propriedade. Apenas alguns dias depois do início da guerra, soldados russos invadiram a região e chegaram a pernoitar na fazenda. Dado os riscos iminentes que a vida civil apresentava para os moradores da região, permeada por franca hostilidade entre os austríacos simpatizantes dos russos e os que, como Reich, continuaram fiéis ao Império, ele se inscreveu como voluntário no exército austríaco. Neste, ocupou as patentes de cabo e tenente, chegando a atuar em frentes de batalha em território italiano (Reich, 1988).

Em seu diário, sobre a experiência como participante da Primeira Guerra Mundial, Reich destacou aspectos como o caráter rotineiro e automático das ações militares, a limitada consciência política dos combatentes e a

estrutura absolutamente hierarquizada que moldava as relações humanas no exército (Reich, 1988). Em determinado trecho desse escrito, chama a atenção a maneira como ele aproxima e articula a falta de consciência política dos combatentes, a formação autoritária recebida na infância e o comportamento na guerra. Nas palavras do autor: “Ninguém tinha a menor noção das controvérsias imperialistas. Estávamos simplesmente preparados desde a infância para a subjugação à ideologia da máquina de guerra. Na guerra não havia nada de fundamentalmente novo: era simplesmente o teste de força da velha autoridade” (1988, p. 60). A nosso ver, essa leitura globalizante, que junta fios provenientes de âmbitos não necessariamente ligados - ideologia dominante, educação infantil e comportamento dos combatentes na guerra - é uma das marcas mais fortes do prisma reichiano de analisar os fenômenos.

Com o fim do conflito bélico em 1918, depois de quase quatro anos, a tarefa que se impunha era a readaptação à vida civil. Como a antiga propriedade deixou de pertencer à família, devido a problemas territoriais decorrentes da guerra e a legais vinculados a uma falência fraudulenta ocasionada por um parente, Reich, em precária condição financeira, decidiu rumar para Viena. Nessa cidade, de início, morou na casa de parentes e depois, juntamente com o irmão Robert e outro estudante, num quarto sem calefação, no qual chegou a passar frio e fome. Retomando o caminho dos estudos, ainda em 1918, matriculou-se no curso de Direito da tradicional Universidade de Viena, mas, depois de poucos meses, recordando seu interesse pelas ciências naturais, abandonou o curso de Direito e matriculou-se no de Medicina, na mesma universidade (Reich, 1988).

Aluno de medicina, de início, em função da sua situação econômica, emprestava de colegas os livros necessários para acompanhar as matérias. Depois, começou a ministrar aulas particulares a companheiros que apresentavam dificuldades e, com isso, além de minimizar os problemas financeiros, passou a entender de maneira mais aprofundada o conteúdo das disciplinas (Reich, 1988). Como veterano de guerra, gozando de algumas prerrogativas que favoreciam os ex-combatentes, Reich conseguiu cumprir os seis anos habituais em quatro e, assim, formou-se em 1922.

No que diz respeito ao panorama sócio-político, com a dissolução do Império Austro-húngaro, um dos efeitos da Primeira Guerra Mundial, a Áustria foi transformada em república e passou a ser governada pelo Partido Social Cristão. Enquanto esse poder central exercia uma política que pouco alterava as bases da sociedade austríaca, em Viena, o Partido Social Democrata, sob a liderança do marxista austríaco Otto Bauer (1881-1938), empreendia uma série de ações de orientação socialista. Dada essa direção política, esse período de Viena, de 1919 a 1934, ficou conhecido como o da Viena Vermelha (Oliveira, 2014).

O professor do Instituto de História da Universidade de Viena, Siegfried Mattl, em *O caso da Viena Vermelha*, expõe e comenta as transformações pelas quais essa cidade austríaca passou entre os anos de 1919 a 1934. De acordo com o autor, entre 1920 e 1923 foram construídas “60 mil residências para 200 mil pessoas, sobretudo provenientes da classe trabalhadora” (Mattl, 2013, p. 192). Esse amplo programa habitacional foi marcado por preocupações tanto estéticas, harmonizar os aspectos funcionais com a tradicional arquitetura romântica, como também ambientais, gerar um espaço saudável e higiênico. Assim sendo, por exemplo, padrões de circulação

de ar foram levados em conta no planejamento dos apartamentos. De forma coerente, essa política voltada para a moradia popular foi complementada por um programa de bem-estar social municipal que consistiu na implantação de “jardins de infância, *playgrounds*, bibliotecas, policlínicas e muito mais” (p. 192).

Nesse processo de reformas desenvolvido pelo Partido Social Democrata, uma posição de destaque foi ocupada pelo conselheiro de saúde municipal, o médico Julius Tandler (1869-1936). Com forte acento higienista, Tandler é considerado o principal mentor de projetos de intervenção social que, no período, eram entendidos como sendo do âmbito da saúde pública, tais como: centros de aconselhamento matrimonial/familiar, programas de monitoramento da saúde dos alunos em escolas e instituições para alcoólatras. Nessa rigorosa cartilha biopolítica, por exemplo, o aconselhamento matrimonial operava no sentido de procurar evitar que pessoas com doenças hereditárias tivessem filhos (Mattl, 2013). Sem deixar de avaliar de forma crítica determinados aspectos da orientação higienista imprimida por Tandler, para Siegfried Mattl as profundas transformações ocorridas nos anos da chamada Viena Vermelha resultaram em uma verdadeira metamorfose da cidade austríaca. Em termos sintéticos, para o autor, no referido período, a Viena de tradição aristocrática<sup>4</sup> passou a incorporar uma acentuada preocupação social (Mattl, 2013).

Neste ponto, passando do universo macro político vienense para o cotidiano vivido por Reich, interessante observar que Julius Tandler foi professor de Reich na Universidade de Viena. Em *Paixão de juventude*, assim o aluno

---

<sup>4</sup> Sobre a aristocrática cultura vienense presente no final do século XIX, consultar *Viena fin-de-siècle* (Shorske, 1989).

aprecia o trabalho do mestre da cadeira de anatomia: “Nosso mestre de anatomia era o Professor Tandler, um famoso anatomista e higienista social. Era um professor rigoroso, mas excelente, e aprendemos anatomia com entusiasmo” (1988, p. 73/74). Porém, na sequência de seu comentário, Reich faz restrição à orientação política de Tandler e chega a registrar um episódio em que se sentiu usado pelo professor vinculado ao Partido Social Democrata. Nas quentes palavras do estudante:

Simpatizávamos com ele como professor, mas não como socialista. [...] Certa vez, no outono de 1918, o Professor Tandler pediu-nos para ajudar na desmobilização de soldados que regressavam. Nenhum de nós suspeitava de que se tratava de uma peça social-democrata de política de desarmamento em relação à nossa própria gente (1988, p. 74).

Ainda sobre o curso de Reich na Universidade de Viena, alguns outros aspectos merecem destaque. Um deles diz respeito à vinculação de Reich com as ideias do filósofo francês contemporâneo Henri Bergson (1859-1941). A magnitude desse contato pode ser aquilatada pelo que Reich revela em sua biografia científica: “Durante algum tempo, fui encarado como um ‘bergsoniano maluco’” (Reich 1942/1978c, p. 30, aspas originais). A presença de tal rótulo sugere a formulação da seguinte questão: será que a construção teórica reichiana carrega as marcas dessa, digamos, paixão de juventude pelas ideias do filósofo francês? Também em sua biografia científica, ele dimensiona a influência de Bergson em sua obra. Em síntese, Reich registra:

A minha atual teoria da identidade e da unidade do funcionamento psicofísico teve sua origem no pensamento

bergsoniano [...]. O seu ‘*élan vital*’ lembrava-me de perto a ‘enteléquia’ de Driesch. O princípio de uma força criativa governando a vida não podia ser negado. Assim mesmo, não era satisfatório na medida em que não podia ser tocado, descrito e tratado objetivamente (1942/1978c, p. 30, aspas originais).

Como se pode apreender, nesse trecho Reich atribui determinados créditos a Bergson e, ao mesmo tempo, indica no que a sua abordagem difere da perspectiva do pensador francês. Os créditos referem-se à leitura da relação mente-corpo, entendida como uma unidade psicofísica, e à concepção de que a vida é regida, em última instância, por um princípio vital criador. A dissonância está relacionada com o fato de que Reich trabalha com uma noção de energia real, concreta, passível de ser medida num registro quantitativo - daí o emprego de termos ligados à física, como “força” criativa (Bedani, 2007), orientação não condizente com o enfoque do filósofo (Bergson, 1907/1964).

Também em relação ao curso de medicina, em *Paixão de Juventude* (Reich, 1988) ele expõe o seu profundo envolvimento com uma atividade organizada pelos próprios estudantes. Estes, no início de 1919, criaram os Seminários de Sexologia, iniciativa tomada por considerarem que o assunto sexualidade estava sendo negligenciado na formação médica daquela universidade. Com boa parte dos trabalhos dedicados ao estudo da Psicanálise, esse fórum de estudos perdurou até 1922. Sobre o tema que congregava essa atividade estudantil, a sexualidade, numa anotação do dia primeiro de março de 1919 em seu diário, dedicada a comentar uma conferência proferida nos

Seminários por seu então colega de curso, Otto Fenichel (1898-1946), Reich registrou:

minhas experiências, minhas observações a respeito de mim mesmo e dos outros, levaram-me à convicção de que a sexualidade é o núcleo em torno do qual gira toda a vida social, bem como a vida íntima espiritual do indivíduo - seja numa relação direta ou indireta com esse núcleo (Reich, 1988, p. 80).

Como se pode observar, prestes a completar 22 anos, evento que ocorreu em 24 de março, o jovem Reich, ainda não vinculado ao movimento psicanalítico, já atribuía à sexualidade uma importância central para a compreensão dos fenômenos humanos. Vale também perceber que ele professa essa compreensão, que vai se constituir em uma marca de sua obra, alicerçado em experiências vividas e em observações efetuadas. Não se trata, portanto, de alguém convencido por, digamos, bem elaboradas construções teóricas, ou de um autor que se depara com o tema da sexualidade ao encontrar a psicanálise. Na realidade, é mais correto supor o contrário: devido ao interesse pelo assunto sexualidade, Reich buscou a psicanálise.

Em reforço a essa linha de interpretação, vale considerar que, em *Paixão de juventude*, Reich relata ter frequentado os Seminários de Sexologia desde a primeira reunião e que, no verão de 1919, apresentou o trabalho *Os conceitos de pulsão e libido de Forel a Jung*, uma recapitulação sobre o assunto sexualidade, caminhando da psicologia descritiva para a interpretativa, a psicanalítica. A respeito dessa apresentação, afirmou:

aproximadamente trinta pessoas estavam presentes, a maioria das quais gradualmente saiu, graças a Deus. Minha

conferência elevava-me desproporcionalmente aos olhos de todos, uma vez que ninguém foi capaz de segui-la, exceto uns poucos membros do ano anterior. E não era nada além de um simples relato sobre Freud e Jung (Reich, 1996, p. 136).

Esse “simples relato” foi publicado na forma de artigo em 1922 (Reich, 1922/1975c) e, ao que tudo indica, não exatamente com o mesmo conteúdo da apresentação efetuada em 1919, pois no escrito há menções ao trabalho de Freud *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/2010m) e, não de forma tão clara, ao artigo *Psicologia das massas e análise do eu* (Freud, 1921/2010n). Em termos mais específicos, em *Os conceitos de pulsão e libido de Forel a Jung*, depois de registrar e comentar, de forma sintética, as ideias dos sexologistas August Forel (1848-1931), Albert Moll (1862-1939) e Havelock Ellis (1859-1939), Reich passa a expor as contribuições de Freud. Nessa altura do artigo, nada é deixado de lado, desde noções mais amplas, como as de sexualidade e neurose, até conceitos mais específicos, como os de narcisismo, sublimação e formação reativa, resultando numa espécie de compêndio geral. Na parte final do texto, ele apresenta a visão de Jung a respeito da libido, em seguida a controvérsia entre o autor suíço e Freud quanto a essa noção e conclui o material com o apoio à perspectiva do vienense. Em síntese, em *Os conceitos de pulsão e libido de Forel a Jung* observamos a presença de um autor que opera com familiaridade o pensamento freudiano e, mais do que isso, demonstra adesão a esse enfoque (Reich, 1922/1975c). Vale ainda registrar que, tal como

no referido trabalho, entre as orientações de Freud e Jung, Reich, claramente, sempre se inclinou mais para a desenvolvida pelo primeiro<sup>5</sup>.

No outono de 1919, Reich é eleito para a direção dos Seminários de Sexualidade e, com a incumbência de conseguir material de leitura para os eventos, visita uma série de autores, dentre eles, Freud. Vejamos um fragmento no qual ele recorda o primeiro contato pessoal com seu futuro mestre psicanalista:

Freud falava rápida, viva e objetivamente. Os movimentos das suas mãos eram naturais. Havia um traço de ironia em tudo que dizia. Eu estava apreensivo antes de ir à sua casa, e agora saía alegre e feliz. A partir desse dia gastei catorze anos de trabalho intensivo *na e para a* psicanálise (Reich, 1942/1978c, p. 39, *itálicos originais*).

Para não deixar passar em branco esse valioso material biográfico, prestemos um pouco mais de atenção à maneira como Reich descreve Freud nesse encontro marcante. Ele o observa por um ângulo que privilegia a *leitura da forma*, prisma que, como ainda veremos neste trabalho, constitui uma espécie de via régia do autor para a apreensão dos fenômenos. Ou seja, na

---

<sup>5</sup> Discutindo as possíveis relações entre as abordagens de Reich e Jung, assunto não focalizado neste estudo, Conger (1993) defendeu a tese de que existiria uma considerável aproximação conceitual entre esses dois autores. Usualmente pouco reconhecida, essa hipotética afinidade seria sustentada, sobretudo, pela noção, cara a ambos, da autorregulação. Sobre o assunto, Freitas e Albertini (2008/2009), no artigo *Um exercício de alteridade: aproximações e afastamentos entre Jung e Reich*, elencaram e discutiram pontos de aproximação e de afastamento entre esses dois construtores de sistemas teóricos que, em períodos não coincidentes, integraram o movimento psicanalítico.

memória desse primeiro encontro o psicanalista é visto como alguém que se expressa, tanto na fala como nos movimentos das mãos, de maneira fluente, espontânea. Em outras palavras, se nos basearmos no referencial reichiano, essa descrição comporta um elogio à preservação do vivo em Freud.

## 1.2 Psicanalista em Viena: 1920-1930

### 1.2.1 Um estudante de medicina na Psicanálise

O ritual de entrada de Reich no movimento psicanalítico teve seu início em 13 de outubro de 1920, quando, cumprindo uma exigência da Sociedade Psicanalítica de Viena, ele apresentou a essa Sociedade a comunicação *Conflito da libido e formação delirante em Peer Gynt de Ibsen* (Reich, 1975f), um estudo a respeito do personagem-título *Peer Gynt*, do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen (1828-1906). Como a comunicação foi bem recebida, apesar de ter sido lida, em vez de proferida de improviso, como gostava Freud, na reunião seguinte, em 20 de outubro de 1920, ele foi aceito. Deve-se notar que isso ocorreu quando Reich era ainda um estudante de medicina e contava com 23 anos.

Com essa vinculação, o então acadêmico passou a frequentar um ambiente composto por analistas que, em sua maioria, eram cerca de dez a vinte anos mais velhos do que ele. Sobre o fato de ter lido o trabalho, num comentário escrito 22 anos depois, ele observou: “Se as pessoas não se sentissem inibidas pelo medo da autoridade, falaria muito menos tolamente e muito mais logicamente” (Reich, 1942/1978c, p. 49). Sabe-se que, na sequência de sua

trajetória, ao contrário do que ocorreu em 13 de outubro de 1920, Reich ficou conhecido como um exímio orador e utilizou largamente essa ferramenta de comunicação nas diversas atividades de intervenção social que participou.

No trabalho apresentado, Reich assume que não concordava com estudos voltados para revelar as intenções do artista, ou para explicar o que, supostamente, o autor procurou dizer. Em vez disso, munido do referencial psicanalítico, ele considera e analisa o material tal como um objeto de arte: algo único, com irradiação própria e que escapa aos propósitos do seu criador. Em linhas gerais, na leitura então efetuada, ele aproxima o personagem Peer Gynt do quadro clínico da psicose paranoica e enxerga, mais ao final da peça, um processo de superação e cura sendo desenvolvido (Reich, 1975f)<sup>6</sup>.

Em *Conflito da libido e formação delirante em Peer Gynt de Ibsen*, prestando atenção ao enfoque conceitual empregado pelo autor, nota-se que o jovem postulante a um acento na psicanálise elege o ponto de vista econômico como a via fundamental para o desenlace dos fenômenos psíquicos (Reich, 1975f). Um trecho que bem ilustra tal orientação é aquele em que, respondendo a uma crítica recorrente à interpretação psicanalítica, de que ela sempre encontra os mesmos problemas típicos - o complexo de Édipo, esta ou aquela forma de erotismo -, ele afirma: “O que não é levado em consideração [nesse tipo de crítica] é que a *quantidade* e a distribuição de energia é o fator determinante. A compreensão e a cura de uma estrutura neurótica só é possível a partir desse ponto de vista” (Reich, 1975f, p. 50, itálicos originais).

---

<sup>6</sup> Um estudo contendo a leitura de Reich, além de outras de base psicanalítica, sobre essa peça de Ibsen, pode ser encontrado em Silva (2012).

Na sequência da compreensão entabulada por Reich, ao comentar a satisfação sublimatória alcançada com a criação artística, ele lança mão da noção de estase da libido, uma ferramenta conceitual que, como ainda veremos nesta investigação, vai ocupar lugar central em sua obra. Para o então candidato a psicanalista, a satisfação sublimatória, ao contribuir para a diminuição do acúmulo da libido, a estase, gera certa proteção ao artista contra a enfermidade neurótica. A nosso ver, mesmo se considerarmos a presença de diferenças entre essa produção de Reich e a que se sedimentou depois em sua teorização - sobretudo quanto à noção de sublimação -, fica patente nesse estudo inicial quais formulações freudianas vão marcar a teorização reichiana. Ou seja, o ponto de vista econômico e as noções que se articulam ao redor desse ângulo de análise dos fenômenos.

Quanto à sua compreensão da peça de Ibsen, cerca de 20 anos depois, nas páginas de sua biografia científica, o personagem Peer Gynt recebe outro enfoque: o de um jovem cheio de vida e que se recusa a permanecer indiferenciado na turba humana (Reich, 1942/1978c). Essa nova leitura teria vindo à tona a partir de uma apresentação da peça que ele assistiu em 1936, na Noruega. Em suas palavras: “Foi aí que finalmente entendi o meu interesse pelo significado da peça. Ibsen havia simplesmente dramatizado a miséria do sujeito não-convencional” (p. 46). Mais voltado para apontar as limitações do “homem prático” do que os problemas dos sonhadores como Peer Gynt, ele afirma: “A profundidade do paciente mental é humanamente mais valiosa do que a do cidadão médio com seus ideais nacionalistas!” (p. 46). Cabe apontar que essa orientação vai embasar a produção reichiana até o final de sua obra, se revelando de forma cristalina, por exemplo, em *Escuta, Zé ninguém!* (Reich,

1948/1974b) - uma crua radiografia da patologia que tende a enredar a postura fundada, meramente, na adaptação social.

Também em *A função do orgasmo*, Reich revela que se vê como um Peer Gynt: “Eu era ostensivamente semelhante a Peer Gynt” (1942/1978a, p. 43). Mais preocupante ainda é a sua assertiva: “Peer Gynt acabará com o pescoço quebrado com a sua loucura - pois as pessoas cuidarão para que ele acabe com o pescoço quebrado” (p. 47). Nessa linha de aproximação estabelecida pelo autor, trata-se de uma previsão tragicamente acertada, pois, cerca de 15 anos depois desse escrito, no dia três de novembro de 1957, Reich morreu em uma prisão nos Estados Unidos<sup>7</sup>.

Sobre as preocupações sociais que afetavam o jovem psicanalista, em uma anotação de diário do dia três de janeiro de 1921, Reich escreveu: “Estou vivo, tenho dois pacientes *pagantes* encaminhados a mim pelo Freud em pessoa! E outros virão - e depois? Escreverei monografias e relatórios - muito bons, naturalmente! E depois? Se a situação do trabalhador não fosse tão desoladora! Política, oh, política!” (Reich, 1988, p. 147, *itálicos originais*). Também tocada

---

<sup>7</sup> De acordo com o atestado de óbito, Reich sofreu um infarto (oclusão coronária) quando cumpria uma pena na penitenciária federal de Lewisburg, na Pensilvânia, isso depois de cerca de nove meses de encarceramento. Da complexa rede de fatores pessoais e sociais que concorreram para esse trágico desenlace, o evento jurídico original foi uma investigação da *Food and Drug Administration* (FDA) a respeito dos Acumuladores de Orgone (Albertini, 2011; Dadoun, 1991; I. Reich, 1978; Sharaf, 1984). Sobre a Orgonomia, a ciência da energia orgone desenvolvida por Reich, consultar Maluf Junior (2009).

pela mesma situação social, a psicanalista Grete Bibring (1899-1977)<sup>8</sup>, colega próxima de Reich, tanto no curso de medicina como na instituição psicanalítica, assim se reportou ao enredo vivido naquele período em Viena:

Éramos rebeldes do nosso próprio jeito. Estávamos do lado dos pobres e queríamos lutar por seus interesses. Para nós, a psicanálise prometia ‘libertação’ pessoal não por si só, mas para que pudéssemos trabalhar para ‘libertar’ outros. Militância política e social era uma grande parte de nossa vida (Bibring, 1973, citado por Danto, 2011, p. 160, aspas originais).

No percurso reichiano, o ano de 1922 reuniu uma série de eventos importantes, tanto na esfera pessoal, como na profissional. Na primeira, em 17 de março, Reich casou-se com a colega do curso de medicina e futura psicanalista, Annie Pink<sup>9</sup>, com quem teve as filhas Eva, em 1924, e Lore, em 1928. Annie Pink atuou nos projetos de intervenção social entabulados por Reich nos anos finais da década de 1920 e publicou, em 1932, o livro vinculado ao tema da educação sexual infantil *Se teu filho pergunta* (A. Reich, 1932/1980). O casal separou-se em 1933; Eva Reich (1924-2008) formou-se em medicina e deu seguimento ao trabalho do pai, principalmente no campo da prevenção da

---

<sup>8</sup> Em *Paixão de juventude* há muitas referências elogiosas à Grete Lehner (Reich, 1988). O sobrenome Bibring é devido ao casamento com o também participante desse grupo de estudantes de medicina em Viena e depois psicanalista, Eduard Bibring (1894-1959).

<sup>9</sup> Filha de uma militante feminista, antes de se unir a Reich, chegou a iniciar uma análise com ele. Annie Pink fez formação didática com Hermann Nunberg e Anna Freud, em 1939 emigrou para os Estados Unidos e vinculou-se à New York Psychoanalytical Society (Roudinesco & Plon, 1998).

neurose infantil; Lore Reich Rubin tornou-se psicanalista e atualmente reside nos Estados Unidos.

No campo profissional, Reich formou-se em medicina e iniciou uma especialização de dois anos (1922-1924) em neuropsiquiatria na Clínica Universitária de Psiquiatria e Neurologia, entidade dirigida por Julius Von Wagner-Jauregg (1857-1940), neurologista que, por seus estudos sobre a paralisia mental progressiva, recebeu o Prêmio Nobel de medicina em 1927 (Bedani, 2007). Nessa clínica, trabalhou um ano no atendimento a pacientes com desordens mentais crônicas sob a supervisão do assistente de Wagner-Jauregg, Paul Schilder (1886-1940), que no período estava reunindo material para o seu estudo sobre imagem corporal (Orgone Institute Press, 1953; Reich, 1942/1978c).

Como se pode notar, no período da realização dessa especialização em neuropsiquiatria, Reich ficou, digamos, com os pés em “duas canoas”: psicanálise e psiquiatria (Albertini, 2008). Porém, mais do que neste breve intervalo, a nosso ver, essa dupla inserção de fundo, psicanálise e medicina, vai balizar profundamente os caminhos reichianos. Tal orientação pode ser observada nas seguintes concepções e posturas: a) visão de neurose como uma doença, algo que deve ser tratado e curado; b) opinião contra a possibilidade de não médicos exercerem a psicanálise; c) possível participação no campo médico do movimento de higiene mental<sup>10</sup>.

Esse último ponto, possível vinculação de Reich ao movimento de higiene mental, pede algumas ponderações. Sobre esse assunto, na entrevista de

---

<sup>10</sup> Sobre o movimento de higiene mental, consultar *Higiene Mental: ideias que atravessaram o século XX* (Boarini, 2012).

1952, a seguinte questão foi formulada: “Dr. Reich, gostaria de interrogá-lo acerca do movimento de higiene mental no qual desempenhou um papel tão importante. Penso mesmo que lhe deu origem” (Higgins & Raphael, 1979, p. 79).

Vejamos a resposta do entrevistado.

Não, não dei origem à ideia do movimento de higiene mental ou ao fato dos movimentos de higiene mental. A única coisa que eu de fato introduzi foi o problema da prevenção das neuroses de massas. Há muito tempo que havia um movimento de higiene mental, mas o reconhecimento das neuroses como um problema social, neuroses de massas, foi o que introduzi no movimento de higiene mental (p. 79).

No citado trecho, Reich assumiu ter introduzido no movimento de higiene mental a orientação que entendia as neuroses com uma enfermidade gerada em larga escala por determinadas condições sociais. A nosso ver, é possível concordar com a vinculação feita pelo próprio autor se o considerarmos como um higienista bastante peculiar, talvez um higienista *às avessas*, alguém que não utilizou o “saber” científico para a manutenção da ordem social vigente; fato que se deu com a orientação eugênica que, mesclando reducionismo biológico e racismo, acabou justificando a presença de desigualdades sociais concretas. Reich, pelo contrário, a partir de uma posição de médico e psicanalista, lutou por transformações sociais profundas (Albertini, Siqueira, Tomé & Machado, 2007). Porém, a questão que permanece em aberto aqui é a dos critérios. Que critérios levar em conta para associar um cientista ao movimento de higiene mental?

### 1.2.2 Participações na instituição psicanalítica: Seminário de Técnica e *Ambulatorium* de Viena

Na esfera psicanalítica, Reich participou de duas organizações criadas em Viena no ano de 1922: o Seminário de Técnica e o *Ambulatorium* de Viena. Com relação à primeira, de acordo com o relato do autor, em setembro de 1922, no VII Congresso Psicanalítico Internacional realizado em Berlim, Freud propôs uma competição:

devia-se fazer uma investigação minuciosa sobre a correlação entre teoria e terapia. Até que ponto a teoria melhora a terapia? E, ao contrário, até que ponto uma técnica melhorada permite melhores formulações teóricas? É evidente que a essa altura Freud estava interessadíssimo no baixo nível da terapia (Reich, 1942/1978c, p. 60).

Presente nesse contexto e tocado pela moção de Freud, ainda na viagem de volta do congresso de Berlim, Reich sugeriu a analistas jovens a constituição de um fórum para o estudo da técnica. A seguir, em uma das reuniões psicanalíticas de Viena, ele oficializou a proposta do Seminário de Técnica, a qual “Freud aprovou entusiasticamente” (Reich, 1942/1978c, p. 61). Fundado o Seminário, Reich menciona que, devido à sua pouca experiência, não almejava a direção dos trabalhos (1942/1978c). O primeiro a ocupar o lugar foi Edward Hitschmann (1871-1957), depois essa direção foi assumida por Hermann Nunberg (1883-1970). A partir do final de 1924 ele aceitou o cargo e presidiu os trabalhos até setembro de 1930, quando se mudou para Berlim.

Na entrevista publicada com o título de *Reich fala de Freud*, (Higgins & Raphael, 1979), ele aponta a falta de perspectiva que a clínica psicanalítica se encontrava, razão pela qual Freud teria aprovado a ideia do Seminário de Técnica, e registra a apreciação favorável do mestre psicanalista sobre o trabalho efetuado por ele nessa organização. Para reforçar essa última informação, cita o testemunho de Anna Freud. Nas palavras de Reich:

a ideia do Seminário técnico foi minha. Discuti-a com Freud e ele gostou muito. E por que ele gostou? Não havia teoria de técnica nessa altura. Nada. Apenas associações. Sente-se aí. Associe. Nada acontecia, nada. E este “nada acontece” era exatamente o problema. Como podemos fazer que um paciente reaja? Como podemos fazer que ele se revele? [...] E Freud gostava desse processo ativo. Foi um sopro de vida num corpo morto. Ele gostou do meu trabalho no Seminário técnico. Penso que Anna Freud sabe disso muito bem. Ela disse-o muitas vezes (Higgins & Raphael, 1979, p. 50).

Vale observar que, além de Reich, vários outros autores do campo psicanalítico, ao se reportarem ao início dos anos 1920, apontam a insatisfação presente em relação ao acervo conceitual voltado à técnica. Por exemplo, para o psicanalista argentino Ricardo Horacio Etchegoyen (1989) havia a procura de algo novo, pois os analistas sentiam que os escritos técnicos da segunda década não bastavam. Também a psicanalista norte-americana Clara Mabel Thompson (1893-1958), que fez análise didática com Ferenczi em Budapeste, no livro *Evolução da psicanálise* identificou no período da pós-Primeira Grande Guerra “um crescente pessimismo sobre a eficiência terapêutica da psicanálise” (Thompson, 1950/1969, p. 157). Para a autora, “por volta de 1925, inovações e

experiências, almejando o aumento da eficiência terapêutica, estavam-se processando. Três nomes destacaram-se nesse esforço: Rank, Ferenczi e Reich” (1950/1969, p. 158).

No texto que escreveu a respeito da participação de Reich no movimento psicanalítico - intitulado *Análise do Caráter* e publicado na coletânea *A psicanálise através de seus pioneiros* -, o analista norte-americano que fez parte dos Seminários de Técnica em Viena, Walter Briebl (1897-1982), afirmou: “Entre os muitos psicanalistas que contribuíram para os aspectos teóricos e técnicos da ciência, Wilhelm Reich ocupa lugar de destaque devido à sua preocupação imensa com os problemas da ciência” (Briebl, 1981, p. 480). Ao recordar a forma como Reich dirigia os Seminários, ele relatou que “Reich dirigia seu seminário com informalidade e espontaneidade” (p. 482). Com relação aos focos do trabalho, Briebl observou que dois temas principais eram enfatizados: “o estudo dos problemas de resistência individualizados e o estudo das razões dos fracassos analíticos, até então considerados resultantes da inexperiência ou erros individuais e não consequências das limitações da técnica” (p. 482-483). Quanto ao rendimento teórico proveniente dos Seminários, o analista norte americano ponderou:

Muitas das ideias sobre técnica formuladas por Reich no final da década de vinte resultaram não só de sua própria experiência, mas das sugestões dos membros do seminário de terapia. Ele não pode ter sido o criador dessas ideias, mas deve-se dizer que, em Viena, ele era a força dinâmica por trás da organização (Briebl, 1981, p. 482).

Já a respeito de norte-americanos interessados em fazer análise didática com psicanalistas em Viena, o autor recorda:

Devido à inacessibilidade de Freud (cujo tempo e energia estavam reservados para colegas mais velhos e consagrados) [...], os analisandos que queriam viajar para a meca psicanalítica, Viena, eram aconselhados pelos analistas didatas de Nova Iorque e por Ferenczi (que estava fazendo conferências em Nova Iorque no período 1926-1927) a procurarem Reich para suas análises pessoais. Consequentemente, inúmeras pessoas que ficaram famosas estiveram em contato estreito com a personalidade e teorias de Reich” (Briehl, 1981, p. 481).

Interessante saber que o fértil psicanalista húngaro Sándor Ferenczi (1873-1933), no período em que proferia conferências em Nova Iorque (oito meses, outono e inverno de 1926/1927), indicava o nome de Reich para interessados em fazer análise com psicanalistas em Viena. Aqui cabe indagar: qual o sentido dessa indicação? Será apenas um sinal de confiança no trabalho clínico de um jovem analista ou comportaria, também, uma dimensão de afinidade conceitual? Ainda nesta tese teremos oportunidade de explorar essa questão, por enquanto fica o seu registro.

Já o especialista em técnica psicanalítica, nascido em Budapeste e radicado na Suíça, André Haynal, em *A técnica em questão*, apontando as dificuldades encontradas pelos analistas, abre o capítulo sobre a prática psicanalítica em 1920 e 1930 afirmando: “A descoberta de que a associação livre é impedida por resistências internas alterou radicalmente o modo como os

analistas exploraram o inconsciente” (Haynal, 1995, p. 51). Sobre a repercussão do trabalho desenvolvido por Reich no Seminário de Técnica, Haynal registrou:

Como sucessor de Numberg, Reich foi diretor do Seminário de Técnica em Viena de 1924 a 1930. Além do reconhecimento por suas próprias pesquisas e escritos, ele gozou de considerável prestígio oficial como diretor do Seminário. Sua posição oficial, bem como sua reputação contaram indubitavelmente para sua profunda influência no pensamento e escrita analítica daquele período (Haynal, 1995, p. 58).

Ainda segundo Haynal (1995), os analistas preocupados em desenvolver estratégias clínicas destinadas a superar os limites impostos pela resistência se alinhavam em dois caminhos básicos. De um lado, voltado para o campo das relações interpessoais, estava Ferenczi, que “concluiu que é artificial para um analista tentar deixar sua vida privada separada totalmente de sua vida profissional; acima de tudo, ele observava a si mesmo” (Haynal, 1995, p. 52). De outro, situavam-se aqueles que almejavam “estabelecer regras que poderiam ser científicas e externas - verdades que seriam asseguradas em sua objetividade. Essa tendência era compartilhada por Wilhelm Reich” (Haynal, 1995, p. 52). Interessante perceber que, na visão do especialista em técnica psicanalítica, Ferenczi e Reich procuravam o mesmo fim - desenvolver orientações voltadas para melhorar o trabalho com a resistência -, porém faziam isso por meio de caminhos diferentes, sendo o de Reich marcado pela busca de objetividade científica. Na realidade, é possível afirmar que essa perspectiva acompanha a obra reichiana como um todo (Bedani, 2007).

Neste estudo, dado o caminho já percorrido, está na hora de começarmos a explorar o valioso material revelado pela pesquisadora norte-americana, Elizabeth Ann Danto, no artigo *An anxious attachment: letters from Sigmund Freud to Wilhelm Reich*: as dez cartas de Freud para Reich levantadas pela investigadora. Cabe reforçar que, nesta incursão, procuraremos articular dois domínios: o conteúdo presente nas missivas freudianas (a questão do tema) e o momento do percurso de Reich na psicanálise (a questão do tempo). Assim sendo, optamos por discorrer inicialmente sobre as três primeiras cartas de Freud, todas de 1924. A primeira e a terceira, dizem respeito, basicamente, ao campo da técnica psicanalítica; a segunda trata, grosso modo, da relação entre sujeito e cultura. As correspondências foram numeradas por Danto em ordem crescente, sendo a primeira a mais antiga (Danto, 2011).

Na primeira (a investigadora não informa a data, mas supomos que o ano seja o de 1924, pois as dez cartas se inserem no período de 1924 a 1930), Freud cobre uma ampla variedade de temas, como a amizade e o trabalho, e faz referência ao desenvolvimento que a clínica psicanalítica estava passando por influência da produção de Ferenczi. Sobre esse último ponto, na verdade, o único abordado por Danto, em determinado trecho, Freud afirma que “a terapia psicanalítica tornou-se agora mais flexível devido às atuais inovações de Ferenczi”<sup>11</sup> (Danto, 2011, p. 157). Conforme o relato da pesquisadora, na opinião de Freud, os analistas poderiam vir a experimentar um surpreendente desconforto com o maior nível de envolvimento do paciente na terapia. Por fim,

---

<sup>11</sup> De acordo com a nossa compreensão do artigo de Danto (2011), apenas os trechos entre aspas correspondem a citações literais das cartas de Freud. No mais, a autora procurou expor em suas palavras o conteúdo das missivas freudianas.

segundo Danto, Reich estaria disposto a elaborar uma orientação clínica “menos flexível” (p. 158). Contudo, nessa passagem do artigo, não fica claro se a autora chegou a esse entendimento suscitada por algum conteúdo da carta de Freud, ou se estaria apenas registrando um comentário seu a respeito da perspectiva reichiana.

Tendo por base o material revelado por Danto (2011) a respeito da primeira carta de Freud para Reich, algumas observações podem ser feitas. Partindo do aspecto mais amplo, a temática da missiva, chama a atenção o fato de que o assunto aparentemente central do escrito diga respeito ao âmbito da técnica psicanalítica. Sobre esse ponto, cabe indagar o porquê Freud estaria focalizando essa matéria numa carta a um analista ainda iniciante como Reich? Seria uma carta resposta em continuidade a um tema levantado por Reich em uma correspondência anterior? Supomos que sim, afinal é mais plausível o aprendiz procurar o mestre, e não o contrário, mas não temos dados para definir essa questão. Em reforço à nossa tese, já sabemos que, no próprio ano de 1924, Reich passou a dirigir o Seminário de Técnica, um indício do seu interesse por essa matéria. É possível também imaginar que esse novo lugar institucional, a direção do Seminário, tenha contribuído para abrir um canal de comunicação de maior proximidade com Freud, como o de uma troca de cartas.

Se o assunto principal dessa missiva de Freud para Reich diz respeito à técnica psicanalítica, o conteúdo específico refere-se às formulações que estavam sendo produzidas nesse campo por Ferenczi. Em relação a esse aspecto, merece destaque a forma não crítica com que o psicanalista vienense trata o trabalho do analista húngaro. Na pena do criador da psicanálise, as experimentações que Ferenczi então empreendia a fim de lidar com os casos

clínicos que não avançavam mediante o emprego da técnica psicanalítica clássica, experimentações que ficaram conhecidas como “técnica ativa”, são tratadas como inovações que estariam promovendo uma maior flexibilização da técnica psicanalítica. Segundo a nossa leitura do texto de Danto (2011), o olhar freudiano a respeito das proposições técnicas do húngaro é o de vê-las como, digamos, acréscimos pertinentes. Apesar dessa linha geral de aceitação, o mestre psicanalista, como uma espécie de alerta, chama a atenção para o inesperado desconforto que os analistas poderiam sentir nessa situação terapêutica mais flexível. Ou seja, como um bom combatente das ilusões humanas, Freud passa o recado de que nem tudo serão flores nesse caminho apontado por Ferenczi. Além disso, podemos também pensar que a situação clínica de maior proximidade com os pacientes não fazia parte dos planos de Freud como analista. Por fim, nesse campo temático, cabe ainda lembrar as preocupações éticas que o líder psicanalista carregava em relação ao envolvimento sexual/amoroso de terapeutas com pacientes, uma ameaça constante tanto para o bom desempenho da clínica psicanalítica, como também para a própria respeitabilidade da instituição psicanalítica. Um processo clínico com maior proximidade entre analista e analisando, pelo menos em termos hipotéticos, teria mais chance de levar a um envolvimento desse tipo.

Como último comentário, cabe discutirmos a assertiva de que Reich estaria inclinado a desenvolver uma orientação de técnica psicanalítica “menos flexível” (Danto, 2011, p. 158). Sem elementos para dirimirmos a questão da origem desse apontamento, podemos, pelo menos, dizer que, a nosso ver, a tese faz sentido. Como bem mapeou Haynal (1995), no intuito de desenvolver estratégias clínicas para superar os limites impostos pela resistência, enquanto

Ferenczi se voltava para a esfera das relações interpessoais, Reich, de outra parte, procurava encontrar regras objetivas e externas ao analista. Se interpretarmos “menos flexível” como a necessidade de se pautar por diretrizes objetivas, em outras palavras, trabalhar de acordo com uma teoria científica da técnica, dá para entender e concordar com essa leitura da perspectiva reichiana.

De acordo com os achados de Danto (2011), a segunda carta de Freud para Reich é de dois de dezembro de 1924. Conforme a pesquisadora norte-americana, o que parecia mobilizar o interesse de Freud nesse manuscrito era a articulação elaborada por Reich a respeito da luta inconsciente entre o indivíduo e o ambiente (pessoas, lugares e estrutura de poder). Ao que tudo indica, Reich teria apresentado a Freud essa formulação teórica (não fica claro com qual grau de desenvolvimento) em uma correspondência anterior. Porém, para os nossos intentos, a descrição dessa missiva de Freud efetuada pela pesquisadora foi muito sintética: apenas uma menção geral ao assunto tratado e nenhuma citação direta do afirmado por Freud. Mesmo assim, arriscaremos tecer alguns comentários. Se não acertarmos no que diz respeito ao conteúdo mais particular da referida carta, o que tem considerável probabilidade de ocorrer, esses apontamentos poderão contribuir para o registro de perspectivas básicas das abordagens de Freud e Reich.

De início, em um exercício de procurar identificar a matéria conceitual norteadora da missiva, supomos que, de alguma forma, o escrito verse sobre o tema do conflito entre sujeito e cultura, um objeto de interesse que acompanha as formulações freudianas desde os primórdios da construção do edifício psicanalítico. Porém, sem conhecermos as ideias articuladas por Reich

na presumida carta anterior a Freud, nem a opinião deste a respeito do desenvolvido pelo jovem psicanalista, só nos resta focalizar essa matéria em termos globais.

Grosso modo, tomando a obra como um todo, a orientação conceitual de Reich não negou a presença do conflito sujeito/cultura, mas tendeu a vê-lo como algo historicamente determinado, um produto de certa formação social, daí o seu engajamento em movimentos de transformação social. Em última instância, pode-se dizer que, por considerar possível, Reich investiu na aproximação entre natureza e cultura. Tal perspectiva entra em claro confronto com os fundamentos freudianos, pois, para este, a chamada vida civilizada seria uma decorrência da restrição ao incesto, um cerceamento necessário para a construção da cultura, não existindo, portanto, qualquer possibilidade de uma relação harmoniosa entre natureza e cultura. Não sabemos se nessa troca de cartas, efetuada em 1924, Freud e Reich chegaram a vislumbrar essa diferença de fundo, mas, no final dos anos 1920, essas trilhas não convergentes ficaram claras e um verdadeiro abismo conceitual se abriu entre esses dois pensadores.

A terceira carta de Freud é de 21 de dezembro de 1924, portanto 19 dias depois da anterior (dois de dezembro). Focalizando o conteúdo dessa missiva, a pesquisadora efetua duas sintéticas, mas, para os nossos objetivos, valiosas citações diretas do manuscrito por Freud. De acordo com Danto (2011), o criador da psicanálise afirmou: “Se um livro sobre técnica é realmente necessário, prefiro que o senhor o escreva em vez de um desconhecido, provavelmente menos especializado” (p. 160). Ainda nessa carta, Freud teria asseverado a proficiência psicanalítica geral de Reich e seu “treinamento especialmente minucioso na teoria e prática” (p. 161). Ao que parece, Reich,

conhecedor dos problemas presentes no cotidiano da clínica psicanalítica, tanto por experiência própria, como pelos relatos efetuados pelos integrantes do Seminário de Técnica, em carta anterior a Freud, teria apontado a necessidade de que um livro sobre técnica fosse publicado. Possivelmente, essa missiva carregaria, de forma manifesta ou latente, pelo menos, duas mensagens: a) a literatura disponível sobre técnica não tem se mostrado suficiente para responder às dificuldades existentes no dia a dia da atividade clínica; b) estou me oferecendo para colaborar com o acervo psicanalítico sobre técnica.

Num quadro mais amplo e detalhado, em 1924, Reich, um médico e analista ainda relativamente jovem (27 anos), alguém que integrava o movimento psicanalítico há pouco tempo (quatro anos), mas que passara naquele ano a ocupar um cargo nessa instituição (a direção do Seminário de Técnica), escreve para o criador da psicanálise indicando a existência de certa carência na literatura psicanalítica sobre técnica e pede a opinião do líder do movimento, talvez, mais do que isso, a própria anuência deste para seguir em frente em seu intento de elaborar um livro sobre o assunto. O mestre, em sua resposta, apesar de manter certa neutralidade em relação à falta apontada (“Se um livro sobre técnica é realmente necessário”), reconhece que o discípulo possui formação na matéria (“treinamento especialmente minucioso na teoria e prática”) e manifesta seu apoio à iniciativa tomada (“prefiro que o senhor o escreva em vez de um desconhecido, provavelmente menos especializado”). Trata-se, a nosso ver, de um momento marcado por uma considerável aproximação entre Reich e Freud, a carta do segundo representa um sinal verde ao movimento, de colaboração para com o acervo psicanalítico, esboçado pelo primeiro.

A partir do exposto, para não deixarmos fios soltos, cabe indagar: e quanto ao livro sobre técnica planejado por Reich, ele chegou a ser publicado?

Um breve levantamento dos escritos do autor sobre o assunto indica que ele lançou, em 1925, o livro *Der triebhafte charakter: eine pychoanalytische studie zur pathologie des ich* [O caráter impulsivo: um estudo psicanalítico sobre a patologia do ego] (Reich, 1925/2009), publicado pela *Internationaler Psychoanalytischer Verlag* [Editora Psicanalítica Internacional]. Nessa obra, além de circunscrever uma determinada forma de caráter, a impulsiva, Reich já opera com algumas teses que vão nortear a Análise do Caráter, a técnica terapêutica desenvolvida por ele em solo psicanalítico. Em seguida, nos anos de 1927 e 1928, o então psicanalista publicou dois artigos, um a cada ano, ambos dedicados à Análise do Caráter (respectivamente, *Sobre a técnica de interpretação e de análise da resistência* e *Sobre a técnica de Análise do Caráter*). Esses trabalhos, juntamente com outros, vão compor a primeira edição, publicada em 1933, do livro *Análise do caráter: Técnica e princípios para estudantes e analistas praticantes* (Reich, 1933/1995j).

Em conclusão, o que se constata é a presença de um perfil de publicações voltado para o campo da técnica psicanalítica. Talvez, de maneira mais completa, o livro de 1933, *Análise do caráter*, concretize o intento reichiano - manifestado a Freud e que recebeu o apoio deste - de escrever um manual sobre técnica. Por ironia do destino, em 1933 as relações de Reich com a Associação Psicanalítica Internacional já estavam bastante deterioradas e a *Editora Psicanalítica Internacional* recusou-se a publicar o material de Reich. Dada essa resposta negativa, o escrito sobre técnica psicanalítica foi editado pela *Verlag für Sexualpolitik* [Editora de Política Sexual], editora fundada por

Reich em 1932 na Alemanha e pela qual ele já havia lançado o livro *Irrupção da moral sexual repressiva* (Reich, 1932/n. d.b).

Porém, cabe pontuar que, a rigor, Reich não publicou um manual destinado a explicar a técnica psicanalítica, algo com objetivo didático e que, por esse mérito, preenchesse a suposta lacuna existente. Na realidade, ele, de maneira autoral, elaborou a sua proposta para o fazer clínico. Uma construção que dialoga com a técnica psicanalítica clássica, mas que carrega uma orientação própria, nem sempre em sintonia com a matriz freudiana. Como a técnica da Análise do Caráter constitui a produção central efetuada por Reich no movimento psicanalítico, no outro ensaio desta tese focalizaremos especificamente essa proposta de técnica terapêutica.

Um olhar panorâmico sobre as três primeiras cartas de Freud para Reich reveladas por Danto (2011), todas de 1924, permite supor que uma promissora relação entre mestre e discípulo estava sendo construída, algo, é verdade, ainda em seus primeiros passos, mas, de alguma forma, presente. O tema principal que parece unir os interesses é o da técnica psicanalítica.

Como já mencionado, além do Seminário de técnica, a outra organização criada em 1922 e que contou com a participação de Reich foi o *Ambulatorium* de Viena. Essa entidade fez parte de um amplo movimento efetuado pela instituição psicanalítica no sentido de fundar clínicas populares destinadas ao atendimento psicoterapêutico de pessoas que não dispunham de renda para arcar com os custos de um trabalho psicanalítico usual (Danto, 2005). A semente conceitual dessa empreitada foi oficialmente lançada por Freud no V Congresso Psicanalítico Internacional, realizado em Budapeste, no mês de setembro de 1918, por meio do trabalho *Caminhos da terapia psicanalítica*

(Freud, 1919/2010L). Neste, o psicanalista menciona e tece algumas considerações sobre o que chama de desenvolvimentos na área da técnica, em especial, as inovações propostas por Ferenczi no artigo *Dificuldades técnicas de uma análise de histeria* (Ferenczi, 1919/2011e). Já na parte mais final do texto, manifesta-se a favor de que os benefícios da terapia psicanalítica pudessem ser usufruídos também pela população pobre. Para Freud, a fim de alcançar essa população, o tratamento deveria ser gratuito, com financiamento bancado pelo Estado. Sugerindo essa direção, o cidadão e criador da psicanálise postula: “Pode-se prever que em algum momento a consciência da sociedade despertará, advertindo-a de que o pobre tem tanto direito a auxílio psíquico quanto hoje em dia já tem a cirurgias vitais” (Freud, 1919/2010L, p. 291). No último parágrafo, procurando articular os dois pilares que sustentam o artigo (desenvolvimentos na técnica e atendimento psicanalítico à população pobre), Freud vislumbra a necessidade de que a técnica passe por algumas adaptações em função das novas circunstâncias dos atendimentos. Sobre os caminhos desses ajustamentos, supõe: “É também muito provável que na aplicação em massa de nossa terapia sejamos obrigados a fundir o ouro da análise com o cobre da sugestão direta, e mesmo a influência hipnótica poderia ter aí seu lugar, como teve no tratamento dos neuróticos de guerra” (1919/2010L, p. 292).

A primeira dessas clínicas, com o nome de Policlínica, foi fundada em Berlim no dia 14 de fevereiro de 1920, tendo Karl Abraham (1877-1925) na sua direção. De certa forma confirmando a expectativa de Freud em relação às transformações que a técnica psicanalítica teria necessariamente que passar para dar conta desse novo campo de atendimento, Roudinesco e Plon, ao mencionarem o trabalho desenvolvido na Policlínica de Berlim, destacam que

essa entidade constituiu “um verdadeiro laboratório para a elaboração de novas técnicas de tratamento” (1998, p. 11). Interessante notar o que esses mesmos comentadores, ao discorrerem sobre a importância da psicanálise desenvolvida na Alemanha, depois de citarem um relatório de Max Eitingon (1881-1943) a respeito das atividades de 1920 a 1930 do Instituto Psicanalítico de Berlim (BPI) - entidade criada no mesmo dia que a Policlínica de Berlim e que serviu de modelo para outros institutos psicanalíticos posteriormente organizados pela IPA -, afirmam: “A esse sucesso, acrescentavam-se as atividades de Wilhelm Reich e Georg Groddeck, que contribuíram também para a difusão do freudismo na Alemanha” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 11). Um crédito pouco usual a dois autores, Reich e Georg Groddeck (1866-1934), mais acostumados a ocuparem o lugar de malditos na história da psicanálise.

Sobre a clínica popular fundada em Viena, Jones (1979) relata que os membros da Sociedade Psicanalítica de Viena, não querendo ficar em segundo plano em relação aos seus colegas de Berlim, inauguraram dois anos depois, em 22 de maio de 1922, com o nome *Ambulatorium*, uma clínica nos mesmos moldes da primeira. Ainda de acordo com o psicanalista inglês, Freud não demonstrara entusiasmo pela criação dessa instituição em Viena, ele teria dito a Abraham que não dispunha de tempo para assumir os trabalhos e que, além disso, não saberia a quem entregar a direção dessa entidade. Já para Ferenczi, Freud teria manifestado sua preocupação em relação à cidade de Viena, para ele um centro não receptivo à psicanálise e, portanto, um local não adequado para o funcionamento de uma clínica desse gênero (Jones, 1979).

De acordo com Reich (1942/1978c), o nome *Ambulatorium* estava associado ao fato de funcionar em salas de hospitais gerais (mudou várias vezes

de local). Além disso, consistiu numa estratégia de aproximação com as autoridades médicas vienenses, pois estas, confirmado as preocupações de Freud, exerceram forte resistência à edificação dessa clínica popular, dentre outros motivos, por temer prejuízos financeiros à prática médica. Segundo o exposto por Jones (1979), após seis meses de funcionamento, as autoridades médicas municipais determinaram o fechamento do *Ambulatorium*, situação só revertida, depois de muitas negociações, três meses depois. Apesar das dificuldades encontradas desde a sua implantação, o *Ambulatorium* funcionou até 1938, quando a invasão nazista na Áustria determinou o seu fechamento. Nos 18 anos de atividades, esse braço social da psicanálise vienense foi dirigido por Edward Hitschmann (Becker, 1981). Reich participou dessa entidade desde a sua fundação, ocupando, inicialmente, o cargo de Primeiro Assistente Clínico (de 1922 a 1928) e, depois, o de Vice-Diretor (de 1928 a 1930), sempre sob a direção do médico e psicanalista vienense Edward Hitschmann (Orgone Institute Press, 1953). Conforme o relato do autor, o *Ambulatorium* foi bastante procurado pela população pobre que buscava atendimento psicológico. Profundamente envolvido com os trabalhos nesse braço social da psicanálise, assim ele registrou o cotidiano nessa clínica:

Os horários de consulta viviam apinhados de gente. [...] A afluência era tão grande que nós não dávamos conta, sobretudo depois que a clínica se tornou conhecida entre o povo. Cada psicanalista concordou em oferecer gratuitamente uma sessão diária. Mas não foi o suficiente. Precisávamos destacar os casos mais passíveis de análise. Isso nos obrigou a procurar descobrir os meios de avaliar as possibilidades de tratamento. Mais tarde, convenci os

analistas a dar uma contribuição mensal (Reich, 1942/1978c, p. 72).

Por meio do artigo de Danto (2011), é possível identificar uma carta em que Freud menciona o trabalho de Reich no *Ambulatorium*, apesar de não entrar em detalhes. Tal fato ocorre na missiva datada de 28 de maio de 1925, a quarta das dez levantadas pela pesquisadora norte-americana. Na correspondência, uma declaração freudiana escrita a pedido de Reich, possivelmente para responder a alguma exigência legal ligada às atividades nessa clínica popular, o mestre psicanalista manifesta concordar com a atribuição do título de especialista, aparentemente em psicanálise, a Reich. Segundo Danto, Freud declara que, além do trabalho no *Ambulatorium* “ele [Reich] provou sua excelência em uma série de palestras para a sociedade [psicanalítica], assim como em publicações. Não hesito em confirmar que sua reivindicação do título de especialista é totalmente bem fundamentada” (Danto, 2011, p. 161).

Na referida carta, a menção ao trabalho de Reich no *Ambulatorium* entra como mais um aspecto a reforçar a validade da reivindicação do jovem psicanalista. De outra parte, vale constatar que Freud acatou o pedido do discípulo e redigiu uma carta na qual afirma, de forma clara, a competência psicanalítica deste. Porém, não sabemos o motivo específico que deu ensejo à redação dessa declaração formal freudiana e nem o encaminhamento dado por Reich a esse material. Numa apreciação em bloco das quatro missivas de Freud para Reich aqui já comentadas, três de 1924 e uma de maio de 1925, notaremos a presença de um clima de cooperação na relação entre mestre e discípulo.

De alguma maneira ligada ao trabalho de Reich no *Ambulatorium* de Viena, no suplemento documental do livro *Reich fala de Freud* (Higgins & Raphael, 1979) consta uma troca de correspondência entre Reich e seu antigo diretor naquela instituição psicanalítica, Edward Hitschmann, efetuada em 1942 nos Estados Unidos. Na missiva inicial - de 18 de junho e com endereço indicando a cidade norte-americana de Cambridge<sup>12</sup>-, Hitschmann expressa que iria ler “imediate e completamente” (p. 201) o primeiro número do periódico *International Journal for Sex-Economy and Orgone-Research* e também a biografia científica *The Discovery of the orgone, vol I: The function of the orgasm*, produções lançadas por Reich naquele ano de 1942. Na sequência, em meio a outros comentários, o psicanalista relata: “Muito recentemente consegui curar uma jovem mulher com uma severa ansiedade e fortes sintomas de despersonalização devolvendo-lhe a potência orgástica” (Higgins & Raphael, 1979, p. 201).

Na carta-resposta, de dois dias depois, 20 de junho, Reich agradece a atenção do companheiro, recorda a luta comum desenvolvida em prol do *Ambulatorium* e valoriza o fato de Hitschmann ser um dos poucos psicanalistas a não ter recuado frente à sua compreensão de então a respeito da libido (vista, agora, como energia orgone) (Higgins & Raphael, 1979). Ao que parece, tendo por base a citada carta de Hitschmann, para o ex-diretor do *Ambulatorium* nada de fundamental teria mudado em relação ao antigo colaborador e subordinado. Postura, diga-se de passagem, digna de nota, pois, há muitos anos, Reich

---

<sup>12</sup> Edward Hitschmann, fugindo do nazismo, deixou Viena em 1938. Depois de dois anos em Londres, passou a residir nos Estados Unidos e se tornou didata no Boston Psychoanalytic Institute (Becker, 1981).

encontrava-se, para dizer o mínimo, apartado do movimento psicanalítico. Compete também observar que Hitschmann, num movimento de aproximação conceitual, menciona o caso de uma paciente que teria recuperado a “potência orgástica”, uma elaboração que, em muito, caracterizou a produção teórica desenvolvida por Reich ainda em Viena.

Neste tópico discorreremos sobre o trabalho de Reich no Seminário de Técnica e no *Ambulatorium*; ações que, no percurso do autor, ocorreram em Viena, de 1922 a 1930. Porém, em parte desse período - se considerarmos as publicações efetuadas, mais especificamente de 1924 a 1927 - Reich elaborou a chamada Teoria do Orgasmo, produção referenciada por Hitschmann em sua carta. Em função da importância dessa proposta conceitual no quadro das elaborações reichianas, no próximo tópico a focalizaremos. Logicamente que essas divisões temáticas constituem apenas um recurso didático, pois, na prática, os movimentos do autor se deram de forma entrelaçada, como uma espécie de rede de vasos comunicantes.

### 1.2.3 A Teoria do Orgasmo

A Teoria do Orgasmo foi apresentada, basicamente, em três escritos. No ano de 1927 Reich publicou o livro *Die funktion des orgasmus: zur psychopathologie und zur soziologie des geschlechtslebens* (1927/1977a)<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Essa obra de 1927 não deve ser confundida com o livro de 1942, a biografia científica reichiana apresentada na abertura deste capítulo (*The Discovery of the orgone, vol I: The function of the orgasm*). Em língua portuguesa o livro de 1927 foi editada como *Psicopatologia e sociologia da vida sexual* (1927/1977a), na verdade, o subtítulo do

Nessa obra o autor ampliou e deu continuidade a dois artigos anteriores sobre o assunto: *Sobre a genitalidade do ponto de vista do prognóstico psicanalítico e da terapia* (Reich, 1924/1975d) e *Observações complementares sobre o significado terapêutico da libido genital* (Reich, 1925/1975e). Essas três produções foram editadas por veículos oficiais da psicanálise, Internationaler Psychoanalytischer Verlag, o livro, e *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, os artigos.

Em sua biografia científica de 1942, Reich relata que, procurando saber a opinião de Freud, deu a ele os originais de *Die funktion des orgasmus* no dia em que o psicanalista completou 70 anos, seis de maio de 1926. Sobre a reação do homenageado, recorda: “Pareceu meio aborrecido ao ler o título. Olhou o manuscrito, hesitou por um momento e disse como se tivesse agitado: ‘Tão grosso?’” (1942/1978c, p. 147, aspas originais). Na sequência, o jovem psicanalista - no caso, um autor que, antes de publicar, busca a avaliação de seu mestre - conta que Freud usualmente lia e fazia comentários por escrito em poucos dias. Porém, em se tratando desse texto, só depois de mais de dois meses Reich recebeu, por carta, a aguardada apreciação. Essa demora, na visão do solicitante, combinou com o tom frio presente na missiva. Ainda no livro de 1942, Reich reproduz um trecho da carta de Freud. Vejamos.

---

original. Como já mencionado, a publicação de 1942 recebeu, em português, a denominação *A função do orgasmo: problemas econômicos sexuais da energia biológica* (Reich, 1942/1978c). Neste estudo, a fim de diferenciar esses dois livros, empregamos o título em alemão, *Die funktion des orgasmus*, para a obra de 1927, e o título em português, *A função do orgasmo*, para a biografia científica de 1942. Para se localizar no complexo universo das publicações de Reich, um bom guia é o livro *Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich: bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento* (Matthiesen, 2007).

Caro Doutor: Levei muito tempo, mas afinal li o manuscrito que me dedicou em comemoração ao meu aniversário. Achei o trabalho valioso, rico em material clínico e em ideias. Sabe que definitivamente não me oponho à sua tentativa de uma solução que reduza a neurastenia a uma ausência de primazia genital<sup>14</sup> (1942/1978c, p. 147).

Outros dados a respeito dessa missiva freudiana podem ser observados em Danto (2011). Com a data de nove de julho de 1926, portanto dois meses e três dias depois de seu aniversário, Freud, nessa quinta das dez cartas levantadas pela pesquisadora, registra observações críticas sobre os aspectos formais do escrito de Reich: “Seu trabalho é demasiado extenso, mal organizado e por isso parece confuso” (Danto, 2011, p. 162). Além desse extrato, a norte-americana expõe parte do fragmento também revelado por Reich: “Considero o trabalho valioso, rico em observação e pensamento [...]. Sabe [...] não me oponho à sua interpretação” (p. 162). Na visão de Danto (2011), Freud, em vez de abrir uma discussão clínica que poderia se prolongar, preferiu se ater, de maneira rigorosa, ao domínio formal do escrito. Tal leitura dos fatos, a nosso ver, faz sentido, pois a avaliação freudiana dos aspectos teóricos (“não me oponho à sua interpretação”), pelo menos em termos manifestos, prima pela neutralidade. O experiente psicanalista não se coloca contra a orientação desenvolvida pelo jovem autor, mas também não expressa qualquer forma de apoio. Ou seja, ao deslocar suas críticas para a esfera formal do manuscrito, Freud passa o seu recado de desaprovação e, ao mesmo tempo, não dá ensejo para a abertura de uma discussão teórica com o discípulo.

---

<sup>14</sup> No pensamento freudiano, a expressão primazia genital é utilizada para indicar a subordinação das pulsões parciais auto eróticas à organização genital. Para o autor, a primazia genital só se daria por completo na puberdade (Freud, 1905/1973b).

No que diz respeito aos aspectos conceituais apontados na carta em foco, Freud menciona a neurastenia e toca na questão da primazia genital (“sua tentativa de uma solução que reduza a neurastenia a uma ausência de primazia genital”). Como compreender esse conteúdo da apreciação freudiana? Em busca desse entendimento, cabe, inicialmente, trazeremos à tona as noções de neurose atual e de estase da libido. De acordo com metapsicologia freudiana, essas formulações estão vinculadas ao ponto de vista econômico, aquele que “procura acompanhar os destinos das quantidades de excitação e alcançar uma avaliação ao menos relativa dos mesmos” (Freud, 1915/2010j, p. 120).

A expressão neurose atual apareceu pela primeira vez no artigo *A sexualidade na etiologia das neuroses* e foi criada por Freud para agrupar duas enfermidades: a neurastenia e a neurose de angústia (Freud, 1898/1976b). Basicamente, na primeira, os sintomas característicos - fadiga crônica, pressão intracraniana, constipação - seriam decorrentes de masturbação excessiva. Na segunda, os sintomas mais frequentes - irritabilidade geral, estados de ansiedade, taquicardia - estariam vinculados, em boa parte das vezes, à prática de coito interrompido. Tal atividade sexual inadequada, o coito interrompido, ocasionaria um acúmulo de libido não descarregado, estado somático que tendia a ser acompanhado por uma alienação entre as esferas psíquica e somática (Freud, 1895/1976a). Portanto, na neurose atual a sintomatologia seria de ordem psicossomática e, diferentemente das psiconeuroses (a histeria e a neurose obsessiva), a etiologia deveria ser procurada na vida sexual atual (excesso de descarga da libido na neurastenia e pouca descarga na neurose de angústia) e não em conflitos vinculados ao período infantil. Para o autor, os casos de neurose atual

puros não seriam frequentes, sendo mais comum a ocorrência de neuroses mistas, quadros com etiologia atual e infantil.

Historicamente vinculada à teoria das neuroses atuais, Freud emprega a noção de estase da libido para indicar a presença de um acúmulo de libido não descarregado, sendo que esse *quantum*, se não suportado pelo indivíduo, poderia abrir portas à neurose ou à psicose (Freud, 1912/2010c). Em acréscimo sobre a referida noção, Laplanche e Pontalis (1983) afirmam: “a libido que deixa de encontrar caminho para a descarga acumula-se sobre formações intrapsíquicas; a energia assim acumulada encontrará a sua utilização na constituição dos sintomas” (p. 220). Tendo como pano de fundo esse conjunto de noções freudianas associadas ao ponto de vista econômico, Reich constrói a Teoria do Orgasmo. Em 1942, com base no conceito de estase da libido, ele registra uma clara explicação a respeito da relevância dos fatores atuais na etiologia das psiconeuroses. Nas palavras do autor:

Como resultado de uma inibição atual, experiências da infância, em si mesmas não patológicas, podem, por assim dizer, receber um excesso de energia sexual. Se isso acontecer, tornam-se insistentes, entram em conflito com a organização psíquica adulta e têm, de então em diante, que ser mantidas sob controle com a ajuda da repressão. É assim que uma psicose crônica, com seus conteúdos sexuais infantis, se desenvolve de uma inibição sexual causada no presente e, a princípio, ‘inofensiva’ (1942/1978c, p. 88, aspas originais).

Se o problema é a estase da libido, Reich, baseado em sua prática clínica, passa a supor que a principal forma de descarregar a libido acumulada seria propiciada, no adulto, por meio do orgasmo genital. Com esse entendimento, a função do orgasmo seria a de eliminar a estase, em última instância, a fonte de energia do sintoma. É com base nessa assertiva que ele vai atribuir importância fundamental à primazia genital, aspecto mencionado por Freud na missiva de nove de julho de 1926. Para Reich, um desenvolvimento psicosssexual não tolhido pela ação nefasta do ambiente circundante desaguaria na primazia genital, ponto fundamental para uma atividade sexual genital orgástica.

No livro *Die funktion des orgasmus*, discorrendo sobre a importância da função genital, Reich postula de maneira categórica: “*Não há neurose sem perturbações da função genital*” (1927/1977a, p. 35, itálicos originais). Ainda nessa obra, ele supõe que diferenças fisiológicas entre as zonas erógenas explicariam o fato de que só o aparelho genital poder levar ao orgasmo. Já em *Análise do caráter*, Reich retoma essa tese e explica: “O aparelho genital, ao contrário de todas as outras pulsões parciais, é, do ponto de vista fisiológico, o mais fortemente equipado porque tem a capacidade de descarga *orgástica*; e, em termos de economia da libido, é o mais importante” (1933/1976c, p. 231, itálicos originais). Na sequência, defendendo existir distinções fundamentais entre os impulsos genitais e os pré-genitais, ele sugere que somente os primeiros apresentam, tal como a fome, as características de inflexibilidade e tenacidade. Em suas palavras: “podemos supor que impulsos [do aparelho genital] têm uma maior semelhança com a fome, no que diz respeito à inflexibilidade e à tenacidade” (1933/1976c, p. 231). Dadas as marcas de inflexibilidade e tenacidade, fica fácil concluir que, para o autor, as pulsões genitais, de forma diversa das pré-genitais, dificilmente seriam passíveis de

deslocamentos para serem satisfeitas por meio de atividades sublimatórias (Reich, 1927/1977a; 1933/1976c). Nesse complexo campo temático, vale registrar que Laplanche & Pontalis (1983), ao focalizarem a noção de sublimação no enfoque freudiano, pontuam, entre outros aspectos, que essa forma de satisfação estaria associada, preferencialmente, às pulsões parciais não integradas à organização genital: “A sublimação incide de preferência nas pulsões parciais, nomeadamente aquelas que não conseguem integrar-se na forma definitiva da genitalidade” (p. 639).

E o que Reich entende por atividade sexual genital orgástica? Sobre o assunto, no artigo *Observações complementares sobre o significado terapêutico da libido genital* (1925/1975e), ele afirma:

[o] orgasmo é, primariamente, a expressão de um abandono de si, sem inibição, em direção ao parceiro. A libido do corpo inteiro flui através dos genitais. O orgasmo não pode ser considerado completamente satisfatório se for sentido apenas nos genitais; movimentos de toda musculatura e uma leve perda de consciência são atributos normais e indicação de que o organismo como um todo teve participação (p. 216-217).

Além da vinculação conceitual ao conjunto de noções freudianas ligadas ao ponto de vista econômico, vale também explicitar que Reich chegou a se ver como um fiel continuador de uma suposta linha de pensamento crítico inicialmente formulada por Freud. Para Reich, o criador da psicanálise, depois de apontar para a necessidade de profundas transformações sociais, sobretudo no campo da sexualidade, teria se adaptado à cultura do período e se distanciado da própria orientação original. Em sua biografia científica, ao

discorrer sobre o caminho tomado pelo movimento psicanalítico como um todo, assim ele expressa essa visão dos fatos:

A sexualidade tornou-se algo indistinto; o conceito de ‘libido’ foi despido de todos traços de conteúdo sexual e transformou-se em uma figura de retórica [...] a teoria das neuroses foi traduzida para a linguagem da ‘psicologia do ego’. A atmosfera estava se tornando refinada! (Reich, 1942/1978c, p. 113, aspas originais).

Argumentando nessa linha de entendimento, no livro *A revolução sexual* (1936/1981a), Reich cita o artigo de Freud *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna*, de 1908, como um exemplo de trabalho que carregaria uma “crítica cultural sexual-revolucionária” (p. 43). Oferecida essa indicação, iremos, a seguir, tecer algumas observações sobre o referido escrito freudiano. Nesta jornada, chamaremos a atenção para a presença de algumas teses que, depois, irão compor, de alguma forma, a abordagem reichiana.

#### 1.2.4 Raízes do pensamento em Freud

Como o descritivo título do texto sugere, *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna* trata-se, basicamente, de um trabalho sobre a relação entre moral sexual e doença nervosa. Percorridos os primeiros parágrafos, o leitor toma conhecimento de que a discussão gira em torno da tentativa de explicar o aumento da incidência das chamadas doenças nervosas. Esse aumento não é questionado, ele ocupa o lugar de ponto de partida comum, algo considerado evidente e aparentemente aceito pela comunidade científica. Com esse

entendimento, a meta que se impõe é a de encontrar as razões que estariam levando a esse indesejável efeito. Nessa busca, Freud estrutura o escrito nos moldes de um artigo científico tradicional, ou seja, inicialmente apresenta as conclusões de uma série de publicações recentes sobre o assunto e depois expõe a sua contribuição. Na apreciação geral dos trabalhos que cita, Freud sustenta que os estudos da época não estavam dando a devida relevância a um fator, para ele, central: o elevado custo para a saúde das pessoas decorrente das exigências da moral sexual. Assim o autor se refere a essa variável pouco considerada:

Se deixarmos de lado as modalidades mais leves de ‘nervosismo’ e nos atermos às doenças nervosas propriamente ditas, veremos que a influência prejudicial da civilização reduz-se principalmente à repressão nociva da vida sexual dos povos (ou classes) civilizados através da moral sexual ‘civilizada’ que os rege (Freud, 1908/1976c, p. 190-191, aspas originais).

Desenvolvendo o tema, o psicanalista insere uma observação sobre o papel da satisfação sexual direta. Para ele, o cerceamento dessa forma de satisfação estaria ocasionando dificuldades para a manutenção da saúde de boa parte da população. Vejamos um fragmento em que Freud expressa essa visão dos fatos:

Para a grande maioria das organizações parece ser indispensável uma certa quantidade de satisfação sexual direta, e qualquer restrição dessa quantidade, que varia de indivíduo para indivíduo, acarreta fenômenos que, devido aos prejuízos funcionais e ao seu caráter subjetivo de desprazer, devem ser considerados como uma doença (p. 193-194).

Na sequência do texto, considerando a evolução do instinto sexual, Freud identifica três estágios de civilização: um primeiro em que o instinto sexual pode manifestar-se livremente; um segundo em que ele é subordinado às metas de reprodução; um terceiro no qual só a reprodução legítima, isto é, fruto de um casamento, é admitida como válida. A maior parte do escrito é dedicada à análise das exigências morais presentes no terceiro estágio e, em muitas passagens, na posição de uma autoridade científica da área da saúde, o autor prega a necessidade de reformas no campo da moral sexual. Em termos mais específicos, o psicanalista mostra os problemas decorrentes da exigência de abstinência sexual até o casamento, sobretudo para o sexo feminino, promove uma dura e crua apreciação da instituição do matrimônio e aponta para as hipocrisias presentes na moral sexual de então.

Ao discutir a questão da abstinência sexual, Freud observa que a sublimação é uma forma de satisfação que pode levar ao domínio das pulsões sexuais. Contudo, a seu ver, tal possibilidade encontra-se disponível apenas para uma minoria e, mesmo para esse grupo, tende a não ser suficiente no intenso período da juventude. Assim o autor se manifesta sobre o assunto:

O domínio do instinto pela sublimação, defletindo as forças instintuais sexuais do seu objetivo sexual para fins culturais mais elevados, só pode ser efetuado por uma minoria, e mesmo assim de forma intermitente, sendo mais difícil no período ardente e vigoroso da juventude. Os demais, tornam-se em grande maioria neuróticos, ou sofrem alguma espécie de prejuízo (p. 198).

Após deixar claro que a sublimação é, digamos, para poucos, Freud, ainda discorrendo sobre o tema da abstinência sexual, lança mão da noção de estase da libido para descrever um processo de desencadeamento da psicose. Vale notar que a análise do autor é, sobretudo, centrada no ponto de vista econômico.

Quanto maior a disposição de um indivíduo para a neurose, menos ele tolerará a abstinência [...] o valor psíquico da satisfação sexual cresce com a sua frustração. A libido represada torna-se capaz de perceber os pontos fracos raramente ausentes da estrutura da vida sexual, e por ali abre caminho, obtendo uma satisfação substitutiva neurótica na forma de sintomas patológicos (Freud, 1908/1976c, p. 199).

Ampliando sua análise, o psicanalista observa que a abstinência sexual exigida pela moral sexual não estaria contribuindo para gerar “homens de ação enérgicos e autoconfiantes” (p. 202), mas sim “homens fracos mas bem comportados, que mais tarde se perdem na multidão” (p. 202). Neste ponto cabe indagarmos: por que um padrão cultural marcado pela abstinência sexual tenderia a produzir essa postura social de linha conformista? Ou ainda, como o autor alicerça conceitualmente essa aproximação entre uma exigência de moral sexual (abstinência até o casamento) e uma determinada orientação de personalidade, que, grosso modo, estamos chamando de conformista?

O caminho de resposta a essas questões é trilhado na sequência do artigo. Em síntese, alicerçado na tese de que a esfera da sexualidade constitui uma espécie de matriz das demais reações do sujeito, Freud sustenta que a

intensa luta dos jovens contra os seus fortes instintos sexuais, isso em prol de uma adequação à austera exigência cultural da abstinência sexual, tenderia a moldar uma estrutura de personalidade marcada pela condescendência, não só no comportamento sexual, mas também no que diz respeito à vida como um todo. Para o autor, a renúncia à satisfação sexual estruturaria uma orientação de vida marcada com tons de resignação. Em suas palavras:

O comportamento sexual de um ser humano frequentemente *constitui o protótipo* de suas demais reações [...] se [...] ele renuncia à satisfação de seus fortes instintos sexuais, seu comportamento em outros setores da vida será, em vez de enérgico, conciliatório e resignado (Freud, 1908/1976c, p. 203, itálicos originais).

Dada essa última elaboração freudiana, entendemos que o psicanalista deixou pistas para uma considerável ampliação do território sobre o qual a moral sexual então presente tenderia a acarretar prejuízos. A nosso ver, além dos danos para a saúde dos indivíduos, âmbito predominantemente focalizado no artigo, esse severo arcabouço normativo também colocaria em risco o próprio desenvolvimento da cultura. Essa conjectura está fundada na compreensão de que, para Freud, a civilização perderia muito se não pudesse contar com a contribuição de indivíduos capazes de ações inovadoras no meio social, sujeitos que ultrapassassem o mero patamar de uma existência voltada para a adaptação social - na linguagem reichiana, uma existência de *Zé Ninguém* (Reich, 1948/1974b). Nessa linha de raciocínio, considerando, como afirmou Freud, o comportamento sexual como protótipo das demais reações do sujeito, a forte repressão da sexualidade imposta pelo arsenal normativo vigente abriria portas

para a aceitação das demais repressões. Grosso modo, esta é a assertiva que vai alimentar a produção reichiana que ficou conhecida sob o rótulo de revolução sexual.

Com base no exposto, fica fácil compreender o apreço de Reich pelo artigo *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna* (Freud, 1908/1976c). De nossa parte, num exercício de aproximação conceitual entre o texto em foco e a abordagem reichiana, merecem destaque as seguintes linhas que enredam o trabalho freudiano: a) constitui uma contribuição de perspectiva preventiva para a área da saúde pública; b) na análise dos fenômenos, prioriza o ponto de vista econômico; c) indica a possibilidade do desencadeamento da neurose a partir da estase da libido; d) aponta para os limites da sublimação; e) enfatiza a importância da satisfação sexual genital; f) alerta para os prejuízos (individuais e sociais) decorrentes de uma formação exageradamente cerceadora no campo da sexualidade.

Ainda neste exercício de comparação conceitual, mas agora no campo das dissonâncias, não devemos encerrar esta incursão sem antes apontar que o artigo freudiano *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna* carrega uma tese que, além de não ser incorporada à orientação reichiana, vai ser duramente combatida pelo discípulo. Estamos nos referindo ao entendimento de que há um antagonismo entre a civilização e o livre desenvolvimento da sexualidade. Como já sinalizamos neste estudo, enquanto o psicanalista vienense não vislumbrava a possibilidade de uma relação harmoniosa entre sexualidade e cultura, Reich, tanto em sua obra, como nos seus projetos de intervenção social, caminhou para a compreensão de que a relação entre natureza e cultura não seria necessariamente marcada pelo conflito.

A nosso ver, Freud, de forma coerente com sua orientação de base, no artigo em tela, chama a atenção para o *exagero* da moral sexual de então, trata-se, portanto, de um apontamento crítico apenas no que diz respeito à *dosagem*. Em outras palavras, a reforma pedida pelo psicanalista e cidadão vienense dizia respeito ao excesso do cerceamento da sexualidade - fator que estaria levando ao aumento da incidência de doença nervosa -, mas Freud está centrado na tese do conflito inevitável e, diferentemente de Reich, não professa qualquer esperança numa suposta ausência da repressão da sexualidade. Assim sendo, mesmo no trabalho freudiano indicado por Reich como um exemplo de “crítica cultural sexual-revolucionária” (Reich, 1936/1981a, p. 43), se mostra presente o postulado freudiano de que o cerceamento da sexualidade constitui o preço pago pela civilização para a sua construção (Freud, 1930/2010o).

Caminhando para a conclusão desta jornada pelo artigo *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna* arriscaríamos dizer que, se atentarmos para as transformações ocorridas na teorização freudiana nas três décadas posteriores à publicação desse trabalho de 1908, é possível notar que boa parte da orientação que compõe o referido texto encontrou guarida e desenvolvimento mais em terreno reichiano do que no próprio campo do seu criador. Fazemos essa afirmação tendo em mente o fato de que, na sequência de sua obra, Freud pouco priorizou o ponto de vista econômico e, além disso, com a introdução da noção de pulsão de morte, efetuou uma profunda reelaboração conceitual em sua abordagem. Vejamos, a seguir, algumas observações sobre esses dois temas (pouca relevância atribuída ao ponto de vista econômico e reestruturação teórica associada à formulação da noção de pulsão de morte) no pensamento de Freud.

Sobre a pouca importância conferida aos aspectos quantitativos, Freud, em 1937, no artigo *Análise terminável e interminável*, registrou a seguinte auto avaliação crítica: “nossos conceitos teóricos negligenciaram dar à linha *econômica* de abordagem a mesma importância que concederam às linhas *dinâmica* e *topográfica*. Minha desculpa, portanto, é a de que estou chamando a atenção para essa negligência” (1937/1975, p. 258-259, *itálicos originais*). Interessante, porém o fato do criador da psicanálise assumir a existência de certo descuido em relação à determinada perspectiva de análise dos fenômenos, no caso, a econômica, e afirmar isso em um de seus últimos trabalhos, obviamente pouco efeito produz no referencial teórico psicanalítico já sedimentado.

Com relação à profunda reformulação conceitual que a introdução da noção de pulsão de morte<sup>15</sup> acarretou no pensamento freudiano, o psicanalista Renato Mezan defendeu a posição de que a “pulsão de morte é um elemento tão radicalmente novo, e transtorna a rede da psicanálise de maneira tão profunda, que cremos necessário tomá-la como ponto de partida de uma fase diferente” (Mezan, 1991, p. 252). Vale observar que Reich, a partir dos últimos anos da década de 1920, colocou-se como um crítico contumaz da produção freudiana associada à noção da pulsão de morte (Reich, 1930/1981a; 1933/1995j; 1942/1978c).

---

<sup>15</sup> De acordo com Laplanche & Pontalis (1983): “No quadro da última teoria freudiana das pulsões, designa uma categoria fundamental de pulsões que se contrapõe às pulsões de vida e que tendem para a redução completa das tensões, isto é, tendem a reduzir o ser vivo ao estado anorgânico. Voltadas inicialmente para o interior e tendentes à autodestruição, as pulsões de morte seriam secundariamente dirigidas para o exterior, manifestando-se então sob a forma da pulsão agressiva ou destrutiva” (p. 528).

Também voltado para o estudo do acervo conceitual psicanalítico, Joel Birman (2010), ao investigar a relação entre a abordagem freudiana e o campo da filosofia política, identificou a presença de um deslocamento do enfoque freudiano de uma base marcada pelas ideias de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) para um terreno centrado no pensamento de Thomas Hobbes (1588-1679). De acordo com o autor, essa mudança teria se iniciado com o ensaio elaborado no contexto da Primeira Guerra Mundial *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* (Freud, 1915/2010i). Nesse escrito, além de discutir o tema da morte, Freud sustenta que a guerra constitui uma oportunidade para a satisfação de instintos humanos usualmente refreados. Para o psicanalista, a violência, presente na guerra, revelaria parte do universo instintivo do homem e não admitir essa dura verdade seria uma forma de ilusão (Freud, 1915/2010i).

Ainda no referido artigo, Birman (2010) indica que o modelo inicial freudiano, associado ao pensamento de Rousseau e centrado na noção de repressão da sexualidade, teria influenciado a tradição freudo-marxista alemã. Como exemplos de autores vinculados a essa tradição e pautados pela orientação inicial freudiana, o psicanalista brasileiro menciona o filósofo Herbert Marcuse (1898-1979) e Reich. No caso de Reich, ele cita os livros *Psicologia de massa do fascismo* (1933/1974a) e *Escuta, Zé Ninguém* (1948/1974b) e observa: “Reich nos falou da constituição da psicologia de massas do fascismo em decorrência do esvaziamento da potência erótica do indivíduo, colocando em evidência a figura de uma subjetividade pobre, homogênea e sem rosto diferenciado” (Birman, 2010, p. 545). No que se refere ao embasamento filosófico da abordagem reichiana, em concordância como o apontado pelo psicanalista brasileiro, consideramos que a produção de Reich incorporou ecos do pensamento de

Rousseau. Mais especificamente, tal como o filósofo genebrino, Reich tendeu a atribuir as dificuldades humanas a circunstâncias sociais e, com sua obra, ajudou a construir uma visão positiva da natureza (Albertini, 1997, 2003; Barreto, 2000, 2007).

Com base nas observações registradas neste estudo a respeito do artigo de Freud *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna* (Freud, 1908/1976c), é possível afirmar que determinadas formulações conceituais presentes no modelo teórico inicial freudiano foram, de alguma forma, incorporadas à abordagem construída por Reich. Não se trata, porém, de uma aproximação teórica sem tensão, pois há, entre o enfoque mais inicial desenvolvido por Freud e o sistema elaborado por Reich, diferenças que não podem ser desprezadas. Já no que diz respeito ao caminho assumido por Freud na sequência de sua obra, alguns pontos norteadores contribuíram para ampliar o distanciamento em relação à abordagem reichiana, em especial, a reduzida participação do ponto de vista econômico na leitura dos fenômenos psíquicos e a reformulação conceitual acarretada pela introdução da noção de pulsão de morte (Freud, 1920/2010m). Contudo, a bem do respeito à complexidade dos fatos, mesmo no arranjo teórico freudiano engendrado, aproximadamente, a partir de 1920, é possível identificar a presença de material muito valorizado por Reich, estamos nos referindo, sobretudo, à produção que ficou conhecida como segunda tópica, o modelo de personalidade centrado nas noções de Eu, Super-eu e Id (Freud, 1923/2011a). Como veremos no outro ensaio desta tese, a *Análise do Caráter*, a proposta de técnica psicanalítica elaborada por Reich, foi desenvolvida assentada nesse modelo da estrutura e dinâmica da personalidade formulado por Freud.

Continuando nossa exposição a respeito de Reich na psicanálise, nos anos finais da década de 1920, mais acentuadamente a partir de 1927, ele deslocou suas ações, de forma prioritária, para o campo social. Vejamos, no próximo tópico, esse amplo movimento do psicanalista.

#### 1.2.5 Psicanálise na cena social

De acordo com o levantado por Ilse O. Reich (I. Reich, 1978), por volta do início de 1927 o relacionamento entre Reich e Freud passava por grave crise. Segundo o depoimento da primeira esposa de Reich, a psicanalista Annie Pink, o abalo entre discípulo e mestre ocorreu pelo fato do segundo ter recusado um pedido do primeiro para analisá-lo<sup>16</sup>. No entendimento de Annie Pink, como efeito da resposta de Freud, uma figura que, na visão da psicanalista, ocupava o lugar de pai substituto de Reich, o discípulo entrou em séria depressão. Aproximadamente naquele tempo, Reich contraiu tuberculose<sup>17</sup> e para tratá-la passou alguns meses num sanatório em Davos, na Suíça, voltando à Viena no verão de 1927. Ilse O. Reich afirma não saber dizer se os dois eventos, depressão e tuberculose, estariam ou não conectados de forma psicossomática (I. Reich, 1978). Em Davos, embora em estado de convalescença, Reich manteve-se informado a respeito das atividades que estavam sendo desenvolvidas nas entidades que atuava em Viena, o Seminário de Técnica e o *Ambulatorium*, e

---

<sup>16</sup> Reich fez análises parciais com Isidor Sadger (1867-1942), Paul Federn (1871-1950) e Sándor Rado (1890-1972). Ao que parece, nunca chegou a efetuar um processo analítico que pudesse ser considerado mais completo. Sobre o assunto, ver Silva (2009).

<sup>17</sup> O pai, em 1914, e o irmão de Reich, em 1926, morreram em função dessa doença.

continuou trabalhando nos originais do livro *Die funktion des orgasmus*, chegando a concluir essa obra na cidade Suíça.

Cuidando da saúde em Davos, Reich recebeu uma carta de Freud, a sexta na ordenação efetuada por Danto (2011) - a pesquisadora norte-americana não informa o dia e o mês da missiva, apenas o ano, 1927, mas, ao que tudo indica, ela é dos primeiros meses daquele ano, época da internação de Reich. De acordo com Danto (2011), Freud, na referida carta, deixa claro que estava ciente do estado de saúde de Reich: “Estou bem informado quanto às suas circunstâncias” (p. 162). Sobre uma possível atividade profissional clínica de Reich na Suíça, algo desejado pelo jovem analista, Freud manifesta a expectativa de que os psicanalistas suíços Oskar Pfister (1873-1956) e Emil Oberholzer (1883-1958) encaminhassem pacientes para ele. Apesar dessa esperança e sugestão de nomes, Freud, de outra parte, pondera que talvez o trabalho de atendimento de pacientes não pudesse ser realizado “[pois a] proibição da prática [profissional da psicanálise] para cidadãos não suíços parece-me, de fato, um grande obstáculo” (p. 162). Ao final da correspondência, o líder psicanalista escreve: “Mantenha-me informado e eu me lembrarei do senhor” (Danto, 2011, p. 162).

Em relação a essa sexta missiva freudiana, registraremos algumas observações e conjecturas. Com base nos trechos revelados pela pesquisadora norte-americana, supomos que se trata de uma carta em resposta a uma anterior de Reich, dentre outros aspectos, o final da correspondência sugere essa interpretação (“Mantenha-me informado e eu me lembrarei do senhor”). Nessa linha de entendimento, imaginamos que Reich, em carta escrita de Davos, tenha, além de outros possíveis conteúdos, participado a Freud seu estado de

saúde e mencionado sua intenção de, enquanto procurava se recuperar, trabalhar atendendo pacientes. Quanto a esse último ponto, não deixa de chamar a atenção o fato de que um psicanalista em recuperação, internado em sanatório para cuidar de uma enfermidade nada banal, sobretudo nas décadas iniciais do século XX, a tuberculose, estivesse desenvolvendo ações para, no período de convalescência, trabalhar como analista. Também não fica claro o local em que esses atendimentos seriam efetuados. Em todo caso, já sabemos que Reich não permaneceu ocioso durante os meses que passou em Davos, pois continuou elaborando o livro *Die funktion des orgasmus* (I. Reich, 1978). Na ausência de maiores informações podemos, pelo menos, atentar para a postura voltada para o trabalho que permeou a estada de Reich no sanatório de Davos. Vale pontuar que essa dedicação ao trabalho caracterizou a vida de Reich como um todo, orientação largamente identificada tanto por pessoas que conviveram com ele, como pelos seus principais biógrafos e comentadores (Boadella, 1985; Dadoun, 1991; Sharaf, 1994). Sobre o assunto, Ilse O. Reich afirma: “Todo mundo tinha que trabalhar para se sustentar. O parasitismo burguês era desprezível para ele” (I. Reich, 1978, p. 38). Cabe ainda lembrar que boa parte das publicações do autor é precedida pela epígrafe: “Amor, trabalho e conhecimento são as fontes da nossa vida. Devem também governá-la”.

Quanto ao depoimento de Annie Pink à Ilse Ollendorff - em síntese, Reich teria entrado numa depressão em função da recusa de Freud em analisá-lo -, o conteúdo da carta de Freud revelado por Danto (2011) não indica qualquer pista sobre o delicado assunto, pelo menos em termos manifestos. Na referida missiva, o tom freudiano é marcado por uma, digamos, proximidade calculada, na verdade esse tom dá continuidade ao já existente na carta anterior, a de

nove de julho de 1926, na qual o mestre psicanalista teceu alguns poucos comentários (em geral críticos e a respeito de aspectos formais) sobre os originais do livro *Die funktion des orgasmus* e evitou abrir uma discussão conceitual com o discípulo. No que se refere ao estado emocional de Reich, a consagração ao trabalho parece ter dissipado qualquer sinal, pelo menos aparente, de depressão. Cumpre ainda ponderar que, se a nossa suposição estiver correta, a de que a carta de Freud seria uma resposta a uma anterior enviada por Reich desde Davos, parece que o discípulo, ainda que afetado pela recusa do mestre em analisá-lo, efetuou um movimento no sentido de manter viva a sua relação com o criador da psicanálise.

Na trajetória reichiana, também por volta de 1927, o caminho em direção à prevenção da doença mental se apresentava como uma possibilidade a ser considerada. Naquela época, para o psicanalista preocupado com a questão social, já estava claro o estreito alcance do trabalho efetuado no *Ambulatorium* - local onde a procura por ajuda era enorme e, pelo menos no campo da clínica psicanalítica, as formas de atendimento não se mostravam suficientes para dar conta da forte demanda. Sobre o assunto, em 1942, comentando os limites das ações desenvolvidas, ele observou: “Uma coisa se tornou logo clara: *a psicanálise não é uma terapia para aplicação em massa*. A ideia de prevenir neuroses não existia - e ninguém saberia o que dizer a respeito” (Reich, 1942/1978c, p. 72/73, itálicos originais). Esse investimento em prevenção, que envolveu o engajamento na luta por transformações sociais, será desencadeado por um trágico evento ocorrido em Viena no dia 15 de julho de 1927.

Segundo o registrado no capítulo *A practical course in marxist sociology (Vienna, July 15 and 16, 1927)* [Curso prático de sociologia marxista (Viena, 15 e 16 de julho de 1927)], que integra o livro *Pessoas em dificuldade* (Reich, 1953/1976b), em 15 de julho de 1927, pela manhã, ao ser informado por um paciente que um sério conflito entre grevistas e policiais estava ocorrendo na cidade, Reich interrompeu a sessão de análise e dirigiu-se para o local dos protestos. Dado esse movimento, literal, em direção à cena social, ele acabou presenciando, dentre outros quadros dramáticos, policiais atirando em trabalhadores grevistas desarmados. Num misto de memória e reflexão sobre o evento, Reich afirmou que os policiais agiam como autômatos, sem razão ou julgamento, apenas como máquinas insensíveis, e recordou a semelhança com a sua própria atitude na I Guerra Mundial. Em sua clara e incisiva apreciação: “Eu fora parte de apenas uma tal máquina durante a guerra [Primeira Guerra Mundial] e havia feito fogo assim cegamente, sem pensar. ‘Lacaios da burguesia?’ ‘Carrascos pagos?’ Errado! Meramente máquinas!” (1953/1976b, p. 27, aspas originais).

Sobre o fato dos manifestantes terem sido massacrados, a ponderação de Reich girou ao redor do tema da não reação, pois, numericamente superiores, os trabalhadores estranhamente não se defenderam por meio de alguma ação contra seus agressores. Também em *Pessoas em dificuldade*, o psicanalista narra que no próprio dia 15 de julho, tocado pela experiência vivida e em busca de uma aproximação concreta com aquele universo político-social, ele vinculou-se à área médica da Assistência aos Trabalhadores, uma organização afiliada ao Partido Comunista Austríaco (Reich, 1953/1976b).

Afinada a essa aproximação do Partido Comunista Austríaco, Reich (1953/1976b) relata que no verão de 1927, enquanto passava férias com a família em Lans, vilarejo situado perto da cidade austríaca de Innsbruck, estudou *O capital*, de Karl Marx (1818-1883)<sup>18</sup>. Imerso nesse novo campo de ideias, ele registra ter considerado extremamente interessante a abordagem da família elaborada por Friedrich Engels (1820-1895) em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (Engels, 1884/1979). Cabe assinalar que essa obra de Engels vai ser utilizada por Reich, de forma articulada com o trabalho *A vida sexual dos selvagens* (Malinowski, 1929/1983), do antropólogo polonês Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942), no livro *Irrupção da moral sexual repressiva*, publicado em 1932 (Reich, 1932/n. d.b).

Discorrendo sobre o marco que o dia 15 de julho de 1927 representou para os rumos tomados por Reich, Myron Sharaf observa: “Antes de 15 de julho, Reich era um homem da esquerda política, embora ele ainda não tivesse estudado cuidadosamente a teoria social, ou o Marxismo em particular. A sua intensa análise de Marx e Engels veio após esses eventos” (Sharaf, 1994, p. 124). Na entrevista dada ao psicanalista Kurt Eissler, outras importantes revelações de Reich associadas àquele dia vieram à baila, inclusive algumas relacionadas a Freud. Vejamos.

---

<sup>18</sup> Supomos que essa viagem com a família tenha ocorrido depois de 15 de julho, possivelmente a partir do dia 19 do mesmo mês. Essa hipótese está baseada na informação presente em Danto (2011) de que Reich viajaria no dia 19 de julho (a pesquisadora conjectura que para Berlim). Essa questão temporal é importante pelo fato dela indicar a época em que ele estudou *O capital*. Se estivermos corretos, Reich só passou a investigar a obra de Marx após os eventos de 15 de julho.

Foi isso [o massacre de 15 de julho de 1927] que me deu o empurrão. Freud estava em Semmering, perto de Viena, nessa altura, e tenho uma carta dele em que pergunta se o mundo continuará a girar depois daquilo. Pouco tempo depois, fui ter com ele e disse-lhe que queria começar a trabalhar numa base social. Queria afastar-me das clínicas, do tratamento individual, e entrar na cena social. Freud foi muito favorável. Ele via toda a questão social. É completamente absurdo quando, atualmente, as escolas de psiquiatria de Washington e [Karen] Horney dizem que Freud se recusou a considerar a sociologia (Higgins & Raphael, 1979, p. 80/81).

Sobre a carta de Freud mencionada por Reich, o trabalho de Danto (2011) ajuda a iluminar o conteúdo e o contexto dessa missiva. A correspondência freudiana - a sétima na sequência organizada pela pesquisadora -, é de 15 de julho de 1927<sup>19</sup> (o mesmo dia do trágico evento ocorrido em Viena) e foi escrita em atenção a um pedido de Reich, imaginamos que também formulado por carta, para marcar uma reunião com ele. A resposta de Freud à solicitação do discípulo foi positiva. Sobre a data dessa reunião, o mestre ponderou que, devido à “incerteza dos dias que se seguiriam”, seria melhor deixar essa atividade para setembro, isso “se o mundo ainda existir até lá” (Danto, 2011, p. 163). Além do clima social instável, pode ter concorrido para esse encontro ter sido lançado por Freud só para o mês de setembro, portanto cerca de um mês e meio depois da sua resposta afirmativa, o fato de Reich ter uma viagem de férias agendada para o dia 19 de julho, segundo já presumimos,

---

<sup>19</sup> A data dessa carta de Freud, 15 de julho de 1927, além de indicada por Danto (2011), é também apontada, em uma nota de rodapé, em Higgins e Raphael (1979).

para Lans. Para a reunião com Freud, Reich pretendia expor ao líder psicanalista a sua intenção de diminuir a intensa e desgastante atividade que vinha desenvolvendo no *Ambulatorium*, uma ação de base curativa individual, e passar a investir em um trabalho de orientação preventiva social (Danto, 2011).

Como exposto, em meados de 1927, Reich buscava deslocar o centro de suas atividades para o front social. Enquanto isso, no âmbito interno da Sociedade Psicanalítica de Viena, fortes resistências a ele ameaçavam a continuidade de seu trabalho no Seminário de Técnica. Na visão de Reich, possivelmente expressa em carta a Freud, seus inimigos dentro do movimento psicanalítico faziam restrições às suas inovações técnicas, leia-se a Análise do Caráter, e, por meio de críticas maledicentes, almejavam, na verdade, retirá-lo do cargo de diretor do Seminário de Técnica. É a resposta a esse entendimento de Reich que vai enredar a oitava carta do mestre para o discípulo, datada no trabalho de Danto (2011) apenas pelo ano, 1927, mas, com o auxílio da entrevista de 1952, ficamos sabendo que é de 27 de julho de 1927 (Higgins & Raphael, 1979).

Na referida missiva, Freud, na posição de líder do movimento psicanalítico - um lugar que pedia isenção e um olhar amplo sobre os embates, pessoais e teóricos, que se davam entre os integrantes desse movimento -, lê o conflito vivido por Reich com outros membros da psicanálise como algo natural, um tipo de ocorrência que faz parte da existência em grupo, e emprega uma analogia com a vida em família para expor essa concepção. Segue um fragmento, revelado por Danto (2011), em que ele professa essa compreensão: “mas não é preciso exagerar tais emoções: o conflito interno [no grupo psicanalítico] é como o de uma espécie de família - e suas emoções exacerbadas -, mas isso não

impede a ajuda em emergências e o reconhecimento em realizações importantes” (p. 163). Além dessa observação de caráter mais geral, o mestre psicanalista também procura tranquilizar o discípulo: “Acho que o senhor pode relaxar” (p. 163). Ainda nessa correspondência, ele expressa que a pesquisa psicanalítica de Reich, apesar da crítica de pares, deveria continuar sem restrições. Por fim, num rasgado elogio a Reich, Freud afirma que no que diz respeito ao ensino da psicanálise “ninguém em Viena pode fazê-lo melhor” (p. 163). Sem dúvida, nessa carta de 27 de julho de 1927, o criador da psicanálise manifesta claro apoio ao jovem psicanalista que, devido à crítica de pares, temia perder o cargo de diretor do Seminário de Técnica.

Na entrevista dada por Reich em 1952 (Higgins & Raphael, 1972), vale notar uma passagem em que ele possivelmente se refira a essa missiva freudiana. Nas palavras do entrevistado: “Numa carta, Freud expressou a sua garantia de que não importa o que as pessoas diziam sobre mim, ele iria me proteger. Eu não sei se você [Kurt Eissler] se lembra<sup>20</sup>. Isso foi ao redor de 1928, mais ou menos” (p. 9). Essa forte afirmação de Reich é acompanhada por uma nota de rodapé em que os organizadores do livro, Higgins e Raphael, procuram fornecer mais dados para o leitor.

Numa carta com data de 27 de julho de 1927, Freud assegurou a Reich que embora sabendo das divergências pessoais e hostilidades na organização psicanalítica, elas

---

<sup>20</sup> Com a frase “Eu não sei se você se lembra”, ao que parece, Reich estaria procurando suscitar no vienense Kurt Eissler (1908-1999) a memória daqueles tempos em Viena. Algo, porém, pouco fadado ao sucesso, pois o entrevistador, em 1927, contava com 19 anos e ainda não fazia parte do círculo psicanalítico. De outra parte, Reich poderia ter buscado acessar o conhecimento de Eissler como historiador da psicanálise.

não poderiam influenciar o seu grande apreço pela competência de Reich que, acrescentou, era compartilhada por muitos outros (Higgins & Raphael, 1979, p. 24).

Por fim, em relação à carta freudiana de 27 de julho de 1927, apesar de algumas diferenças quanto ao conteúdo revelado pelas duas fontes aqui utilizadas - Danto (2011) e Higgins e Raphael (1979) -, cabe registrar que ambas apontam para o mesmo sentido básico: a existência de críticas a Reich no movimento psicanalítico e o apoio de Freud ao jovem discípulo.

Sobre a reunião com Freud agendada para setembro de 1927 (mês aprazado na carta de Freud de 15 de julho de 1927), Reich, sem mencionar a data efetiva em que ela se deu, nem o seu local, expõe o conteúdo desse encontro em *Pessoas em Dificuldade* (Reich, 1953/1976b). Logo de início, o autor registra que tomou a decisão de “começar o trabalho sociológico em seguida a uma conversa com Freud” (p. 74), afirmação que sinaliza para a relevância do que será relatado. Segundo Reich, na referida reunião, ele explicou seu plano de abrir centros de aconselhamento sexual em Viena e, com isso, levar o esclarecimento psicanalítico para o público em geral, proposta a que Freud teria concordado “entusiasticamente” (p. 74). Interessante notar que Reich, depois de citar essa opinião plenamente favorável do líder psicanalista, introduz, na posição de condutor da narrativa, o seguinte comentário: “Ele sabia tão pouco quanto eu aonde isto nos conduziria” (p. 74). Já em relação à indicação do jovem psicanalista de que ele necessariamente teria que abordar, com rigor, o problema da família, o mestre teria alertado: “*Hier greifen Sie in ein Wespennest*” [aproximadamente, Aqui você vai mexer em vespeiro] (p. 74, aspas e itálicos originais). Ainda de acordo com relato de Reich, Freud teria

perguntado se ele seria capaz de dar conta de tudo o que pretendia levar a cabo, ou seja, além do Seminário de Técnica, do *Ambulatorium* e do consultório particular, haveria, no horizonte próximo, os centros de aconselhamento. O jovem atarefado, concordando com o sentido da indagação, teria manifestado que seria necessário esperar para ver (Reich, 1953/1976b).

Em meio à exposição da sua reunião com Freud, Reich (1953/1976b) insere, ainda que sem aprofundar, dois novos assuntos: o impacto provocado no campo psicanalítico pelas pesquisas realizadas na área da antropologia nos anos finais da década de 1920, em especial os trabalhos de Malinowski sobre a organização social, a estrutura da família e os costumes sexuais de nativos das ilhas Trobriand, arquipélago situado em Papua-Nova Guiné, na Oceania, e a visão de Freud a respeito da revolução em curso na União Soviética. Sobre o primeiro, ele cita a contenda científica entre Ernest Jones e Malinowski a respeito do complexo de Édipo, tendo o antropólogo polonês questionado a dimensão universal desse complexo. Em relação ao segundo, Reich indica que a atitude de Freud sobre “o ‘experimento Russo’ era crítica, mas simpática” (1953/1976b, p. 74, aspas originais) e conta que, em uma conversa, o líder psicanalista teria mencionado que era tangível que “‘a luz viesse do Leste [europeu]’” (1953/1976b, p. 74, aspas originais). Em outro livro, *A função do orgasmo* (Reich, 1942/1978c), consta a informação de que, em 1926, numa conversa particular, Freud “expressou a esperança de que a ‘experiência’ da revolução russa fosse bem sucedida” (1942/1978c, p. 185, aspas originais). Dando sequência ao informado, Reich complementa: “Ninguém tinha, então, qualquer suspeita de que a tentativa de Lênin de estabelecer a democracia social

terminaria tão desastrosamente” (1942/1978c, p. 185)<sup>21</sup>. Note-se que o autor não aponta para um possível erro de avaliação de Freud, mas sim para a danosa mudança de rumo tomada pela revolução soviética. Com essas duas inclusões temáticas - relacionadas, grosso modo, à família como instituição social e ao socialismo como forma de organização política -, Reich procura retratar de maneira mais ampla o cenário psicanalítico e político social presente, na realidade, o alargado cenário em que ele se movia. Compete antecipar que, nos próximos anos ao dessa reunião com Freud, as suas posições a respeito desses dois assuntos constituirão focos de tensão entre ele e o domínio psicanalítico. Em termos mais específicos, esse psicanalista interessado em transformações sociais apontará suas baterias para o nefasto papel desempenhado pela estrutura familiar de então e irá considerar o socialismo como uma forma de organização social superior ao capitalismo.

No que diz às investigações de Malinowski, Reich apreciou de maneira positiva os novos olhares que os trabalhos desse antropólogo estavam lançando sobre temas que o interessavam muito, em especial, os padrões culturais de comportamento sexual<sup>22</sup>. Vale explicitar que esses dois cientistas provenientes de distintos campos do conhecimento, mas afinados intelectualmente em espaços de confluência desses territórios, estabeleceram um amistoso relacionamento pessoal, iniciado em 1933 e que perdurou até 1942, ano da

---

<sup>21</sup> Sobre a visão positiva de Reich a respeito da orientação política de Vladimir Ilitch Ulianov (1870-1924), conhecido como Lênin, consultar Oliveira (2014).

<sup>22</sup> Como já citado neste estudo, em 1932 Reich publicou o livro *Irrupção da moral sexual repressiva*, escrito, em boa parte, alicerçado em achados de investigações realizadas por Malinowski (Reich, 1932/n. d.b).

morte de Malinowski. De acordo com Sharaf (1994), o primeiro contato pessoal entre eles se deu em dezembro de 1933, quando o analista visitou o antropólogo em Londres (antes eles haviam se comunicado por meio de cartas em função do livro *Irrupção da moral sexual repressiva*) e que, naquele tempo, Malinowski era um dos poucos acadêmicos (docente da Universidade de Londres) utilizado por Reich como referência importante em seus escritos.

No acervo de documentos do livro *Reich fala de Freud* consta um conjunto de cartas trocadas por esses dois pensadores (três do antropólogo e duas do analista). Não se trata de um material voltado para a discussão de aspectos conceituais de suas obras, mas de escritos em que Malinowski, da sua posição de antropólogo e acadêmico respeitado, procura interferir a favor de Reich (para falar o mínimo, um pesquisador pouco ortodoxo e com uma postura de orientação revolucionária na área da sexualidade) em situações em que este corria risco de algum impedimento de ordem legal. Reich, em suas duas missivas, basicamente agradece e faz algum comentário sobre o problema enfrentado. Essa série de correspondências é iniciada pela exposição de uma declaração formal e pública do antropólogo, de 12 de março de 1938, redigida pelo fato de que, no período, Reich estava sofrendo uma campanha de difamação na Noruega. No referido texto, em determinado trecho, Malinowski manifesta: “ele [Reich] me impressionou como um pensador original e profundo, uma personalidade genuína, e um homem de caráter aberto e corajosos pontos de vista. Considero o seu trabalho sociológico como uma distinta e valiosa contribuição para a ciência” (Higgins & Raphael, 1972, p. 219).

Quanto à visão de Freud a respeito do “experimento Russo” (1953/1976b, p. 74), que seria, segundo Reich, “crítica, mas simpática” (p. 74),

um breve levantamento em trabalhos do criador da psicanálise só nos levou ao primeiro dos termos utilizados por Reich. Essa perspectiva crítica aparece, com todas as letras, em *O mal-estar na civilização* (Freud, 1930/2010o), um material de 1930, cerca de três anos após a reunião entre Reich e Freud. Nesse amplo ensaio, Freud, no capítulo cinco, dedicado ao tema da agressividade humana, depois de tecer uma série de considerações a respeito do comunismo, basicamente apontando o caráter ilusório dos pressupostos psicológicos dessa orientação política, afirma de maneira conclusiva: “podemos entender que a tentativa de instaurar na Rússia uma nova civilização comunista encontre seu apoio psicológico na perseguição à burguesia. Só nos perguntamos, preocupados, o que farão os soviets após liquidarem seus burgueses” (1930/2010o, p. 82). Em 1933, essa linha de apreciação crítica ganha novos argumentos. Na Conferência 31, *A dissecação da personalidade psíquica* (Freud, 1933/1910p), ao chamar a atenção para o importante papel desempenhado pela tradição na vida dos homens, o psicanalista observa: “Provavelmente as concepções históricas chamadas de materialistas pecam por subestimar esse fator. Elas o põem de lado com a observação de que as ‘ideologias’ dos homens nada mais são que produto e superestrutura de suas relações econômicas atuais” (p. 206). E acrescenta: “Isso é verdade, mas muito provavelmente não é toda a verdade. A humanidade nunca vive inteiramente no presente; o passado, a tradição da raça e do povo prossegue vivendo nas ideologias do Super-eu [...] independentemente das condições econômicas” (p. 206). Já na Conferência 35, *Acerca de uma visão de mundo* (1933/2010r), Freud registra o seu mais longo exame opinativo a respeito do marxismo e da Revolução Soviética. Neste, objeções anteriormente formuladas, associadas às noções de pulsão de morte e Superego, são retomadas

e ampliadas. Em linhas gerais, nessa Conferência, a redação freudiana se sustenta sobre dois pilares: o arranjo ilusório da orientação comunista e “as dificuldades que o caráter indômito da natureza humana cria para todo tipo de comunidade social” (p. 353). Na realidade, pode-se supor que, na visão do autor, esses dois pilares estão interligados: a falta de percepção do “caráter indômito da natureza humana” embalaria o sonho comunista (Freud, 1933/2010r). Ainda sobre o assunto, E. Jones (1989) expõe que R. L. Worrall, um autor britânico de orientação trotskista, em uma carta a Freud, teceu críticas ao psicanalista pelo fato deste ter deixado implícito em seus trabalhos que o marxismo atribuía as mudanças sociais apenas a fatores econômicos, sem consideração pelos psicológicos. Em sua carta-resposta, datada de dez de setembro de 1937, Freud assume que seus comentários sobre o marxismo foram feitos sem uma completa compreensão dos escritos de Marx e Engels<sup>23</sup>; além disso ele chega a admitir, a partir de novas informações recebidas, aparentemente por meio da própria carta de Worrall, um movimento de reformulação da sua posição anterior, qual seja, a que indicava a existência de uma oposição entre a psicanálise e o marxismo. Nas palavras de Freud reveladas por Jones (1989):

Sei que meus comentários sobre o marxismo não constituem prova nem de um completo conhecimento nem de uma correta compreensão dos textos de Marx e Engels. Desde

---

<sup>23</sup> O pesquisador brasileiro Leomir Cardoso Hilário, no artigo *A sombra marxiana em Freud, ou o descompasso constitutivo de um encontro*, defende a ideia de que a visão de Freud a respeito do marxismo foi constituída, sobretudo, em função do contato que Freud teve com os analistas comunistas, Reich e Adler. Um trabalho original, com uma tese difícil de ser comprovada a respeito de um assunto bastante complexo (Hilário, 2014).

então fiquei sabendo - para minha satisfação - que nenhum deles negou a influência de ideias e de fatores do superego. Isso invalida a principal oposição entre o marxismo e a psicanálise, que eu julgava existir. Quanto à ‘dialética’, não tenho mais clareza, mesmo depois de sua carta (p. 341, aspas originais).

Como se pode notar, no centro da discussão, pelo menos no fragmento exposto por Jones (1989), o tema da influência do passado no presente, em termos psicanalíticos, a questão do superego. Sem dúvida, um aceno freudiano de mudança de posição em relação ao marxismo, entretanto um gesto registrado numa amistosa carta pessoal e não em um trabalho publicado.

Identificados e esclarecidos os pontos temáticos que pautaram a reunião entre Reich e Freud ocorrida, possivelmente, em setembro de 1927, falta assinalar o quê, a nosso ver, constitui o traço fundamental que perpassa a narrativa desse evento: a busca efetuada pelo discípulo da aprovação de seu mestre. Em uma formulação mais completa, o jovem analista, que, no período, enfrentava sérios problemas com alguns de seus pares do movimento psicanalítico, antes de voltar o centro de suas ações para o terreno social, com isso, não mais limitando suas atividades ao usual campo da clínica psicanalítica, foi buscar a bênção do pai da psicanálise. Este, como ponderou Reich, apesar de saber “tão pouco quanto eu aonde isto nos conduziria” (Reich, 1953/1976b, p. 74) e de o ter alertado sobre o risco que a abordagem crítica da família acarretaria - “*Hier greifen Sie in ein Wespennest*” [aproximadamente, Aqui você vai mexer em vespeiro] (p. 74, aspas e itálicos originais) -, deu sinal verde aos intentos do discípulo. Porém, como ainda veremos neste estudo, dois anos

depois desse ameno encontro - no qual Reich apenas esboçou o rumo geral que pretendia dar ao seu trabalho -, no final de 1929, o real engajamento de Reich na luta por transformações sociais profundas, também no campo da família, não será referendado pela instituição psicanalítica liderada por Freud. Apesar do alerta recebido, o jovem psicanalista decidiu mexer no vespeiro.

No movimento de Reich em direção ao campo social, o terreno da educação constituiu um espaço que congregou boa parte das ações do autor. Como um profissional da área da saúde interessado em alcançar objetivos profiláticos, Reich investiu fortemente na esfera educacional (Albertini, 1992; Avila, 2010; Faria, 2012; Garcia, 2007, 2010; Matthiesen, 1996, 2005; Mota, 1999). Cabe alertar que o termo *educação*, nesse domínio, deve ser entendido em um sentido amplo, algo mais próximo de *criação*, uma vez que não diz respeito apenas à instrução formal, escolar, mas, principalmente, às práticas formativas realizadas no âmbito da família. Na década de 1920, mais particularmente de 1926 a 1928, o então psicanalista publicou quatro artigos na *Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik* [Revista de Pedagogia Psicanalítica]:<sup>24</sup> *Os pais como educadores - parte I: a compulsão a educar e suas causas* (Reich, 1926/1975h); *Os pais como educadores - parte II: a atitude dos pais a respeito da masturbação infantil* (Reich, 1927/2008); *Concerning*

---

<sup>24</sup> Fundada pelo psicanalista Heinrich Meng (1887-1972) e pelo pedagogo Ernst Schneider (1878-1957), em seus 11 anos de existência, de 1926 a 1937, a Revista de Pedagogia Psicanalítica publicou mais de 300 artigos. Uma lista de temas abordados nesses artigos pode ser encontrada no trabalho do psicanalista francês Jean Claude Filloux, *Psicanálise e pedagogia ou: sobre considerar o inconsciente no campo pedagógico* (Filloux, 1987/2000).

*childhood masturbation* [A respeito da masturbação infantil] (Reich, 1928/1983c); *O beco sem saída da educação sexual* (Reich, 1928/1981d).

Neste estudo, focalizaremos esses quatro trabalhos de Reich por considerarmos que eles expõem o gradativo movimento do autor em direção à cena social. Além disso, eles constituem uma relevante produção reichiana efetuada no contexto do movimento psicanalítico dos anos 1920. Tomando cuidado para não enveredar para um estudo à parte, um risco sempre presente nesta tese, assumiremos objetivos modestos, isto é, procuraremos identificar os principais temas abordados pelo jovem analista e algumas linhas norteadoras de sua reflexão. Em acréscimo, levando em conta que Reich adentrou num domínio já demarcado por uma produção psicanalítica voltada para a área da educação, entendemos como necessário apresentar algum esboço do quadro de ideias então existente. Com este intuito, optamos por circunscrever uma parcela das elaborações de dois autores que, no movimento psicanalítico, ocuparam o lugar de referências fundamentais para Reich: Freud e Ferenczi. Respeitando a ordem cronológica das publicações, num primeiro momento abordaremos um artigo de Ferenczi editado em 1908. A seguir, procuraremos expor, em linhas gerais, os caminhos trilhados pela reflexão freudiana sobre psicanálise e educação, mais especificamente algumas formulações publicadas até 1928, ano da edição do último dos quatro artigos de Reich. Mapeado o terreno - com algumas ideias de Ferenczi e muitas de Freud - só então passaremos a focalizar a produção reichiana para a área educacional publicada na *Revista de Pedagogia Psicanalítica* na segunda metade da década de 1920.

No evento que ficou conhecido como Primeiro Congresso de Psicanálise, realizado em 1908 na cidade austríaca de Salzburg, Sándor Ferenczi

pronunciou a conferência *Psicanálise e Pedagogia*. Essa apresentação conteve alguns dos pontos que integraram as discussões no movimento psicanalítico sobre o tema educação nas primeiras décadas do século XX. Em síntese, de acordo com o material publicado (Ferenczi, 1908/2011b), o analista húngaro criticou a orientação dogmática e moralista da pedagogia da época. Essa direção, a seu ver, acabava por empurrar os educandos para dois resultados igualmente negativos: posturas fundadas na dissimulação de tendências egoístas e antissociais, ou a estruturação de defesas psíquicas (vinculadas ao campo das neuroses) contra essas tendências naturais. Ao que nos parece, a mensagem de Ferenczi nesse estudo inaugural é clara: faltava à pedagogia conhecimentos básicos a respeito do ser humano, uma área de investigação em que a psicanálise já havia avançado bastante. Na ausência desse saber sobre o objeto da ação educacional (a criança e o jovem), a linha pedagógica praticada, basicamente impositiva, fomentava a ocorrência de comportamentos eticamente condenáveis (em especial, os centrados na mentira) e favorecia o desenvolvimento de enfermidades psíquicas neuróticas. A título de ilustração, vejamos um trecho em que o húngaro, logo no início do artigo, registra a perspectiva defendida no trabalho como um todo: “uma educação defeituosa é não só a origem de defeitos de caráter, mas também de doenças, [...] a pedagogia atual constitui um verdadeiro caldo de cultura das mais diversas neuroses” (Ferenczi, 1908/2011b, p. 39).

No que diz respeito a Freud, apesar da educação não ter sido um tema detidamente estudado por ele, há um contínuo pensar do autor sobre o assunto, fecundo e não linear, que acabou, digamos, emitindo sinais para o território educacional, assim como também para o próprio domínio interno do movimento

psicanalítico. Buscaremos, a seguir, identificar alguns elos norteadores dessa corrente reflexiva freudiana.

Em 1913, Freud prefaciou o livro, destinado a apresentar a psicanálise para educadores, *Die psychanalytische methode* [O método psicanalítico], escrito pelo pastor protestante e educador de Zurique, Oskar Pfister (1873-1956), um dos primeiros analistas não médicos a integrar a psicanálise (Zullinger, 1981). Freud, em o *Prefácio a O método Psicanalítico, de Oskar Pfister* (1913/2010e), inicialmente circunscreveu o usual campo de ação da psicanálise (curativo de doenças psíquicas já instaladas) e depois registrou a esperança de que uma educação familiarizada com os conhecimentos da psicanálise pudesse exercer uma influência benéfica em educandos (crianças e jovens) que, sem essa forma de intervenção, tenderiam para a neurose ou para a perversão. Em outras palavras, o líder psicanalista e amigo de Oskar Pfister acenou para um possível alcance profilático de uma educação psicanaliticamente orientada. De acordo com a expectativa positiva de Freud: “ele [o educador] pode usá-la [a psicanálise] *antes* que apareçam os sinais de um desenvolvimento desfavorável. Logo, pode agir profilaticamente, com a ajuda da psicanálise, numa criança ainda sadia” (Freud, 1913/2010e, p. 342, *itálicos originais*).

Ainda em 1913, essa mesma linha de entendimento vai enredar o que Freud escreveu sobre pedagogia no artigo *O interesse da psicanálise* (Freud, 1913/2012a), um texto voltado para expor as aplicações da psicanálise não vinculadas à área da medicina. Ao abordar o domínio da pedagogia, Freud critica as ações educacionais pautadas por um rigor “inoportuno e irrefletido” (p. 362), uma postura que poderia levar a desenlaces nefastos, como a geração de doenças nervosas, ou prejuízos na capacidade de fruição e de realização das

crianças. Num entendimento que lembra e amplia o formulado por Ferenczi em *Psicanálise e Pedagogia* (Ferenczi, 1908/2011b), o líder psicanalista defende que os instintos sociais e perversos da criança não deveriam ser duramente tolhidos pelo adulto educador, mas sim percebidos como naturais e desviados para metas socialmente construtivas. Sobre esse último ponto, Freud formulou uma frase que, pela bela síntese de opostos que promove, merece ser citada: “Nossas maiores virtudes surgiram como formações reativas e sublimações, no solo das [nossas] piores inclinações” (p. 363). Na sequência, antes de remeter o leitor para os trabalhos de Oskar Pfister, o mestre psicanalista, apostando no potencial profilático da educação, afirma: “Aquilo que podemos esperar de uma profilaxia individual das neuroses depende de uma educação psicanaliticamente esclarecida (Freud, 1913/2012a, p. 363).

No ano seguinte, Freud redigiu um pequeno texto, *Sobre a psicologia do colegial* (1914/2012d), para um volume coletivo em comemoração ao 50º aniversário de fundação do colégio em que ele estudou dos 9 aos 17 anos. Com uma pitada de nostalgia, o ex-aluno se transporta para os bancos escolares e passa a recordar a relação dele, e de seus colegas, com os professores. Interessante, convidado a escrever a respeito de seu ginásio de juventude, o que ocupou espaço prioritário na elaboração freudiana foram os docentes. Registrado esse enquadre geral, cumpre expor a específica orientação assumida por Freud no material comemorativo, qual seja, ele direciona sua atenção para a forma ambivalente com que os aprendizes tendiam a enxergar e a lidar com os mestres, figuras, ao mesmo tempo, tão próximas e tão distantes. Alicerçado na noção de transferência, o autor sustenta que os alunos, na verdade, se relacionavam com os professores por meio de trilhas afetivas já estruturadas em

suas vivências infantis familiares. Após desenvolver essa leitura psicanalítica dos fatos, com certa dose de pedido de desculpas *a posteriori*, Freud afirma de maneira conclusiva: “Sem levar em conta as vivências infantis e a vida familiar, nossa conduta [em relação aos professores] seria incompreensível, mas tampouco seria desculpável” (1914/2012d, p. 422/423). De nossa parte, cabe pontuar que o escrito *Sobre a psicologia do colegial* (1914/2012d) não faz qualquer menção ao tema da profilaxia por meio da educação, assunto principal dos três artigos sobre psicanálise e educação aqui já focalizados (Ferenczi, 1908/2011b; Freud, 1913/2010e, 1913/2012a). Apesar de ser um trabalho destinado a um volume comemorativo, portanto sem um foco de elaboração conceitual, a força do artigo reside em mostrar, com muita clareza, como um instrumental psicanalítico, a noção de transferência, pode se constituir numa ferramenta valiosa para ler fenômenos humanos, no caso, os afeitos ao universo da educação escolar.

Já na década de 1920, mais especificamente em 1925, Freud deu continuidade ao seu pensar sobre o assunto psicanálise voltada para o campo da educação no escrito *Prólogo A Juventude abandonada, de August Aichhorn* (Freud, 1925/2011b). Como o título indica, o prefácio do livro *Verwahrloste jugend. Die psychoanalyse in der fürsorgeerziehung* [Juventude abandonada. A psicanálise na educação assistencial], de August Aichhorn (1878-1949), um educador, membro do movimento psicanalítico, profundamente dedicado ao trabalho com jovens delinquentes (Mohr, 1981). Na parte mais inicial do texto, o líder psicanalista observou que nenhum emprego da psicanálise fora da esfera médica despertou tanto interesse quanto o vinculado à educação de crianças. Ainda nessa abertura, ele atribuiu o sucesso do trabalho de Aichhorn à

capacidade intuitiva daquele educador em compreender as necessidades psíquicas dos jovens que apresentavam problemas com a lei; capacidade pessoal, entretanto, que não se poderia esperar de todos os educadores. Já no conteúdo mais denso do prefácio, Freud apontou para as dificuldades inerentes à prática educativa, na expressão jocosa do autor, uma das três tarefas impossíveis (governar e psicanalisar seriam as outras duas). A fim de minimizar essas dificuldades, o psicanalista sinalizou para um caminho que, pelo menos em termos potenciais, teria chance de produzir bons efeitos na educação de crianças: o educador se submeter à análise, processo que (se bem-sucedido) o levaria a se reconciliar com a sua infância, fator que o conduziria a encontrar mais facilidade em compreender a criança. Com relação ao forte interesse percebido por ele em aproximar psicanálise e educação, Freud demonstrou preocupação em delimitar, com nitidez, o campo de ação da educação e o da psicanálise. Nesse esforço de mapeamento, o analista alertou para o fato de que o trabalho realizado pela educação é algo peculiar, uma obra que a ciência psicanalítica só pode participar como recurso auxiliar, nunca como substituto do próprio ato educacional. A fim de alicerçar teoricamente essa assertiva, ele argumentou que a “possibilidade da influência analítica se baseia em premissas bem determinadas, que podem ser resumidas como ‘situação analítica’; ela requer o desenvolvimento de certas estruturas psíquicas e uma atitude especial para com o analista” (Freud, 1925/2011b, p. 349, aspas originais). Após expor essa tese, Freud acrescentou que não considerava o conhecimento teórico da psicanálise como um fator relevante para melhorar a prática educativa. Em outras palavras, o saber teórico da psicanálise por parte do educador não constitui qualquer garantia de uma ação educativa mais qualificada. Portanto,

nesse escrito curto, mas agudo, Freud assumiu novas e importantes posições no que se refere à aplicação da psicanálise no campo educacional. De certa forma, o líder psicanalista colocou em cena alguns “recados” destinados a chamar a atenção para possíveis problemas conceituais que as aproximações entre a psicanálise e a educação não deveriam mais, a seu ver, deixar de levar em conta. Em comparação a escritos anteriores do autor sobre o enlace psicanálise e educação, em particular o *Prefácio a O método Psicanalítico, de Oskar Pfister* (1913/2010e) e *O interesse da psicanálise* (1913/2012a), uma significativa mudança de rumo no que se refere à anterior esperança de que a atividade educacional com crianças, se efetuada por educadores familiarizados com as ideias psicanalíticas, pudesse alcançar efeitos profiláticos.

No percurso teórico freudiano, os anos finais da década de 1920 foram marcados pela produção de importantes trabalhos voltados para a análise da vida humana em cultura. Esse é o caso, por exemplo, de *O futuro de uma ilusão* (Freud, 1927/2014c), estudo em que o psicanalista, tendo por base a tese do desamparo humano, bem desenvolvida em *Inibição, sintoma e angústia* (Freud, 1926/2014b), discorreu sobre o fenômeno da religião. Logo no primeiro parágrafo, Freud registra que o seu propósito no texto será o de refletir, a partir de um olhar psicanalítico, a respeito do destino da cultura humana e sobre as transformações que essa cultura deverá sofrer. Temática, sem dúvida, nada simples, mas que o veterano psicanalista se mostra disposto a enfrentar. No trabalho, depois de defender a assertiva de que os sistemas religiosos são frutos de desejos humanos infantis de proteção, no capítulo nono Freud abre uma discussão sobre os efeitos educacionais dos ensinamentos religiosos. Para o autor, esses ensinamentos, postulados como sagrados, portanto não passíveis à

análise crítica, ao explicarem todos os enigmas que assolam os homens, tanto os da vida como os da morte, acabam por gerar uma atrofia da inteligência, uma acomodação perigosamente limitadora dessa faculdade humana. Ao que parece, para o psicanalista, essa ação deletéria sobre o pleno exercício do pensamento é que, na verdade, deveria ser considerada um pecado!

Sobre os silenciosos malefícios que, em longo prazo, seriam produzidos pela educação religiosa, Freud, numa resposta a um suposto interlocutor que o questiona fortemente, sugere a seguinte reflexão: “Pense no penoso contraste entre a radiante inteligência de uma criança saudável e a fraqueza de intelecto de um adulto mediano. Não será possível que justamente a educação religiosa tenha boa parte de culpa por essa relativa atrofia?” (Freud, 1927/2014c, p. 289). Ainda nesse posicionado trabalho, como o ponto nevrálgico da crítica formulada estava endereçada às ações educacionais que buscavam tolher o livre pensar, o autor, de maneira coerente, retoma um entendimento exposto cerca de 20 anos atrás no artigo *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna* (Freud, 1908/1976c). De acordo com tal entendimento, a cultura de então procurava, por meio de seus rígidos padrões morais, cercear o interesse das mulheres a respeito de questões que envolviam a vida sexual. Para o psicanalista, bloqueado esse movimento primário de curiosidade sexual, como efeito retardado, toda a curiosidade intelectual, a própria vontade de saber, acabaria por sofrer sérios danos. Portanto, na visão de Freud, tanto a dogmática educação religiosa quanto a orientação cultural marcada pela restrição à curiosidade sexual atuavam de forma a inibir o desenvolvimento das faculdades intelectuais.

Em suma, em *O futuro de uma ilusão* (1927/2014c) Freud sustenta que os sistemas religiosos seriam ilusões coletivas que dariam forma a profundos desejos humanos de proteção e busca de sentido. Para o psicanalista, tais construções manteriam os homens num estado de infantilismo psíquico, uma posição limitadora do contato com a realidade da vida. No bojo de sua análise, o autor teceu críticas tanto à educação religiosa quanto ao cerceamento da curiosidade sexual, fatores, a seu ver, limitadores do desenvolvimento da inteligência. Segundo Freud, em prol do futuro da cultura humana, os homens não poderiam abdicar do pleno exercício da razão, contudo, para isso, teriam de deixar de lado o manto protetor das explicações religiosas. Vejamos como o próprio autor, em tom conclusivo, sintetiza essa posição para o seu interlocutor.

O ser humano não pode permanecer eternamente criança, tem de finalmente sair ao encontro da ‘vida hostil’. Podemos chamar isso de ‘*educação para a realidade*’; ainda preciso lhe dizer que o único objetivo deste trabalho é chamar a atenção para a necessidade de dar esse passo? (p. 292, aspas e itálicos originais).

*Educação para a realidade*, foi assim que Freud nomeou em *O futuro de uma ilusão* (1927/2014c) a perspectiva que, a seu ver, a educação deveria se pautar. Para o autor, em vez de protetoras construções ilusórias, compartilhadas de maneira coletiva, o caminho a ser trilhado pelos homens na edificação do futuro da cultura humana exigiria o contato com a realidade da vida e a ausência de qualquer ação educacional que pudesse afetar o pleno exercício do pensamento.

Numa apreciação global dos cinco escritos de Freud aqui focalizados, todos de alguma forma associados ao campo da educação, constatamos a presença de uma considerável amplitude de temas e ou de teses defendidas, basicamente: a) o apoio à perspectiva de que uma educação psicanaliticamente orientada poderia alcançar efeitos profiláticos (1913/2010e; 1913/2012a); b) compreensão da forma como os alunos enxergam os professores por meio de um instrumental psicanalítico, a noção de transferência (1914/2012d); c) a exposição de algumas questões de fundo que deveriam ser levadas em conta no terreno das aproximações entre psicanálise e educação (1925/2011b); d) a indicação de uma orientação de caráter geral para as ações educativas, a chamada *educação para a realidade* (1927/2014c).

Em 1933, na conferência 34, *Esclarecimentos, explicações, orientações* (Freud, 1933/2010q), Freud escreveu a sua mais longa explanação sobre psicanálise e educação. Porém, como o ano em que esse trabalho foi publicado ultrapassa, em muito, o período da publicação dos quatro artigos de Reich que aqui analisaremos, não servindo, portanto, como parâmetro para situar o acervo freudiano com que Reich se deparou, não o focalizaremos neste estudo. Apenas para não deixar o leitor de mãos vazias a respeito do ponto em que a corrente de reflexões de Freud sobre psicanálise e educação chegou, registraremos algumas ideias centrais do texto de 1933. Grosso modo, o psicanalista expôs algumas dificuldades inerentes ao desenvolvimento da criança, chamou a atenção para as enormes limitações que envolvem a profilaxia por meio da educação e indicou que o adulto deveria, em suas ações educativas, procurar encontrar o ponto ótimo entre o necessário controle dos instintos da criança (aspecto bastante enfatizado) e a liberdade permitida. Sobre o alicerce

conceitual de *Esclarecimentos, explicações, orientações* (Freud, 1933/2010q), pode-se dizer que essa base teórica já se mostrava plenamente desenvolvida desde 1930 com a publicação de *O mal-estar na civilização* (Freud, 1930/2010o).

Retomando o fio da meada. Reich, nos anos finais da década de 1920, em prol de transformações sociais que, a seu ver, pudessem minimizar a ocorrência de enfermidades neuróticas, investiu fortemente na área educacional. Como nossa perspectiva neste trabalho é a de procurar focalizar as ideias desse autor no contexto científico em que elas foram produzidas, decidimos expor, em linhas gerais, algumas formulações voltadas para a educação elaboradas por Ferenczi e, sobretudo, por Freud; dois autores do campo psicanalítico que ocuparam o lugar de importantes referências para Reich. Agora, de posse desse esboço de quadro de fundo, bem mais freudiano do que ferencziano, está na hora de buscarmos circunscrever o pensamento de Reich registrado nas páginas da Revista de Pedagogia Psicanalítica.

No primeiro artigo de Reich inteiramente dedicado ao universo da educação, *Os pais como educadores - parte I: a compulsão a educar e suas causas* (1926/1975h), um escrito que contém a exposição de um caso de aconselhamento, logo de início o analista esclarece que vai abordar o tema da educação de crianças efetuada por pais de um ponto de vista médico, isto é, como alguém “interessado sobretudo na formação e cura das neuroses” (p. 54). O caso apresentado, aquele que deu ensejo às reflexões do autor, é o de uma menina de dois anos e meio que, segundo a mãe, se mostrava “rebelde e caprichosa” (p. 53). Frente às dificuldades encontradas no trato com a criança, a

mãe, uma pessoa “chegada a círculos psicanalíticos [e] perfeitamente orientada sobre a psicanálise” (p. 53), procurou a ajuda de Reich<sup>25</sup>.

No artigo, buscando compreender o embate que estava se dando entre mãe e filha, Reich lança mão de uma série de teses freudianas. Essa trilha conceitual é iniciada pela exposição sintética das noções de princípio do prazer e de princípio de realidade, um recurso utilizado pelo autor para traçar diferenças básicas entre os comportamentos de crianças e adultos. Na sequência do escrito, de forma coerente com a visão da criança como um ser que, gradualmente, precisa ir dominando seus instintos, ele registra a sua visão sobre a educação infantil: “a educação consiste, nada mais nada menos, em pôr diques ao desejo primitivo da criança, exclusivamente orientado para a obtenção do prazer, e em substituí-lo, até certo ponto, por inibições dos instintos” (1926/1975h, p. 58). Ampliando e aprofundando o seu entendimento a respeito

---

<sup>25</sup> Quem era essa mãe, descrita como “chegada a círculos psicanalíticos [e] perfeitamente orientada sobre a psicanálise”? Seria a própria esposa de Reich, a psicanalista Annie Pink? Qual a participação nesse artigo, sobre pais como educadores, de eventos vinculados à criação de Eva Reich, a primeira filha do casal Annie Pink e Reich, uma menina nascida em 1924, portanto com cerca de 2 anos em 1926? A favor do registro dessas questões, cabe pontuar que Reich utilizou o recurso de elaborar estudos a partir de vivências pessoais (de maneira disfarçada) em outros textos, dois deles destinados à área da educação: *Armoring in a newborn infant* [Encourajamento numa criança recém-nascida] (Reich, 1951/1983a) e *Problems of healthy children during the first puberty (ages three to six)* [Problemas de crianças saudáveis durante a primeira puberdade (três a seis anos)] (Reich, 1983b). Em ambos, refletiu teoricamente tendo por base empírica, aparentemente, acontecimentos que se deram na educação de Peter Reich, o filho que teve com Ilse O. Reich (Faria, 2012; Sharaf, 1994). Supostamente, esse mesmo caminho de elaboração também ocorreu em *A case of pubertal breaching of incest taboo* [Um caso de transgressão do tabu do incesto na puberdade] (Reich, 1920/1975a), ao que tudo indica, um escrito de autoanálise (Silva, 2009).

do assunto, Reich reitera uma formulação presente em *O caráter impulsivo* (1925/2009), o livro que publicara no ano anterior, e postula o que considera a maneira ideal para a criação de crianças pequenas. Na cuidadosa elaboração do psicanalista: “A solução ideal - pelo menos em teoria - é uma educação que permita aos instintos alcançar primeiro certo grau de desenvolvimento, para depois - sempre num ambiente de boas relações com a crianças - introduzir paulatinamente as frustrações (1926/1975h, p. 60). Ainda com o intuito de alcançar indicações educacionais práticas a partir do referencial psicanalítico - no contexto de um trabalho científico que nos soou como um acirrado debate travado entre Reich e a mãe que bem conhecia a psicanálise -, o autor se perguntou sobre quais seriam as frustrações necessárias, aquelas que o adulto educador não poderia deixar de imputar à criança. Vejamos a resposta:

Somente aquelas que têm por objeto controlar e canalizar os instintos da criança que representariam um impedimento para a sua adaptação à sociedade. Por exemplo, a crueldade natural da criança terá de converter-se, em parte em sentimento de compaixão, em parte em atividade social (p. 61).

De acordo com trecho citado, cabe notar que para Reich, numa visão afinada com a tese freudiana da pulsão de morte, haveria uma crueldade natural da criança, aspecto que, ao ser cerceado pelas ações educativas, se transformaria em sentimento de compaixão (formação reativa) e em atividade social (sublimação). Ainda no referido fragmento, vale perceber que Reich assumiu a adaptação à sociedade como referência balizadora para as intervenções educativas necessárias, uma perspectiva que, na sequência da sua

obra, definitivamente não integrará a abordagem construída. Possivelmente, o exemplo mais flagrante da não indicação da adaptação social como referência positiva seja o veemente escrito *Escuta, Zé ninguém!* (Reich, 1948/1974b).

Outra presença do olhar freudiano no artigo de Reich que estamos analisando - além da afinidade demonstrada com o modelo pulsional proposto pelo criador da psicanálise em *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/2010m) - está situado na adoção da assertiva de que a neurose seria uma condição inevitável da vida social. Nas palavras do autor:

Se nos basearmos nos resultados obtidos até ao presente [momento] pela pesquisa psicanalítica, não vislumbramos nenhum meio adequado para evitar o conflito neurótico. Esse conflito é independente da posição econômica, classe social, nacionalidade ou raça, tem a sua origem em circunstâncias muito mais primitivas, que remontam à relação criança-pais (complexo de Édipo), e apenas o seu resultado, a neurose, é que depende, segundo a forma e gravidade, das vivências acidentais, em particular do carácter dos pais (1926/1975h, p. 61).

Pelo aqui exposto a respeito do artigo *Os pais como educadores - parte I: a compulsão a educar e suas causas* (1926/1975h), definitivamente não se pode dizer que Reich, em algum momento de sua obra, não tenha buscado se alinhar ao enfoque conceitual freudiano! Porém, o trabalho em tela não se resume a conter uma evidente dimensão teórica freudiana, ele, a nosso ver, contribui para a área de estudos que aproxima a psicanálise da educação por meio de algumas agudas observações sobre a psicologia do adulto educador. Focalizando especificamente a educação de crianças, Reich discorre

amplamente sobre as intervenções educacionais motivadas por fatores do educador (conscientes ou inconscientes) e afirma que tais intervenções costumam ser racionalizadas e justificadas em função de supostas exigências do processo educativo. Basicamente, o autor procura chamar a atenção para o conteúdo irracional que costuma acompanhar as ações educativas dos adultos no contato com as crianças. De acordo com a nossa compreensão, a leitura de fundo que sustenta esses apontamentos pode ser assim resumida: como a exuberância pulsional da criança tende a representar um perigo para a subsistência do recalçamento que mantém o equilíbrio neurótico do educador, este, ameaçado, se vê compelido a agir, a intervir, a “educar”. É o relevo dado pelo autor a essa forma de ação no campo da educação, que poderia ser nomeada como desconectada, pois suscitada pela dinâmica interna do adulto e desnecessária para a criança, que explica o emprego do termo “compulsão” no título do trabalho.

Ainda procurando circunscrever e analisar o âmbito das ações educativas inadequadas, Reich, dentre outras observações, chama a atenção para a frequente, e pouco assumida, irritação contra as crianças sentida por adultos. Estabelecendo um paralelo com o especialista em neurologia que, por não conseguir compreender o quadro clínico da histeria no seu molde científico organicista, atribui ao paciente a pecha de fingidor, o autor afirma que essa mesma atitude de ataque tende a acompanhar o adulto que se vê diante de um ser que ele pouco entende, a criança. Com essa linha de argumentação, Reich, nessa altura do texto se colocando como um adulto que, possivelmente por experiência própria como pai, sabe do que está falando, pondera: “Por mais que se ame as crianças, há momentos em que, consciente ou inconscientemente, a

gente as vê como uma carga incômoda. Então sentimos irritação contra a criança e com facilidade a tratamos injustamente” (p. 63).

Em termos mais conclusivos. Nesse artigo de 1926, o primeiro do autor inteiramente dedicado ao tema da educação, Reich, alicerçado no referencial freudiano, desenvolve uma série de formulações que, a nosso ver, gira em torno do seguinte eixo: as incapacidades do adulto para realizar a atividade educativa de crianças. Em função do conjunto de ideias apresentadas, talvez o texto possa ser representado pelo seguinte quadro: de um lado, nota-se a presença de crianças, seres frágeis que precisam de cuidados educacionais, de outro, os adultos, indivíduos pouco instrumentalizados para desempenhar essa tarefa. Frente a esse desenho que, na verdade, expõe a existência de um impasse, Reich propõe alguma saída? Se sim, qual?

A resposta é sim, e a orientação dada aos pais é para que limitem suas ações educacionais cerceadoras à apenas aquelas vinculadas ao âmbito das frustrações necessárias<sup>26</sup>. Na incisiva indicação de Reich: “extrema abstinência na educação, restrição das medidas educativas às frustrações absolutamente indispensáveis, consciência do facto de que, por motivos perfeitamente naturais, um pai não apenas ama o filho, mas também o odeia” (p. 68). Na sequência, o psicanalista interessado em ampliar o grau de liberdade propiciado às crianças, ciente de que a sua recomendação também não era isenta de problemas, termina o artigo com a seguinte ponderação.

---

<sup>26</sup> Lembrando, para Reich as frustrações necessárias seriam “aquelas que têm por objeto controlar e canalizar os instintos da criança que representariam um impedimento para a sua adaptação à sociedade” (1926/1975h, p. 61).

E os perigos do *laissez-faire*? Em qualquer caso não serão maiores do que os perigos implicados pela *compulsão a educar*. Devemos pensar que a primitiva força vital que a compulsão a educar pretende dominar foi capaz de criar cultura. É lícito outorgar-lhe uma ampla margem de confiança. Será excessivamente ousado declarar que a vida sabe criar melhor do que ninguém as suas necessárias formas de existência? (p. 68, itálicos originais).

Interessante, após caminhar por uma trilha conceitual de base freudiana, Reich, no último parágrafo do escrito, por meio de um jargão não associado à terminologia psicanalítica, introduz uma nova ideia norteadora, isto é, postula a existência de uma “primitiva força vital”, força essa dotada de sabedoria, pois seria “capaz de criar cultura”. Assim, depois de tecer uma série de argumentos para sustentar a tese de que os pais não reúnem condições para bem educar as crianças - grosso modo, adultos e crianças estão separados por princípios de funcionamento mental diferentes; a exuberância pulsional da criança ameaça o equilíbrio neurótico do adulto; além de amor, os pais também sentem ódio pela criança -, o autor resolve o impasse gerado, afinal as crianças precisam ser educadas, por meio de uma espécie de aposta numa suposta força vital criativa. Tocados por essa afirmação conclusiva presente no texto reichiano, para tentar entender o universo conceitual em que o autor se movimenta, lançaremos uma hipótese e faremos alguns comentários.

A nosso ver, o parágrafo final de *Os pais como educadores - parte I: a compulsão a educar e suas causas* (1926/1975h) sugere que o psicanalista, sem fazer menção à fonte utilizada, buscou inspiração na noção de *élan vital* proposta pelo filósofo francês Henri Bergson. Essa hipótese encontra guarida no

que Reich, após mencionar o *élan vital*, afirmou em sua biografia científica, *A função do orgasmo*: “O princípio de uma força criativa governando a vida não podia ser negado” (1942/1978c, p. 30). Sobre a afinidade do autor com o pensamento de Bergson como um todo, como já apresentado neste estudo, durante uma época de seu curso de medicina em Viena, Reich foi um entusiasta da abordagem do autor francês a ponto de ser conhecido como “bergsoniano maluco” (Reich, 1942/1978c, p. 30).

Vale pontuar que o conteúdo conclusivo observado no artigo de Reich sobre educação que estamos analisando não constitui uma aparição isolada na produção científica do autor. Em vez disso, é possível afirmar que a perspectiva que presume a existência de uma força criativa primária se encontra disseminada na obra em tela, principalmente a partir dos anos finais da década de 1920. E como essa orientação se faz presente no conjunto de conceitos formulados por Reich? Se nos pautarmos pelo que é mais evidente, esse fato se dá por meio da noção de autorregulação<sup>27</sup>, uma espécie de competência vital espontânea que se expressaria, por exemplo, por meio de processos regulatórios e compensatórios. Numa elaboração mais abrangente, a noção de autorregulação

---

<sup>27</sup> Diversos autores da área da psicologia, especialmente os ligados à corrente humanista, como Abraham Maslow e Carl Rogers, ou ainda o “dissidente” da psicanálise Carl G. Jung, além de Jean Piaget, este no campo da epistemologia genética, mesmo que com diferentes denominações, construíram seus enfoques teóricos empregando, de alguma forma, a ideia de autorregulação. No terreno da educação, a orientação desenvolvida pelo criador de Summerhill, o amigo de Reich, Alexander Sutherland Neill (1883-1973), está fortemente sedimentada no princípio da autorregulação (Neill, 1968; Singer, 1997). Na tese de doutorado de Bellini (1993), dentre outros conteúdos, o leitor pode encontrar um histórico dos primórdios dessa concepção no domínio da física e sua larga utilização, no século XIX, na área da biologia.

está fundada na compreensão de que a natureza conteria o que, em outro trabalho, chamamos de uma “racionalidade instintiva” (Albertini, 1994, p. 69), o que explicaria a sua contínua capacidade de renovação e permanência. Além da noção de autorregulação, a visão positiva da natureza pode também ser percebida em escritos de Reich se atentarmos para o fato de que o autor tende a empregar o termo “natural” para indicar características como saudável, necessário, correto e racional. Talvez não seja um exagero supor que, para Reich, a natureza constitua a referência fundamental, sendo os males humanos decorrentes da perda de contato<sup>28</sup> com esse parâmetro norteador<sup>29</sup>.

Finalizando a nossa apreciação, entendemos que o artigo em foco (Reich, 1926/1975h) contém uma construção teórica vinculada ao pensamento freudiano, mas uma conclusão não afinada com essa edificação. Ao que nos parece, a justaposição de teses freudianas com a afirmação de uma emergente perspectiva reichiana revela o movimento conceitual que o jovem analista estava fazendo. Dada essa mobilidade, não se trata de um escrito marcado pela coerência interna. Assim, por exemplo, como conciliar o entendimento de que a educação “consiste, nada mais nada menos, em pôr diques ao desejo primitivo

---

<sup>28</sup> Sobre a noção de contato em Reich, consultar o escrito *Contato psíquico e corrente vegetativa* (Reich, 1935/1995i).

<sup>29</sup> Ainda no século XVIII, Rousseau, no clássico tratado, *Emílio: ou Da Educação*, afirmou utilizar a natureza como referência para o seu ideal educacional. No livro, o genebriano, expressando a sua visão positiva da natureza, indicou que “[a natureza] tudo faz do melhor modo” (Rousseau, 1762/1999, p. 70). Uma análise de perspectiva histórica que situa a produção de Rousseau, assim como também a psicanalítica, sobre infância e educação, pode ser encontrada em Weinmann (2014). No campo da teoria política, um estudo que explora a aproximação entre Reich e Rousseau é o de Barreto (2000).

da criança, exclusivamente orientado para a obtenção do prazer e em substituí-lo, até certo ponto, por inibições dos instintos” (p. 68), com a indicação de extrema abstinência na educação, defendida em função da aposta numa “primitiva força vital [...] capaz de criar cultura” (p. 68). Afinal, o dado primário são os instintos irracionais ou a força vital criativa?

No ano seguinte, 1927, dando continuidade ao tema pais como educadores, Reich publicou o artigo *Eltern als erzieher - teil II: Die stellung der eltern zur kindlichen onanie* [Os pais como educadores - parte II: A atitude dos pais a respeito da masturbação infantil] (Reich, 1927/2008). No estudo, ele investigou um fenômeno que o intrigava: “Por que todas as explicações de que a masturbação em certa idade é um fenômeno natural não surtiram efeito? Mesmo notáveis autoridades no campo da higiene e da sexologia compartilham as mesmas opiniões equivocadas” (p. 104). Para o autor, a resistência em aceitar a masturbação como uma atividade que integra o desenvolvimento psicosexual - numa postura enrijecida que não se abria para ouvir a literatura psicanalítica sobre a matéria - merecia uma acurada análise, uma apreciação aprofundada que não se limitasse aos aspectos manifestos envolvidos. Na formulação citada, vale perceber que Reich inclui autoridades da área da higiene e da sexologia no universo dos que mantinham uma atitude negativa em relação à masturbação, sinalização que indica um dado de caráter histórico, a forma como essa prática sexual era vista por boa parte do campo científico, como também sugere que o psicanalista tinha conhecimento do que se passava no terreno médico mais ampliado, espaço que, na verdade, também o interessava.

Antes da prometida análise, Reich se dedica à elaboração de uma minuciosa exposição sobre o assunto abordado - a masturbação -, sendo tal

empreitada iniciada pela seguinte definição: “A masturbação é uma reação à excitação física nos genitais. Sua causa imediata é uma sensação de tensão ou comichão. Essa sensação é removida coçando-se ou esfregando-se os genitais, o que produz prazer” (p. 104). Note-se o prisma fisiológico que orienta essa acepção, ainda voltaremos a esse tema. A seguir, o autor diferencia três períodos da prática onanista - infantil, fase edípica e puberdade - e tece alguns comentários sobre cada um. Do apresentado, destacaremos alguns pontos que, a nosso ver, revelam o lugar conceitual ocupado por Reich nesse artigo de 1927.

Um relevante posicionamento teórico do autor aparece no trecho em que ele defende que a masturbação na infância é indício de que a fase genital do desenvolvimento libidinal foi alcançada, portanto um comportamento que deveria ser encarado de forma positiva pelos educadores. Alicerçado nessa compreensão, Reich - já dando mostra da orientação crítica que vai caracterizar a sua produção nos próximos anos sobre o assunto normatização sexual - promove uma curiosa inversão de termos entre a visão tradicional sobre a sexualidade infantil e a sua. Vale a pena entrar em contato com a formulação do autor: “ [a] masturbação na infância é um sinal de que se chegou à fase genital do desenvolvimento libidinal [...]. Assim, não é a masturbação em si que é patológica, como se costuma afirmar, mas a sua ausência” (p. 105).

Outra importante perspectiva conceitual pode ser notada na seguinte apreciação efetuada pelo psicanalista. Para a arguta observação de Reich, não passa despercebida a circunstância de que os mesmos pais que proíbem a masturbação acabam estimulando genitalmente as crianças por meio de diversas brincadeiras físicas, como as “de cavalinho”, “carregar nos ombros” e as que se dão, pela manhã ou à noite, na cama. Além disso, essa estimulação é

amplificada pelas ameaças, sérias ou jocosas, que os pais tendem a fazer para os filhos, pois, de acordo com o analista, a excitação gerada pelo medo é facilmente transferida para os genitais. Nesse burlesco retrato familiar tingido por Reich, só resta às crianças, ao mesmo tempo incitadas e contidas pelos pais, o destino de inventar inúmeros disfarces para esconder as práticas masturbatórias. Porém, como nada é tão ruim que não possa piorar, Reich acrescenta que a “dissimulação da masturbação produz timidez, fingimento e falsidade geral” (p. 107/108). É com esse grave apontamento a respeito dos efeitos nefastos produzidos na formação do caráter das crianças, aquelas submetidas ao contexto educativo descrito no trabalho, que essa parte da exposição de Reich se fecha. Sobre o resultado indicado (timidez, fingimento e falsidade em geral), compete atentar para a passagem efetuada pelo autor, isto é, um procedimento adotado no campo da sexualidade estruturou um modo de se colocar no mundo. Como já assinalamos neste estudo, essa leitura dos fatos está sedimentada no entendimento freudiano do comportamento sexual como protótipo das demais reações do sujeito (Freud, 1908/1976c).

Após ter apresentado uma série de ideias sobre o tema masturbação, com destaque para as inadequadas atitudes dos pais em relação a essa prática sexual, Reich volta-se para a questão norteadora do artigo, nessa altura do texto assim formulada: “Por que a masturbação é geralmente vista como um abuso condenável?” (p. 110). A resposta elaborada indica a influência decisiva de motivos internos, mais especificamente os associados ao complexo de Édipo. Em síntese, de acordo com Reich, no período edípico a estimulação genital se dá unida a desejos sexuais dirigidos ao progenitor de sexo oposto e o sentimento de culpa estaria associado às fantasias que envolvem o desejo de eliminação do

progenitor de mesmo sexo. No entendimento do autor: “[os] sentimentos de culpa que depois acompanham a masturbação originam-se do ódio desenvolvido contra o progenitor do mesmo sexo, que, contudo, é também amado” (p. 110). Cabe notar que, nesse ponto do trabalho, Reich insere uma decisiva perspectiva psíquica em sua análise. Com essa ampliação de enfoque, além da masturbação não ser mais vista pelo autor apenas em sua dimensão fisiológica, essa prática sexual, agora imersa no enredo edípico, seria inevitavelmente acompanhada pelo sentimento de culpa. Tal linha de raciocínio explica também as enormes barreiras psíquicas que envolvem a aceitação da masturbação; como Reich sinalizou no início do artigo, até por “notáveis autoridades no campo da higiene e da sexologia” (p. 104). Assim o autor expressa o seu pensamento conclusivo.

Já que ninguém escapa do destino do complexo de Édipo, e que pelo menos o desejo de masturbação é um fenômeno universal, é compreensível que todo mundo sofra da culpa a ela associada e que isso favoreça sua condição de preconceito instituído (p. 104).

Como se pode perceber, Reich termina esse seu segundo artigo publicado na Revista de Pedagogia Psicanalítica, *Os pais como educadores - parte II: A atitude dos pais a respeito da masturbação infantil (1927/2008)*, de forma muito semelhante ao efetuado em seu primeiro trabalho editado pela referida revista, *Os pais como educadores I: a compulsão a educar e suas causas (1926/1975h)*. Basicamente, nos dois textos, sempre no último parágrafo, ele defende uma maior liberdade para os educandos.

Em conclusão, a nosso ver, o escrito voltado especificamente para o tema da masturbação infantil (1927/2008) reúne, num todo nem sempre

harmônico, um conteúdo freudiano clássico, o complexo de Édipo, com formulações mais afinadas ao modelo reichiano em construção. A perspectiva do jovem psicanalista pode ser identificada, por exemplo, na relevância atribuída à efetiva presença da masturbação na infância (um sinal de que a fase fálica do desenvolvimento da libido foi alcançada).

Em 1928, no artigo *Concerning childhood masturbation* [A respeito da masturbação infantil] (1928/1983c), Reich deu continuidade à sua reflexão sobre o tema masturbação na infância. Na parte inicial do escrito, alicerçado em sua experiência clínica e dando relevo à variável masturbação, o autor procurou estabelecer relações entre o que se deu na infância de seus pacientes e o constatado na vida adulta dessas pessoas. Com esse propósito, depois de mencionar dois grupos - basicamente, o dos psiconeuróticos que alcançaram a fase genital do desenvolvimento da libido, praticaram a masturbação, mas depois, por questões associadas ao complexo de Édipo, regrediram à fases anteriores, e o dos psiconeuróticos que não atingiram a etapa genital, portanto, não exerceram a masturbação genital -, assim ele se referiu ao terceiro grupo: “dentre os poucos indivíduos saudáveis que tivemos oportunidade de analisar, notamos que a masturbação infantil foi praticada sem distúrbios por um longo período e ressurgiu na puberdade, apesar dos sentimentos de culpa” (p. 141). Como se pode perceber, no trecho citado, Reich repete a ideia de que a masturbação é acompanhada por sentimentos de culpa, formulação desenvolvida em *Os pais como educadores - parte II: A atitude dos pais a respeito da masturbação infantil* (1927/2008).

Uma característica que chama a atenção nesse terceiro trabalho de Reich editado pela Revista de Pedagogia Psicanalítica é o tom assertivo adotado

pelo autor. O próprio fato de abrir o texto com a exposição de uma classificação de seus pacientes em três grupos, sugerindo, portanto, uma base empírica para as conclusões formuladas, corrobora para imprimir um caráter afirmativo e “científico” ao escrito. Uma dessas conclusões, talvez a central do artigo, foi assim apresentada: “não somente a masturbação infantil não é um sinal de anormalidade, mas, pelo contrário, ela é pré-requisito para futura primazia genital e uma vida sexual estável, bem como para a saúde mental” (p. 141). Para aquilatar a importância decisiva que Reich, no artigo que estamos analisando, atribui à presença da masturbação na infância, cabe notar o fator que dá início ao, digamos, *fio virtuoso* traçado pelo autor: masturbação na infância - primazia genital - vida sexual estável - saúde mental. Fundado nesse entendimento, combater as atitudes educacionais que visam inibir a masturbação infantil se apresenta, para Reich, como uma tarefa fundamental. Assim, com aguda sensibilidade, o autor aponta para as ações de pais “progressistas” (p. 144), aqueles que, em vez de tolherem abertamente os filhos, procuram, com medidas suaves, distrair as crianças e, com isso, evitar a prática masturbatória. Porém, segundo o psicanalista, como as crianças possuem um senso infalível para apreender o inconsciente adulto, a mensagem de que o prazer genital não deva se dar é captada.

No último parágrafo desse breve escrito sobre educação (1928/1983c), Reich indaga sobre os possíveis riscos envolvidos no caso de uma total ausência de restrição à masturbação infantil e púbere. Sem dúvida, um questionamento válido, pois permite olhar para o tema em análise por um ângulo até então não abordado no estudo. A resposta formulada, particularmente direcionada pelo autor aos pessimistas em relação a essa atitude educacional e aos preocupados

com uma hipotética diminuição da sublimação, sustenta a tese de que “a genitalidade satisfeita raramente dificulta a sublimação” (p. 145).

Portanto, mais uma vez, tal como se deu no fechamento de *Os pais como educadores I: a compulsão a educar e suas causas* (1926/1975h) e de *Os pais como educadores - parte II: A atitude dos pais a respeito da masturbação infantil* (1927/2008), Reich defende uma perspectiva educacional que se pautar por uma interferência coercitiva mínima, algo que não chegue a obstaculizar um suposto curso natural de desenvolvimento da criança. Vale também perceber a sinalização conceitual que ele dá ao se reportar, ainda que de maneira breve, à sublimação, isto é, em vez de se orientar por uma oposição de fundo entre sexualidade e cultura, prisma estruturante no enfoque freudiano, Reich promove uma conciliação entre sexualidade e cultura, ou ainda entre natureza e cultura, na verdade, o seu grande projeto teórico. Procurando dar voz a um espírito que, a nosso ver, envolve as ideias de Reich a respeito do assunto masturbação na infância, diríamos que, para o autor, os educadores, acima de tudo, não devem agir de forma a impedir que as crianças vivam uma vida encarnada, com cheiro e sabor. Se, contudo, assim o fizerem, estarão criando anjos, não seres humanos vitalizados. De um ponto de vista reichiano, isso seria um pecado!

Concluindo a análise de *Concerning childhood masturbation* (1928/1983c), trata-se de um trabalho em que, de forma diferente dos dois anteriores do autor sobre educação (1926/1975h, 1927/2008), ele não contém uma junção de teses reichianas e freudianas. Consiste, isso sim, num escrito em que Reich assume trilhar por um caminho próprio, uma orientação já esboçada naqueles seus dois artigos anteriores e, em alguns pontos norteadores, bastante distante do pensamento de seu mestre psicanalista.

No último de seus quatro artigos publicados na Revista de Pedagogia Psicanalítica, *O beco sem saída da educação sexual* (1928/1981d), Reich aborda temas ligados à educação sexual da criança, mas a perspectiva agora empregada inclui aspectos associados à adolescência e à vida adulta, além disso, as questões levantadas são sempre discutidas no quadro maior dos padrões culturais sobre a sexualidade. A indagação que, inicialmente, mobiliza os esforços do autor diz respeito à exposição do corpo nu adulto para as crianças. Em termos mais específicos, deveria ser facultado, ou não, às crianças que elas contemplassem os corpos nus de seus pais?<sup>30</sup>

Na construção de sua resposta, Reich afirma que a educação então predominante na sociedade, no que se refere à exposição do corpo humano nu, mais particularmente às partes genitais, não atendia aos impulsos da criança de observar e se exhibir. Para o médico e psicanalista, tal maneira de educar estava afinada com uma perspectiva negativa de encarar a sexualidade, uma vez que era pautada por princípios morais e não por preceitos científicos higiênicos. Em contraponto a essa formação tradicional - caminho que, a seu ver, tendia a gerar na criança posturas marcadas pela timidez e vergonha, ou, num outro desenlace, lascívia e exibicionismo -, o autor propõe o que ele chama de “educação sexual

---

<sup>30</sup> Em 1933, vivendo na Dinamarca, isso depois de precisar sair da Alemanha em função do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, o partido nazista, ter chegado ao poder, Reich enfrentou problemas pelo fato da revista dinamarquesa *Plan*, de orientação comunista, ter publicado uma tradução de *O beco sem saída da educação sexual* (1928/1981d). A revista foi acusada de publicar pornografia e o seu editor, Edvard Heiberg (1897-1958), foi condenado a quarenta dias de prisão. Dados mais completos a respeito desse dramático evento, que envolveu um pedido para que Freud certificasse o caráter científico do escrito de Reich, solicitação não atendida pelo líder psicanalista, podem ser encontrados em Boadella (1985) e Higgins & Raphael (1979).

*afirmativa*” (p. 96, *itálicos originais*). Basicamente, essa forma de educar, ao não tolher o universo de curiosidades da criança ligado ao terreno da sexualidade, não produziria o efeito de fechar as portas da acesa mente infantil para a busca do saber em geral. Especificamente em relação à circunstância da criança observar o corpo adulto nu, Reich indica o comportamento educacional que, potencialmente, reuniria condições de não suscitar efeitos danosos para a criança. Em suas palavras: “[se] uma pessoa não mostra diante da criança qualquer vergonha com relação às partes genitais, a criança não contrairá qualquer sentimento de timidez ou concupiscência (1928/1981d, p. 96).

Porém, o autor alerta para o fato de que modificar apenas um ou outro aspecto do denso tecido de padrões sexuais vigentes, sem que os demais preceitos sejam igualmente alterados, pouco efeito prático teria e, o que seria pior, colocaria o educando, dada a falta de coerência do referencial normativo gerado, numa situação ainda mais difícil. Essa visão de uma forte totalidade social presente, na qual a esfera da educação sexual de crianças e adolescentes está inserida, encaminha a análise de Reich para a necessidade de transformações na sociedade como um todo. No desenvolvimento de sua argumentação em prol dessa transformação, o analista da cultura efetua duas observações interessantes. Numa delas, ele pondera que pequenas reformas costumam ser toleradas pelos “representantes da sociedade, materialmente interessada na manutenção da ordem presente” (p. 100), pois, na verdade, essas alterações acabam funcionando como passatempos que evitam a ocorrência de transformações sociais realmente profundas. Na outra, depois de manifestar que os clubes de nudismo constituem apenas “ilhas no oceano da moral social” (p. 96), portanto não abalam essa moral, ele acrescenta que nesses clubes “se

pratica o nudismo com treinamento de abstinência sexual, para depois não ter de se lidar com as ereções resultantes” (Reich, 1928/1966, p. 81).

Sempre cobrando um posicionamento aberto em relação à moral sexual vigente - “devemos ser contra ou a favor da moral sexual predominante; sem tal clareza sobre a própria posição perante a questão sexual, qualquer discussão será inútil” (p. 95) -, a análise empreendida por Reich em *O beco sem saída da educação sexual* (1928/1981d) vai tocando em vários temas vinculados ao assunto moral sexual. Dentre esses, ele discorre sobre a masturbação na adolescência e discute a complexa questão se as crianças poderiam, ou não, ver o ato sexual de seus pais. Com relação a esse último tema, a elaboração apresentada menciona uma série de aspectos, por exemplo, o compreensível desejo dos pais de preservarem a intimidade do casal. Ao final, apesar do psicanalista não ter dado uma resposta que fechasse a questão, ele não descartou a possibilidade de facultar às crianças a observação do ato sexual dos pais<sup>31</sup>.

No último segmento do texto, o autor expôs dois casos considerados por ele como “típicos do consultório sexual” (p. 101). No primeiro, de acordo com o Reich, um casal de namorados, ela com 16 anos e ele com 17, o procurou para saber se “é realmente prejudicial ter relações sexuais antes dos 20 anos” (p. 101). Após ouvir o que se passava com os jovens - desejo de estabelecer

---

<sup>31</sup> Edvard Heiberg, como já mencionamos, o editor da revista *Plan* que, em 1933, publicou o artigo de Reich que estamos focalizando, foi condenado a 40 dias de prisão, ao que parece, pelo conteúdo dessa parte de *O beco sem saída da educação sexual*, aquele em que o autor refletiu sobre a possibilidade das crianças verem o ato sexual dos pais. Essa informação consta em uma nota de rodapé em Reich (1928/1981d, p. 97; 1928/1966, p. 82).

relações sexuais, pressões externas para não o fazerem, crises de choro nela e desatenção nas aulas por parte dele -, o consultor, depois de responder que “não faz mal, mas frequentemente cria complicações na casa dos pais” (p. 102), esclareceu vários pontos ligados ao assunto - aspectos fisiológicos, medidas de prevenção de gravidez e questões sociais envolvidas. Conforme o relatado, duas semanas depois os jovens se mostravam alegres e agradecidos. Ao final, Reich afirma ter acompanhado o casal por alguns meses, o que o levou a concluir que havia “evitado que dois jovens caíssem doentes” (p. 102). O segundo caso - que sintetizaremos de maneira mais acentuada pelo fato dele conter o mesmo enredo básico do primeiro - é o de uma mulher que já não mantinha relações sexuais com o marido e estava, nos últimos tempos, com queixas de “distúrbios cardíacos, insônia, irritabilidade e depressão” (p. 102). O aconselhamento dado a ajudou a decidir por um envolvimento sexual fora do casamento. De acordo com Reich, estabelecido esse relacionamento, depois de algum tempo, seus “distúrbios neuróticos desapareceram” (p. 103).

Sobre os dois exemplos de aconselhamento sexual relatados por Reich, um aspecto que não pode ser esquecido é que eles integram, e de certa forma reforçam como dados empíricos, a apreciação crítica do autor a respeito da moral sexual predominante nas primeiras décadas do século XX. Em ambos, não há qualquer dimensão pessoal/psicológica relevante, a questão é toda de âmbito social, e a orientação fornecida alavancou um movimento de ruptura com a opressiva moral existente. Ao que parece, o casal inclinado a iniciar uma vida sexual e a esposa insatisfeita, personagens que não se enquadravam na severa moral sexual do período, souberam muito bem escolher o conselheiro em

assuntos sexuais!<sup>32</sup> Em termos de enquadre clínico, levando em conta as queixas apresentadas e os desenlaces verificados, os casos se encaixam no que Freud descreveu como neurose atual, mais particularmente a neurose de angústia. Numa leitura baseada na teoria do orgasmo, a satisfação sexual alcançada evitou que a estase energética presente gerasse uma regressão da libido a pontos frágeis do desenvolvimento infantil, o que poderia resultar, se a regressão tivesse ocorrido, no estabelecimento de uma psiconeurose. É fundado nesse entendimento que Reich chegou a manifestar ter “evitado que dois jovens caíssem doentes” (p. 102).

Completada a viagem de estudo pelos quatro artigos de Reich dedicados à educação, cabe agora indagar: o que de mais importante a investigação empreendida revelou?

Sem dúvida, o mais relevante foi constatar que, num curto espaço de tempo, três anos, de 1926 a 1928, o instrumental conceitual utilizado pelo autor para analisar fenômenos educacionais passou por uma mudança significativa. Em termos mais específicos e considerando o universo dos quatro trabalhos aqui apresentados, Reich, de início, está sedimentado num arranjo conceitual que mescla noções freudianas com emergentes formulações suas. A seguir, de forma gradativa, mas persistente, ele vai deixando de alicerçar as suas observações no acervo do mestre psicanalista e tal movimento resulta num enfoque teórico próprio, a nosso ver, bastante distante do referencial freudiano. Vejamos, de maneira circunstanciada, esse processo de mudança.

---

<sup>32</sup> Comentário bem-humorado feito por Maria Regina Brecht Albertini, a quem agradeço por mais essa contribuição.

No primeiro trabalho, *Os pais como educadores - parte I: a compulsão a educar e suas causas* (1926/1975h), há toda uma construção sintonizada com o pensamento psicanalítico freudiano, porém um final não condizente com o edifício erguido. O segundo, *Os pais como educadores - parte II: a atitude dos pais a respeito da masturbação infantil* (1927/2008), reúne, num todo nem sempre harmônico, um conceito freudiano central, o complexo de Édipo, e uma série de ideias reichianas. No terceiro, *Concerning childhood masturbation* (1928/1983c), o autor desenvolve uma orientação própria, sem a participação das teses freudianas que integraram os dois artigos anteriores. No quarto, *O beco sem saída da educação sexual* (1928/1981d), é empreendida uma análise crítica radical da moral sexual predominante da sociedade de então. Esse último escrito expõe a intensa presença de um cientista militante, um pensador vinculado à psicanálise, mas com marcas particulares, a nosso ver, bem pouco freudianas.

Em conclusão, de acordo com esta investigação, é possível afirmar que aproximadamente na passagem de 1927 para 1928 ocorreu uma profunda reelaboração conceitual na abordagem de Reich. O arranjo teórico composto por noções freudianas e formulações reichianas, um todo nem sempre marcado pela coerência interna, deu lugar a um conjunto mais harmônico, claramente sedimentado nas orientações do próprio autor. Em outras palavras, *Reich passou a ser mais reichiano do que freudiano*. Como efeito do movimento conceitual empreendido, a partir de 1928, posturas teóricas como não vislumbrar “nenhum meio adequado para evitar o conflito neurótico” (1926/1975h, p. 61), orientações educacionais baseadas numa suposta “crueldade natural da criança” (1926/1975h, p. 61) e conclusões fundadas no entendimento de que “ninguém

escapa do destino do complexo de Édipo” (1927/2008, p. 110) não serão mais observadas nos novos escritos de Reich. De outra parte, determinadas perspectivas que já se faziam presentes, de forma explícita ou implícita, nos trabalhos do jovem psicanalista, mas não afinadas com o referencial freudiano, como a confiança depositada numa “primitiva força vital [...] capaz de criar cultura” (p. 1926/1975h, p. 68), tomarão acento na direção do veículo reichiano, agora nitidamente voltado para percorrer uma rota revolucionária. Especificamente sobre o fato de não ter mais se pautado pela noção de complexo de Édipo, na entrevista a Kurt Eissler, Reich afirmou: “*não se podia chegar ao problema da higiene mental com ideias como a do complexo de Édipo. Não se podia chegar lá. Não fazia sentido*” (Higgins & Raphael, 1979, p. 81, itálicos originais).

Agora, de posse do recorte ferencziano e freudiano exposto e das elaborações de Reich apresentadas, é hora de perguntar: qual o lugar que as formulações de Reich ocupam no quadro por nós esboçado?

Resposta nada simples, pois nos quatro artigos do jovem psicanalista sobre educação aqui investigados não foi possível identificar um conjunto unívoco de ideias, mas sim um processo contínuo de elaboração. Pensando bem, a existência de um processo reflexivo complexo, em vez de um pacote único, claro e fechado de opiniões, também caracterizou a produção de Freud voltada para a área educacional. Como já apontamos, o criador da psicanálise, em sua corrente de formulações, tocou em vários temas - a profilaxia por meio da educação infantil (educação psicanaliticamente orientada), a visão dos alunos a respeito dos professores (a noção de transferência sendo empregada no campo da educação escolar), a orientação que deveria pautar as ações educativas

(educação para a realidade). Além dessa pluralidade de assuntos, Freud, em distintos momentos de seu percurso teórico, deu indicações diferentes a respeito da questão da profilaxia da neurose. Isto é, como vimos, o psicanalista, inicialmente, nos escritos *Prefácio a O método Psicanalítico, de Oskar Pfister* (1913/2010e) e *O interesse da psicanálise* (1913/2012a), apoiou a ideia de que seria possível alcançar efeitos profiláticos por meio de uma educação psicanaliticamente orientada. Entretanto, em trabalhos publicados aproximadamente a partir de 1920, coerente com a reelaboração por ele empreendida no edifício psicanalítico, essa tese não mais foi defendida<sup>33</sup>.

Em conclusão, considerando os textos de Reich e Freud aqui analisados e levando em conta apenas a questão do potencial profilático da educação, chegamos a um pareamento curioso: os dois *últimos* artigos de Reich - *Concerning childhood masturbation* (1928/1983c) e *O beco sem saída da educação sexual* (1928/1981d) -, embasados no entendimento de que seria possível evitar a ocorrência da enfermidade neurótica, se aproximam mais dos dois *primeiros* escritos de Freud - *Prefácio a O método Psicanalítico, de Oskar Pfister* (1913/2010e) e *O interesse da psicanálise* (1913/2012a). Portanto, a aposta reichiana no potencial profilático da educação encontra algum apoio em

---

<sup>33</sup> Um escrito que expressa as preocupações de Freud em relação às aplicações da psicanálise no campo da educação é o de Millot (1992). Porém, apesar dessas preocupações, a questão da aliança entre psicanálise e educação permanece vivamente aberta nos dias atuais. Além da obra freudiana, dada sua amplitude e complexidade, mostrar-se factível a leituras não definitivas, o próprio autor, ao que parece, deixou pistas que, se percebidas, alimentam a referida aliança. Uma destas estaria presente no *Prólogo A Juventude abandonada, de August Aichhorn* (Freud, 1925/2011b) e ela daria ensejo a ações voltadas para o território da educação especial. Sobre o assunto, consultar Kupfer (2001).

escritos freudianos mais iniciais, e não em trabalhos elaborados aproximadamente a partir de 1920.

E quanto ao artigo de Ferenczi (1908/2011b), *Psicanálise e pedagogia*, em comparação aos trabalhos de Reich sobre educação aqui apresentados, o que pode ser dito? Será que, além da esfera da técnica, haveria também no campo da psicanálise e educação alguma confluência entre as ideias de Reich e Ferenczi?

Retomando de maneira sintética o já apresentado, no trabalho de 1908, o psicanalista húngaro teceu pesadas críticas à orientação pedagógica vigente. A seu ver, o saber educacional institucionalizado, a pedagogia - um domínio do conhecimento que pouco conhecia a criança e exercia práticas educacionais dogmáticas e impositivas -, tendia a gerar desenlaces nefastos nos educandos; basicamente, posturas de dissimulação de aspectos egoístas e antissociais ou o recalque desses conteúdos, o que levaria à neurose. Assim, faltaria à pedagogia o conhecimento sobre a criança que a psicanálise já reunia e podia oferecer. Para Ferenczi, um encontro entre a pedagogia e a psicanálise teria condições de instrumentalizar ações educativas potencialmente capazes de alcançar melhores resultados do que aqueles que estavam sendo observados.

Como se pode notar, nesse artigo vinculado aos anos iniciais da psicanálise, Ferenczi sugere ser possível, por meio de transformações na pedagogia vigente, diminuir a incidência tanto de posturas eticamente condenáveis (ligadas à dissimulação de intenções), como também de enfermidades neuróticas. Haveria, portanto, uma esfera do conhecimento, a pedagogia, com a qual a psicanálise teria muito a contribuir. Tal visão, de alguma forma, caminha junto com o entendimento de que seria possível alcançar

resultados profiláticos por meio de uma educação psicanaliticamente orientada, perspectiva plenamente assumida por Reich nos artigos *Concerning childhood masturbation* (1928/1983c) e *O beco sem saída da educação sexual* (1928/1981d) e apoiada por Freud em *Prefácio a O método Psicanalítico, de Oskar Pfister* (1913/2010e) e *O interesse da psicanálise* (1913/2012a).

De outra parte, no terreno das dissonâncias, o enfoque de Reich sobre a educação sugere a presença de uma determinada orientação profilática que, a nosso ver, não integra o artigo de Ferenczi, nem os cinco escritos de Freud. Trata-se, portanto, de algo próprio, um conteúdo que não compõe o quadro de fundo sobre psicanálise e educação por nós esboçado. Como campo teórico maior, estaremos nos reportando à compreensão do autor a respeito da sexualidade humana. Fundado em tal compreensão, Reich, ao discorrer sobre a educação sexual da criança, insistentemente se coloca contra o cerceamento, sutil ou escancarado, da masturbação infantil. E por que o analista critica com tanta veemência essa postura educacional? Em síntese, no que diz respeito ao desenvolvimento da criança, Reich atribui importância fundamental ao estabelecimento da primazia genital, tese afinada com a Teoria do Orgasmo, e o cerceamento da masturbação infantil contribuiria para dificultar o alcance de tal primazia. Assim sendo, a perspectiva educacional restritiva constituiria um relevante fator social para o não desenvolvimento pleno da criança, com efeitos deletérios para a vida adulta. Alicerçado nessa visão dos fatos, o médico e psicanalista combate a educação sexual repressora e propõe o que ele chamou de *educação afirmativa*, uma proposta educacional de linha preventiva associada ao campo da saúde mental.

Depois desta visita aos domínios da psicanálise e educação, um lugar ao mesmo tempo controverso e atraente, é hora de prosseguirmos esta viagem voltada para a compreensão dos movimentos de Wilhelm Reich na psicanálise dos anos 1920.

Sobre a delicada situação que Reich enfrentava na Sociedade Psicanalítica de Viena nos anos finais da década de 1920, no suplemento documental do livro *Reich fala de Freud* (Higgins & Raphael, 1979) consta uma carta de Reich para Freud que revela novos e importantes dados sobre o assunto. Nesse material, datado de 18 de abril de 1928, mas que não foi enviado (uma nota de rodapé apresenta essa informação), Reich registraria uma queixa formal a Freud, o Presidente da Sociedade Psicanalítica de Viena, a respeito do procedimento adotado pelo responsável interino da referida Sociedade, o psicanalista Paul Federn. No escrito, o autor relata que no dia anterior, 17 de abril, ao apresentar na reunião da Sociedade Psicanalítica a conferência *Um problema da técnica psicanalítica*, um estudo sobre a forma de lidar com a defesa narcísica, para seu espanto, o condutor dos trabalhos, Federn, disse que “o que eu tinha apresentado era tão banal que não tinha cabimento dentro da Associação [Psicanalítica]” (Higgins & Raphael, 1979, p. 141). Na sequência da narrativa, Reich, de forma elegante, não contesta o conteúdo da opinião manifestada - “Isto pode ser ou não verdade” (p. 141) -, mas chama a atenção para “o tom odioso, arrogante, do Dr. Federn” (p. 141) e para o fato de que o veterano psicanalista acabou por tolher a discussão que se seguiria à conferência, pois propôs que os pontos levantados não deveriam ser debatidos. Para o reclamante, em função “da apatia habitual da Associação para debates,

[a atitude de Federn] foi suficiente [para impedir a ocorrência do debate]” (p. 141).

Ainda na missiva, Reich, expondo a conjuntura que os analistas menos experientes estariam vivenciando na Sociedade Psicanalítica, afirma que o “Dr. Federn inibe todo o trabalho construtivo, pela sua inconsistência, a sua incapacidade para conduzir uma discussão, e sobretudo pelo seu modo embaraçoso de depreciar tudo o que um jovem analista possa dizer” (Higgins & Raphael, 1979, p. 141). Como exemplos do afirmado, cita os analistas Richard Sterba (1898-1989) e Edward Bibring (1894-1959), que, por sugestão dele, apresentariam na Sociedade relatórios desenvolvidos no Seminário de Técnica, mas que decidiram não mais fazê-lo para não se submeterem à postura “arrogante do Dr. Federn” (p. 141). Em seguida, Reich observa que, no ano passado, 1927, Federn teria se lamentado e manifestado que o Seminário de Técnica estaria roubando conferências da Sociedade, porém, no entendimento de Reich, para fomentar a apresentação de estudos, aquele psicanalista não deveria pautar suas ações por uma orientação de linha tão cerceadora. Na parte mais final do escrito, Reich, afirmando ser um membro da Associação Psicanalítica interessado na evolução da análise e se colocando como uma espécie de representante da voz dos analistas mais jovens, registra: “Os analistas mais jovens não ousam queixar-se porque receiam pelo futuro. As condições na Associação são deprimentes” (Higgins & Raphael, 1979, p. 142).

Vários pontos dessa carta de Reich merecem apreciação. Antes de tudo, cabe explicitar que decidimos focalizá-la, apesar dela não ter sido enviada, pelo simples fato dela ter sido escrita de Reich para Freud. A circunstância dela não ter sido encaminhada a seu destinatário, Freud, constitui

um dado a ser considerado e analisado, e não um aspecto que a anule como material de pesquisa.

Para esboçarmos o quadro no qual essa carta de Reich se insere, são necessárias algumas informações preliminares a respeito de Paul Federn (1871-1950), o médico e psicanalista vienense objeto da queixa de Reich. Psicanalista das primeiras horas, admirador da cultura e da ordem germânicas, Federn empenhou-se, basicamente, em estudos sobre o eu, o narcisismo e a clínica da psicose (Weiss, 1981). Segundo Roudinesco e Plon (1998), por volta de 1908, cerca de metade dos membros da Sociedade Psicanalítica de Viena, antiga Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras, haviam sido analisados por Freud ou Federn. Em meados da década de 1920, por uma circunstância penosa da vida de Freud, os laços deste com Federn se estreitaram ainda mais. Em 1923, Freud começou a enfrentar sérios problemas de saúde devido ao aparecimento de uma formação cancerígena no seu maxilar e lado direito do palato (Jones, 1979). No ano seguinte, já afetado por limitações físicas (sobretudo, dificuldades para falar e mastigar<sup>34</sup>), decorrentes das intervenções cirúrgicas sofridas, Freud diminuiu suas aparições públicas e encarregou Paul Federn para atuar como seu representante pessoal. Ainda em 1924, esse discípulo tão fiel a Freud que se comparava ao apóstolo Paulo, foi eleito Vice-Presidente da Sociedade Psicanalítica de Viena, dois anos depois ele também passou ocupar o cargo de coeditor da *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse* [Revista Internacional de Psicanálise] (Weiss, 1981).

---

<sup>34</sup> Freud usou prótese na boca e, de 1923 a 1939, ano de sua morte, se submeteu a 33 operações (Jones, 1979). Devido às dificuldades com a fala, com o tempo, habituou-se a expressar-se mais com as mãos e gestos (Roazen, 1974).

Com base nos elementos aqui citados, como compreender essa carta redigida por Reich, mas não remetida a Freud?

De início, vale ponderar que o escrito foi produzido no calor dos acontecimentos, mais especificamente, no dia seguinte ao da conferência efetuada por Reich na reunião da Sociedade Psicanalista de Viena (oportunidade em que, segundo Reich, o trabalho que apresentou foi totalmente desqualificado por Paul Federn). Sem dúvida, essa proximidade temporal pode ter contribuído, em muito, para o tom empregado na missiva - incisivo, forte, sem meias palavras. Além dessa forma contundente, é fundamental ressaltar que não se tratava de uma correspondência pessoal de Reich para Freud, mas sim de um escrito de caráter institucional endereçado ao Presidente da Sociedade Psicanalítica de Viena, cargo ocupado por Freud. Com base neste dado, cabe supor que essa carta formal, a rigor, exigiria uma resposta também formal, um posicionamento frente à queixa apresentada por um membro da Sociedade Psicanalítica de Viena, Wilhelm Reich, em relação ao procedimento de outro membro, Paul Federn. O fato é que Reich, quem sabe avaliando o desigual jogo de forças presente (abriria, na instituição, uma luta contra o Vice-Presidente da Sociedade Psicanalítica de Viena e representante pessoal de Freud), não enviou a Freud essa carta redigida “a quente”.

De outra parte, esse escrito exposto em *Reich fala de Freud* (Higgins & Raphael, 1979) contém elementos que possibilitam traçar linhas de distinção entre as atividades que se davam no Seminário de Técnica e as que ocorriam na Sociedade Psicanalítica. No panorama psicanalítico vienense da segunda metade dos anos 1920, no Seminário, como já ventilado neste capítulo, sob a direção de Reich, pautada pela “informalidade e espontaneidade” (Brieh, 1981, 480),

analistas mais jovens discutiam condutas clínicas e ousavam propor inovações na técnica psicanalítica consagrada. Já nas reuniões organizadas pela Sociedade, sob a forte direção de Paul Federn e contando com uma presença maior de analista mais velhos, tendia a predominar a valorização do saber psicanalítico já sedimentado. Em síntese, segundo supomos, nas reuniões da Sociedade, como seria natural de se esperar, o peso da instituição psicanalítica se fazia mais presente, tanto em relação à estrutura de poder existente, como no que dizia respeito ao acervo conceitual analítico acumulado. É também possível pensar que elaborações inovadoras, fomentadas e gestadas no fórum do Seminário, ganhariam um reconhecimento institucional maior no caso de serem apresentadas e positivamente apreciadas nas reuniões da Sociedade.

Se esse desenho bem retratar essa parte do cenário psicanalítico de Viena, a situação que ensejou a carta de Reich pode ser assim resumida: Reich, o diretor do Seminário, uma liderança dos analistas jovens, apresentou um trabalho, *Um problema da técnica psicanalítica*, numa reunião da Sociedade e esse estudo foi considerado de qualidade tão baixa por Federn, o responsável pela condução das atividades, que não merecia sequer uma discussão sobre o seu conteúdo. O escrito-queixa de Reich denuncia o caráter autoritário e contraproducente do procedimento adotado por Federn, uma linha de ação que estaria ceifando qualquer chance de que analistas mais jovens pudessem contribuir para o desenvolvimento do saber psicanalítico. Além dessa crítica ao condutor dos trabalhos, não deve passar despercebido o fato de Reich, nesse caso de maneira não tão veemente, apontar para o habitual clima de falta de apreço para os debates existente nas reuniões da Sociedade. A acusação aqui é

de que se trata de um local marcado por certa indolência, uma acomodação não saudável para um ambiente científico.

Em 1928, ainda no terreno das cartas, pelo fato de envolver uma apreciação de Freud a respeito da linha conceitual adotada por Reich, merece menção neste estudo uma troca de correspondência efetuada entre o mestre psicanalista e a intelectual e psicanalista russa Lou Andreas-Salomé (1861-1937). Em carta de 30 de abril de 1928, Andreas-Salomé expôs o caso de uma paciente sua, nomeada como K., que apresentava, segundo a descrição da missivista, uma atividade sexual com “grande capacidade de gozo, uma espontaneidade e uma entrega psíquica interior, numa combinação de felicidade e seriedade que nem sempre é encontrada” (Freud & Andreas-Salomé, 1975, p. 226). Sobre o caso, Freud, em um trecho de sua carta-resposta, datada de nove de maio de 1928, registrou o seguinte comentário:

Temos aqui um Dr. Reich, um jovem valoroso, porém impetuoso, apaixonadamente devotado ao seu hobby por cavalos, que agora saúda no orgasmo genital o antídoto para todas as neuroses. Talvez ele possa aprender com sua análise de K. a sentir algum respeito pela natureza complexa da psique (Freud & Andreas-Salomé, 1975, p. 228).

Ao que parece, a menção de Andreas-Salomé ao prazer encontrado por sua paciente nos atos sexuais remeteu o psicanalista à produção de Reich sobre o assunto. Mais designadamente, como K., apesar da satisfação sexual relatada como alcançada, continuava apresentando sintomas neuróticos, Freud entendeu esse dado clínico como um indício de que a teorização de Reich sobre

o tema não estava correta. De outra parte, além desse aspecto crítico, vale também notar que o líder psicanalista, na mesma carta, não deixa de atribuir algum mérito a Reich, ao descrevê-lo como “um jovem valoroso, porém impetuoso” (p. 228).

Se no domínio psicanalítico Reich enfrentava uma considerável resistência exercida por determinados pares e, além disso, não contava com a concordância de Freud no que dizia respeito à linha teórica que trilhava na área da sexualidade, por outro lado, o seu deslocamento em direção à cena social acarretava a abertura de um espaço repleto de novidades: o campo do movimento do proletariado de Viena. Sobre esse universo, em *People in trouble* (Reich, 1953/1976b), ele relata que conheceu no distrito 20 de Viena, numa sede local do Partido Comunista, um jovem trabalhador chamado Zadniker, de quem se tornou amigo. Segundo Reich, foi o torneiro Zadniker quem o introduziu nos círculos operários e foi com ele que o então médico e psicanalista efetivamente se aproximou da forma de pensar dos trabalhadores. Descrito de maneira positiva por Reich - que assinalou, por exemplo, a capacidade de compreensão dos fenômenos apresentada por Zadniker - esse operário, dentre outras observações consideradas pertinentes por Reich, chamou a atenção do psicanalista para a importância de se expressar de um modo que todos pudessem compreender (Reich, 1953/1976b).

Com uma presença cada vez mais assídua nas organizações comunistas, logo Reich foi convidado a ministrar palestras sobre problemas de saúde mental. No desempenho dessa incumbência, ele constatou que temas que no período mobilizavam a discussão na esfera psicanalítica, tal como a universalidade ou não de determinada constelação edípica, situavam-se muito

distantes das matérias que, de forma premente, assolavam o cotidiano da existência operária (Reich, 1953/1976b). Mais do que apenas uma questão de assuntos diferentes, o jovem analista, agora em contato com a brutalidade e o sofrimento inerentes à labuta diária dos trabalhadores, começou a problematizar o alcance de algumas noções psicanalíticas consagradas. Isso se deu, por exemplo, em relação à sublimação, que parecia se ajustar muito bem para explicar certas atividades, como a pesquisa científica, mas que não mostrava a mesma eficácia se voltada para a compreensão de tarefas executadas pelas massas proletárias. Mobilizado pelo tema, Reich percebeu que o trabalhador, usualmente submetido a árduas e enfadonhas jornadas, como forma de proteção, acabava por desenvolver uma “armadura de caráter”<sup>35</sup> (p. 105), uma defesa que permitia suportar o tédio psíquico decorrente das atividades realizadas (Reich, 1953/1976b). Ainda em *People in trouble*, Reich revelou o efeito marcante que aquele período de imersão no universo do movimento dos trabalhadores de Viena - suas questões, sofrimentos e anseios - acarretou em sua vida pessoal. Segundo o autor, ele começou a não ver mais sentido em uma série de passatempos e conversas sociais. Em suas descritivas e categóricas palavras: “Tinha deixado para trás o estágio de ‘dançando e discutindo Goethe’” (1953/1976b, p. 107, aspas originais).

Sete meses depois de ter escrito a carta não mandada para Freud, Reich recebeu uma correspondência de Freud datada de 22 de novembro de

---

<sup>35</sup> De acordo com Almeida & Albertini (2014), “destinada a exercer função protetora, a couraça [armadura de caráter] constitui algo natural e inevitável, porém, dependendo do seu grau - em termos reichianos, da sua rigidez e cronicidade -, essa estrutura pode comprometer o contato com o meio interno e externo, além de afetar a regulação libidinal do sujeito” (p. 141).

1928, a nona das dez levantadas por Danto (2011)<sup>36</sup>. Nesta, Freud focaliza o mesmo tema de fundo que enredou o texto de Reich não enviado: uma ação de Federn. Em termos mais específicos, na correspondência, o líder psicanalista participa ao jovem analista que Paul Federn, o Vice-Presidente da Sociedade Psicanalítica de Viena, havia solicitado a ele, o Presidente, a destituição de Reich do cargo de Diretor do Seminário de Técnica. Na visão de Reich, nesse evento, Federn procurou tirar proveito da situação de sobrecarga de trabalho que ele vivia para tentar demovê-lo da direção do Seminário (Reich, 1953/1976b). Sobre esse acúmulo de trabalho, cumpre lembrar que no período Reich ocupava a direção do Seminário de Técnica, a vice direção do *Ambulatorium* e atendia em seu consultório particular. Além disso, é necessário mencionar que ele estava envolvido com a criação de uma nova entidade, a *Sozialistische Gesellschaft für Sexualberatung und Sexualforschung* [Sociedade Socialista para o Aconselhamento e a Investigação Sexual], organização que, fundada em 1928, será responsável, a partir de 1929, por um trabalho de cunho preventivo higienista em Viena.

De acordo com o conteúdo revelado por Danto (2011) da carta de Freud de 22 de novembro, que confirma e amplia o exposto por Reich em *Pessoas em Dificuldade* (1953/1976b), o líder psicanalista não atendeu ao pedido de Federn. Na referida missiva, em determinada passagem, Freud afirma que “[o Seminário] não pode ser tomado contra sua [de Reich] vontade” (Danto, 2011, p. 164). Além de registrar essa decisão, o mestre psicanalista, frente ao aberto

---

<sup>36</sup> Danto (2011) menciona o mês e o ano dessa correspondência, a indicação do dia consta em *Reich fala de Freud* (Higgins & Raphael, 1979), página 23, e em *Pessoas em Dificuldade* (Reich, 1953/1976), página 75.

conflito que se apresentava e exigia dele uma intervenção de linha salomônica, num misto de esperança e indicação de caminho a ser seguido, observou: “espero que o senhor e [Federn] consigam ter um relacionamento melhor (p. 164). Dado o estado de belicosidade presente entre o veterano e o jovem psicanalista, possivelmente o próprio Freud tinha consciência que essa expectativa, apesar de manifestada, não estava fadada a se transformar em realidade.

Ainda sobre o pedido de Federn para destituir Reich da direção do Seminário de Técnica, muito interessante verificar que Freud, em carta para o próprio Federn, também datada de 22 de novembro de 1928, comunicou ao veterano psicanalista a sua decisão de não destituir Reich da direção do Seminário de Técnica. Uma tradução dessa missiva freudiana, do alemão para o inglês, consta em *Fury on earth* (Sharaf, 1994). Esse material foi obtido por Myron Sharaf com o filho de Paul Federn, o também psicanalista Ernst Federn (1914-2007), o responsável pela referida tradução. De acordo com o conteúdo dessa carta de Freud, Federn, alegando que Reich estava com sobrecarga de trabalho, havia solicitado ao criador da psicanálise que a direção do Seminário de Técnica fosse tirada do jovem analista (aparentemente para aliviar a sobrecarga de Reich). Segundo o escrito de Freud, o pedido teria sido feito em conversa pessoal, dois dias atrás - “você [Federn] falou comigo antes de ontem” (Sharaf, 1994, p. 155) -, portanto dia 20 de novembro. Para fundamentar sua decisão, Freud argumentou que o fato de Reich ser tão ocupado não constituía razão suficiente para tirá-lo da direção do Seminário. Além disso, a seu ver, as críticas que Federn e outros colegas faziam a respeito de Reich seriam compensadas pelos “seus [de Reich] grandes méritos para a vida intelectual da Associação

[Psicanalítica]. Ele é realmente muito bom” (p. 155). No parágrafo final, o líder psicanalista registra um pedido a Federn, “tenho que pedir-lhe para manter uma relação de colega com ele” (p. 155), e expressa a sua resolução sobre o caso: “Se ele quer manter a liderança do seminário, temos de conceder-lhe isso” (Sharaf, 1994, p. 155).

Neste ponto de nossa investigação, em função da presença de alguns fios soltos, mas que remetem ao mesmo tecido, se faz necessário um trabalho de aproximação. Com esse propósito, se juntarmos os dados aqui levantados - basicamente, as menções de Reich à carta de Freud de 22 de novembro de 1928 (Higgins & Raphael, 1979; Reich, 1953/1976b), o conteúdo dessa missiva revelado por Danto (2001) e a correspondência, de mesma data, de Freud para Federn (Sharaf, 1994) -, chegaremos às seguintes observações. Quanto ao procedimento de Freud, no mesmo dia, 22 de novembro de 1928, ele escreveu duas correspondências, uma para Reich e outra para Federn, contendo as mesmas ideias centrais, uma conduta que chama a atenção pela forma aberta, coerente e organizada com que foi realizada. Além disso, fica claro que o Presidente da Sociedade Psicanalítica de Viena, frente ao problema que se apresentava (destituir ou não Reich da direção do Seminário de Técnica), apenas dois dias depois do pedido feito, assumiu uma posição e decidiu a contenda, no caso, disse não à solicitação formulada. Ou seja, com o poder nas mãos, Freud, sem demora, agiu e decidiu a questão. Já em relação às razões que embasaram a decisão tomada, chama a atenção a apreciação positiva do criador da psicanálise a respeito da capacidade intelectual do jovem psicanalista que Federn queria ver, no mínimo, longe da direção do Seminário. Para Freud, um cientista que acima de tudo prezava a busca do conhecimento, o valor

intelectual de Reich representava uma contribuição para a Associação Psicanalítica que superava os possíveis problemas apontados pelos críticos do jovem psicanalista. Assim sendo, pelo menos nesse evento, Federn - como já mencionamos, um seguidor tão fiel a Freud que se comparava ao apóstolo Paulo (Weiss, 1981) - e alguns outros analistas não conseguiram transformar em realidade as intenções, nada amistosas, que nutriam em relação a Reich.

Ainda nesse campo temático, Myron Sharaf (1994) abre uma discussão sobre os motivos que teriam levado Federn a se opor, de forma tão intensa, a Reich; matéria relevante pelo significativo número de informações que pode gerar a respeito da relação de Reich com o movimento psicanalítico na década de 1920. Para o biógrafo, a questão central a ser considerada localizava-se na orientação geral de Reich na área da sexualidade, tanto no seu aspecto conceitual, leia-se a Teoria do Orgasmo, quanto em relação ao comportamento pessoal do jovem analista. Segundo Sharaf (1994), na descrição do filho de Paul Federn, Ernest Federn, o seu pai, ainda que um homem do esclarecimento, um iluminista, era “um Vitoriano” (p. 84). Para Sharaf, a imagem popular que retrata os pioneiros da psicanálise como associados a ideias de uma sexualidade livre é um mito, sendo mais próximo da verdade entender que condutas que envolviam infidelidade matrimonial<sup>37</sup>, assim como homossexualidade, eram tratadas como imorais. “E ser ‘moral’ era extremamente importante” (p. 84, aspas originais).

Apesar da perspectiva de Myron Sharaf ajudar a trazer aspectos importantes a respeito do assunto focalizado, principalmente em relação à

---

<sup>37</sup> Sobre esse ponto, Sharaf supõe: “como Federn sem dúvida sabia, Reich, que havia se casado em 1922, estava tendo relações extraconjugais” (1994, p. 84).

cultura que enredava o tema sexualidade na instituição psicanalítica, de nossa parte entendemos como muito difícil identificar as razões que teriam motivado a postura adotada por Federn contra Reich. Trata-se, antes de tudo, de uma longa relação pessoal, marcada por um considerável grau de proximidade, o que potencialmente a torna sujeita a uma ampla e diversificada gama de variáveis. Alguns dados pertinentes a essa relação foram colhidos e registrados por Ilse O. Reich (I. Reich, 1978). Essa biógrafa, ao discorrer sobre a penosa situação econômica experimentada por Reich durante os primeiros anos do curso de medicina, expôs a informação, fornecida por um colega de curso de Reich, que “Paul Federn convidava frequentemente Reich para comer em sua casa, em primeiro lugar porque desfrutava da conversa com o jovem estudante, mas também porque queria proporcionar-lhe alguns alimentos necessários” (I. Reich, 1978, p. 32). Achado, no mínimo, curioso, pois, de acordo com um colega de curso, Federn, de alguma maneira, chegou a cuidar do então acadêmico de medicina, Reich. Cabe também lembrar, como já mencionado neste capítulo, que Reich foi analisado por Federn e que esse processo clínico, assim como as outras análises iniciadas por Reich, foi de curta duração, não chegando a ser completado (Silva, 2009).

É necessário, ainda, não deixar de levar em conta a presença de possíveis embates conceituais ou disputas de território entre os dois psicanalistas, uma vez que Federn e Reich se dedicaram, em boa parte de seus trabalhos, ao estudo do ego e suas patologias. Também na esfera teórica, pode ter concorrido para fomentar as ações de Federn contra Reich a produção autoral e, digamos, pouco ortodoxa desenvolvida pelo jovem analista, tanto no campo da sexualidade como no da técnica, uma vez que o veterano analista se

colocava como uma espécie de guardião mor da psicanálise e do seu acervo de conhecimentos. Vinculado a esse aspecto, será que Edoardo Weiss, em verbete que escreveu sobre Federn, estava pensando em Reich, dentre outros, quando mencionou a forte ação interna que o Vice-Presidente da Sociedade Psicanalítica de Viena costumava fazer em defesa da psicanálise? Nas claras palavras de Weiss: “[Federn] Era também severo para com alguns analistas que desacreditavam a psicanálise e exerceu influência no sentido de excluí-los da sociedade (Weiss, 1981).

Já o próprio Reich, na entrevista dada a Kurt Eissler, afirmou existirem provas de que Federn, a partir de 1924, começou a “tecer insinuações” a Freud a respeito dele (Higgins & Raphael, 1979, p. 23). Frente ao ano assinalado por Reich, 1924, podemos supor que a vinculação a uma linha de política comunista iniciada pelo então jovem psicanalista em 1927 não deve ter desempenhado papel definidor na conduta assumida por Federn. Ainda na mencionada entrevista, Reich resolveu de maneira mais simples e direta a matéria que estamos, com cuidado, garimpando possíveis hipóteses explicativas: “Ele [Paul Federn] tinha inveja de meu sucesso” (p. 23). Em resumo, Myron Sharaf (1994), em função do vivido por Reich no movimento psicanalítico, inseriu uma pergunta pertinente (por que Federn foi tão contrário a Reich?) e a respondeu apontando, não exclusivamente, mas sobretudo, para divergências, teóricas e pessoais, vinculadas ao campo da sexualidade - a Teoria do Orgasmo, bem como restrições de ordem moral à Reich. De nossa parte, sem elementos para dirimir, com segurança, a questão, procuramos ampliar a discussão acrescentando novos ingredientes. No todo, a nosso ver, um tatear ainda inicial na abordagem de um assunto importante, mas complexo e delicado.

Ainda no que diz respeito à conduta de Reich na área da sexualidade, uma questão relevante para este estudo é se Freud, de alguma maneira, nutria algum tipo de restrição moral em relação a Reich. Sobre o tema, na troca de correspondências entre Freud e Ferenczi (Brabant & Falzeder, 2000) há uma carta do criador da psicanálise, de 19 de março de 1923, em que essa matéria parece ter sido objeto de apreciação. No escrito, Freud comentou que havia lidado com um assunto de execução suave e explicou: “Dr. Reich admitiu seu erro sem hesitar, confirmou que aconteceu há quatro anos atrás, antes que ele fosse membro [da Associação Psicanalítica], e uma vez que ele é de outra maneira diligente, preocupado e respeitável, eu o absolvi da brincadeira juvenil” (p. 97). Como esse é o único dado que levantamos a respeito de algum questionamento de Freud em relação à conduta moral de Reich, ao que parece, esse aspecto não chegou a constituir um problema na relação entre os dois.

Quanto ao erro que Reich admitiu ter cometido no passado, uma nota de rodapé, inserida pelos organizadores da correspondência entre Freud e Ferenczi, sugere, na hipótese que consideramos mais plausível, que Freud estava se reportando ao envolvimento que Reich teve com a paciente Lore Kahn, uma jovem de 19 anos, professora de jardim de infância em Viena. Porém, é necessário atentar para o fato de que Freud não menciona que o erro de Reich, “a brincadeira juvenil” (Brabant & Falzeder, 2000, p. 97), estaria no campo do comportamento sexual, por isso, a rigor, estamos no terreno das hipóteses. Seguindo a mencionada pista, o diário de Reich, *Paixão de juventude* (1996), expõe uma série de informações a respeito desse relacionamento amoroso. Em síntese, de acordo com o autor, ele atendeu a Lore Kahn no inverno de 1919-1920 e depois, com o processo clínico encerrado, eles iniciaram uma ligação

amorosa (Reich foi aceito como membro da Associação Psicanalítica em 20 de outubro de 1920, portanto cerca de sete após o término dessa análise). Porém, esse vínculo assumiu contornos trágicos pelo fato de Lore Kahn, em novembro de 1920, ter falecido vítima de um quadro de septicemia. No mês seguinte, sua mãe, transtornada e atribuindo responsabilidade a Reich pela morte da jovem filha, cometeu suicídio (envenenou-se com gases tóxicos). Para a genitora, Lore teria morrido em consequência de um aborto malsucedido, evento que o jovem analista nega ter ocorrido (Reich, 1996).

Ainda em *Paixão de juventude* (1996) consta que a esposa de Reich, Annie Pink, que também foi analisada por ele, era amiga de Lore Kahn; possivelmente, não por acaso, a segunda filha do casal foi batizada como Lore. Segundo Reich, o tratamento de Annie Pink começou depois da morte de Lore Kahn, durou seis meses (finalizado em junho de 1921) e o casal iniciou o relacionamento amoroso depois do término da análise, ligação que levou ao casamento realizado em março de 1922 (Reich, 1996). Em uma anotação de diário do dia 13 de janeiro de 1921, ao refletir sobre o atendimento de Annie Pink em curso, Reich comparou-o ao de Lore Kahn. Suspeitando que esse processo clínico também poderia levar a um envolvimento amoroso, depois de se fazer uma série de questões, inclusive se deveria interromper a análise, ele registrou: “Um homem jovem, em seus vinte anos, não deveria tratar de pacientes do sexo feminino” (Reich, 1996, p. 159).

No que diz respeito ao trabalho voltado para o campo social, como já indicamos brevemente, em 1928 Reich fundou, com outros quatro jovens

psicanalistas<sup>38</sup>, três obstetras e um advogado, a Sozialistische Gesellschaft für Sexualberatung und Sexualforschung [Sociedade Socialista para o Aconselhamento e a Investigação Sexual], na qual ocupou o cargo de diretor científico (Reich, 1953/1976b). Essa Sociedade foi criada sem qualquer vínculo com a instituição psicanalítica e a sua organização demandou meses de preparação, além de um considerável gasto econômico pessoal de Reich. De acordo com a orientação defendida por essa entidade, o capitalismo seria, em última instância, a fonte central da situação de “miséria sexual” presente na sociedade. Nas claras palavras de Reich, o líder do projeto.

A Sociedade assumiu a posição de que a miséria sexual era causada, essencialmente, pelas condições enraizadas na ordem social burguesa e de que ela não poderia ser removida inteiramente, mas que podia ao menos ser aliviada com a ajuda às pessoas (Reich, 1953/1976b, p. 107/108).

Essa Sociedade organizou, distribuídas por bairros de Viena, seis Sexualberatungs-Klinik für Arbeiter und Angestellte [Clínicas de Aconselhamento Sexual para Trabalhadores e Empregados Assalariados], a primeira em janeiro de 1929 (I. Reich, 1978). Recordando aquele período em Viena, Reich (1953/1976b) reportou que, no início de 1929, os jornais de esquerda informaram brevemente tanto a fundação da Sociedade como a implementação das Clínicas de Aconselhamento. No que diz respeito ao tempo de duração, essas Clínicas permaneceram em atividade por um período de, no máximo, 20 meses. De

---

<sup>38</sup> Reich cita os nomes de Annie Angel (1898-1992), Edmund Bergler (1899-1962), Annie Reich (1902-1971) e Richard Sterba (1898-1989) (Higgins & Raphael, 1979, p. 81).

janeiro de 1929 a setembro de 1930, quando Reich se mudou para Berlim e, ao que tudo indica, o projeto não teve continuidade. A atividade de aconselhamento desenvolvida, a partir de um eixo na sexualidade, compreendia um amplo espectro de temas, como se pode depreender do afirmado pelo autor: “Espalhamos a notícia de que sexólogos especialistas haviam formado uma organização para fornecer, em vários distritos de Viena, aconselhamentos gratuitos sobre problemas sexuais, educação de crianças e higiene mental em geral” (1953/1976, p. 107). Vale registrar que, em *O caso da Viena Vermelha*, Siegfried Mattl afirmou que no final dos anos 1920 existiam em Viena clínicas de aconselhamento sexual que trabalhavam “sob a influência de marxistas radicais como Wilhelm Reich” (Mattl, 2013, p. 197). Não sabemos o que Reich diria a respeito de ter sido caracterizado pelo professor do Instituto de História da Universidade de Viena como um marxista radical, mas possivelmente Siegfried Mattl está se reportando às Clínicas de Aconselhamento Sexual que estamos focalizando.

Com grande afluência de público, as seis Clínicas de Aconselhamento - instaladas em consultórios médicos e funcionando duas horas por dia (Bischof, Pelinka & Herzog, 2009)<sup>39</sup> - eram pautadas por uma visão de sexualidade bem diferente da seguida nos Centros de Aconselhamento Sexual já presentes em Viena. Um exemplo flagrante dessa perspectiva não convencional se dava em relação aos casos, que não eram poucos, de gravidez não desejada. De acordo com o exposto por Reich, privilegiando aspectos que envolviam a real situação da mulher, e não normatizações morais sobre o assunto, se necessário, ele

---

<sup>39</sup> Indicação bibliográfica generosamente fornecida pelo especialista no pensamento de Wilhelm Reich, o doutor Ailton Bedani.

encaminhava as mulheres para médicos que realizavam os abortos. Sobre essa atitude, ele observou: “Eu sabia exatamente o que estava fazendo e considerava uma matéria rotineira assumir tal risco” (Reich, 1953/1976b, p. 111).

Como o atendimento nas Clínicas de Aconselhamento envolvia muita informação sobre sexualidade - com ênfase nos métodos contraceptivos e em esclarecimentos sobre tabus sexuais -, inclusive por meio de palestras que eram ministradas, Reich teceu comentários sobre o alcance dessa ação. Para o psicanalista, a linha de atividade desenvolvida, que aproximava as áreas da saúde e da educação, mostrava pouco efeito prático quando o problema dizia respeito à própria estrutura psíquica daquele que procurava ajuda. De outra parte, ele notou que quanto mais jovem o usuário do serviço, maior era a chance de que efeitos benéficos pudessem ser alcançados. Em determinado ponto, atribuindo valor à prática realizada com os adolescentes, observou: “Era como se eles tivessem desde há muito [tempo] esperando pela informação” (Reich, 1953/1976b, p. 113). Sobre essa questão do alcance do trabalho de informação efetuado, a nosso ver, cabe considerar uma possível dimensão transferencial envolvida, pois não se tratava de esclarecimentos sobre sexualidade fornecidos por qualquer pessoa, mas sim por autoridades do campo médico, em uma Clínica de saúde para trabalhadores.

Já em relação aos ganhos de aprendizagem decorrentes da nova e intensa atividade desenvolvida nas Clínicas de Aconselhamento, Reich foi enfático: “Em uns poucos meses, aprendi mais sobre sexologia e sociologia do que em dez anos de prática analítica” (1953/1976b, p. 113). Procurando ilustrar essa ampliação de conhecimento, ele ponderou que no caso da ejaculação precoce a psicanálise estava correta em chamar a atenção para a fixação erótica

uretral e para o complexo de Édipo, mas que também deveria ser levada em conta a circunstância, bastante comum, das relações sexuais serem tentadas ou consumadas às pressas, em situações repletas de ansiedade e, muitas vezes, com parceiros ainda vestidos. Em tais contextos, a ejaculação tendia a se dar antes que a excitação alcançasse seu pico máximo (Reich, 1953/1976b). Como se pode notar, no exemplo citado, o autor não nega a fertilidade do referencial psicanalítico, mas, em função da experiência adquirida nas Clínicas de Aconselhamento, acrescenta uma leitura crítica a respeito das circunstâncias sociais concretas em que as vivências sexuais, em especial no caso de adolescentes, tendiam a ocorrer. Com esse tipo de análise, ele amplia os fatores potencialmente responsáveis pelo problema de saúde focalizado (a ejaculação precoce). Além disso, introduz o seu entendimento sobre o orgasmo sexual, qual seja, o reflexo orgástico é decorrente de um processo de aumento da excitação que chega a atingir a sua intensidade máxima. Portanto, Reich está centrado na compreensão, formulada originalmente no artigo de 1925 *Observações complementares sobre o significado terapêutico da libido genital*, que diferencia atividade sexual ejaculatória de atividade sexual orgástica, podendo ocorrer a primeira, sem a segunda (Reich, 1925/1975e).

Associado a esse assunto, cabe observar que uma vivência sexual não orgástica, como a ejaculação precoce, possivelmente pouca atenção mereceria do autor se não integrasse a seguinte leitura conceitual. De acordo com a Teoria do Orgasmo, as práticas sexuais incompletas, assim como a abstinência sexual, tendem a gerar estase energética, um estado marcado pelo progressivo acúmulo de libido não descarregada. Essa quantidade excessiva de energia, uma condição incômoda, pode levar a uma regressão da libido a pontos frágeis do

desenvolvimento psicosexual infantil. Dessa forma, dificuldades atuais, aparentemente banais, acabam por catalisar pontos frágeis da sexualidade infantil e, com isso, um processo neurótico é instalado (Reich, 1927/1977a). Tendo como pano de fundo esse entendimento, Reich, em *People in trouble*, conclui: “Quando o caminho para frente em direção ao amor normal e saudável é bloqueado, o adolescente retroage a uma neurose infantil, que se intensifica devido ao desejo genital aumentado e, simultaneamente, negado” (1953/1976b, p. 114).

Em termos mais completos, para Reich, o arranjo normativo cerceador da sexualidade precisava ser transformado, assim como as condições sociais concretas que envolviam as práticas sexuais dos adolescentes. A seu ver, esses dois fatores formavam um conjunto que acabava por dificultar a realização de encontros satisfatórios de amor sexual. Nesse quadro sombrio, as queixas apresentadas pelos adolescentes nas Clínicas de Aconselhamento eram apenas sinais condizentes e coerentes com o panorama social presente.

Ainda em *People in trouble*, no terço mais final de sua exposição a respeito das Clínicas de Aconselhamento, Reich registrou uma orientação que, a nosso ver, sintetiza e antecipa uma perspectiva de análise dos fenômenos que será adotada por ele, sobretudo até meados dos anos 1930. Nas palavras do autor: “era o entrelaçamento da vida política, em larga escala, com as minúcias da vida pessoal o que me interessava” (1953/1976b, p. 115). Um exemplo desse olhar atento para captar as minúcias da vida pessoal aparece em *Psicologia de massa do fascismo* (Reich, 1933/1974a). Nesse livro, ao discorrer sobre trabalhador que carregava uma visão burguesa do mundo, Reich observou: “No ‘vestido de noite’, que a mulher do trabalhador veste para determinada ‘festa’,

mais coisas se revelam sobre a psicologia do trabalhador em regime capitalista do que em mil artigos” (p. 66/67, aspas originais).

Na esfera da produção teórica reichiana, o ano de 1929 foi marcado pelo lançamento do ensaio *Dialektischer materialismus und psychoanalyse* [*Materialismo dialético e psicanálise*] (Reich, 1929/1934/1977b), material publicado na revista russa *Pod Známenen Marksizma* [*Sob a Bandeira do Marxismo*] e na correspondente edição alemã *Unter dem Banner des Marxismus*. Sobre o periódico científico que acolheu o texto de Reich, compete considerar que ele foi criado para ocupar um espaço oficial de exposição e reflexão de pensadores voltados para a edificação do socialismo soviético. Uma carta de Leon Trotsky (1879-1940) aos editores de *Sob a bandeira do Marxismo* - datada de 27 de fevereiro de 1922 e publicada no volume inaugural da revista (janeiro/fevereiro de 1922) -, aponta para o relevante papel que a publicação deveria desempenhar na formação materialista da juventude proletária. Nas palavras do então influente líder soviético: “Dar uma educação materialista à juventude proletária é nossa maior missão. Faço votos sinceros de sucesso a vossa revista desejosa de tomar parte nesse trabalho educacional. Saudações comunistas e materialistas” (Trotsky, 2007).

Nesse boletim de orientação comunista vários artigos críticos à psicanálise haviam sido publicados por autores associados ao marxismo, como Alexander Deborin (1881-1963), August Thalheimer (1884-1948) e W. Jurnetz. De acordo com o ensaio de Reich, esses trabalhos tinham em comum o fato de situarem a psicanálise no terreno da ciência burguesa e de a conceberem como uma produção não materialista, uma obra de cunho idealista. Para Reich, um psicanalista então mergulhado no universo comunista, essa linha de

entendimento soava como uma verdadeira ofensa e o escrito *Materialismo dialético e psicanálise* visava mostrar o erro contido nessa leitura da ciência criada por Freud. Com uma postura diversa desses autores, Reich defende uma aproximação entre a psicanálise e a sociologia marxista, cada saber contribuindo em seu campo de especialidade, o que resultaria numa apreensão mais completa dos objetos estudados: “Como ciência, a psicanálise é irmã da sociologia marxista; uma trata dos fenômenos psíquicos, outras dos fenômenos sociais” (1929/1934/1977b, p. 21). Na realidade, mais do que uma ajuda mútua, na sequência do artigo, Reich aponta para uma lacuna existente na esfera comunista: a ausência de uma abordagem psicológica que focalizasse os fenômenos por um prisma não orgânico, espaço que seria preenchido pela psicanálise. Em suas palavras: “no quadro do marxismo surge como indispensável uma psicologia que analise os fenômenos psíquicos por um meio de um método psicológico e não orgânico”<sup>40</sup> (p. 33). Porém, no artigo em tela, além de defender a validade e a fertilidade do instrumental psicanalítico e apontar para a pobreza da psicologia usualmente adotada no domínio marxista, Reich não nega a presença de desvios idealistas em parte da produção psicanalítica, mas a sua proposta é a de sustentar que esses desvios não anulam o grosso dessa construção científica. Cabe esclarecer que Reich, quando se refere à psicanálise, sem nomear algum autor em especial, está se reportando à produção conceitual freudiana.

---

<sup>40</sup> Possivelmente, com o termo “orgânico”, Reich esteja fazendo uma alusão à psicologia de linha comportamental, então predominante na União Soviética, desenvolvida pelo fisiologista russo Ivan Petrovitch Pavlov (1846-1936), o descobridor do reflexo condicionado.

Logo na abertura do prefácio de *Materialismo dialético e psicanálise*, Reich explicita a questão norteadora da empreitada conceitual que está se propondo a realizar: “Existirão ligações entre a psicanálise de *Freud* e o materialismo dialético de *Marx* e de *Engels*? Responder a esta pergunta, discernir essas ligações no caso de existirem, é o objetivo a que nos propomos” (1929/1934/1977b, p. 15, itálicos originais). Neste momento, é importante assinalar que Reich, ao investigar as relações entre psicanálise e o marxismo, está ampliando significativamente seu espectro de ações. Psicanalista desde 1920, conhecido pela publicação de estudos voltados para as áreas da técnica (a *Análise do Caráter*) e da sexualidade (a *Teoria do Orgasmo*), em 1929, aos 32 anos, ele está se movendo para ocupar novo espaço no terreno científico: o de especialista, tanto em psicanálise e como em marxismo, defensor da tese de que a relação entre esses dois sistemas teóricos não é de incompatibilidade, mas sim de possível complementação.

Com o intuito de provar para os comunistas que a psicanálise, no mínimo, merecia crédito, Reich desenvolveu duas linhas básicas de elaboração. Na primeira, num exercício de articulação teórica entre a psicanálise e o marxismo, ele sustentou que a psicanálise também é uma ciência materialista e dialética. Na segunda, fruto de um verdadeiro pente fino que passa na construção freudiana, Reich identificou, de maneira crítica, a presença de algumas formulações conceituais com as quais ele não concordava. Vejamos alguns pontos centrais dessas duas perspectivas adotadas em *Materialismo dialético e psicanálise* (Reich, 1929/1934/1977b).

Na esfera da articulação teórica, com intuito de defender o caráter materialista<sup>41</sup> da psicanálise, Reich observa ser impossível para a psicanálise “conceber a criança sem a sociedade” (p. 54) e, a seguir, passa a desenvolver uma série de considerações voltadas para o tema da formação da consciência moral<sup>42</sup>. Para o autor, a psicanálise diferencia-se das perspectivas metafísicas - ele cita como exemplo a elaborada pelo filósofo Immanuel Kant (1724-1804) -, pois ela alicerça a construção da consciência moral na educação e em experiências vividas pela criança. A fim de comprovar essa afirmação, Reich destaca a noção de superego e pondera que, em função das transformações que vão se dando na sociedade, essa instância psíquica vai também sendo alterada. Isto é, ele mostra que as modificações no conteúdo do superego ocorrem no mesmo sentido das transformações observadas na sociedade. Em suas palavras: “os conteúdos do superego modificam-se naturalmente na medida em que, numa dada sociedade, se prepara ideologicamente a sociedade seguinte. Este processo vale para a moral sexual, como vale para a ideologia<sup>43</sup> da sacrossanta

---

<sup>41</sup> No referencial marxista, materialismo não diz respeito à matéria enquanto corpo físico, mas sim à materialidade das relações sociais de produção. O sentido é de oposição à visão idealista de que seriam as ideias que moveriam o mundo. Ao contrário, para Marx: “O modo de produção da vida material é que condiciona o processo da vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, inversamente, o seu ser social que determina a sua consciência” (1859/2007).

<sup>42</sup> Sobre a noção de consciência moral de acordo com a ótica freudiana, consultar Ferraz (1994).

<sup>43</sup> Marx e Engels, em *A ideologia alemã*, ao discorrerem sobre o conjunto de ideias dominantes numa sociedade, a ideologia, apontam: “As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante” (Marx & Engels, 1932/2007, p. 47, itálicos originais).

propriedade dos meios de produção” (p. 61/62). Aprofundando esse movimento de articulação conceitual, Reich lança mão das concepções de base e superestrutura<sup>44</sup>, do referencial marxista, para, por analogia, explicar a relação existente, no modelo psicanalítico, entre as fontes de excitação sexual (a base) e os fenômenos psíquicos superiores (a superestrutura). Nas palavras do então psicanalista e comunista: “Nestas fontes de excitação sexual [as zonas erógenas] edifica-se a poderosa superestrutura das funções psíquicas da libido; esta superestrutura permanece ligada à sua base, modifica-se com ela, quer quantitativamente, quer qualitativamente” (p. 38).

Após ter sustentado que a psicanálise, dada a perspectiva de analisar a vida psíquica de forma não apartada da existência social, não deveria ser jogada pelos autores comunistas no desqualificado chão das produções idealistas, Reich passa a tecer argumentos no sentido de mostrar a dialética presente nos processos psíquicos. A fim de embasar teoricamente essa visão, ele, inicialmente, lembra que a dialética materialista de Marx e Engels foi desenvolvida a partir da crítica à dialética idealista de Hegel<sup>45</sup>. Feito esse

---

<sup>44</sup> No prefácio de *Para a crítica da economia política*, Marx (1859/2007), num esforço didático para sintetizar o que entende por base e superestrutura, afirma: “na produção social da sua vida os homens entram em determinadas relações, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada etapa de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem determinadas formas de consciência social”.

<sup>45</sup> O filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), ao desenvolver a lógica dialética, foi responsável por uma verdadeira revolução no campo científico, espaço antes dominado pela lógica formal, ou da identidade, formulada por Aristóteles. Na lógica formal, a contradição é sinal de falsidade e há uma separação entre sujeito e

registro, mais de orientação histórica do que de aprofundamento conceitual, ele formula e comenta, de maneira breve, sete princípios que considera essenciais da dialética materialista. Com o propósito de fornecer alguns elementos conceituais fundamentais, do amplo escrito do autor, citaremos três desses princípios: “*A dialética não é apenas uma forma de pensamento; existe na matéria independentemente do pensamento. Por outras palavras, o movimento da matéria é objetivamente dialético*” (p. 68, itálicos originais). “O desenvolvimento dialético, resultante de contradições, faz com que *nada seja durável; tudo que nasce traz em si o germe da sua desapareição*” (p. 70, itálicos originais). “*As contradições não são absolutas, mas interpenetram-se mutuamente. [...] em determinadas condições, um elemento pode transformar-se no seu contrário*” (p. 72, itálicos originais). Munido conceitualmente de sete leis gerais da dialética, Reich inicia um exercício de ler alguns fenômenos psíquicos típicos, revelados pela psicanálise, por meio de um enfoque dialético. Esses são os casos, por exemplo, da formação de sintomas na neurose, dos processos de identificação e da edificação de traços de caráter.

Sobre a formação de sintomas na neurose, acentuando o desenvolvimento dialético presente, Reich pontua que o sintoma constitui uma síntese que carrega, ao mesmo tempo, conteúdos vinculados ao desejo e,

---

objeto, o que caracterizaria a objetividade científica. Já para o pensamento dialético não há separação entre sujeito e objeto, pois as relações são de interdependência, e as contradições integram a experiência humana, sendo consideradas como motor do movimento do real. No modelo construído pelo filósofo alemão, a realidade é devir (vir a ser), mudança, instabilidade, processo histórico. Nesse processo - engendrado pelas contradições internas, portanto não aleatório, mas sim necessário - tudo está destinado à transformação.

também, defesas erigidas contra esse desejo. No escrito: “o sintoma contém simultaneamente a moção pulsional contra a qual o sujeito se defende e a própria defesa: o sintoma da conta das duas tendências opostas” (p. 74/75). No que se refere ao fenômeno psíquico da identificação, a leitura dialética de Reich expõe as forças contrárias presentes no educando (amor e ódio ao educador), o movimento suscitado por esta contradição e o desenlace alcançado (incorporação do educador, com conseqüente diminuição do investimento objetal). Na formulação do autor: “a identificação consiste em o sujeito ‘se apropriar’ do seu educador [...]; este educador é simultaneamente amado e odiado, e o sujeito faz seus os princípios e as qualidades daquele. Geralmente, a relação de objeto desaparece nesta altura” (p. 84, aspas originais). Quanto aos traços de caráter, Reich destaca a situação, bastante frequente na vida psíquica, na qual uma determinada postura (por exemplo, exibicionista) transforma-se em seu contrário (pudor exagerado). Esse mecanismo de substituição de “a” por aquilo que nega “a”, nomeado no acervo psicanalítico como formação reativa, traz à tona o universo dos conflitos psíquicos e o processo de tentativa de anular uma tendência pelo exercício exagerado de outra, de sentido oposto. Note-se que, nestes casos, além da transformação no seu contrário, há interpenetração entre as tendências em jogo. No escrito de Reich: “os traços de caráter podem, em determinados conflitos, transformar-se no seu direto contrário [...] Uma criança cruel pode tornar-se um adulto de grande sensibilidade, mas uma análise penetrante revela a antiga crueldade na sua sensibilidade” (p. 95/96). Em suma, focalizando alguns fenômenos psíquicos típicos, o então psicanalista/comunista, Reich, percebeu aquilo que nem os psicanalistas, nem os comunistas, cada grupo

no seu quadrado, haviam notado: a dialética existente na vida psíquica dos seres humanos.

Com o objetivo de identificar as ideias centrais defendidas por Reich em *Materialismo dialético e psicanálise* (1929/1934/1977b), afirmamos que, de acordo com o exposto, para o autor: a) a psicanálise é uma ciência materialista; b) a psicanálise, por meio de fértil enlace entre atividade clínica e acurada elaboração conceitual, trouxe à tona e circunscreveu uma série de fenômenos psíquicos típicos; c) o pensamento dialético possibilita a leitura de fenômenos psíquicos revelados pela psicanálise.

Com relação à segunda linha de trabalho desenvolvida por Reich em *Materialismo dialético e psicanálise* (1929/1934/1977b), isto é, aquela em que o autor aponta para a presença de problemas na psicanálise freudiana, focalizaremos as críticas do autor que nos pareceram as mais importantes, quais sejam, as endereçadas às noções de pulsão de morte, princípio de realidade e complexo de Édipo.

Quanto à pulsão de morte, Reich chama a atenção para a ausência de uma relação bem estabelecida entre essa elaboração teórica freudiana e os processos biológicos de autodestruição existentes no organismo<sup>46</sup>. De outra parte, o autor lembra que, segundo o próprio Freud, a pulsão de morte é uma hipótese extra clínica, isto é, uma produção conceitual não alicerçada em um conjunto de experiências analíticas. Com essa fragilidade de origem (formulação não claramente vinculada ao domínio biológico e não sustentada no trabalho clínico), para Reich, não por acaso, a noção de pulsão de morte estaria dando

---

<sup>46</sup> Uma discussão aprofundada a respeito da noção de pulsão de morte à luz de achados do campo da biologia pode ser encontrada em Rego (2005).

enjo a desenvolvimentos teóricos finalistas e, também, à defesa de orientações sociais com forte carga moralista. Para se contrapor a esse desvio idealista, Reich relata ter proposto, ainda em 1927 no livro *Die funktion des orgasmus* (1927/1977a), a compreensão de que a destrutividade humana não deveria ser focalizada e entendida de forma isolada, em função de uma hipotética dimensão pulsional primária, mas sim como uma reação humana à falta de satisfação, portanto um desenvolvimento secundário. Em *Materialismo dialético e psicanálise* (1929/1934/1977b), essa visão dos fatos ajuda a fundamentar, por exemplo, o seguinte trecho: “as disposições rancorosas de um indivíduo e os seus sentimentos de culpabilidade dependem, pelo menos quanto à sua intensidade, do estado de economia libidinal, de modo que a insatisfação sexual aumenta a agressividade, ao passo que a satisfação a diminui” (p. 44).

Com relação ao princípio de realidade<sup>47</sup>, Reich aponta para o papel conservador que essa formulação conceitual freudiana vinha desempenhando no

---

<sup>47</sup> No modelo freudiano, o princípio de realidade está associado ao gradual desenvolvimento das funções psíquicas do processo secundário (raciocínio, memória, atenção e outras) que caracterizam o sistema pré-consciente/consciente. Essas funções, usualmente nomeadas como superiores, constituem uma modificação do processo primário, o modo de funcionamento do sistema inconsciente, vinculado ao princípio do prazer. Assim sendo, de acordo com essa construção teórica, o princípio da realidade constitui uma continuidade do princípio de prazer. Essa orientação, que não vê uma relação de oposição entre esses dois princípios do funcionamento mental, está bem sedimentada, por exemplo, no ensaio curto, mas consistente, *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (Freud, 1911/2010a). Neste, o autor esclarece: “Na verdade, a substituição do princípio de prazer pelo da realidade não significa a deposição do princípio do prazer, mas a sua salvaguarda” (p. 116/117). Essa mesma direção conceitual sustenta a marcante frase registrada por Freud em *Cinco lições de psicanálise*: “O indivíduo enérgico e bem-sucedido é aquele que, mediante o trabalho,

meio psicanalítico. Para o autor, ao reunir na noção de princípio de realidade “todas as limitações e todas as pressões sociais que tendem a menosprezar as necessidades” (p. 46), Freud acabou fornecendo munição para uma orientação que tendia a referendar, sem qualquer apreciação crítica, padrões de conduta predominantes na sociedade. Como exemplos desse tipo de padrão, ele cita a regra de alimentar os bebês a cada duas horas, em vez de conforme a necessidade de cada bebê, e o cerceamento sexual imposto às jovens adolescentes. A seu ver, a direção no sentido da aceitação de normas sociais vigentes era fundada numa visão formal da sociedade, portanto uma perspectiva não materialista e histórica, e estava afinada com uma pregação religiosa marcada pela valorização de posturas como a humildade e a modéstia. Para o autor, esse conjunto organizado de ideias, um arranjo ideológico inclinado a suscitar comportamentos de aceitação das circunstâncias sociais existentes, aliava-se a uma prática psicanalítica, clínica e educacional, voltada, ainda que possivelmente de maneira não consciente, para a adaptação à dominação burguesa da sociedade capitalista. Psicanalista e comunista combatente desse estado de coisas, Reich declara: “o conceito de princípio de realidade, tal como é atualmente concebido por inúmeros psicanalistas, corresponde a uma atitude conservadora [...] encontra-se, assim, em contradição com o caráter objetivamente revolucionário da psicanálise” (p. 48). Vale notar que, ao que nos parece, nesse trecho citado, assim como no ensaio *Materialismo dialético e psicanálise* (1929/1934/1977b) como um todo, Reich buscou se equilibrar entre circunscrever os problemas presentes na psicanálise e, ao mesmo tempo, salvar

---

consegue transformar em realidade suas fantasias que encerram desejos” (1910/2013, p. 278).

a ciência criada por Freud da crítica avassaladora de autores vinculados ao campo marxista. Seguindo por essa linha tênue, não fica patente no texto se o viés ideológico gerado pela noção de princípio de realidade deveria ser atribuído à própria produção conceitual freudiana, ou apenas à forma como essa elaboração teórica foi interpretada e empregada por muitos psicanalistas. Apesar dessa falta de indicação clara, ao que parece, em se tratando do princípio de realidade, Reich não isentou o seu mestre psicanalista de responsabilidade pelas práticas reacionárias efetuadas no campo psicanalítico. Na esfera da discussão sobre a noção de princípio de realidade, cerca de 26 anos depois de Reich em *Materialismo dialético e psicanálise* (1929/1934/1977b), o filósofo da Escola de Frankfurt, Herbert Marcuse, em *Eros e civilização*, também elaborou uma forte crítica a essa formulação freudiana (Marcuse, 1955/1981).

No que diz respeito ao complexo de Édipo<sup>48</sup>, Reich centra sua crítica no caráter a-histórico assumido pela psicanálise. Para o autor, um conteúdo básico, o complexo de Édipo, fruto de determinada formação social, a família patriarcal, foi universalizado e o ser humano de diferentes épocas e culturas passou a ser visto por meio desse molde particular. Como já indicamos neste estudo, essa questão, universalidade ou não da estrutura edípica, foi objeto de acirrada discussão científica entre Ernest Jones e Bronislaw Malinowski, com

---

<sup>48</sup> Na conceituação de Laplanche & Pontalis (1983): “Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta relativamente aos pais. Sob a sua chamada forma positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo de morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual da personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se inversamente: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, estas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo” (p. 116).

Reich se alinhando à orientação defendida pelo antropólogo (não universalidade). Em *Materialismo dialético e psicanálise* (1929/1934/1977b), depois de ter apontado para o erro contido na visão psicanalítica, Reich registra a seguinte previsão: “Numa sociedade socialista o complexo de Édipo deve desaparecer porque a sua base social, a família patriarcal, perde a sua razão de ser e desaparece” (p. 110). Argumentando a favor dessa incisiva suposição, ele afirma que a educação coletiva de crianças, uma ação defendida na sociedade socialista, propiciaria o desenvolvimento de relações múltiplas e móveis entre as crianças e, também, entre estas e os educadores, sendo tal contexto “desfavorável ao desenvolvimento de posições psíquicas idênticas às que atualmente se manifestam na família” (p. 110).

Em se tratando das críticas de Reich ao conceito psicanalítico de complexo de Édipo, é importante assinalar que o autor se colocou contra um pilar fundamental do edifício psicanalítico. Numa leitura do modelo freudiano como um todo, o complexo de Édipo constitui uma repetição, na existência de um ser humano em particular, da interdição que possibilitou a construção da própria vida civilizada: a proibição do incesto. Para Freud, em prol de maior segurança, os homens abriram mão de uma parcela de satisfação e passaram do estado de natureza, no qual o desejo do indivíduo mais forte imperava, para o estado de vida civilizada, marcado pela força da lei da comunidade, um poder limitante sobre cada um dos indivíduos. De acordo com essa elaboração, o complexo de Édipo remete a um dado primário, a fundação da vida civilizada, e, também, configura uma relação de conflito entre natureza e cultura (Freud, 1912-1913/2012c). Sobre o complexo de Édipo nas sociedades em que o pai não desempenha a função repressiva, Laplanche & Pontalis (1983) observam que na

estrutura triangular desse complexo - a criança que deseja, o objeto desse desejo e o portador da lei que desempenha a função de interdição -, a interdição pode ser exercida por diferentes personagens reais e até mesmo por instituições.

Considerando a publicação em 1929 do ensaio *Materialismo dialético e psicanálise*, Roudinesco & Plon (1998) atribuíram a Reich o crédito de ter sido “o criador do freudo-marxismo” (p. 651). De acordo com os autores franceses, o “freudo-marxismo é uma corrente intelectual que perpassa toda a história do pensamento freudiano, de 1920 a 1975” (1998, p. 281). O psicanalista francês Paul-Laurent Assoun, autor de consistentes trabalhos sobre o pensamento de Freud, caracterizou o freudo-marxismo como “uma constelação de formas diversas, de desafios teóricos variados” (Assoun, 1991, p. 107). Trata-se, portanto, de um agregado científico concebido de maneira bastante larga, uma vez que, a rigor, não identifica nenhuma escola específica de pensamento. Além de Reich, usualmente são citados como pertencentes a essa corrente intelectual os psicanalistas Otto Fenichel, Vera Schmidt (1889-1937) e Marie Langer (1910-1987). Também os teóricos associados à Escola de Frankfurt, sobretudo Herbert Marcuse e Erich Fromm (1900-1980). Cabe ressaltar que o próprio Reich não nomeou a sua proposta de articulação entre a psicanálise e o marxismo por meio da expressão freudo-marxismo. Também não identificamos em nenhum escrito de Reich o emprego dessa expressão, ausência igualmente mencionada por Dadoun (1991).

Como indicação para o leitor interessado, além de *Materialismo dialético e psicanálise* (1929/1934/1977b), os principais escritos de Reich vinculados a esse domínio são: *O combate sexual da juventude* (1932/1978),

*Irrupção da moral sexual repressiva* (1932/n. d.b), *Psicologia de massa do fascismo* (1933/1974a), *Prefácio à primeira edição* [livro *Análise do Caráter*] (1933/1995k), *O que é consciência de classe?* (1934/1976a) e partes de *A revolução sexual* (1930/1936/1981a). Deste acervo, a produção que alcançou maior repercussão foi *Psicologia de massa do Fascismo* (1933/1974a). Nesse livro, Reich analisa as razões que teriam levado boa parte do proletariado alemão, contra os seus próprios interesses de classe, a apoiar o nazi-fascismo. Quanto à questão temporal, cabe notar que o autor denunciou, de forma imediata, ou seja, ainda em 1933, ano da ascensão de Hitler ao poder, o enorme perigo que o nazi-fascismo representava para a humanidade.

Em função desses trabalhos, Reich registrou seu nome como um dos principais autores do chamado freudo-marxismo. Roudinesco & Plon (1998), provavelmente tendo como referência o livro *Psicologia de massa do fascismo* (1933/1974a), manifestaram: “[Reich foi] o teórico de uma análise do fascismo que marcou todo o século” (p. 651). Já o psicanalista Paul-Laurent Assoun, ao indicar as obras mais representativas do freudo-marxismo, cita trabalhos de Reich, Erich Fromm e Herbert Marcuse (Assoun, 1991). Fora do âmbito da psicanálise, muitos cientistas, sobretudo os associados à chamada Teoria Crítica da Sociedade, sem deixarem de tecer críticas às elaborações de Reich, principalmente as produzidas aproximadamente depois de meados da década de 1930, também têm reconhecido o valor das contribuições de Reich. Esse é o caso, por exemplo, do professor de história da Universidade da Califórnia, Russel Jacoby. Em *Amnésia social: uma crítica à Psicologia conformista, de Adler a Laing*, ao efetuar uma análise da produção de autores vinculados à psicanálise e ao marxismo, o historiador escreveu: “Dentre essas formulações, as melhores

são provavelmente as de Reich e de Otto Fenichel” (Jacoby, 1977, p. 105). Igualmente expressando uma menção positiva, o filósofo brasileiro Paulo Sérgio Rouanet, no livro *Teoria crítica e psicanálise*, observou: “Reich foi sem dúvida o autor das contribuições mais originais em torno de Marx e Freud” (Rouanet, 1986, p. 26). No artigo *De Frankfurt à Budapest: os paradoxos de uma psicologia de base Marxista*, a filósofa Iray Carone, docente da Universidade de São Paulo, atribuiu um papel inovador ao livro *Psicologia de massa do fascismo* (1933/1974): “é, sem dúvida, uma obra crítica que, a despeito de seu caráter militante, vai introduzir, em definitivo, a questão da subjetividade no Marxismo Ocidental” (Carone, 1991).

Em setembro de 1929, com o objetivo de ver de perto o processo revolucionário em curso na União Soviética, Reich, na companhia de Annie Pink, fez uma viagem de algumas semanas para Moscou. Segundo Boadella (1985), o então psicanalista foi convidado para visitar Moscou em função da repercussão de seu ensaio *Materialismo dialético e psicanálise* (1929/1934/1977b) no meio comunista. Sobre o assunto, Sinelnikoff (1971) acrescenta que nessa viagem Reich defendeu as ideias presentes naquele escrito numa conferência ministrada na Academia Comunista de Moscou. Em termos pessoais, vários outros temas o motivavam, desde os efeitos das leis liberalizantes a respeito do casamento, divórcio, aborto e homossexualidade, até o trabalho de educação coletivista presente naquele país. Em Moscou, Reich fez visitas a algumas entidades da área da saúde, ministrou a conferência “Sociologia e Psicologia” na Academia Comunista, falou sobre “Prevenção das neuroses” no Instituto de Neuropsiquiatria, entrou em contato com jardins de infância, assim como

centros para menores infratores, e conversou com a educadora e psicanalista Vera Schmidt (Boadella, 1985; I. Reich, 1978; Sharaf, 1994).

Sobre a psicanálise na Rússia, Freud, em 1914, no artigo *Contribuição à história do movimento psicanalítico* (1914/2012b), apontou para a grande difusão da ciência psicanalítica naquele país. Nessa mesma linha de observação, Jones (1989) relata que em 1923, em apenas um mês, foram vendidos em Moscou dois mil exemplares de uma tradução para o russo das *Conferências introdutórias à Psicanálise* (Freud, 1916-1917/2014a). O professor da Universidade de Cambridge, especialista em Estudos Russos, Alexander Etkind, ao comentar essa forte penetração, observou que na Rússia pré-socialista o conflito da psicanálise não se deu com a psiquiátrica, mas sim com a hipnose, uma prática tradicional e empregada, também, como método de psicoterapia<sup>49</sup>. Após a revolução de outubro de 1917, o campo psicanalítico russo foi apoiado por Trotski, que tinha uma boa impressão do universo analítico<sup>50</sup>, sobretudo por meio do contato com o dissidente da psicanálise e fundador da Psicologia do Indivíduo, Alfred Adler (1870-1937), marido da socialista Raisa Eptein Adler (1872-1962). Trotski tentou aproximar, sem sucesso, a psicanálise do principal nome da psicologia soviética, Ivan Petrovitch Pavlov. Com a ampliação do poder de Josef Stalin (1878-1953), iniciada em 1924 com a morte de Lênin, a presença

---

<sup>49</sup> Nesse terreno do uso da hipnose, o especialista em estudos russos lembrou o nome do religioso e místico Rasputin (Grigoriy Yefimovich Rasputin, 1869-1916), figura politicamente influente no final do período czarista (Etkind, n. d.).

<sup>50</sup> O apreço de Trotski pela psicoterapia deu ensejo a uma observação irônica, e bem-humorada, do filósofo norte-americano de orientação marxista, Marshall Berman: “Trotski, na década de 1920, passou a acreditar que a psicoterapia era um direito revolucionário: o de nos protegermos de nós mesmos” (Berman, 2012, p. 108).

institucional da psicanálise na Rússia Soviética foi diminuindo, entrando em colapso por volta de 1927 (Etkind, n. d.). Sobre esse encerramento de atividades, Roudinesco & Plon (1998) afirmam que a psicanálise foi praticamente erradicada da União Soviética em 1930 (embora alguns a continuassem exercendo) e o modelo da psicologia comportamental de Pavlov tornou-se hegemônico.

A fim de nos aproximarmos, minimamente, do contexto encontrado por Reich em Moscou, vamos tecer algumas palavras sobre a forma como a revolução socialista russa lidou com a questão da família, uma matéria que congregava vários interesses da viagem do psicanalista. Discorreremos a respeito das duas primeiras décadas do referido processo revolucionário, pois as análises teóricas efetuadas por Reich se referem a esse período. Para focalizar as legislações sobre a família promulgadas desde a revolução de outubro de 1917<sup>51</sup> até por volta de 1936, lançamos mão, em especial, do trabalho *A experiência soviética* (Castellina, 1971), elaborado pela italiana, escritora e parlamentar comunista, Luciana Castellina. No que diz respeito aos anos iniciais da revolução, procuramos dar ênfase a escritos e discursos de Lênin, os que, de alguma forma, tocaram no tema da família.

---

<sup>51</sup> Em 1917 ocorreram duas revoluções na Rússia. A de fevereiro, de orientação liberal burguesa, deu fim à autocracia monárquica do Império Russo, então sob o comando do Czar Nicolau II (Nicolau Aliexandrovich Romanov, 1868-1918). E a de outubro, na qual os bolcheviques, sob a liderança de Lênin, destituíram o governo provisório, decidiram pela saída da Rússia da Primeira Guerra Mundial e instauraram, pela primeira vez na história, uma sociedade socialista. De início, numa guerra civil que terminou em 1920, os bolcheviques enfrentaram e venceram forças contra-revolucionárias. Em 30 de dezembro de 1922 foi criada a União das Repúblicas Socialista Soviéticas (URSS), uma federação de várias repúblicas lideradas pela Rússia.

De acordo com o material levantado pela autora italiana, os primeiros decretos sobre o casamento e o divórcio foram promulgados ainda em dezembro de 1917 e o código da família no ano seguinte, sinais de que essa temática ocupou a atenção dos legisladores desde o início da revolução. No código de 1918, o casamento religioso é privado de qualquer valor legal e o civil podia ser realizado por meio de um simples registro num departamento administrativo. Em termos de exigências, o cuidado em relação aos filhos está presente e permanece mesmo após uma eventual separação do casal, trata-se de um ônus para ambos os cônjuges. Quanto à manutenção recíproca, sem apontar para qualquer diferença entre os consortes, ela torna-se um dever no caso de um estado de necessidade (por inadaptabilidade ao trabalho ou desemprego), mas essa obrigação só se estende por um ano após o rompimento do matrimônio. De outra parte, os integrantes do casal não assumem nenhuma obrigação legal no que diz respeito à fidelidade ou coabitação. O divórcio é permitido por consentimento mútuo, sendo obtido por meio da vontade expressa para um funcionário que registra o rompimento do vínculo. Já na circunstância do pedido ser apresentado por um só dos cônjuges, um tribunal competente é acionado para dirimir quanto ao mérito da pensão de alimentos (Castellina, 1971). Essa linha de orientação legal é propagada por Lênin em discurso proferido em dia 19 de novembro de 1918 no Primeiro Congresso Pan-Russo das Operárias. A defesa dos direitos da mulher ocupa lugar central nas veementes palavras do líder comunista:

A República dos Sovietes tem a tarefa de abolir, antes de tudo, qualquer limitação aos direitos da mulher. Para obter o divórcio, já não se exige um processo judiciário: essa

vergonha burguesa, fonte de aviltamento e de humilhação, foi completamente abolida pelo poder soviético. Há quase um ano a lei reconhece a plena liberdade de divórcio. Promulgamos um decreto que elimina não só a diferença entre filhos legítimos e ilegítimos, mas também todas as limitações políticas que daí derivam. Em nenhuma parte do mundo a igualdade e a liberdade das mulheres trabalhadoras lograram realização tão completa (Lênin, 1918/1925/2007a)<sup>52</sup>.

No ano seguinte, Lênin reafirma essa perspectiva no escrito *A contribuição da mulher na construção do socialismo*. Neste, demonstrando preocupação com a real situação da mulher, afirma: “A mulher, não obstante todas as leis libertadoras, continua uma escrava doméstica, porque é oprimida, sufocada, embrutecida, humilhada pela mesquinha economia doméstica, que a prende à cozinha, aos filhos e lhe consome as forças num trabalho bestialmente improdutivo” (Lênin, 1919/2007b). Ainda em 1919, em discurso pronunciado na IV Conferência das Operárias sem Partido de Moscou, consciente das duras condições sociais concretas que envolviam a vida das operárias, ele indicou o caminho a ser trilhado pela revolução bolchevique: “Criaremos instituições modelos, refeitórios e creches que libertarão as mulheres do trabalho doméstico [...] É preciso dizer que existem hoje na Rússia pouquíssimas instituições aptas a ajudar as mulheres a saírem da situação de escravas domésticas” (Lênin, 1919/2007c). Cabe lembrar que Engels, em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1884/1979), mapeou, com toda clareza, a situação de

---

<sup>52</sup> O discurso foi proferido em 1918, 1925 é o ano da sua primeira publicação, 2007 é o ano da edição que utilizamos.

opressão doméstica experimentada pela mulher no regime capitalista: “A família individual moderna baseia-se na escravidão doméstica, franca ou dissimulada, da mulher [...] Na família, o homem é o burguês e a mulher representa o proletariado” (Engels, 1884/1979, p. 80). Essa linha básica de entendimento já está esboçada no *Manifesto do partido comunista*, de Marx e Engels, publicado em 1948. Nesse documento-panfleto destinado aos proletários do mundo, Marx e Engels, ao apontarem a hipocrisia e a futilidade que caracterizaria o casamento na sociedade burguesa, afirmam sobre a circunstância vivida pelas mulheres: “Não contentes com o fato de ter à disposição as mulheres e filhas dos proletários - para nem falar na prostituição oficial -, nossos burgueses têm por principal diversão seduzir as esposas uns dos outros” (1848/2012, p. 65).

No cenário de transformações sociais que incluía a meta de dar condições para que a mulher pudesse ser inserida, de forma plena, no universo do trabalho, funções tradicionalmente desempenhadas pela família, como a educação de crianças, passaram a ser realizadas, em boa parte, em centros comunitários. É nesse espaço social que entra em cena o Jardim de Infância Experimental criado em 1921 em Moscou pela pedagoga e psicanalista russa Vera Schmidt<sup>53</sup>. Essa pioneira na prática educativa inspirada na psicanálise expôs, em um detalhado artigo publicado em 1924, o trabalho efetuado, de 1921 a 1923, com 30 crianças, entre um e cinco anos de idade (Schmidt, 1924/1975). No escrito - um material, acima de tudo, importante pelo seu valor histórico -,

---

<sup>53</sup> Cabe mencionar que Vera Schmidt era casada com o matemático e político bolchevique Otto Schmidt (1891-1956). No cargo de diretor de editoras estatais, Otto Schmidt promoveu a tradução de vários livros de Freud para o russo (Etkind, n. d.; Roudinesco & Plon, 1998).

chama a atenção aspectos como a atitude de compreensão, em vez de cerceamento, das expressões de sexualidade infantil e a tentativa de criar condições educacionais para a ocorrência de processos sublimatórios. Sobre a relação das crianças com os pais, Schmidt (1924/1975) conta que estes visitavam os filhos aos domingos e, por vezes, os levavam para casa. De acordo com a pedagoga, as crianças se alegravam muito com essas visitas, mas, na hora da despedida, “deixam os pais sem lágrimas nem resistência” (p. 35). No último parágrafo do artigo, apontando para os ganhos alcançados por essa forma de educação coletiva, Vera Schmidt, em tom conclusivo, manifestou:

As crianças não conhecem autoridade parental, coação parental e coisas análogas. O pai e a mãe são para eles seres ideais, bons e amados. Também não é impossível que essas boas relações entre pais e filhos só se possam estabelecer precisamente quando a educação se realize fora da casa familiar (Schmidt, 1924/1975, p. 35).

Procurando sintetizar a busca de aproximação entre o marxismo e a psicanálise que pautou o trabalho educacional efetuado por Vera Schmidt no início dos anos 1920 em Moscou, Roudinesco e Plon (1998) afirmaram: “O sistema de educação tradicional fundado nos maus-tratos e nas punições corporais foi abolido e o ideal da família patriarcal severamente criticado, em proveito de valores educativos que privilegiavam o coletivo” (p. 690). Além do relato da inovadora atividade formativa desenvolvida, Schmidt (1924/1975) narra a verdadeira saga enfrentada para manter funcionando o Jardim de Infância Experimental, isso em decorrência de problemas legais e de financiamento enfrentados. Devido a esses problemas, essa entidade educacional, que abrigou

filhos de muitos dirigentes e funcionários do Partido Comunista, encerrou suas atividades em novembro de 1924, isso apesar do apoio recebido da pedagoga e mulher de Lênin, Nadejda Kroupskaia (1869-1939) (Roudinesco & Plon, 1998).

Sobre os fatores que teriam levado ao fechamento do Jardim de Infância Experimental, Alexander Etkind afirma que parte das autoridades soviéticas criticavam a instituição educacional dirigida por Vera Schmidt por considerá-la elitista, uma organização com composição pouco proletária. Além disso, rumores de experimentação sexual realizadas com as crianças eram frequentes. Nessa linha de questionamento da pureza ideológica e sexual do Jardim, em uma última inspeção realizada por um órgão estatal, foi avaliado de forma negativa a presença de prática masturbatória efetuada pelas crianças (Etkind, n. d.). Vale registrar que, de acordo com o informado pelo neuropsicólogo russo Alexander Romanovich Luria (1902-1977)<sup>54</sup>, entre as crianças do Jardim Experimental constava o filho de Stalin, Vasily Iosifovich Djugashvili (1921-1962), também conhecido como Vasily Stalin, nascido em 1921 (Etkind, n. d.).

Na esfera da malha jurídica da sociedade russa, em 1920 é introduzido o direito ao aborto, uma lei formulada, mas acompanhada, na sua interpretação, do entendimento de que ela era necessária em função de resíduos burgueses ainda presentes no panorama social. O apontamento do legislador era no sentido de que, no futuro, as mulheres poderiam gerar filhos sem preocupações

---

<sup>54</sup> Luria fazia parte do Círculo Psicanalítico de Kazan, enquanto Vera Schmidt integrava a Sociedade Psicanalítica Russa. No contexto das ações empreendidas para a obtenção de reconhecimento oficial por parte da IPA, objetivo alcançado em 1923, esses dois grupos se uniram (Etkind, n. d.; Roudinesco & Plon, 1998).

(Castellina, 1971). Já em 1926, portanto oito anos depois do primeiro código da família, é promulgado um segundo código com diretrizes que aprofundam a linha adotada no de 1918. Nesse novo regulamento, o casamento de fato e o casamento registrado passam a ter o mesmo valor legal, a palavra divórcio nem sequer é empregada e o rompimento da união poderia ser obtido por meio de uma declaração, formulada por um dos cônjuges, à autoridade administrativa. O Estado, na realidade, só teria alguma ingerência para decidir quanto ao dever dos pais em relação à pensão de alimentos dos filhos. Segundo Castellina (1971), esse código de 1926 provocou intensos debates no Comitê Central do Partido da República Russa e a norma que equiparava o casamento de fato com o casamento registrado não chegou a ser implementada em algumas repúblicas soviéticas.

Com o aqui exposto, fica claro que a revolução russa, pelo menos na sua primeira década, adotou uma orientação geral de crítica radical em relação à família da sociedade burguesa<sup>55</sup> e procurou criar condições, legais e de equipamentos sociais, para alterar profundamente a situação presente. A meta não era apenas reformar a sociedade existente, mas sim edificar um novo mundo, diferente do anterior, com novas relações entre os homens. Nesse nascente campo social, a família seria integrada à sociedade, deixando, com isso, de exercer antigas funções de segurança e tutela contra uma coletividade inimiga. Sintetizando as ideias que marcaram essa ação política, Castellina

---

<sup>55</sup> Sobre as relações familiares na sociedade burguesa, Marx e Engels, no *Manifesto do partido comunista*, apontaram: “A burguesia removeu das relações familiares seu véu emotivo-sentimental, reduzindo-as a mera relação monetária (Marx & Engels, 1848/2012, p. 47).

(1971) apontou: “a imediata e radical supressão de qualquer forma de subordinação da mulher na vida social, econômica e familiar; o caráter consensual e voluntário da sociedade familiar; a transferência de muitas de suas funções para a sociedade” (p. 53/54).

No início dos anos 1930, esses ares inovadores começaram a sofrer fortes críticas em função de problemas que assolavam o panorama soviético. Basicamente, a perspectiva adotada em relação à família na primeira década da revolução foi responsabilizada por um estado de desordem sexual, precariedade nas relações matrimoniais e abandono, econômico e moral, de filhos. Com relação ao último ponto, em 1933, só na República Russa, os tribunais julgaram cerca de 142.000 casos de pais que se recusavam a pagar a pensão alimentícia de filhos. Frente à situação presente, o governo soviético, sob a centralizada direção de Stalin, lançou uma campanha contra a frivolidade dos costumes e, em 1935, solicitou às famílias que recebessem em seus lares, pelo menos por um dia, delinquentes juvenis internados em instituições sociais. Na verdade, uma guinada de 180 graus para uma política de Estado que, até então, celebrava a educação social como superior à realizada no espaço privado das famílias. No ano de 1936, um decreto abole o direito ao aborto legal, que havia sido introduzido em 1920. São também dessa época os primeiros discursos de Stalin que mencionam a família como célula da sociedade (Castellina, 1971).

Tendo como referência o painel aqui apresentado - uma linha do tempo compreendendo as duas primeiras décadas da revolução soviética e centrada, sobretudo, no universo da família -, é possível afirmar que, ao visitar Moscou em setembro de 1929, Reich encontrou um panorama ainda relativamente embalado pelo modelo inovador no terreno da família, fruto do

impulso revolucionário original que permeou a sociedade soviética. Contudo, em meados da década de 1930, um outro modelo, contendo traços mais afinados com o padrão de família existente antes da revolução de outubro de 1917, vai se impor. Na realidade, é admissível dizer que, dada a sua orientação, o segundo modelo anulava boa parte das diretrizes transformadoras do primeiro.

E qual a avaliação de Reich a respeito do observado em Moscou em 1929? No livro *A revolução sexual* (1930/1936/1981a), na parcela inserida em 1936, intitulada *A luta pela “nova vida” na União Soviética* (1936/1981c), se reportando à viagem para Moscou, Reich conta que naquela oportunidade ouviu dizer que havia um trabalho de esclarecimento sexual com adolescentes. Interessado no tema, ao investigar o efetivamente realizado, constatou que se tratava de um projeto centrado exclusivamente em informações sobre doenças venéreas, e o que é pior, com o objetivo de “afugentar completamente a juventude das relações sexuais” (1936/1981c, p. 221). A mesma linha, a seu ver, de esclarecimento “*anti-sexual*” (p. 221, *itálicos originais*), era adotada em relação às questões da masturbação e do uso de métodos anticoncepcionais. Ainda sobre a juventude, mais especificamente a delinquência juvenil, um problema que preocupava muito as autoridades soviéticas, Reich relata que, na conversa tida com as educadoras Vera Schmidt e Geshelina<sup>56</sup>, ele chamou a atenção para a falta de um adequado esclarecimento sexual dos adolescentes, fator que, a seu ver, estaria alimentando a ocorrência de múltiplas formas anti-sociais de reação por parte dos jovens (1936/1981c, p. 298). Compete observar que, inserida no conjunto teórico do autor, esclarecimento sexual, além de

---

<sup>56</sup> Supomos que se tratava da pedagoga russa Liya Solomonovna Geshelina (1892- ano não identificado).

informações bem elaboradas sobre o tema, aponta para a necessidade da edificação de todo um enredo social não cerceador da sexualidade.

Especificamente sobre a educação coletiva de crianças na União Soviética, Reich publicou, em 1935, o escrito *Os Jardins de Infância na Rússia Soviética* (Reich, 1935/1975g). Neste, numa primeira parte, registrou uma série de observações a respeito dos Jardins de Infância visitados em 1929 em Moscou; numa segunda, tendo por referência o artigo de Vera Schmidt *Educação psicanalítica na Rússia Soviética* (Schmidt, 1924/1975), comentou detalhadamente o trabalho educacional realizado de 1921 a 1924 pela pedagoga e psicanalista russa. Sobre unidades visitadas em 1929, Reich assinalou impressões muito contraditórias. No terreno positivo, teceu elogios a aspectos como a organização geral dos jardins, a abertura para que as crianças participassem da escolha dos temas a serem estudados, a presença de assuntos pouco comuns, por exemplo, a importância das florestas para a saúde dos homens, e a combinação de trabalho manual com aprendizagem intelectual. No campo das restrições ao observado, teceu críticas à forma como a educação sexual das crianças era conduzida, basicamente, com restrição à masturbação e às demais formas de expressão da sexualidade infantil (Reich, 1935/1975g).

Já no diz respeito ao trabalho educacional de Vera Schmidt, a análise de Reich foi, em geral, elogiosa. Com acuidade, ele ressaltou a validade de várias diretrizes seguidas pela pedagoga russa, por exemplo, mencionou a orientação de que os julgamentos dos educadores deveriam se limitar à tarefa realizada pela criança e nunca sobre a criança em si. Contudo, os maiores louvores de Reich foram endereçados ao domínio da educação sexual, chegando a traçar paralelos entre a sua visão e a praticada no estabelecimento dirigido

pela psicanalista russa. Nesse domínio, dentre outros aspectos, destacou a maneira aprofundada e compreensiva de lidar com a masturbação infantil. Como única restrição à linha conceitual seguida por Vera Schmidt, Reich citou a perspectiva da educadora de que seria necessário superar o princípio do prazer em prol do princípio de realidade (Schmidt, 1924/1975). A seu ver, tal perspectiva estava baseada numa falsa dicotomia, pois a sublimação e a adaptação social seriam fruto da realização do princípio do prazer (Reich, 1935/1975g). Centrados nessa ressalva, Roudinesco e Plon (1998), no verbete sobre Vera Schmidt, afirmam que Reich criticou a psicanalista e pedagoga russa “por seu ideal adaptativo” (p. 690). Os autores franceses não estão errados na observação feita, porém, como só pinçaram esse aspecto do amplo artigo de Reich (1935/1975g), passaram uma imagem que pouco representa a totalidade da visão do autor, claramente marcada por uma leitura positiva a respeito do pioneiro trabalho psicanalítico de Vera Schmidt na área da educação infantil.

Vinculado ao assunto da educação de crianças realizada em centros comunistas, Ilse O. Reich menciona um curioso acontecimento relatado por Annie Pink. Segundo a primeira mulher de Reich, em 1930, quando a família se mudou para Berlim, Reich queria que Eva, então com seis anos, e Lore, com dois, fossem matriculadas em uma unidade de educação comunista. Frente à resistência de Annie Pink em relação a esse encaminhamento, o marido colocou à mulher duas alternativas: ou concordava com o direcionamento que ele estava indicando ou o casal seria desfeito. Eva e Lore foram para um centro educacional comunista (I. Reich, 1978).

Com relação às transformações efetuadas na legislação sobre a família na primeira década da revolução soviética, Reich as viu com bons olhos. Mais do

que isso, é possível supor que a orientação inovadora que norteou aquelas alterações, de alguma forma e em bom grau, foi incorporada em escritos do autor publicados no início da década de 1930. Porém, cabe observar que em sua produção teórica, Reich não repetiu meramente o conteúdo daquela legislação sobre a família. Nessa matéria, é mais próximo da verdade afirmar que o autor, tomando por base a perspectiva presente nos anos iniciais da revolução soviética, elaborou um modelo seu, uma proposta marcada por seu prisma de revolução social/sexual. Um trabalho que revela essa nossa leitura dos fatos é *Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura?* (Reich, 1930/1936/n. d.a)<sup>57</sup>, um instigante estudo em que Reich contrapõe ao casamento tradicional, que ele chama de indissolúvel ou compulsivo, a relação sexual duradoura, uma forma de relacionamento amoroso sem tempo pré-determinado de duração. No referido texto, ele articula diretrizes de linha socialista, como a necessidade de que os filhos sejam educados pela e para a sociedade, com teses suas vinculadas à esfera da sexualidade. A sua visão de sexualidade aparece, por exemplo, ao tratar do tema da fidelidade no casamento. Para o psicanalista interessado em transformações sociais, a fidelidade obrigatória, fundada em interesses econômicos e ancorada em padrões morais, deveria ser substituída pela fidelidade baseada única e exclusivamente na satisfação geral encontrada no relacionamento do casal (Reich, 1930/1936/n. d.a).

Nessa área temática, não deve passar despercebido o fato de que, ao falar de casamento e família, e elaborar propostas sociais transformadoras nesse campo, Reich se mantém dentro do padrão convencional de relação amorosa

---

<sup>57</sup> Esse trabalho também foi publicado em português com o título *Casamento compulsório e relação sexual permanente* (Reich, 1930/1936/1981b).

heterossexual. Isso nos autoriza a dizer que, em termos conceituais, a sua revolução sexual não chegou a ultrapassar os limites da heterossexualidade. Por outro lado, segundo Ilse O. Reich, um dos fatores que teriam motivado a viagem de Reich a Moscou em 1929 foi a legislação de orientação libertária sobre a homossexualidade implantada na União Soviética (I. Reich, 1978). Vamos, a seguir, procurar entender esses dois movimentos aparentemente não congruentes do autor - proposta inovadora na área do casamento/família centrada na heterossexualidade e apoio à liberdade homossexual.

No tópico *A reintrodução da cláusula da homossexualidade*, do escrito *A luta pela “nova vida” na União Soviética* (Reich, 1936/1981c), Reich abordou a forma como o Estado soviético, da revolução de outubro de 1917 até por volta de 1934, legislou sobre a homossexualidade. De acordo com o exposto, a legislação soviética no período inicial da revolução bolchevique aboliu qualquer forma de penalidade em relação à atividade sexual homossexual. Apesar dessa linha política adotada pelo poder central, em povos orientais da república soviética continuaram a existir perseguições a homossexuais. Em meados da década de 1930, o que restava da legislação que defendia a liberdade homossexual na União Soviética foi completamente apagado. Mais do que isso, em março de 1934, o dirigente soviético próximo de Stalin, Mikhail Kalinin (1875-1946), assinou uma lei que proibia a prática homossexual, ação política fortemente criticada por Reich (1936/1981c). Na realidade, esse retrocesso verificado no campo jurídico a respeito da homossexualidade foi só mais um aspecto do movimento do Estado soviético, comandado do Stalin, de rompimento com a legislação transformadora que havia sido implantada anteriormente na área do casamento/família. Nesse ponto é necessário registrar que Reich foi um

crítico radical da linha política geral adotada por esse dirigente soviético. O grau de ojeriza de Reich por Stalin chegou a tal ponto que em 1953, no livro *O assassinato de Cristo* (Reich, 1953/1982), ele cunhou o termo “Modju” para indicar toda atitude de “peste emocional” que age contra a vida. A palavra foi criada unindo “Mo”, o início do sobrenome de Giovanni Mocenigo, o nobre que denunciou o pensador e frade dominicano Giordano Bruno (1548-1600)<sup>58</sup>, julgado e morto pela Inquisição, e “dju”, as três primeiras letras do último sobrenome de Iossif Vissarionovitch Djugashvili, o nome original de Josef Stalin (Reich, 1953/1982).

Com o apresentado, fica claro que Reich se posicionou contra qualquer forma de cerceamento legal à homossexualidade. Porém, uma coisa é a luta pelo direito à liberdade nessa área, outra é a concepção clínica do autor a respeito da homossexualidade. No sistema teórico construído por Reich, a orientação homossexual tendeu a ser vista como fruto de um desenvolvimento não pleno, nunca em pé de igualdade com a heterossexualidade. Em *O combate sexual da juventude* (Reich, 1932/1978a), em algumas páginas dedicadas ao assunto, Reich indicou que a homossexualidade estaria vinculada a dificuldades na primeira infância que teriam gerado “grande experiência de decepção em relação ao sexo oposto” (p. 107). Vale notar, também, que em suas detalhadas descrições fenomenológicas da relação sexual orgástica, o modelo exposto vislumbra uma prática sexual heterossexual, sem qualquer menção à homossexualidade (Reich, 1927/1977a; 1942/1978c). Entretanto, o francês Roger

---

<sup>58</sup> Para Reich, Giordano Bruno, ainda no século XVI, antecipou suas ideias sobre a existência de uma energia cósmica, que ele chamou de orgone (Reich, 1953/1982).

Dadoun (1991), no verbete em que comenta a visão geral de Reich a respeito da homossexualidade, dentre outros aspectos, chama a atenção para o fato de que, tanto no livro *Superposição cósmica* (Reich, 1951/2003) como na entrevista dada a Kurt Eissler, materiais situados na parte mais final da produção de Reich, o então orgonomista se referiu à “experiência emocional primária da fusão de dois organismos” (Higgins & Raphael, 1979, p. 37), sem a indicação do sexo destes. A partir dessa aguda percepção, o comentador francês, num fértil exercício teórico que contribui para fomentar a problematização das ideias de Reich, propôs algumas decorrências conceituais, basicamente, a de que a fusão energética orgástica poderia ocorrer de forma independente do gênero dos parceiros sexuais e, até mesmo, numa unidade energética cindida em duas, como no caso da masturbação (Dadoun, 1991). Não é o caso de, pelo menos neste estudo, abrirmos uma discussão a respeito das interpretações de Dadoun (1991), mas as consideramos como boas proposições para futuros trabalhos.

Em síntese, se olharmos para o tecido costurado por Reich na área da sexualidade, identificaremos desenhos que defendem, com veemência, o direito à liberdade homossexual. Contudo, no mesmo tecido, também veremos linhas que aprisionam essa orientação amorosa/sexual numa leitura clínica que a aproxima do campo da psicopatologia. Portanto, no que se refere a essa visão clínica e a seus danosos efeitos capilares no meio social, Reich não foi, pelo menos na maior parte de sua obra, um revolucionário inovador, mas sim um autor afinado com o tradicional panorama cultural predominante em seu tempo e que, infelizmente, deita raízes até os dias atuais. A nosso ver, o caminho de elaboração teórica sugerido por Dadoun (1991), a partir da própria orgonomia reichiana, forneceu boas pistas para superar essa limitação presente em escritos

de Reich. De outra parte, nesse campo da sexualidade, vale sempre lembrar o sustentado por Freud nos *Tres ensayos para una teoria sexual* (Freud, 1905/1973b): não há qualquer vinculação necessária entre pulsão e objeto.

E quanto aos efeitos da viagem realizada por Reich a Moscou em 1929, o que se sabe sobre o assunto? De acordo com o material colhido por Boadella (1985), Reich “retornou da Rússia cheio de esperanças com as atitudes progressistas e liberais lá encontradas” (p. 75). Porém, o autor inglês também observa que as medidas de contrarreforma, instaladas em meados da década de 1930 na União Soviética, geraram “uma grande desilusão para Reich” (p. 75). Em uma apreciação mais completa, Sharaf (1994) aponta que Reich voltou mais convencido de que a miséria sexual e a exploração econômica, inerente ao modelo capitalista, eram, digamos, duas faces da mesma moeda. Com esse entendimento de base, para Reich, as relevantes medidas tomadas nas áreas da família e da educação na União Soviética só seriam realmente possíveis numa sociedade socialista. Por outro lado, ainda segundo o biógrafo norte-americano, o psicanalista teria notado os primeiros sinais de uma linha política reacionária que já ameaçava solapar o caminho progressista de transformações que vinha sendo trilhado (Sharaf 1994).

Conforme o aqui já apresentado, em 1929 Reich participava de duas organizações vinculadas à Sociedade Psicanalítica de Viena: o Seminário de Técnica (como Diretor) e o *Ambulatorium* (Vice-Diretor). De outra parte, fora da esfera da instituição psicanalítica, ele liderava a Sociedade Socialista para o Aconselhamento e a Investigação Sexual, a entidade responsável pelas seis Clínicas de Aconselhamento Sexual para os Trabalhadores e Empregados abertas em Viena. Com a chancela da Sociedade Psicanalítica, a atividade efetuada

girava em torno da aprendizagem/discussão da técnica (no Seminário) e do atendimento clínico à população pobre de Viena (*Ambulatorium*). Já no terreno não demarcado pela Psicanálise, isto é, na Sociedade Socialista para o Aconselhamento e a Investigação Sexual, o objetivo a ser alcançado não se restringia ao âmbito da atenção clínica à saúde de pacientes. De posse de uma leitura crítica, de orientação comunista, a respeito da sociedade capitalista, além do objetivo curativo, o trabalho desenvolvido visava metas preventivas, isto é, identificar e procurar alterar condições sociais potencialmente responsáveis pela incidência de doenças mentais. É necessário ainda acrescentar que, no campo das ideias que embalavam a Sociedade Socialista para o Aconselhamento e a Investigação Sexual, Reich havia publicado, ainda em 1929, o ensaio *Materialismo dialético e psicanálise* (1929/1934/1977b) e visitado a capital da União Soviética, Moscou, cidade em que se apresentou, em palestras e contatos efetuados, como um autor que defendia uma aproximação conceitual entre a psicanálise e o marxismo. Nesse quadro, com duas linhas de força, isto é, atividades vinculadas à Sociedade Psicanalítica e ações, de prisma comunista, realizadas de maneira independente, uma pergunta básica se configura: qual a avaliação da direção da Sociedade Psicanalítica a respeito do trabalho de linha independente que Reich estava desenvolvendo?

A resposta a essa indagação pode ser encontrada no relato feito por Reich a respeito de uma reunião psicanalítica realizada na casa de Freud no dia 12 de dezembro de 1929. De acordo com o autor, nessas reuniões efetuadas na residência do líder psicanalista - de periodicidade mensal e aberta apenas a membros oficiais da psicanálise, que vinham por turnos em horários diferentes -

decisões importantes eram tomadas. No referido dia, Reich realizou uma apresentação sobre o tema profilaxia da neurose<sup>59</sup>, reflexão pautada, principalmente, na sua experiência nas Clínicas de Aconselhamento Sexual para os Trabalhadores e Empregados. Segundo o que o autor expõe em *A função do orgasmo* (1942/1978c) e, também, na entrevista de 1952 (Higgins & Raphael, 1979), mesmo que consciente do risco que correria ao defender ideias de política sexual num evento que congregava a direção do movimento psicanalítico de Viena, o seu trabalho social já ganhara autonomia e ele não era afeito a escamotear a verdade. Assim sendo, Reich atravessou o Rubicão e sustentou uma tese abrasadora: a necessidade de que a psicanálise desse um passo decisivo em direção à profilaxia e, nessa esfera, fosse avaliado, sobretudo, o papel desempenhado pela família de então. Comentando o clima da reunião, as manifestações dos analistas presentes<sup>60</sup> e a de Freud, Reich demonstrou ter assimilado melhor as críticas do criador da psicanálise. Em suas palavras: “A atmosfera era fria. Eles [os psicanalistas] foram revoltantes. Freud foi muito áspero comigo, mas foi uma aspereza boa. Não me desagradou” (Higgins & Raphael, 1979, p. 63).

Ao que parece, a séria divergência observada no evento realizado na casa de Freud descortinou o verdadeiro abismo que, no período, separava as perspectivas conceituais e, conseqüentemente, práticas de Freud e Reich. Para

---

<sup>59</sup> De acordo com uma nota de rodapé em *Reich fala de Freud*, essa apresentação de Reich não resultou em publicação (Higgins & Raphael, 1979).

<sup>60</sup> Em *Reich fala de Freud*, Reich recorda que na reunião do dia 12 de dezembro de 1929 cerca de sete ou oito psicanalistas estavam presentes, dentre eles: Edward Hitschmann, Paul Federn, Helene Deutsch (1884-1982), Hermann Nunberg e, possivelmente, Heinz Hartmann (1894-1970) (Higgins & Raphael, 1979).

o primeiro, a enfermidade neurótica era uma decorrência inevitável da vida civilizada, uma espécie de preço a pagar para poder usufruir dos benefícios da civilização. Na visão do segundo, as enfermidades psíquicas eram, em boa parte, frutos de condições sociais historicamente determinadas, sendo, como vimos, o próprio complexo de Édipo entendido como um fenômeno decorrente da família patriarcal. Em termos mais amplos, na leitura de Reich, a sociedade vigente estava pautada por um arcabouço normativo de orientação repressora à sexualidade, enredo que acarretava dificuldades à saúde dos indivíduos. Com tal assertiva de base, para o autor, o engajamento na luta por alterações sociais era uma decorrência necessária e urgente, um caminho imprescindível para os que trabalhavam na área da saúde. Na verdade, no que diz respeito a Reich, uma ação coerente do médico, então psicanalista e comunista, um homem da ciência, que é como ele se via, que efetua um diagnóstico, no caso, um diagnóstico da sociedade, e age em função deste.

Ainda sobre a reunião psicanalítica de 12 de dezembro de 1929, a pesquisa do material legado por Reich revela a presença de um dado que, pelo seu valor histórico, merece ser comentado. De acordo com Reich, argumentos formulados por Freud a fim de combater as suas teses na aludida reunião apareceram no ano seguinte no trabalho *O mal-estar na civilização* (Freud, 1930/2010o). Fundado nessa ligação entre os dois eventos, Reich sustenta que o clássico texto freudiano teria sido escrito em resposta àquela sua exposição. A título de ilustração, vejamos essa leitura dos fatos em suas próprias palavras: “Quero que fique bem claro que *Das Unbehagen in der Kultur* [*O mal-estar na cultura*] foi escrito especificamente em resposta a uma das minhas conferências,

apresentada na casa de Freud. Era eu que estava ‘Unbehaglich in der Kultur’ [aproximadamente, ‘Sentindo mal-estar na cultura’]” (Higgins & Raphael, 1979, p. 53).

Não temos elementos suficientes para dirimir se essa visão dos acontecimentos apresentada por Reich pode ser considerada válida ou não. O que podemos ponderar sobre a matéria é que o trabalho *O mal-estar na civilização* não seria propriamente uma novidade, mas mais um elo, ainda que fundamental, de uma reflexão freudiana em curso sobre a vida humana em cultura. De outra parte, é bem possível pensar que o embate entre mestre e discípulo, ocorrido na mencionada reunião psicanalítica, tenha servido como estímulo, como uma espécie de fomento catalizador para as elaborações freudianas. Tal como um bom antagonista que cutuca e suscita reação, Reich pode ter ocupado o lugar de alguém que ajuda um enredo a se desenvolver. É, talvez, nesse sentido que o referido escrito freudiano, repleto de argumentos utilizados por Freud na discussão que se seguiu à apresentação reichiana sobre profilaxia da neurose, pode ser considerado uma resposta a Reich. Ou até, quem sabe, uma resposta a uma linha de ação política comunista que propunha o emprego da psicanálise como uma ferramenta na luta por transformações sociais profundas, caminho que Reich já estava ousando trilhar. Coincidência ou não, em *O mal-estar na civilização* (1930/2010o), como já apontamos neste estudo, Freud desenvolve forte crítica às bases psicológicas da orientação comunista.

Por fim, para uma completa apreciação do embate ocorrido na casa de Freud em 12 de dezembro de 1929 seria importante saber o grau de informação prévia que os analistas presentes tinham a respeito das ações

teórico/práticas de Reich associadas ao universo comunista. Ao que tudo indica, o trabalho de Reich nas Clínicas de Aconselhamento Sexual para os Trabalhadores e Empregados, uma atividade desenvolvida na própria Viena sob a responsabilidade da Sociedade Socialista para o Aconselhamento e a Investigação Sexual, reunia boa chance de ser conhecido pelos presentes. E quanto ao artigo *Materialismo dialético e psicanálise* (1929/1934/1977b), ensaio em que o autor teceu duras críticas a importantes noções do acervo psicanalítico (como as de complexo de Édipo, pulsão de morte e princípio de realidade) e promoveu uma aproximação teórica entre a psicanálise e o marxismo, será que os participantes daquela reunião tinham ciência dessa publicação? Como não temos dados para responder a essa questão, ela fica registrada para futuros estudos. No terreno das hipóteses, como Reich não faz, até onde sabemos, nenhuma menção ao assunto, supomos que o referido artigo não era do conhecimento dos presentes no evento de 12 de dezembro de 1929.

Cerca de nove meses após essa reunião, em setembro de 1930, ocorreu o último encontro pessoal entre Reich e Freud. Num vilarejo austríaco onde Freud passava férias de verão, Grundlsee, Reich foi participar ao líder psicanalista que ele iria mudar-se para Berlim. Nesse ponto, cabe notar a repetição de um enredo que permeou a relação entre esses dois homens por toda a década de 1920: o discípulo procura o mestre e o situa a respeito de suas ações no âmbito psicanalítico. E quais os motivos de Reich para deixar Viena? No campo macro político, contra a posição defendida por Reich, para fazer frente à depressão econômica de 1929 o Partido Social Democrata (que governava Viena), numa guinada à direita, estabeleceu um acordo como o Partido Social Cristão

(no poder central na Áustria) que acabou por reduzir as liberdades civis (Sharaf, 1994). Na esfera psicanalítica, a óbvia noção de que o *staff* psicanalítico em Viena se colocava contra a linha de intervenção social/preventiva que ele estava trilhando, as fortes críticas recebidas na casa de Freud haviam escancarado esse fato. Enquanto a situação dominante na tradicional Viena pouco espaço oferecia para os intensos movimentos de Reich, de outra parte, a politicamente efervescente capital da vizinha Alemanha, Berlim, reunia consideráveis aspectos atraentes para aquele médico, psicanalista e comunista interessado em promover reformas no terreno da sexualidade. Em especial: encontrar um ambiente psicanalítico mais receptivo às suas ideias de base marxista; ampliar e adensar o seu trabalho na área de política sexual; efetuar um processo analítico, intento que, desde a negativa de Freud em analisá-lo, ele não havia mais buscado em Viena. Juntando fios, na Áustria, o acordo entre o Partido Social Democrata e o Partido Social Cristão havia ceifado qualquer esperança de transformação profunda, de linha comunista, da sociedade austríaca. Na Sociedade Psicanalítica de Viena, a oposição a Reich, crescente a partir de 1927, havia atingido um patamar extremamente elevado, isso apesar do apoio institucional que o jovem analista sempre recebeu de Freud. Nesse quadro, Berlim se apresentava como uma possibilidade de continuidade e, até, de aprofundamento das ações que Reich vinha desenvolvendo em Viena.

Na entrevista dada a Kurt Eissler em 1952 (Higgins & Raphael, 1979), Reich relata que, em Grundlsee, ele teve uma discussão “muito azeda” (p. 59) com Freud, e complementou: “Ele foi azedo, e eu também” (p. 59). Na seqüência do depoimento, Reich lembra que tinha acabado de publicar a primeira parte do livro *A revolução sexual* (1930/1936/1981a), qual seja,

*Geschlechtsreife, enthaltsamkeit, ehemoral: kritik der buergerlichen sexualreform* [Maturidade sexual, abstinência, moral conjugal: crítica da reforma sexual burguesa], e passa a detalhar o conteúdo da conversa com Freud, atividade que durou “cerca de uma hora, talvez [uma] hora e meia” (p. 71). Basicamente, na referida visita, o psicanalista e comunista defendeu a linha de intervenção social já apresentada na reunião de 12 de dezembro do ano anterior, isto é, a necessidade de ampliar o raio de ação da psicanálise de forma a alcançar objetivos profiláticos, o que implicaria na proposição de alterações no âmbito da família. Procurando reproduzir as frases ditas no encontro em Grundlsee, Reich recorda: “Eu disse que é preciso distinguir a família natural, que é baseada no amor, da família compulsiva [...] é preciso fazer toda a espécie de coisas para prevenir as neuroses” (p. 59). Freud, por sua vez, teria replicado algo como: “O seu ponto de vista não tem nada a ver com a orientação moderada da psicanálise” (p. 59) e, também, “Não é nosso propósito, ou propósito da nossa existência, salvar o mundo” (p. 60). Ainda na conversa entabulada, em resposta a um pedido de indicação de nome de analista para Reich em Berlim, Freud sugeriu Sandor Rado (1890-1972) ou Siegfried Bernfeld (1892-1953).

De acordo com o relatado por Reich (Higgins & Raphael, 1979), ele, de alguma forma, já sabia que aquele seria o seu último contato pessoal com Freud. Concluído o encontro, ao se afastar do local, olhando pela janela, Reich viu o criador da psicanálise caminhando de um lado para outro, tal como um ““animal enjaulado”” (p. 71, aspas originais). Após ter mencionado essa leitura da expressão corporal de Freud, ainda na entrevista a Eissler, Reich complementou: “E é o que ele era. Qualquer homem com o seu valor, a sua vivacidade, o seu

espírito, que soubesse o que queria, e que chegasse onde ele chegou, ter-se-ia comportado da mesma forma, como um animal enjaulado” (p. 71). Sobre essa impressão imagética a respeito de Freud, compete assinalar que nos anos finais da década de 1920, para Reich, a força original da psicanálise, aquela que, entre outras descobertas, revelara o universo da sexualidade infantil, havia se transformado num saber adaptado à sociedade burguesa. Para o analista interessado em modificações sociais, o saber psicanalítico fora domesticado e Freud, um cientista vital e brilhante, estava aprisionado. Essa linha de entendimento, que enxergava em Freud a presença de um incômodo (ele estava enjaulado, preso, isto é, havia um conflito e, portanto, alguma resistência à domesticação), talvez tenha alimentado a seguinte suposição de Reich: “Em 1930, após os debates e choques radicais de opiniões, pareceu-me que Freud secretamente me desejava sucesso no meu empreendimento” (1942/1978c, p. 195).

De alguma forma relacionado ao assunto da mudança de Viena para Berlim, também no mês de setembro de 1930, Reich falou sobre o tema *As necessidades sexuais da classe trabalhadora e as dificuldades do aconselhamento* no III Congresso da Liga Mundial para a Reforma Sexual, evento, naquele ano, realizado em Viena (Boadella, 1985; Sharaf, 1994). Tratou-se de uma reflexão pautada no trabalho nas Clínicas de Aconselhamento Sexual para Trabalhadores e Empregados e essa apresentação, bem recebida pela plateia, constituiu a base do programa de política sexual que Reich depois desenvolveu em Berlim. Cabe esclarecer que a Liga Mundial para a Reforma Sexual havia sido fundada dois anos antes pelo médico alemão, Maguns Hirschfeld (1868-1935). Hirschfeld, juntamente com o britânico Havelock Ellis (1859-1939) e o suíço,

August Forel (1848-1931), médicos conhecidos por seus importantes estudos na área da sexologia, compuseram a direção inicial dessa organização (Boadella, 1985). Em *A revolução sexual* (1930/1936/1981a), Reich expôs o programa norteador dessa Liga e o comunicado oficial, emitido por essa organização, que tornou público a sua dissolução em 1935. Apesar de reconhecer os méritos dessa entidade, Reich a criticou pela orientação de neutralidade política assumida (1930/1936/1981a). Como se pode notar, o movimento de Reich em direção ao campo da política sexual estava ganhando musculatura, um dado que favorecia o deslocamento para a cosmopolita Berlim.

É importante também observar que, com a publicação da primeira parte do livro *A revolução sexual [Maturidade sexual, abstinência, moral conjugal: crítica da reforma sexual burguesa]* (1930/1936/1981a) e a apresentação de *As necessidades sexuais da classe trabalhadora e as dificuldades do aconselhamento* no III Congresso da Liga Mundial para a Reforma Sexual, há uma efetiva entrada de Reich na área da sexologia, um território da ciência mais dominado pelo prisma médico, de orientação higienista, do que por um enfoque psicanalítico. Com isso, o leque de ações de Reich, marcadas por uma relação de interpenetração e complementariedade, se abre um pouco mais, a saber: formulação, na esfera psicanalítica, de uma teoria da sexualidade (Teoria do Orgasmo); proposição, também no universo psicanalítico, de uma técnica terapêutica (Análise do Caráter); elaboração de uma articulação teórica entre a psicanálise e o marxismo (Materialismo Dialético e Psicanálise); realização de produções voltadas para área da sexologia (*Maturidade sexual, abstinência, moral conjugal: crítica da reforma sexual burguesa* e apresentação

de *As necessidades sexuais da classe trabalhadora e as dificuldades do aconselhamento* no III Congresso da Liga Mundial para a Reforma Sexual).

A mudança de Reich para Berlim se deu no final de setembro de 1930. Segundo Ilse Ollendorff, contra a opinião de Sandor Rado (o futuro analista de Reich em Berlim), Annie Pink, Eva e Lore o acompanharam; assim a família toda passou a viver na capital alemã (I. Reich, 1978). Já residindo em Berlim, determinadas atitudes tomadas por Federn em Viena, sempre ele, fizeram com que Reich mandasse uma carta para Freud. Por meio do trabalho de Sharaf (1994), é possível entender o motivo dessa missiva. Federn, com a mudança de país empreendida por seu desafeto, agindo de maneira rápida, destituiu Reich da direção do Seminário de Técnica e retirou o seu nome da Sociedade Psicanalítica de Viena<sup>61</sup>. Incomodado com essas ações, Reich, que além de tudo não tinha certeza se sua mudança para Berlim se tornaria algo permanente, escreveu para o líder psicanalista relatando o ocorrido. Colocado, mais uma vez, frente a esse repetitivo conflito na “família” psicanalítica, qual foi o procedimento adotado pelo “pai” Freud?

Em resposta datada de dez de outubro de 1930, a décima e última carta de Freud para Reich levantada por Danto (2011), o líder psicanalista assegurou ao jovem analista que, se ele escolhesse voltar para Viena, ele poderia “recuperar sua antiga posição” (Danto, 2011, p. 164). De acordo com o exposto por Sharaf (1994), Freud, em correspondência também datada de dez de outubro de 1930, escreveu para Federn informando tal decisão. Portanto, Freud, em termos de procedimento, agiu da mesma maneira que o fez na última vez em

---

<sup>61</sup> Permanecendo na Alemanha, Reich passaria a integrar a Sociedade Psicanalítica daquele país.

que interferiu no embate entre Reich e Federn. Isto é, como relatamos, em 22 de novembro de 1928, ele mandou uma carta para Reich - a nona na ordenação de Danto (2011) - e outra, de mesmo teor básico, para Federn. Na missiva de dez de outubro de 1930, de Freud para aquele que ocupava o cargo de Vice-Presidente da Sociedade Psicanalítica de Viena, um determinado conteúdo exposto por Sharaf (1994), pelo dado que revela, merece ser mencionado. Depois de indicar que Reich deveria ter seus postos assegurados se escolhesse voltar para a capital austríaca, Freud ponderou que essa retomada de postos poderia ocorrer se Reich não se tornasse “impossível”) (Sharaf, 1994, p. 155). O que tornaria Reich “impossível”? Qual o sentido dessa observação freudiana?

Na interpretação de Sharaf, Freud estava se referindo ao elevado grau de agressividade de Reich na defesa dos objetivos clínicos e sociais que ele entendia serem adequados para a psicanálise. Uma leitura dos fatos elaborada por um pesquisador, Myron Sharaf, que conheceu e conviveu com Reich. O próprio Reich, em determinada passagem da entrevista a Kurt Eissler, observou que o que incomodava Freud “não era a técnica caráter-analítica, era a revolução sexual” (Higgins & Raphael, 1979, p. 53). Já Ernest Jones, se referindo à participação de Reich na psicanálise, afirmou: “Freud o tinha em alta conta no começo de sua carreira, mas o fanatismo político de Reich conduziu tanto ao rompimento pessoal quanto científico” (Jones, 1979, p. 736). De qualquer forma, se levarmos em conta o que ocorreu nos dois últimos encontros entre Reich e Freud - uma tensa discussão na reunião de 12 de dezembro de 1929 e uma áspera conversa em Grundlsee - não resta dúvida de que o mestre

psicanalista não estava concordando com os caminhos, teóricos e práticos, que o seu discípulo, “um jovem valoroso, porém impetuoso”<sup>62</sup>, estava trilhando.

### 1.3 Considerações finais

Neste estudo, em prol de ampliar o conhecimento a respeito do efetuado por Reich na psicanálise dos anos 1920, demos destaque especial às aproximações e afastamentos entre as ideias de Reich e Freud. Em 2011, o artigo *An anxious attachment: letters from Sigmund Freud to Wilhelm Reich*, publicado pela pesquisadora norte-americana Elizabeth Ann Danto, trouxe novos elementos sobre a relação - atravessada por questões conceituais, institucionais e pessoais - entre Reich e Freud: dez cartas (do período de 1924 a 1930) do mestre para o discípulo. Com base no exposto por Danto (2001) e em outros materiais que levantamos sobre essas missivas e os assuntos nelas tratados, inserimos e comentamos cada carta de acordo com o percurso desenvolvido por Reich no movimento psicanalítico dos anos 1920. Fizemos esse trabalho levando em conta dois aspectos: a data do escrito e a temática focalizada. Porém, ainda não nos dedicamos a elaborar uma visão de conjunto a respeito dessa correspondência de Freud para Reich. É o que faremos a seguir. Para isso, nos guiaremos pela seguinte questão: o que, em termos globais, esse acervo de cartas indica não só a respeito da relação Reich e Freud, mas também no que se refere à participação de Reich na psicanálise?

---

<sup>62</sup> Forma como Freud caracterizou Reich para Lou Andreas-Salomé em carta de nove de maio de 1928 (Freud & Andreas-Salomé, 1975, p. 226).

Um conteúdo que chama a atenção nesse conjunto de missivas de Freud para Reich é o da visão positiva do missivista a respeito do que denominaremos como a *competência psicanalítica* de Reich. Para o criador da psicanálise, Reich tinha conhecimento e familiaridade com a área da técnica psicanalítica, se destacava no ensino dessa técnica e realizava com excelência palestras e publicações sobre psicanálise. Vejamos, nas cartas de Freud reveladas por Danto (2011), os trechos que permitem essa nossa interpretação.

Na correspondência de 21 de dezembro de 1924, ao comentar o intento de Reich em escrever um livro sobre técnica psicanalítica, Freud ponderou: “[se um livro sobre técnica é realmente necessário], prefiro que o senhor o escreva em vez de um desconhecido, provavelmente menos especializado” (Danto, 2011, p. 160). Ainda na referida missiva, o mestre psicanalista fez menção ao fato de Reich possuir um “treinamento especialmente minucioso na teoria e prática [psicanalítica]” (p. 161). Em carta de 28 de maio de 1925, Freud, em função de alguma exigência legal vinculada às atividades do *Ambulatorium* e a pedido de Reich, declarou: “ele [Reich] provou sua excelência em uma série de palestras para a sociedade [psicanalítica], assim como em publicações. Não hesito em confirmar que sua reivindicação do título de especialista é totalmente bem fundamentada” (p. 161). Na missiva de 27 de julho de 1927, em apoio à permanência de Reich na direção do Seminário de Técnica, Freud, se referindo ao ensino da psicanálise, afirmou que “ninguém em Viena pode fazê-lo melhor” (p. 163). Além dessas formulações presentes em cartas endereçadas a Reich, vale ainda citar uma passagem da correspondência que o líder psicanalista mandou para Federn, também no dia 27 de julho de 1927. Nesta, ao se posicionar contra a destituição de Reich da direção do

Seminário de Técnica, Freud argumentou levar em conta os “grandes méritos [de Reich] para a vida intelectual da Associação [Psicanalítica]” (Sharaf, 1994, p. 155) e completou: “Ele é realmente muito bom” (p. 155).

Pelo apresentado, não resta dúvida que Freud atestava a *competência psicanalítica* de Reich. Em termos mais específicos, o mestre enxergava qualidades intelectuais no discípulo e valorizava o trabalho por ele desenvolvido no ensino da técnica analítica, atividade empreendida na direção do Seminário de Técnica. Ao que parece, levando em conta esses méritos, Freud interferiu por diversas vezes a favor de Reich nos embates que envolveram o jovem psicanalista nos anos finais da década de 1920. Esses sérios conflitos ocorridos no seio da Sociedade Psicanalítica de Viena ocuparam considerável espaço na correspondência que estamos analisando. Serão o nosso próximo foco.

Nos últimos anos de 1920, a forte oposição a Reich empreendida por Federn na Sociedade Psicanalítica de Viena - o Vice-Presidente da referida Sociedade desde 1924 - teve como meta central a destituição do jovem analista do cargo de diretor do Seminário de Técnica. Este, por sua vez, tinha enorme apreço pelo trabalho que desenvolvia na direção do Seminário e sua atuação era bem vista pelos analistas, em geral também jovens, que frequentavam aquele fórum (Briehl, 1981; Sterba, 1982). Frente a essa situação de aberto conflito na “família” psicanalítica, Freud precisou agir. Nas três últimas cartas - 27 de julho de 1927, 22 de novembro de 1928 e 10 de outubro de 1930 - das dez que enviou para Reich (Danto, 2011), esse foi o espinhoso assunto tratado por ele. Nas duas primeiras, ficou claro que a intervenção do líder psicanalista foi no sentido de evitar que o propósito de Federn alcançasse êxito. Na terceira, a de 10 outubro de 1930 e com Reich já residindo em Berlim, Freud assegurou ao jovem analista

que, se ele voltasse, seus antigos postos poderiam ser retomados (diretor do Seminário de Técnica e participante da Sociedade Psicanalítica de Viena). Ou seja, o Presidente da Sociedade Psicanalítica de Viena reverteu uma decisão que havia sido tomada por Federn. Entretanto, não se pode esquecer que, numa missiva a Federn, também datada de 10 de outubro de 1930, Freud observou que a volta de Reich a seus antigos lugares poderia ocorrer se ele não se tornasse “impossível” (Sharaf, 1994, p. 155). Apesar dessa condição registrada em carta, o que fica patente nas intervenções efetuadas por Freud no embate entre o veterano e o jovem analista, é que o líder psicanalista sempre se colocou contra a posição de ataque institucional, uma vez que visava destituir um psicanalista de um cargo ocupado, desenvolvida por Federn contra Reich.

E o que esse quadro traçado por meio das três últimas cartas de Freud para Reich e das duas enviadas para Federn (as cinco abordando o confronto entre Federn e Reich) possibilita acrescentar ao já conhecido a respeito da participação de Reich no movimento psicanalítico?

Em termos sintéticos, consideramos que a reunião dessas cinco missivas propiciou enxergar com mais nitidez a forte oposição enfrentada por Reich nos anos finais da década de 1920 na Sociedade Psicanalítica de Viena. Nessa temática, chamou a atenção o relevante papel de proteção institucional desempenhado por Freud em relação a Reich. Isso apesar das, é bom que o diga, profundas divergências teóricas e práticas que cada vez mais separavam mestre e discípulo. Como se sabe, alguns anos depois, em 1934, já sem o apoio de Freud, no Congresso Internacional de Psicanálise realizado em Lucerna (Suíça),

Reich foi expulso da Associação Internacional de Psicanálise (IPA)<sup>63</sup>. Com base no conteúdo aqui apresentado, entendemos não ser um exagero supor que orientações nesse sentido, em algum grau, já se faziam presente em parte dos membros da psicanálise vienense.

No campo das dissonâncias teóricas entre Reich e Freud, das dez cartas do mestre psicanalista levantadas por Danto (2011) a que mais envolveu esse assunto foi a de nove de julho de 1926, uma avaliação freudiana dos originais do livro *Die funktion des orgasmus* (Reich, 1927/1977a). Pelo conteúdo da missiva, apesar de Freud não ter aberto uma discussão conceitual em relação ao enfoque norteador do material (a Teoria do Orgasmo) e endereçado críticas apenas aos aspectos formais do escrito (a seu ver, extenso demais e mal organizado), segundo o nosso entendimento, a mensagem passada foi a de que ele não avalizou a orientação teórica que Reich estava trilhando<sup>64</sup>.

Portanto, nesta apreciação geral das cartas que Freud enviou para Reich, identificamos três conteúdos básicos: a) Freud atribuiu competência psicanalítica a Reich; b) no conflito institucional entre o jovem psicanalista e

---

<sup>63</sup> Em *Vida e obra de Sigmund Freud*, Ernest Jones menciona que “Wilhelm Reich se exonerou da Associação” (Jones. 1979, p. 736), afirmação que não nos parece expressar o ocorrido. Ver uma detalhada exposição a respeito da expulsão de Reich da psicanálise em Wagner (1996).

<sup>64</sup> O comentário, neste estudo já citado, de Freud sobre Reich que consta na carta de nove de maio de 1928 a Lou Andreas-Salomé reforça essa nossa compreensão. “Temos aqui um Dr. Reich, um jovem valoroso, porém impetuoso, apaixonadamente devotado ao seu hobby por cavalos, que agora saúda no orgasmo genital o antídoto para todas as neuroses. Talvez ele possa aprender com sua análise de K. a sentir algum respeito pela natureza complexa da psique” (Freud & Andreas-Salomé, 1975, p. 228).

Federn, Freud intercedeu a favor de Reich; c) Freud não apoiou a formulação conceitual reichiana que ficou conhecida como Teoria do Orgasmo.

De posse dessa nossa leitura das cartas de Freud para Reich, vamos compará-la com a visão de Paul Roazen, expressa em *Freud e seus discípulos* (Roazen, 1974), a respeito dessa correspondência freudiana. Lembrando que, como já mencionamos, Roazen (1974) afirmou que o número de cartas é 12 e que existem cópias dessas missivas nos arquivos de Ernest Jones. Arquivos que, supomos, ele teve acesso. Nas palavras do historiador da psicanálise.

As doze cartas escritas por Freud a Reich, dizem respeito, sobretudo, a comentários acerca de manuscritos de Reich - achava-os demasiadamente extensos e pouco claros - [e] de problemas de Reich com os outros analistas (sobretudo Federn), que o tinha na conta de indivíduo incômodo. Freud punha de lado essas querelas, dando-as como partes de uma vida normal de família (Roazen, 1974, p. 557/558).

Como se pode notar, Paul Roazen se reportou às críticas feitas por Freud aos originais do livro *Die funktion des orgasmus*. Porém, como ele não informou que as críticas de Freud estavam vinculadas a um determinado texto, ao leitor é passada a mensagem de que o mestre psicanalista considerava “os manuscritos de Reich”, todos eles, como demasiadamente extensos e pouco claros. Vale também perceber que Roazen não fez nenhuma indicação no sentido de mostrar que, em boa parte das cartas, Freud reconheceu o que chamamos de *competência psicanalítica* de Reich. Por fim, o autor canadense não mencionou que o líder da psicanálise agiu no sentido de barrar ações de Federn que visavam destituir o jovem analista do cargo de diretor do Seminário de Técnica; dentre

outros motivos, talvez porque, para ensinar psicanálise, segundo Freud, “ninguém em Viena pode fazê-lo melhor” (Danto, 2011, p. 163).

Portanto, com base nos achados desta investigação, consideramos que a leitura de Roazen (1974) a respeito da correspondência de Freud para Reich foi pautada por um olhar parcial, de viés crítico ao jovem analista, que não contribuiu para revelar a complexidade e as diversas facetas que envolveu a participação de Reich no movimento psicanalítico. A nosso ver, o referido autor, em *Freud e seus discípulos*, operou no sentido de reforçar a maneira caricata com que Reich tendeu a ser apresentado “pela historiografia psicanalítica oficial, sobretudo pelo seu principal representante, Ernst Jones” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 651).

Uma última observação. As dez cartas de Freud para Reich aqui focalizadas revelaram alguns conteúdos vinculados à orientação teórica freudiana, deixaram pistas a respeito do procedimento adotado pelo líder psicanalista na direção da Sociedade Psicanalítica de Viena e trouxeram um pouco do enredo, conceitual e institucional, que permeou o movimento psicanalítico na capital austríaca de 1924 a 1930. E especificamente quanto a Reich, o que essas missivas freudianas, de maneira indireta, revelaram?

O aspecto que mais chama atenção - sugerido não só pela correspondência freudiana, como também pelo material geral levantado sobre a participação de Reich na psicanálise dos anos 1920 - é o da enorme consideração e admiração que Reich nutria por Freud. De acordo com este estudo, no movimento psicanalítico da segunda década do século XX, se olharmos para o percurso traçado por aquele que propôs a Teoria do Orgasmo, formulou a Análise do Caráter, endereçou ideias para a área da educação, estabeleceu uma

articulação entre a psicanálise e o marxismo e lutou por uma revolução no campo da sexualidade veremos que esse autor teve no pensamento psicanalítico freudiano uma referência fundamental. Mais do que isso, Reich buscou insistentemente a Freud, se sentiu protegido por ele e procurou a cada passo, mesmo os que poderiam levá-lo para longe da psicanálise, manter o seu mestre a par de suas decisões, em geral, pouco convencionais.

De acordo com o relatado por Ilse O. Reich (I. Reich, 1978, p. 39), Reich nunca perdeu a admiração por Freud e um dos pertences que mais prezava era uma fotografia do criador da psicanálise postada em sua biblioteca. Nessa foto, podia-se ler: “Herrn Dr. Wilh. Reich zur freundlichen Erinnerung and Sigm. Freud. März 1925” [Senhor Dr. Wilh. Reich uma amigável recordação de Sigm. Freud. Março 1925].

## 2. UMA CONTRIBUIÇÃO À TÉCNICA PSICANALÍTICA: A ANÁLISE DO CARÁTER

*Quando se tem um caráter, tem-se também sua experiência típica, que sempre retorna (Nietzsche)<sup>65</sup>*

*O que eles chamam de nossos defeitos é o que nós temos de diferente deles. Cultivemo-los, pois, com o maior carinho - esses nossos benditos defeitos (Mario Quintana)<sup>66</sup>*

Se considerarmos o específico domínio da psicanálise, o campo da técnica analítica foi o lugar em que Reich alcançou maior reconhecimento. Esse reconhecimento se deu tanto em função do trabalho desenvolvido na direção do Seminário de Técnica em Viena (de 1924 a 1930), como também pela detalhada proposta elaborada pelo autor para a clínica das neuroses: a Análise do Caráter. No primeiro ensaio deste estudo, um escrito de perspectiva mais histórica, a atividade de Reich naquele fórum de discussão e aprendizagem da técnica analítica, o Seminário, foi, em linhas gerais, abordada. Agora, dando continuidade ao nosso propósito de trazer à tona a produção de Reich realizada em solo psicanalítico, neste segundo ensaio focalizaremos a Análise do Caráter.

Como objetivo geral, buscaremos identificar as diretrizes que compõem a Análise do Caráter, tecer alguns comentários sobre essa proposta clínica e fazer menção à repercussão por ela alcançada. Cumpre situar que abordaremos a Análise do Caráter no enredo da produção psicanalítica voltada para a área da técnica, sobretudo a editada até os anos iniciais da década de

---

<sup>65</sup> Nietzsche (1886/2005, p. 62).

<sup>66</sup> Quintana (2006, p. 93).

1930. Esse contexto prioritário está vinculado ao fato de que Reich publicou escritos sobre *Análise do Caráter* até o ano de 1933.

Do acervo reichiano, como material básico de pesquisa, investigamos os seis primeiros capítulos do livro *Análise do caráter: Técnica e princípios para estudantes e analistas praticantes* (Reich, 1933/1995j). O primeiro, *Alguns problemas da técnica psicanalítica* (1933/1995a), cumpre o papel de apresentar ao leitor os impasses enfrentados pela clínica psicanalítica de então e já antecipa alguns caminhos que serão trilhados pelo autor. Trata-se de um texto enxuto, seis páginas, com ênfase na falta de uma teoria bem desenvolvida sobre a técnica psicanalítica. O segundo, *O ponto de vista econômico na teoria da terapia analítica* (1933/1995b), contém uma argumentação a favor da importância dos fatores quantitativos na clínica psicanalítica e a vinculação desse prisma de análise dos fenômenos à Teoria do Orgasmo. O terceiro, *Sobre a técnica de interpretação e de análise da resistência* (1927/1933/1995c) - trabalho publicado originalmente em 1927 na *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse* [Revista Internacional de Psicanálise] -, é uma detalhada e didática exposição das diretrizes da *Análise do Caráter*. O quarto, *Sobre a técnica de Análise do Caráter* (1928/1933/1995d) - texto editado originalmente em 1928 pela *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse* -, constitui um amplo escrito, repleto de exemplos clínicos, que, de certa forma, registra a proposta reichiana como um todo. O quinto, *Indicações e perigos da Análise do Caráter* (1933/1995e), um material curto, mas relevante na medida em que circunscreve o alcance da orientação técnica em foco. No sexto, *Sobre o manejo da transferência* (1933/1995f), o autor discute suas posições conceituais quanto à transferência e focaliza alguns outros pontos importantes da *Análise do Caráter*.

Além desse conjunto de capítulos do livro *Análise do caráter* (Reich, 1933/1995j), dois trabalhos mais iniciais de Reich, por já indicarem algumas orientações basilares da técnica desenvolvida pelo autor, também mereceram atenção: o artigo *Dois tipos narcisistas* (Reich, 1922/1975b), publicado em 1922 pela *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, e o livro, de 1925, *O caráter impulsivo: um estudo psicanalítico sobre a patologia do ego* (Reich, 1925/2009).

Na realidade, esses oito escritos sobre a técnica da Análise do Caráter constituem o registro de um processo de construção. Uma paulatina produção certamente marcada pelo impacto de novas experiências analíticas vividas pelo autor e pela busca de respostas a críticas recebidas. Mencionando Ferenczi, Reich assim se expressa sobre esse contínuo tatear que o fazer e a escrita da clínica exige: “Não nos devemos desencorajar porque, como disse Ferenczi certa vez, cada nova experiência nos custa um caso. O importante é reconhecer os erros e transformá-los em experiência” (Reich, 1927/1933/1995c, p. 35).

Vale ainda pontuar que, no que se refere à Análise do Caráter, estamos no movediço terreno da técnica psicanalítica, um espaço, segundo Joel Birman, permeado pela “existência de um número quase infinito de procedimentos e de manejos técnicos” (Birman, n. d., p. 10). Nessa ampla seara, o próprio Freud, pelo menos conceitualmente, não fechou as portas para a presença de estilos pessoais. Destacando a importância da singularidade do analista, o mestre psicanalista chegou a registrar: “essa técnica revelou-se a única adequada para a minha individualidade. Não me atrevo a contestar que uma personalidade médica de outra constituição seja levada a preferir uma outra atitude ante os pacientes e a tarefa a ser cumprida (Freud, 1912/2010b, p. 148).

## 2.1 A clínica psicanalítica em movimento: da análise dos sintomas para a análise do caráter

Na Análise do Caráter, tal como a descritiva denominação da técnica proposta por Reich indica, o foco dos trabalhos dirige-se para o caráter como um todo. Para o psicanalista argentino Horácio Etchegoyen (1989), em sentido oposto ao do dissidente da psicanálise Alfred Adler, que “se serviu do caráter para descartar a teoria da libido e propor uma psicologia teleológica” (p. 221), “o caráter se reintegra à teoria psicanalítica graças principalmente a Reich” (p. 221). Contudo, cabe assinalar que essa orientação não representava no domínio psicanalítico uma perspectiva isolada de um autor, mas sim uma direção que, em elevado grau, já dava sinais de sua existência. Roazen (1974), atribuindo relevância ao efetuado por Reich nessa área, assim sintetizou o movimento que se fez presente na clínica psicanalítica em direção ao estudo dos traços de caráter.

Com o passar dos anos, Freud foi modificando sua abordagem. Seu objetivo precípua deixou de ser a interpretação e a cura dos sintomas para se tornar a superação das defesas e resistências. Compreendeu que, fascinados pela sintomatologia, podemos deixar de ver o ser humano; de modo que os psicanalistas começaram a se interessar, influenciados, em parte, pela obra de Wilhelm Reich, pelo estudo dos traços de caráter (Roazen, 1974, pp. 170-171).

O próprio Freud, em 1916, no artigo *Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica*, expressa de forma clara que o universo da análise dos sintomas não bastava para que um tratamento fosse levado a bom termo. Segundo o psicanalista, o caráter, como fonte de resistência, acaba por exigir que a análise se volte, primeiramente, para o seu domínio. Em suas palavras.

Quando o médico realiza o tratamento psicanalítico de um neurótico, de modo algum dirige o interesse apenas ao caráter dele. Quer saber, antes de mais nada, o que significam seus sintomas, que impulsos instintuais se escondem por trás deles [...]. Mas a técnica que tem que seguir obriga o médico a voltar sua curiosidade imediata para outros objetos. Ele nota que sua investigação é ameaçada por resistências que o enfermo lhe opõe, e que tais resistências podem ser atribuídas ao caráter do enfermo. Então é esse caráter que reclama primeiramente o seu interesse (Freud, 1916/2010k, p. 254).

Se observarmos com acuidade esse fragmento do artigo de Freud, é possível supor que para o autor, o terapeuta, na posição de médico, portanto um aliado do paciente, busca analisar, “antes de mais nada”, os sintomas. Entretanto, a fim de efetuar o seu trabalho, ele se vê impelido a voltar sua investigação clínica, de maneira inevitável, para o próprio caráter do paciente, na verdade, uma fonte de resistências que dificulta o desenvolvimento do tratamento. Assim, ao que nos parece, nesse trecho, de maneira cuidadosa, Freud procura justificar conceitualmente o fato da atividade analítica não se limitar à esfera dos sintomas. Uma orientação clínica com implicações muito

sérias e delicadas, que a perspicácia de Freud não deixa de notar: a rigor, a doença psíquica não constitui uma espécie de bacilo que possa ser tratado de forma separada de seu portador.

Em 1921, Ferenczi, num artigo dedicado à chamada “técnica ativa”, *Prolongamentos da “técnica Ativa” em psicanálise*, também aborda a importância do caráter no processo de análise. A título de ilustração, selecionamos um trecho em que o psicanalista húngaro efetua uma aguda diferenciação entre sintoma e traço de caráter.

Num certo sentido, toda análise deve levar em conta o caráter do paciente na medida em que ela prepara, pouco a pouco, o ego deste para aceitar dolorosas tomadas de consciência. Entretanto, há casos em que são os traços de caráter anormais que dominam, em vez dos sintomas neuróticos. Os traços de caráter diferem dos sintomas neuróticos, entre outras coisas, pelo fato desses indivíduos, à semelhança dos psicóticos, não terem geralmente ‘consciência de sua doença’; esses traços de caráter são, de certo modo, psicoses privadas, suportadas, até admitidas por um ego narcísico, em todo caso, anomalias do ego, e é precisamente o ego que opõe a maior resistência a essa mudança (Ferenczi, 1921/2011f, p. 130, aspas originais).

No ano seguinte, 1922, Reich, no artigo *Dois tipos narcisistas*, assim se pronuncia sobre o assunto: “não há neurose, não importa quão claramente definida, sem traços de um distúrbio de toda a personalidade” (1922/1975b, p. 134/135). A explicitação dessa mesma perspectiva é também registrada em 1925 nas páginas introdutórias do livro *O caráter impulsivo*. Para o autor: “Há muito tempo a psicanálise deixou de ser apenas terapia do sintoma: ela vem se

tornando cada vez mais uma terapia do caráter como um todo” (Reich, 1925/2009, p. x).

Ainda em 1925, tal direcionamento da clínica psicanalítica é mencionado e comentado no artigo de Karl Abraham *A formação do caráter no nível genital do desenvolvimento da libido*. Ao concluir o trabalho, o psicanalista alemão cita a frequente necessidade de que uma análise do caráter seja efetuada, mas, ao mesmo tempo, ele alerta para as dificuldades presentes nessa tarefa. Essa dúvida em relação ao sucesso da análise do caráter é registrada de forma enfática, a ponto de o autor lançar para o futuro<sup>67</sup> a possibilidade de uma avaliação desse caminho da clínica psicanalítica. De acordo com Abraham:

[a] psicanálise não está, de modo algum, enfrentando simplesmente a tarefa de curar sintomas neuróticos no sentido estrito da palavra. Ela frequentemente tem de lidar ao mesmo tempo, ou até mesmo em primeiro lugar, com deformações patológicas do caráter. Até onde vai nossa experiência, mostra ela que a análise do caráter é um dos trabalhos mais difíceis que o analista pode empreender, mas que indubitavelmente demonstrou ser, em alguns casos, o mais compensador. Atualmente, contudo, não nos achamos em condições de emitir qualquer julgamento geral sobre os resultados terapêuticos da análise do caráter; isto, devemos deixar à experiência futura (Abraham, 1925/1970, p. 205).

### 2.1.1 A proposta de Reich para a análise do caráter

---

<sup>67</sup> Futuro que Karl Abraham não pôde participar, pois, causando forte comoção em Freud e no meio psicanalítico, ele faleceu ainda em 1925, aos 48 anos (Grotjahn, 1981).

Acompanhando e participando - especialmente nos Seminários de Técnica - desse processo de desenvolvimento da clínica psicanalítica, Reich organiza e propõe a *Análise do Caráter*. Segundo supomos, sem qualquer preocupação com o fato de se ultrapassar o limite dos sintomas, ele se sentirá à vontade em trabalhos dedicados à leitura e intervenção em estruturas presentes, sejam elas, instituições sociais ou formações de caráter. Como um sinal dessa postura, em 1933, no *Prefácio da primeira edição* [do livro *Análise do Caráter*] (1933/1995k), enxergando uma articulação entre a esfera social e a pessoal, Reich afirmou:

cada organização social produz as estruturas de caráter de que necessita para existir. Na sociedade de classes, a classe dominante assegura seu domínio com auxílio da educação e da instituição da família, tornando suas ideologias as ideologias dominantes de todos os membros da sociedade [...]. Assim, a psicologia científica natural e a caracterologia têm uma tarefa claramente definida: traçar os caminhos e mecanismos pelos quais a existência social dos homens se transforma em estrutura psíquica e, conseqüentemente, em ideologia (p. 4).

Com essa visão dos fatos, refletindo a orientação do autor chamada de freudo-marxista, a atividade clínica não deixa de ser também uma ação política, uma luta contra a ideologia dominante incrustada no caráter individual. De qualquer forma, a *Análise do Caráter* situa-se na esfera dos trabalhos clínicos que necessariamente envolvem alguma reestruturação da personalidade. Porém, como essa atividade terapêutica acaba promovendo, de maneira inevitável e por determinados períodos, algum desequilíbrio no arranjo que constitui o caráter,

ela tende a suscitar forte resistência, tema que detidamente abordaremos neste escrito.

Nesse campo de estudo, de início, cabe indagar: com quais sentidos Reich tende a empregar o termo caráter? Para o autor, tal como o termo vinha sendo utilizado no domínio psicanalítico, caráter indica a presença de uma orientação psíquica típica resultante da interação entre fatores constitucionais e históricos<sup>68</sup>. Esse entendimento básico é registrado, em 1925, no livro *O caráter impulsivo*: “podemos definir ‘caráter’ como a atitude psíquica particular em direção ao mundo externo típica de um dado indivíduo. Essa atitude, por sua vez, é determinada pela disposição e pela experiência, no sentido da ‘série complementar’ (*Ergänzungsreihe*) de Freud” (Reich, 1925/1975i, p. 250, aspas originais). Quatro anos depois, em 1929 com a publicação do artigo *O caráter genital e o caráter neurótico* (Reich, 1929/1933/1995g), na *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, essa compreensão vai ser significativamente ampliada. No referido artigo, pode-se notar a presença de três empregos do vocábulo caráter: a) para indicar a existência de uma formação egóica organizada (nesse caso o termo tende a ser utilizado sem qualquer qualificação, apenas *caráter*); b) para sugerir a presença de uma construção psíquica vinculada ao universo das neuroses e marcada pela rigidez e cronicidade (*caráter neurótico*); para se referir a uma hipotética estrutura organizada e permeada pela flexibilidade (*caráter genital*, a noção que representou o ideal de saúde na abordagem do autor).

---

<sup>68</sup> Um estudo detalhado a respeito da noção de caráter no pensamento de Reich pode ser encontrado em Silva (2001).

Se relacionarmos essa terminologia reichiana com a técnica analítica proposta pelo autor, é possível deduzir que a Análise do Caráter se ajusta às situações clínicas que envolvem o trabalho com estruturas que comportam, de maneira acentuada, “reações neuróticas que se tornaram crônicas e foram incorporadas no ego” (Reich, 1933/1995e, p. 120). Tendo por base essa compreensão, como consequência lógica, não faz sentido empregá-la em casos de fragilização egóica e estados de angústia, como se pode observar, por exemplo, na histeria de angústia. No que se refere à experiência exigida do terapeuta, uma vez que essa técnica tende a suscitar fortes reações emocionais e fases de desamparo do paciente, Reich não aconselha o seu emprego por parte de analistas iniciantes (1933/1995e).

Quanto aos resultados a serem esperados, o psicanalista pondera que mesmo nas análises bem-sucedidas a estrutura e os traços básicos do indivíduo não se alteram, mas mudanças de grau tendem a ocorrer. Em suas palavras: “embora esses traços persistam, eles, depois da Análise do Caráter, subsistem dentro de limites que não impedem a capacidade de trabalho ou de satisfação sexual” (Reich, 1933/1986d, p. 133). Nesse trecho, Reich de alguma forma se alinha ao apontado por Freud a respeito do que se pode esperar da análise: “temos de nos contentar em recuperar [...] algo da capacidade de realização e de fruição” (Freud, 1912/2010b, p. 160).

Sobre a maneira como o processo de análise deva ser desenvolvido, Reich atribui importância decisiva à fase inicial do atendimento. A seu ver, como raramente os pacientes conseguem aderir prontamente à regra da associação livre, torna-se necessário lidar com as resistências que dificultam tal adesão e, de maneira geral, não permitem um real engajamento nos trabalhos. Para o

autor, longe de constituírem exceções, essas defesas são esperadas, pois sempre há forças no sentido da manutenção do estado neurótico; uma estruturação, em última instância, que possibilitou uma forma de existência. Assim sendo, pode-se dizer que as diretrizes técnicas formuladas por Reich estão fortemente voltadas para o desenvolvimento de uma espécie de preparação do paciente para a análise; atividade que tende no começo do tratamento, período que, se bem ultrapassado, possibilitará o aprofundamento do trabalho analítico, agora com menor interferência do analista. Sobre as dificuldades que tendem a ocorrer no início do processo de análise, Reich observa:

[se] desde o começo do tratamento nossos pacientes seguissem a regra fundamental, ainda que em grau apenas razoável, não haveria motivo para se escrever um livro sobre análise do caráter. Infelizmente, só poucos pacientes são acessíveis à análise desde o começo; são incapazes de seguir a regra fundamental e só conseguem fazê-lo depois de um afrouxamento de suas resistências (Reich, 1933/1986a, p. 32).

Como já explicitado neste estudo, o enfoque reichiano aborda os fenômenos privilegiando o chamado ponto de vista econômico, aquele voltado para os aspectos quantitativos. Assim sendo, de forma coerente com essa orientação geral, no trabalho clínico o psicanalista considera fundamental que a análise mobilize os afetos. Vejamos um trecho em que o autor, apoiando-se em Freud, chama a atenção para esse fator: “A experiência clínica confirma as demandas de Freud no sentido de que o paciente que tende a repetir suas experiências por *acting out* deve, a fim de resolver realmente seus conflitos, não só compreender o que está levando ao *acting out*, mas também recordar com

afeto” (Reich, 1927/1986b, p. 44). Sobre a importância dessa dimensão quantitativa na proposta de Reich voltada para a técnica psicanalítica, Etchegoyen afirma:

Na segunda metade da década de vinte, o Seminário de Técnica Psicanalítica que Wilhelm Reich dava em Viena inicia uma revisão que logo haveria de cristalizar-se em mudanças significativas. Essa grande abertura se deu com a chave do fator energético, isto é, o ponto de vista econômico (1989, p. 213).

Para Reich, a energia a ser mobilizada pelo processo analítico estaria presa não só nos sintomas, mas, também, nos traços neuróticos instalados na estrutura de caráter. Por esse motivo, o trabalho clínico, além de abranger a patologia óbvia, os sintomas, deveria avançar de maneira a alcançar a dimensão patológica presente no próprio caráter, os traços neuróticos. Mas, em termos conceituais, como diferenciar sintoma de traço neurótico? Se reunirmos as formulações do autor sobre a matéria, chegaremos às seguintes distinções: a) em termos da percepção do paciente, ao contrário do sintoma, o traço não é notado como algo patológico, trata-se, portanto, de uma formação egossintônica; b) quando apontados, os traços tendem a suscitar racionalizações, já os sintomas não; c) quanto ao significado e origem, os traços são frutos de construções históricas mais complexas do que as verificadas nos sintomas; d) a análise dos traços tende a suscitar uma resistência mais intensa do que a análise dos sintomas (Reich, 1933/1986f).

Numa formulação mais abrangente e focalizando a resistência vinculada aos traços neuróticos é possível afirmar que, de acordo com Reich, no

processo de análise o conjunto de traços neuróticos incorporados ao caráter acaba atuando como uma espécie de barreira contra os esforços terapêuticos. Essa estrutura psíquica defensiva, que ele inicialmente chama de couraça narcísica (Reich, 1922/1975b), em escritos a partir de meados da década de 1930 vai passar a ser localizada também no corpo, especialmente como hipertonia muscular crônica (Reich, 1935/1995i)<sup>69</sup>.

Na técnica da Análise do Caráter ganha relevo as diretrizes voltadas para o tema das interpretações. O ponto nodal diz respeito ao fato de que, segundo Reich, do material trazido pelo paciente, o analista acaba tendo de escolher o que interpretar. Assim sendo, o autor formula uma regra para nortear essa escolha, qual seja: em períodos de resistência as interpretações devem sempre recair sobre as defesas que o analisando está apresentando. Segundo Reich, se, em vez de se trazer à tona a resistências presentes, interpretações outras, potencialmente valiosas, porém inadequadas para o momento, forem lançadas, elas acabarão gerando pouco efeito, tal como sementes jogadas em terreno árido. Em suas palavras: “a experiência demonstra que o efeito terapêutico das comunicações ao paciente se perde se elas forem feitas com a presença de resistências não dissolvidas” (Reich, 1927/1986b, p. 51). Nessa linha conceitual que prioriza o trabalho com a resistência, Reich observa que o processo clínico só seria completo se composto por dois momentos: “*primeiro, captar a resistência com base na situação atual, isso por meio da interpretação de seu significado no presente; segundo, a dissolução da resistência vinculando o material atual ao infantil*” (Reich, 1928/1986c, p. 98, itálicos originais).

---

<sup>69</sup> Sobre a noção de couraça nos primeiros 15 anos da obra de Reich, 1920 até 1935, consultar Almeida (2012).

Nesse tema do manejo da resistência, talvez seja apropriado dar crédito a uma orientação feita por Freud, ainda em 1914, no artigo *Recordar, repetir e elaborar*. De acordo com mestre psicanalista: “Somente no auge da resistência podemos, em trabalho comum com o analisando, descobrir os impulsos instintuais que a estão nutrindo, de cuja existência e poder o doente é convencido mediante essa vivência” (Freud, 1914/2010f, p. 209). Vale notar que Freud aponta para a importância de que o analisando vivencie esse ápice da resistência, experiência que facilitaria a percepção do próprio paciente, e também do analista, a respeito do jogo de forças presente. Como ainda veremos neste estudo, a perspectiva de atribuir relevância ao processo clínico que, pela sua dinâmica interna, leve à ocorrência de vivências profundas e intensas, permeou, em muito, não só o enfoque terapêutico de Reich, como também o de Ferenczi.

Com relação ao analista húngaro, ao expor a sua forma de proceder nos períodos em que o processo analítico encontra-se paralisado em função da resistência, Reich indica, como um modelo positivo, a orientação clínica “ativa” de Ferenczi. Mais especificamente, ele menciona “a ‘terapia da provocação’<sup>70</sup>, como a chamava Ferenczi” (Reich, 1933/1995d, p. 87, aspas originais) como um caminho de perspectiva acertada, isso em comparação a uma atitude centrada na espera do que vem do analisando. Portanto, na busca por trazer à tona a resistência em sua plena expressão - necessidade apontada por Freud em

---

<sup>70</sup> No artigo *Princípio de relaxamento e neocatarse*, de 1930, Ferenczi assim se refere ao procedimento na “terapia ativa”: “eu era mais propenso a pensar que não se devia temer essas resistências do paciente, e até que se tinha o direito de provocá-las artificialmente” (Ferenczi, 1930/2011L, p. 70).

*Recordar, repetir e elaborar* (1914/2010f) -, o procedimento adotado por Reich, em vez de uma orientação de espera, mais condizente com o modelo freudiano, se inclinou para um trabalho mais ativo, uma perspectiva mais próxima à de Ferenczi.

Em termos mais amplos, a uma base geral freudiana, o jovem analista, mobilizado pela procura de soluções a impasses experimentados na prática clínica, promove ampliações e estas apontam para linhas que guardam semelhança às sugeridas por Ferenczi. Essa hipótese ganha reforço se levarmos em conta o que o analista Walter Briebl afirmou sobre as bases da orientação clínica de Reich.

Parece que foi Ferenczi, de Budapeste, quem forneceu as bases para o trabalho de Reich. Ferenczi era muito respeitado em Viena [...]. Assim como Ferenczi desenvolvera seus procedimentos terapêuticos ativos para serem usados quando e onde uma longa tentativa de análise clássica não consegue penetrar as estruturas do ego, assim também Reich desenvolveu a teoria e prática da análise de caráter depois de descobrir que, com muita frequência, os esforços terapêuticos dos analistas se viam frustrados (Briebl, 1981, p. 480/481).

Ainda em relação ao trabalho de interpretação, um prisma norteador da Análise do Caráter vincula-se à meta de evitar a ocorrência de atendimentos clínicos que acabem em “situação caótica” (Reich, 1927/1986b, p. 47). Nestas, muito material é produzido pelo paciente e várias interpretações são feitas, mas o processo analítico não se desenvolve. Para evitar tal incidência, Reich defende que as comunicações do analista devam ser ordenadas de acordo com a estrutura

específica da neurose. Com o objetivo de explicar essa orientação, ele imagina um exemplo esquemático no qual um indivíduo primeiro ama a mãe, depois odeia o pai e, por fim, esse ódio é transformado num amor reativo em relação ao pai. Numa análise, o terapeuta deveria respeitar essa sequência histórica de camadas, que Reich compara às sedimentações geológicas, ou seja, ele focalizaria inicialmente a configuração mais externa, o afeto reativo, e caminharia, passo a passo, em direção à tomada de consciência dos estratos mais profundos. Na verdade, segundo Reich, esse trabalho seria facilitado pelo fato de que a neurose de transferência se desenvolve na sequência inversa ao processo de sua formação, quer dizer, do atual para o passado. Assim sendo, caberia ao analista não atrapalhar esse curso de aparecimento natural com interpretações não ordenadas de acordo com tal processo. Tendo em mente essa compreensão, ele alerta: “a neurose de transferência se desenvolverá espontaneamente conforme a estrutura da neurose individual, isso ocorrerá se evitarmos um erro: fazer interpretações prematuras, que penetrem fundo demais, e pouco sistemáticas” (Reich, 1927/1986b, pp. 55-56).

Neste ponto cabe indagar: qual o sentido que Reich atribui quando aponta para erro de se fazer interpretações “pouco sistemáticas”? Para o formulador da Análise do Caráter, a fim de que efeitos benéficos sejam realmente alcançados, os traços neuróticos do paciente precisam ser detidamente circunscritos e analisados, não apenas tocados e abandonados. Em termos de ação efetuada, Reich, de forma insistente, chamava a atenção para a formação neurótica incrustada na estrutura de caráter. Assim o próprio autor explica o procedimento adotado:

isolamos o traço de caráter e colocamos o paciente frente a ele repetidamente, até que o paciente comece a vê-lo de forma objetiva e a experimentá-lo como um sintoma doloroso; com isso, o traço de caráter começa a ser experimentado como um corpo estranho do qual o paciente quer desembaraçar-se (Reich, 1928/1986c, p. 72).

Na sequência de sua exposição, ele alerta para o longo e laborioso processo que essa orientação clínica tenderia a demandar: “Não devemos, porém, alimentar ilusões. Assinalar tal resistência de caráter e elaborá-la de maneira analítica requer em geral muitos meses de esforço continuado e de paciente persistência” (p. 72). Cabe observar que, nesse último trecho citado, Reich usa a expressão “resistência de caráter” para indicar o papel de defesa exercido pelo traço de caráter neurótico. Para o autor, essa formação repetitiva, compulsiva e egossintônica, que traz alguma satisfação pulsional, mas implica numa perda de liberdade, no processo analítico, pelo seu aspecto de não contato com o outro, vai atuar como uma barreira narcísica que limita o desenvolvimento do trabalho.

A respeito do procedimento sistemático de Reich na análise das defesas, Etchegoyen (1989) registra:

Desde seus primeiros trabalhos no seminário de Viena, Reich defendeu não só que se deve interpretar ordenadamente (a defesa antes do conteúdo, seguindo o conselho de Freud), mas também (e essa já é sua própria contribuição) que esse tratamento da defesa deve ser sistemático e consequente (p. 221).

Dada a orientação que defende a necessidade de que um trabalho analítico sistemático sobre os traços neuróticos de caráter seja efetuado pelo terapeuta, uma questão pode ser formulada: a insistência, a repetição e o apontamento detidamente realizado pelo analista do caráter não correria o risco de aproximar essa atividade clínica do campo educativo?

Em defesa de que a técnica proposta por Reich constitui uma ação clínica isenta de contornos educativos, segundo supomos, duas linhas de argumentos podem ser traçadas. Na primeira, de orientação pragmática, a insistência do analista representa, pura e simplesmente, uma exigência da atividade clínica no terreno da Análise do Caráter. Sem esse caminho de ação, o processo de análise estaria fadado ao fracasso e o indivíduo que procura ajuda analítica não teria seu sofrimento neurótico aliviado. Na segunda, de perspectiva conceitual, o traço neurótico, como uma formação egossintônica, representa uma forma de estar no mundo com que o analisando se identifica; um padrão habitual, automatizado, compulsivo e adaptado de se portar. São tais características que demandam a necessidade de um detido e insistente trabalho analítico (sempre um longo e atento processo), atividade desenvolvida no sentido de ampliar o grau de liberdade que, de forma distinta dos sintomas, ou seja, sem alarde, os traços neuróticos acabam por restringir. De qualquer maneira, apesar desses bons argumentos, vale estar atento para os limites que o analista do caráter deve pautar suas intervenções no procedimento clínico.

Procurando reunir o aqui apresentado a respeito do trabalho de interpretação na Análise de Caráter, a fim de se evitar a ocorrência de atendimentos que acabem em situações caóticas, Reich propõe que as interpretações sejam ordenadas de acordo com a específica estrutura da

neurose. Com isso, caberia ao analista a tarefa de escolher o que interpretar e essas escolhas seriam condicionadas pelas necessidades do processo clínico. Além disso, o autor defende que os traços de caráter sejam isolados e trabalhados de forma sistemática, o que indica uma preocupação com o, digamos, acompanhamento consequente de fios levantados. Tendo por base tais diretrizes, a nosso ver, não resta dúvida de que a Análise do Caráter é uma técnica marcada por aspectos intrusivos destinados a abrir o sistema de defesas de estruturas neuróticas cristalizadas. Porém, de outra parte, não se pode deixar de observar que ela comporta também orientações voltadas para a organização e coerência do atendimento, aspectos que, certamente, tendem a gerar um contexto de suporte para o analisando. Ou seja, nessa técnica, o paciente tem motivos de sobra para se ver confuso, afinal a análise não se desenvolve sem que algum desequilíbrio venha a ocorrer, mas esse estado se dá num enquadre consistente, campo de sustentação para o delicado processo clínico em curso.

Discutindo esse assunto das interpretações em análise, Etchegoyen menciona uma variável que ajuda a compreender a importância atribuída por Reich à organização do processo de atendimento. Para o autor, essa orientação da Análise do Caráter deve ser entendida não de forma isolada, mas no contexto da clínica psicanalítica que se praticava na época. Para ele,

não se deve esquecer que a reflexão de Reich parte da situação caótica, fato concreto e nefasto da práxis de sua época (e, às vezes, da nossa). Se não respeitarmos a estratificação da defesa, vamos produzir algo assim como um cataclismo, vamos ter uma zona de fratura, de falha - falando em termos geológicos (Etchegoyen, 1989, p. 214).

Pelo exposto, fica claro que a postura do terapeuta na Análise do Caráter comporta pouca semelhança com uma atitude marcada pela passividade. Em vez desta, as formulações reichianas apontam para um analista presente e envolvido, alguém que, por vezes, age e interfere no processo de atendimento, portanto, uma orientação que não lembra o modelo de uma tela branca que espera para receber os conteúdos transferidos pelo paciente. Sobre o assunto, de forma enfática, Reich assim se manifesta:

é um erro interpretar a regra geral analítica - de que se deve ser para o paciente como uma folha de papel em branco sobre a qual ele projeta suas transferências - no sentido de que se devesse adotar, sempre e em todos os casos, uma atitude como de múmia, totalmente passiva. Em tais circunstâncias, poucos pacientes podem “descongelar-se” e isso conduz a medidas artificiais, não analíticas (Reich, 1933/1986e, p. 154, aspas originais).

A psicanalista norte-americana Clara Thompson (1893-1958), comentando as diretrizes técnicas da Análise do Caráter, destacou a forma prioritária e intensa com que, de acordo com Reich, as resistências de caráter deveriam ser trabalhadas. Segundo a autora, escritos do livro *Análise do Caráter* (Reich, 1933/1995j) exerceram forte influência em importantes analistas norte-americanos. Vejamos esses dois conteúdos nas palavras da norte-americana:

[Reich] preconizava um ataque frontal às resistências do caráter. Essa técnica [...] deu-nos o primeiro critério efetivo para a análise da estrutura do caráter. Horney, Sullivan e outros promoveram depois diversos melhoramentos, com base nas ideias de Reich, mas este foi

o primeiro a organizar o pensamento psicanalítico sobre o assunto e ainda hoje suas conferências publicadas, em *Análise do Caráter*, continuam entre os melhores guias práticos para uso de estudiosos interessados na matéria (Thompson, 1950/1967, p. 171).

Em outro trecho, ainda atribuindo relevância à produção de Reich no domínio psicanalítico, em especial no que se refere à esfera da análise do caráter, Thompson ponderou: [as] críticas ao seu pensamento ulterior não devem, contudo, prejudicar uma apreciação de suas primeiras contribuições, especialmente no campo da análise do caráter” (1950/1967, p. 172). Interessante constatar que a autora, no livro *Evolução da psicanálise*, publicado originalmente ainda em 1950, alertou para a possibilidade de que, em relação a Reich, viesse a ocorrer o seguinte fenômeno: o que ele estava realizando *depois da psicanálise* poderia prejudicar a avaliação do que ele realizou *na psicanálise*. Apesar de ser uma hipótese de difícil comprovação, suspeitamos que a autora norte-americana registrou uma tendência que ela já percebia em curso. De outra parte, não deixa de ser uma ironia do destino verificar que Reich, um cientista que morreu numa prisão nos Estados Unidos, representou, no campo da técnica analítica, uma referência importante para autores da escola norte-americana da Psicologia do Ego.

Também Anna Freud, em *O ego e os mecanismos de defesa* (A. Freud, 1936/1986), ao discorrer sobre o tema das defesas permanentes do ego, cita formulações de Reich presentes no livro *Análise do caráter*. Mais especificamente, a autora menciona a formação de traços crônicos de caráter a partir de conflitos na infância, a explicitação desses traços em atitudes corporais

e o papel defensivo que esses padrões fixos de comportamento desempenham no processo de análise. Em suas palavras:

outro terreno em que as operações defensivas do ego podem ser estudadas, é o dos fenômenos a que Wilhelm Reich se refere em seus comentários sobre “a análise consistente da resistência”. As atitudes corporais, como a rigidez, as peculiaridades pessoais, como um sorriso fixo, o comportamento hostil, irônico e arrogante - tudo isso são resíduos de processos defensivos muito vigorosos, no passado, que acabaram por dissociar-se de suas situações originais [...] e evoluíram para traços caracterológicos permanentes, a “blindagem do caráter” (*Charakterpanzerung*, como Reich os denomina). Quando, na análise, conseguimos localizar a origem histórica desses resíduos, estes recuperam sua mobilidade e deixam de bloquear, por sua fixação, o nosso acesso às operações defensivas em que o ego está, nesse momento, ativamente empenhado (A. Freud, 1936/1986, p. 28, aspas e itálicos originais).

O psicanalista Richard F. Sterba, aproximando as produções de Reich e Anna Freud, faz a seguinte observação a respeito do livro *O ego e os mecanismos de defesa*: “Em minha opinião, as elaborações de Reich sobre a técnica de análise das resistências prepararam o caminho para o livro de Anna Freud *O ego e os mecanismos de defesa*” (Sterba, 1982, p. 35). Também Roazen (1974), em um tópico dedicado a expor as contribuições de Anna Freud à psicanálise, ao comentar o mesmo livro da psicanalista, faz menção ao trabalho de Reich nessa área. Nas palavras do comentador:

Embora tivesse tido predecessores em Freud e em outros psicanalistas, e particularmente no trabalho de Reich a respeito da estrutura do caráter, que veio antes de sua própria contribuição, seu livro mais famoso, *O Ego e os mecanismos de Defesa* [...] sistematizou e codificou o que, então, se conhecia analiticamente da psicologia do ego (Roazen, 1974, p. 505).

Além das formulações técnicas voltadas para o trabalho clínico com as defesas incorporadas no ego, outro conteúdo que em muito distinguiu a produção de Reich na área da análise do caráter foi a ênfase dada à análise da transferência negativa, sobretudo a latente e especialmente na fase mais inicial dos atendimentos. Discorrendo a respeito do assunto, em *Sobre o manejo da transferência* (Reich, 1933/1986e), o psicanalista relata que, paradoxalmente, se deparou com a transferência negativa na busca pelo estabelecimento da transferência positiva duradoura, único meio de sustentação do processo analítico. Porém, de acordo com o autor, no período inicial das análises raramente ocorre uma efetiva transferência positiva, mas sim o predomínio de manifestações afetivas que apenas a aparentam. Como contribuição a essa matéria, ele identifica três dessas formas ilusórias:

- 1) ‘transferência positiva reativa’ [...] o paciente compensa um ódio transferindo manifestações de aparente amor [...];
- 2) *subserviência* ao analista resultante de um *sentimento de culpa* ou de masoquismo moral [...];
- 3) transferência de *desejos narcisistas* na esperança de que será amado ou admirado pelo analista (Reich, 1933/1986e, pp. 136-137, *aspas e itálicos originais*).

Segundo Reich, a sua experiência clínica e a adquirida na condução dos trabalhos no Seminário de Técnica evidenciaram que os analistas, por vários motivos, tendiam a pouco notar a presença de transferência negativa - uma importante fonte de resistência - e, com isso, os processos clínicos não deslanchavam. Considerando que esse erro técnico era muito frequente, ele chamou a atenção dos colegas analistas para algumas posturas que poderiam sugerir a existência dessa forma de resistência. Nesse rol, o especialista em técnica alertou para os pacientes:

solícitos, ostensivamente cordiais [...] que estão sempre numa transferência positiva e nunca revelam uma reação de desapontamento [...]; aqueles que são sempre *rigidamente convencionais e corretos* [...]; *os pacientes cujos afetos estão paralisados* [...]; *os pacientes que se queixam da artificialidade de seus sentimentos e de sua emotividade* (Reich, 1927/1995c, p. 44/45, itálicos originais).

Neste ponto vale assinalar a existência de uma perspectiva que tende a acompanhar o olhar de Reich sobre os fenômenos, isso tanto na clínica, como nas leituras sociais efetuadas pelo autor: a busca pelo desvendar das patologias adaptadas, aquelas que se apresentam sob uma capa de normalidade. Considerando apenas o âmbito da clínica, como já exposto, na Análise do Caráter a sensibilidade reichiana está voltada, sobretudo, para a patologia egossintônica, o traço neurótico de caráter. Em função dessa orientação basilar, o leitor de seus escritos acaba assistindo a um curioso desfile de formas defensivas que os seres humanos apresentam e que, na situação de análise, desempenham a função de evitar que o processo se aprofunde, em outras

palavras, se instaure de verdade. Assim, por exemplo, a polidez, em vez de simplesmente representar um sinal de boa educação, quando estereotipada, acaba sendo interpretada como um muro que limita o contato com o mundo em geral e, no *setting* clínico, com o analista. Há, também, o analisando que produz muito material, supostamente de origem inconsciente, mas, estranhamente, o atendimento anda em círculos, não avança, o que sugere não a presença de um paciente colaborador, mas sim a existência de uma atitude de proteção narcísica muito bem sedimentada. Ele produz muito, mas trata-se de uma fala vazia, marcada pelo intuito de tentar manter a análise sob controle. Para Reich, se o analista não perceber e não lidar com essas formas não óbvias de resistência, que ele nomeia como resistências de caráter, o atendimento não terá qualquer chance de progredir.

Vinculado ao tema da análise da transferência negativa, o norte-americano Alexander Lowen (1910-2008) - o criador, juntamente com o grego John C. Pierrakos (1921-2001), da Análise Bioenergética - efetuou um interessante registro a respeito de sua terapia com Reich, realizada de 1942 a 1945 nos Estados Unidos. Segundo Lowen:

[no] início das sessões, ele pedia aos seus pacientes que lhe dissessem todos os pensamentos negativos que tinham tido sobre ele. Acreditava que todos os pacientes possuíam uma transferência negativa para com ele, assim como uma positiva, e ele não acreditaria nesta a menos que a negativa fosse expressa antes (Lowen, 1982, p. 19).

Ao que parece, mesmo distante do movimento psicanalítico e já não trabalhando especificamente com a Análise do Caráter, Reich não deixou de

atribuir relevância central ao papel da transferência negativa no processo clínico.

Ao avaliar a contribuição de Reich para o campo da técnica analítica, o psicanalista francês Daniel Lagache (1903-1972), no tópico *Reich e a transferência negativa (1926-1933)*, do livro *Transferência* (Lagache, 1952/1990), afirmou em tom conclusivo: “o mérito de Reich está em ter desenvolvido, com sólidos argumentos clínicos e técnicos, as implicações do conceito de transferência negativa. Nisso ele deu provas do mais autêntico freudismo” (p. 53). Ainda na referida obra, o autor observou: “A despeito de seus desvios ulteriores, Reich permanece como um dos que mais contribuiu para a teoria e a prática do tratamento psicanalítico” (Lagache, 1952/1990, p. 53). Um apontamento a respeito da produção de Reich na psicanálise que lembra o registrado, apenas dois anos antes, por Clara Thompson, em *Evolução da psicanálise* (1950/1967), ou seja, os dois autores atribuíram um considerável crédito ao efetuado por Reich na área da técnica analítica.

Ainda sobre o tema do manejo da transferência negativa, Roazen, ao abordar o assunto, pontuou com claro exagero: “Wilhelm Reich chegou ao extremo de basear todo o seu programa terapêutico na interpretação das transferências negativas” (Roazen, 1974, p. 95). Em seguida, o canadense mencionou a influência exercida por Reich nessa matéria: “Em parte devido à sua influência [de Reich], ‘a agressão reprimida’ esteve em voga entre os analistas do final da década de 1920 e início da de 1930” (p. 195, aspas originais).

Aparentemente sem grande importância, um evento que envolveu o manejo da transferência negativa foi narrado por Freud em *Análise terminável e*

*interminável* (Freud, 1937/1973d). Nesse artigo dedicado à clínica psicanalítica, publicado apenas dois anos antes da morte do criador da psicanálise, Freud cita o caso de um psicanalista que foi analisado por outro a quem considerava superior. Anos depois da atividade clínica, o antigo paciente censurou o terapeuta pelo fato deste não ter interpretado a transferência negativa então existente, o que teria resultado numa análise incompleta. Em defesa do procedimento adotado, o analista argumentou que possivelmente, no período do atendimento, não havia sinais de transferência negativa e que, mesmo que esses sinais estivessem presentes, por não se apresentarem de modo ativo, apontá-los exigiria um comportamento inamistoso da parte do analista. O curioso nessa história está associado aos nomes das pessoas envolvidas, revelados em uma nota de rodapé. Segundo Ernest Jones, o analista seria o próprio Freud, já o paciente, Ferenczi. Ao que parece, pelo menos tendo por base esse acontecimento, o procedimento técnico a ser adotado em relação à transferência negativa não ocupou um lugar isento de controvérsia no movimento psicanalítico.

Também relacionado ao tema do manejo da transferência negativa, em sua biografia científica, *A função do orgasmo* (1942/1978c), Reich expôs um episódio que envolveu uma ríspida intervenção de Freud. De acordo com Reich, em dezembro de 1926 ele proferiu uma palestra sobre a técnica da Análise do Caráter, no período ainda em construção, para o círculo íntimo de Freud. Na referida situação, ele concentrou sua apresentação na seguinte questão: na circunstância de um estado de transferência negativa, o analista deveria ou não interpretar os desejos incestuosos do paciente? Frente à linha de trabalho do expositor, que apontava para que os desejos incestuosos somente fossem

interpretados depois que a transferência negativa tivesse sido trazida à tona e analisada, Freud, interrompendo, questionou: “Por que é que você não interpreta o objeto da análise na sequência em que ele surge? Claro que é necessário analisar e interpretar os sonhos de incesto logo que aparecem!” (Reich, 1942/1978c, p. 148). Reich narra que não esperava por aquele tipo de comentário, ao que parece, sobretudo, em termos da maneira com que foi emitido, mas, mesmo assim, continuou desenvolvendo a sua linha de argumentação no sentido de “dar uma explicação precisa e minuciosa do meu ponto de vista” (p. 148). A nosso ver, esse evento sugere que, apesar da Análise do Caráter ter sido gerada no campo conceitual da psicanálise, certas diretrizes de sua orientação clínica tendem a produzir atrito se acuradamente comparadas à técnica freudiana.

Das formulações de Reich associadas à técnica da Análise do Caráter, uma que certamente acabou caracterizando a produção desse autor ainda não foi apresentada neste ensaio. Estamos nos referindo à observação do analisando, seu modo de movimenta-se, olhar, falar etc. Apesar dessa costumeira vinculação - Reich e a leitura da forma -, a rigor, no próprio Freud já é possível localizar sinais dessa perspectiva. Por exemplo, ainda no início dos anos 1900, no chamado caso Dora, o criador da psicanálise afirmou: “O que tem olhos para ver e ouvidos para ouvir, não tarda em convencer-se de que os mortais não podem ocultar segredo algum. Aqueles cujos lábios calam, falam com os dedos. Todos seus movimentos os delatam” (Freud, 1905/1973, p. 976) <sup>71</sup>. Também em *O*

---

<sup>71</sup> Nietzsche, em *Além do bem e do mal*, apontou: “Podemos mentir com a boca, mas com a expressão da boca ao mentir dizemos a verdade” (1886/2005, p. 72).

*início do tratamento*, de 1913, o psicanalista, demonstrando atenção às ações dos pacientes, registrou sofisticados quadros de observação.

Um jovem e espirituoso filósofo, com refinada atitude estética, apressa-se em alinhar o vinco da calça, ao deitar-se para a primeira sessão; verifica-se que ele foi um coprófilo de grande requinte, como se esperaria do futuro esteta. Na mesma situação, uma jovem se precipita em puxar a barra da saia sobre o tornozelo exposto, e com isso revela o principal daquilo que a análise descobrirá, o seu orgulho narcísico pela beleza do corpo e suas tendências exibicionistas (Freud, 1913/2010d, p. 185/186).

Se escritos de Freud indicam que o mestre psicanalista era sensível à forma de movimentação de analisandos, Reich defendeu que esse material deveria ser incorporado ao cotidiano da prática clínica analítica. Mais especificamente, o jovem diretor do Seminário de Técnica chegou a eleger a observação dos pacientes - seus maneirismos, padrões de movimentação e formas típicas de expressão - como a via régia para identificar a resistência associada ao caráter. Nas palavras do autor.

A resistência de caráter não se expressa no conteúdo do material, mas nos aspectos formais do comportamento em geral, na maneira de falar, de caminhar, nas expressões faciais e nas atitudes típicas como [...] a *modalidade* de cortesia ou de agressão (Reich, 1928/1986c, p. 69, itálicos originais).

Um detalhado relato histórico, elaborado por Richard Sterba, a respeito da atenção que Reich dedicava ao comportamento dos pacientes ajuda

a ampliar o entendimento dessa linha de ação clínica. De acordo com o psicanalista vienense:

Reich tinha uma sensibilidade particular para o reconhecimento de resistências latentes e a sua notável influência no material consciente do paciente. A forma como o paciente apresentava seu material, seu modo e peculiaridade de falar, como entrava no consultório, como apertava as mãos do analista (em Viena esse era um costume estabelecido para o início e o fim de cada sessão) - tudo isso Reich nos ensinou a usar como uma informação importante, particularmente sobre as resistências latentes (Sterba, 1982, p. 35).

No entendimento de Reich, os analistas, centrados numa prática clínica sustentada por uma noção limitada a respeito do que poderia ser considerado material analítico, acabavam deixando de lado o amplo e valioso universo do comportamento geral do paciente. Vejamos um trecho em que essa perspectiva é formulada de maneira clara.

Em primeiro lugar, o que significa “material analítico”? O conceito usual é o seguinte: as comunicações do paciente, seus sonhos, associações e atos falhos. Por certo, existe uma apreciação teórica de que a conduta geral do paciente também possui relevância analítica; mas experiências inequívocas de Seminário mostram que o comportamento do paciente, sua forma de olhar, maneira de falar, expressão facial, como se veste, modo de dar a mão etc, que todas essas coisas, não só são subestimadas quanto ao seu significado analítico, mas, em geral, são completamente passadas por alto. No congresso de Innsbruck, Ferenczi e eu, cada um por si, acentuamos a

significação desses elementos formais para a terapia (Reich, 1927/1986b, p. 51/52, aspas originais).

Ao defender uma concepção de material analítico que incluía, além da fala, outras formas de expressão do analisando, em mais uma menção de afinidade, Reich cita Ferenczi, no caso, a participação do analista húngaro no X Congresso Internacional de Psicanálise, realizado na Áustria, em 1927, na cidade de Innsbruck. Um levantamento da produção de Ferenczi permite saber que o trabalho apresentado no congresso em Innsbruck foi *O problema do fim da análise*, publicado no ano seguinte na *Revista Internacional de Psicanálise* (Ferenczi, 1928/2011k). No artigo, confirmando a afirmação de Reich, em determinado trecho, Ferenczi afirma: “vi-me na obrigação de atribuir também importância a certos aspectos exteriores da apresentação e do comportamento do doente, quase sempre negligenciados até aí” (p. 21).

Sobre o tema da observação do paciente na abordagem do psicanalista húngaro, Sandor Lorand (1893-1987), aluno e amigo de Ferenczi, comentou:

A contínua e penetrante observação do paciente efetuada por Ferenczi [...], seu atento estudo dos movimentos corporais, das posições, da gesticulação, da modulação de voz e outros aspectos semelhantes foram fonte inesgotável de informação sobre os processos inconscientes e a repressão. Para ele, esses dados eram tão significativos quanto a livre associação e as verbalizações, e deviam ser compreendidos e interpretados (Lorand, 1981, p. 29)

De acordo com o exposto, não resta dúvida de que, no panorama da clínica psicanalítica dos anos 1920, Ferenczi e Reich, dentre outras

aproximações já ventiladas neste estudo, atribuíram forte relevância à leitura e compreensão das formas expressivas dos pacientes. Em prol de apreender os movimentos humanos, eles apontaram para a necessidade da presença de analistas com ouvidos, olhos e poros abertos.

Como se vê, a relação entre as ideias do analista, ainda novato, Reich e as do analista, já veterano, Ferenczi, sem que o programássemos, definitivamente se impôs como um tema que procura espaço nesta tese. Se é para esse lugar que os caminhos desta pesquisa estão indicando, no próximo ensaio nos dedicaremos a esse atraente assunto.

Em viagem pelos campos da psicanálise de Wilhelm Reich, demos uma parada na estação Análise do Caráter. Nesta, fomos andando e colhendo impressões aqui e ali. Agora, antes da partida para a próxima estação, está na hora de organizarmos um registro, uma espécie de mapa do apreciado.

## 2.2 Reunindo fios

De acordo com este ensaio: a) a Análise do Caráter nasceu nos anos 1920, um período marcado pela busca de inovações que respondessem a problemas suscitados pela prática psicanalítica vigente; b) em sintonia com os rumos que a psicanálise tomava, trata-se de uma técnica não mais basicamente voltada para a análise dos sintomas, mas para o caráter como um todo; c) a leitura dos fenômenos privilegia os fatores quantitativos, o ponto de vista econômico; d) desenvolvida para o trabalho clínico com estruturas marcadas por reações neuróticas incorporadas no ego, não faz sentido empregar a análise do

caráter em casos de fragilização egóica ou estados de angústia; e) o período inicial do atendimento é considerado fundamental para o bom desenvolvimento dos trabalhos; f) na concepção de material analítico, Reich incluiu o comportamento geral do analisando; g) como essa orientação clínica tende a suscitar forte resistência, ela comporta uma série de formulações associadas a esse tema; h) em fase de resistência, cabe ao analista assumir a direção da análise; i) como importante fonte de resistência, uma atenção especial deve ser dada à transferência negativa, sobretudo à latente; j) na situação analítica, formas estereotipadas de conduta vão funcionar como barreiras, como resistências de caráter; k) as resistências de caráter se expressam nos aspectos formais do comportamento do paciente; l) a resistência pode se apresentar por meio de padrões de comportamento adaptados e socialmente valorizados; m) a postura do terapeuta na Análise do Caráter é a de um analista presente e envolvido, atitude não representada pelo modelo de uma tela branca que espera para receber os conteúdos transferidos pelo paciente; n) a Análise do Caráter é uma técnica marcada por aspectos intrusivos destinados a abrir o sistema de defesas de estruturas neuróticas cristalizadas; o) a Análise do Caráter comporta orientações voltadas para a organização e a coerência do atendimento; p) as interpretações devem ser ordenadas de acordo com a estratificação da neurose, da camada mais superficial para a mais profunda; q) o traço neurótico, como formação egossintônica, deve ser circunscrito e analisado de forma sistemática; r); diversos autores do campo psicanalítico citam a Análise do Caráter como uma contribuição ao acervo de trabalhos voltados para a área da técnica psicanalítica; s) em escritos sobre a Análise do Caráter, Reich menciona de maneira positiva a orientação clínica de Ferenczi.

### 3. REICH E A “TÉCNICA ATIVA” DE FERENCZI

*Quanto mais compreendemos as coisas singulares,  
tanto mais compreendemos a Deus (Baruch de  
Espinosa)<sup>72</sup>*

Neste estudo, no primeiro ensaio discorreremos sobre a participação de Reich no movimento psicanalítico dos anos 1920. No segundo, focalizamos a contribuição do autor para a área da técnica psicanalítica, a Análise do Caráter. Em decorrência do encontrado nos dois ensaios, sobretudo no segundo, chegamos ao tema deste terceiro. Em termos mais específicos, a pesquisa realizada mostrou que no universo da técnica os movimentos de Reich estavam em elevado grau sintonizados com a produção do analista húngaro Sándor Ferenczi.

De início, é importante esclarecer que aproximar as ideias de Reich e Ferenczi não constitui propriamente uma novidade. Por exemplo, na esfera das chamadas terapias psicorporais, área em que Reich é visto como um dos principais pioneiros e referência fundamental para muitas abordagens (como a Análise Bioenergética, a Psicologia Biodinâmica e a Biossíntese), Ferenczi também ocupa lugar de destaque. Além de ser amplamente citado como um analista que chamou a atenção e teorizou sobre a importância do corpo na cena clínica, formulações do húngaro são assumidas como o principal alicerce conceitual da Somatoanálise, uma linha de trabalho psicorporal que tem no

---

<sup>72</sup> Espinosa (1677/1983, p. 290).

francês Richard Meyer o seu autor mais conhecido (Meyer, 1986; Meyer e col. 1992).

No que se refere ao campo psicanalítico, o filósofo e psicanalista Roger Dadoun (1991), ao comentar as ações de Reich e de Ferenczi voltadas para a técnica, observou: “preocupações técnicas permanentes e extremamente vivas levam os dois a explorar muito além da regra ortodoxa da neutralidade do analista e do predomínio quase exclusivo do discurso” (p. 222). Em sua apreciação, o psicanalista francês identificou três linhas básicas de convergência entre os dois autores: a) o corpo entendido como lugar de expressão da realidade humana e, também, como possível esfera da investigação psicanalítica e da intervenção terapêutica; b) a relevância dada à sexualidade concreta, carnal; c) a formulação de leituras de fenômenos a partir da realidade infantil (Dadoun, 1991).

Também sobre o assunto, Rodinesco e Plon, aproximando as formulações de Reich às de Ferenczi e situando a publicação do livro *Análise do caráter* (Reich, 1933/1995j) no contexto dos embates ocorridos entre a instituição psicanalítica e Reich no início dos anos 1930, afirmaram: “No mesmo ano de seu exílio, [Reich] decidiu criticar frontalmente a psicanálise clássica, publicando um livro, o *Análise do caráter*, no qual adotava posições idênticas às de Sándor Ferenczi a respeito da técnica ativa” (Rodinesco & Plon, 1998, p. 652, itálicos originais).

Cabe lembrar que os autores franceses se referem ao ano de 1933 e o exílio mencionado diz respeito ao fato de que o então psicanalista e militante comunista Reich, com a ascensão de Hitler ao poder, precisou fugir da Alemanha, país onde residia desde 1930. Sem apoio por parte da direção do

movimento psicanalítico - que naquele delicado cenário político almejava se livrar daquele membro abertamente comunista -, Reich encontrou muita dificuldade para se estabelecer novamente, só conseguindo isso na Noruega, depois de breve passagem pela Dinamarca e Suécia (Wagner, 1996). Em tal conjuntura, o livro *Análise do caráter* (1933/1995j) representou mais um ponto de discórdia com a instituição psicanalítica pelo fato de que referendava posições de Sándor Ferenczi, o inquieto<sup>73</sup> propositor de inovações na área da técnica que, no período, experimentava uma turbulenta relação com Freud.

De nossa parte, mobilizados pelos achados já apresentados neste estudo e instigados pelo apontado por Roudinesco e Plon (1988) - para os autores o livro *Análise do caráter* conteria “posições idênticas” às de Ferenczi da técnica ativa -, investigaremos a relação entre o pensamento de Reich e a técnica ativa de Ferenczi, um conjunto de cinco artigos do psicanalista húngaro publicados de 1919 a 1926.

Com plena consciência das dificuldades inerentes à tarefa que temos pela frente, entendemos este trabalho como uma espécie de abertura de conversa. O que nos impulsiona é a fertilidade do assunto, a clara compreensão de que há muito a descobrir por pesquisas que, de alguma forma, desenhem um quadro composto por Reich e Ferenczi, dois autores tão peculiares do universo psicanalítico. Também nos anima o fato de poder trazer para este estudo

---

<sup>73</sup> Explicitando e, ao que parece, concordando com a maneira como tendia a ser visto, no artigo *Análise de crianças com adultos*, de 1931, Ferenczi afirmou: “o fato é que sou, em geral, bastante conhecido como um espírito inquieto ou, como me foi recentemente dito em Oxford, como o *enfant terrible* da psicanálise (1931/2011m, p. 80).

dedicado ao pensamento de Reich parte da produção científica do criativo analista húngaro.

Antes de discutirmos as relações entre a “técnica ativa” e as ideias de Reich, a título de breve introdução, registraremos algumas palavras a respeito do rico universo das elaborações de Ferenczi.

Acima de tudo, qualquer tentativa de aproximação dos escritos do *enfant terrible* da psicanálise não pode deixar de levar em conta o profundo compromisso com o fazer clínico que os movimentos desse autor revelam. Assim engajado e animado, Ferenczi, ao se deparar com os atendimentos que não avançavam, passou a experimentar, passou a criar, pois, a seu ver, algo precisava ser feito, mesmo que a técnica consagrada sofresse arranhões. É isso que o contato com os escritos desse curador suscita, mais do que uma técnica a ser apreendida e seguida, uma atitude de experimentação marcada por avanços e recuos, proposições e reformulações. Segundo supomos, em prol de realizar um bom trabalho analítico, em prol de curar, ele submeteu tudo, até a sua relação com Freud e, como consequência, com a própria psicanálise.

O psicanalista húngaro, Michaël Balint (1886-1970) - aluno, amigo e sucessor de Ferenczi -, assim se pronunciou sobre a postura clínica de seu mestre inspirador: “ele tinha por axioma que, enquanto um paciente quer prosseguir em seu tratamento, cabe ao analista encontrar as técnicas necessárias para ajudá-lo, sejam quais forem as dificuldades dessa tarefa” (Balint, 2011, p. XVIII). Essa bússola voltada para a pesquisa empírica de soluções para situações impostas pelo trabalho clínico é assumida com todas as letras por Ferenczi em carta de 10 de outubro de 1931 a Freud. Na missiva: “Sou, acima de tudo, um empirista [...]. As ideias estão sempre ligadas às

vicissitudes do tratamento de pacientes e encontram nelas sua recusa ou sua confirmação” (Falzeder & Brabant, 2000, p. 419).

Levando em conta essa postura de orientação empírica do autor húngaro, fica fácil compreender que, a rigor, Ferenczi não deixou uma proposta clínica pronta e organizada, mas sim a exposição de um processo contínuo de formulação e reformulação de orientações. Sobre esse processo, com base em Balint (2011) e Dupont (2011), a produção de Ferenczi na área da técnica analítica comportaria, grosso modo, três grandes períodos: a) contribuições para a técnica clássica; b) técnica ativa; c) técnica de tolerância e de indulgência<sup>74</sup>.

Quanto ao emprego de letra minúscula para escrever técnica ativa, estamos seguindo o adotado por Ferenczi, que utilizou essa forma de grafia e, muitas vezes, colocou essa denominação entre aspas, “técnica ativa”. Ao evitar o emprego de maiúscula, o psicanalista húngaro talvez tenha buscado sinalizar de que se tratava apenas da proposição de orientações auxiliares da técnica psicanalítica consagrada, um conjunto de sugestões a serem agregadas à técnica tradicional. Além disso, o uso de aspas sugere que as ações do analista visam mobilizar a atividade analítica do paciente, essa é a meta que norteia os trabalhos. Nesse sentido, a “técnica ativa” nunca é, em si, “ativa”, pois ela representa apenas um meio, um artifício que o analista, tateando aqui e ali, vai lançando mão com o objetivo de que o analisando realize o seu processo de análise.

---

<sup>74</sup> Apreciações sobre o processo de formulações técnicas de Ferenczi podem ser encontradas em Kupermann (2008). Por exemplo, ao discorrer sobre a produção do analista húngaro efetuada depois da “técnica ativa”, Kupermann dá relevo à “análise pelo jogo”, elaboração desenvolvida no artigo de 1931, *Análises de crianças com adultos* (Ferenczi, 1931/2011m).

Para investigar o trajeto de Ferenczi que vai das formulações iniciais da técnica ativa até a exposição crítica, feita pelo próprio autor, a respeito dos problemas e riscos que essa sugestão clínica comporta, cinco artigos do psicanalista húngaro foram apreciados: *Dificuldades técnicas de uma análise de histeria* (1919/2011e); *Prolongamentos da “técnica ativa” em psicanálise* (1921/2011f); *As fantasias provocadas* (1924/2011g); *Psicanálise dos hábitos sexuais* (1925/2011i); *Contraindicações da técnica ativa* (1926/2011j). A fim de acompanhar o processo de elaboração e reelaboração presente, focalizaremos esses escritos de acordo com a ordem de publicação, do mais antigo ao mais recente.

A nossa análise de cada um desses cinco trabalhos de Ferenczi comportou dois movimentos. No primeiro, buscamos identificar as formulações do autor a respeito da “técnica ativa”; fizemos isso sem deixar de lado as agudas explicações que o analista húngaro inseriu a respeito das relações entre a sua elaboração e o enfoque freudiano. No segundo, procuramos refletir sobre possíveis relações entre o proposto por Ferenczi e o pensamento de Reich, sobretudo o voltado para a área da técnica.

Cabe mencionar que, na esfera da técnica, além da Análise do Caráter, Reich, aproximadamente a partir de meados da década de 1930, portanto já não vinculado à instituição psicanalítica, desenvolveu mais duas orientações: a Vegetoterapia Caráter-Analítica (denominação que remete ao funcionamento do sistema nervoso autônomo, ou vegetativo, e, também, indica

continuidade em relação à Análise do Caráter) e, depois, a Orgonoterapia<sup>75</sup>, uma elaboração vinculada à Orgonomia, a ciência da energia orgone.

Como já afirmamos em outro trabalho (Albertini, 2011), na Vegetoterapia e na Orgonoterapia: a) o corpo é definitivamente convidado a entrar na cena clínica, não só como possibilidade de leitura da forma (já presente na Análise do Caráter), mas como domínio que pode facilitar ou dificultar a circulação energética; b) não há uma visão dualística da relação corpo-mente, mas sim de unidade funcional soma-psique (Rodrigues, 2008); c) ocupa lugar de destaque a noção de sensação de órgão, uma espécie de empatia corporal (Bedani, 2013; Rego, 2005b; Rego & Albertini, 2010; Wagner 2003, 2009).

Buscando traçar um paralelo entre os dois autores aqui pesquisados, se no domínio da técnica, o que caracterizou o trabalho de Ferenczi foi a contínua atitude de experimentação adotada, o que marcou a orientação de Reich nesse terreno foi a tentativa de ampliar a dimensão abrangida na ação clínica. Considerando as três propostas técnicas elaboradas, Reich caminhou da esfera psíquica (Análise do Caráter) para incluir o corpo (Vegetoterapia Carátero-Analítica) e chegar à dimensão energética/cósmica dos fenômenos (Orgonoterapia)<sup>76</sup>.

---

<sup>75</sup> Essas abordagens clínicas são voltadas para o atendimento individual, o leitor interessado num trabalho com grupos alicerçado no referencial reichiano, consultar Câmara (2009).

<sup>76</sup> Em escritos do próprio Reich, a respeito da Vegetoterapia Carátero-Analítica e da Orgonoterapia consultar, respectivamente, *O reflexo do orgasmo e a técnica da vegetoterapia de análise do caráter* (Reich, 1942/1978b) e *A cisão esquizofrênica* (Reich, 1949/1995L).

### 3.1 A “técnica ativa” em cinco artigos: relações com o pensamento de Reich

#### *Dificuldades técnicas de uma análise de histeria (1919)*

O artigo que inaugura a formulação clínica conhecida como técnica ativa contém, num estilo tanto circunstanciado como reflexivo, o relato de um atendimento no qual Ferenczi, frente a uma longa ausência de melhora no estado de uma paciente, expõe as medidas inovadoras tomadas, as razões que as embasaram, os efeitos alcançados e o rendimento teórico obtido.

Em síntese, o autor conta que, a partir de uma fala da analisanda de que ela tinha “sensações por baixo” (1919/2011e, p. 2), um olhar fortuito permitiu notar que ela, deitada no divã, permanecia com as pernas cruzadas e apertadas, de forma a efetuar, de maneira disfarçada, uma atividade masturbatória na sessão de análise. Entendendo que essa prática sexual possibilitava descarregar moções inconscientes, numa ação direta na motilidade, em vez de um trabalho voltado para a tomada de consciência, ele, depois de explicar tal compreensão à paciente, a proibiu de continuar com aquele comportamento.

Comentando essa interdição relatada por Ferenczi, Mezan (1996) insere uma ponderação, que pelo seu ângulo original de leitura, os aspectos contratransferenciais, merece ser citada. Lembrando que a paciente parou o trabalho de análise por três vezes, o psicanalista brasileiro supõe um desejo no húngaro de que ela fizesse a análise, assim sendo, a proibição formulada carregaria o seguinte recado: “a libido que está nas tuas pernas tem que ser

dirigida a mim, Ferenczi!” (Mezan, 1996, p. 110). Com todo envolvimento do terapeuta húngaro com a melhora de seus pacientes, difícil não imaginar a presença de desejos no sentido de que os analisandos se engajassem profundamente nos atendimentos e realizassem suas análises. Em nosso comentário, ficaremos até aí.

Segundo Ferenczi, como resultado da medida de interdição, a analisanda passou a manifestar acentuada agitação física e psíquica durante as sessões, processo de onde finalmente emergiram fragmentos de lembranças que, aos poucos, se reuniram em torno de certos acontecimentos de sua infância e revelaram as circunstâncias traumáticas mais relevantes de sua enfermidade.

Porém, ainda de acordo com a narrativa do autor, após uma significativa melhora no estado geral da analisanda, outro período de estagnação se impôs, implicando, com isso, numa cristalização dos trabalhos no patamar recém alcançado. Procurando investigar as razões dessa nova acomodação, eles apuraram que a paciente, de forma imperceptível, erotizava a maioria de suas atividades de dona de casa, apertando as pernas e abandonando-se a fantasias inconscientes, tal como fazia nas sessões. Para lidar com a situação descoberta, Ferenczi ampliou a interdição para além das sessões, mas o progresso verificado também foi momentâneo. A seguir, ele observou que, com o cerceamento das maneiras de satisfação que funcionavam como escapes do árduo processo clínico, atos sintomáticos da paciente, como beliscar diversas partes do corpo, tornaram-se equivalentes ao onanismo.

Por fim, com o quadro todo delineado, a analisanda compreendeu que, devido às dificuldades no caminho da genitalidade verificadas numa certa época do seu desenvolvimento, ela passou a descarregar sua sexualidade em

uma série de hábitos menores dissimulados. O artigo, no que diz respeito ao relato do caso clínico, termina com o analista húngaro indicando a progressiva satisfação alcançada pela paciente por meio de relações sexuais, algo anteriormente não presente, ao mesmo tempo em que “vários sintomas histéricos ainda não resolvidos encontraram sua explicação em fantasias e lembranças genitais que se tornaram agora manifestas” (Ferenczi, 1919/2011e, p. 4).

Na parte final do escrito, Ferenczi discute determinados aspectos teóricos vinculados ao caso clínico exposto e, também, procura associar o protótipo de sua “técnica ativa” a procedimentos já adotados por Freud. Passemos a focalizar tais conteúdos.

De início, ele procura esclarecer uma hipotética contradição entre a sua intervenção no sentido de cercear a prática masturbatória realizada pela paciente e o que a literatura psicanalítica tem sustentado em relação ao onanismo, ou seja, uma prática não vista como prejudicial. A coerência de seu procedimento psicanalítico é explicada por meio de uma distinção conceitual entre a prática masturbatória não danosa, aquela mobilizada pela privação e acompanhada de fantasia erótica consciente, e as múltiplas maneiras de atividade que funcionam como vias inconscientes e habituais de escoamento da excitação. No caso dos homens, como exemplo de prática não sadia, o autor cita o comportamento dos que tendem a ficar com as mãos nos bolsos apertando e tocando os genitais. Assim, na teorização do analista húngaro, a depender da forma de onanismo, uma provisória injunção proibitiva pode ser empregada com o intuito de “barrar as vias inconscientes de escoamento à excitação psíquica para obrigá-la, graças ao ‘aumento de pressão’ da energia assim obtido, a

vencer a resistência oposta pela censura e a estabelecer um ‘investimento estável’ por meio dos sistemas psíquicos superiores” (Ferenczi, 1919/2011e, p. 7, aspas originais).

E quanto à denominação “técnica ativa”, tendo por base o artigo de Ferenczi em tela, o que pode ser dito? Ampliando o que já afirmamos sobre o assunto, ao que parece, a palavra “ativa”, que qualifica a técnica, foi escolhida por se tratar do antônimo de “passiva”, postura usualmente associada ao papel do psicanalista na situação clínica. Contudo, para uma pertinente vinculação do nome à técnica, cabe um acréscimo explicativo a respeito da atividade exercida pelo analista nessa orientação. Em linhas gerais, em contextos de atendimentos muito particulares, marcados pela estagnação do processo, o psicanalista pode introduzir injunções - e essa é a sua atividade - destinadas a aumentar a tensão no analisando. Essas proibições, na realidade, interdições de formas habituais de satisfação do analisando, portanto, algo que sempre leva a alguma frustração, geram um incômodo que, por sua vez, tende a alterar a estagnação presente e ampliar o investimento do paciente no trabalho de análise por meio de seus sistemas psíquicos superiores. Em síntese, a ação do analista, a interposição de medidas frustrantes, visa interferir no momentâneo estado de passividade do analisando, ou, em outros termos, as proibições do analista objetivam promover a *atividade* do paciente.

Nas palavras de Ferenczi fica patente que ele lançou mão de alterações na habitual postura do analista como uma busca, um meio de encontrar saídas para lidar com a paralisia que insistia em se impor no atendimento efetuado. Assim esse construtor da clínica se expressa:

Neste caso, fui levado a abandonar o papel passivo que o psicanalista desempenha habitualmente no tratamento, quando se limita a escutar e a interpretar as associações do paciente, e ajudei a paciente a ultrapassar os pontos mortos do trabalho analítico intervindo ativamente em seus mecanismos psíquicos (Ferenczi, 1919/2011e, p. 7).

No que tange à vinculação das suas formulações técnicas ao campo freudiano, Ferenczi observa que na análise de histerias de angústia o mestre psicanalista, também visando encontrar saídas para períodos de estagnação no processo analítico, recorreu a medidas indicativas aos pacientes, mais especificamente a determinações para que estes enfrentassem as situações críticas geradoras de angústia. Qual seja, de maneira similar à sua, Freud, com essa atitude, buscava “barrar as vias inconscientes e habituais de escoamento da excitação e de obter por coação o investimento pré-consciente, assim como a versão consciente do recalçado” (Ferenczi, 1919/2011e, p. 7). Assim, o analista húngaro procura mostrar que o seu atual procedimento técnico teria precedente no fazer clínico de Freud e, também, a mesma sustentação conceitual como base.

Além da temática vinculada ao domínio da técnica psicanalítica, outro importante conteúdo desse artigo de Ferenczi refere-se à maneira como o autor demonstra compreender a sexualidade e o seu desenvolvimento. Nesse território, o prisma quantitativo a respeito de uma energia (a libido) ganha relevo e, também, salta aos olhos um quadro em que a genitalidade parece meta do desenvolvimento psicosexual. Tal orientação enreda de forma capilar o texto e é assim expressa no último e conclusivo parágrafo do trabalho:

Um exemplo como este mostra-nos, uma vez mais, não serem simples ‘energias psíquicas’ as que estão em ação na histeria, mas forças libidinais, mais exatamente, forças pulsionais genitais; e que cessa a formação de sintomas se se conduzir para os órgãos genitais a libido utilizada de maneira anormal (Ferenczi, 1919/2011e, p. 8).

Apresentada a nossa leitura do artigo de Ferenczi que inaugurou a técnica ativa, *Dificuldades técnicas de uma análise de histeria* (1919/2011e), cabe agora indagar: quais relações conceituais podem ser estabelecidas entre esse trabalho do analista húngaro e o enfoque teórico desenvolvido por Reich?

Em primeiro lugar, chama a atenção no relato de Ferenczi o papel relevante que o ponto de vista econômico desempenhou no atendimento efetuado. Mais especificamente, as orientações proibitivas do analista constituíram meios de procurar intervir nas formas habituais que a paciente tendia a descarregar libido. Por tudo o que já foi exposto neste estudo, desnecessário repetir a importância decisiva que o ponto de vista econômico, aquele voltado para a quantidade energética dos fenômenos, exerceu na abordagem teórica de Reich. Também nessa linha de clara aproximação entre o veterano e o jovem psicanalista, nota-se no caso clínico apresentado pelo húngaro uma orientação conceitual que sugere enxergar na atividade sexual genital, por meio de relações sexuais, a presença de um desenvolvimento psicosexual que se completou. Não vamos, por enquanto, aprofundar a análise desse tema - a visão de cada um desses dois autores a respeito da genitalidade -, pois ele ainda vai aparecer de maneira mais nítida na produção de Ferenczi sobre a técnica ativa.

Até o momento, apontamos duas aproximações entre o texto de Ferenczi (1919/2011e) e o enfoque depois desenvolvido por Reich, grosso modo: o considerável valor atribuído ao ponto de vista econômico e à genitalidade. Sem dúvida, esses dois fatores, em função de constituírem importantes alicerces teóricos das abordagens dos dois autores, possibilitam prismas de análise que servem para olhar fenômenos vinculados a diversos campos de aplicação, o que atesta a relevância conceitual dos mesmos. Porém, eles não dizem respeito, de maneira mais particular, às estratégias empregadas no trabalho clínico.

Já terreno do arsenal técnico utilizado por Ferenczi, no caso apresentado há um procedimento que precisa ser destacado e comentado: as injunções do analista, sempre no sentido de barrar a habitual satisfação masturbatória da paciente (o escoamento de libido que a ação sexual gerava), visavam ocasionar um “aumento de pressão” e, com isso, “vencer a resistência oposta pela censura” (1919/2011e, p. 7). Em termos mais completos, em situações do atendimento marcadas pela estagnação, nas quais as defesas estavam preponderando, o curador húngaro agia no sentido de ocasionar um momentâneo aumento na carga energética da paciente. Tal ação produzia um desequilíbrio energético, um estado de incômodo que acabava catalisando os “sistemas psíquicos superiores” (p. 7); ou seja, fomentava a *atividade* analítica da analisanda. Além disso, ao que parece, o incremento na carga energética afetava as defesas estabelecidas, ou, no mínimo, tornava mais explícito o conflito de forças existente. Portanto, uma medida técnica empregada pelo analista húngaro consistiu em *aumentar a carga energética* da paciente com o intuito de promover o trabalho de análise. E qual a relação entre essa orientação

realizada por Ferenczi ainda em 1919 com o fazer clínico desenvolvido por Reich?

A resposta a essa indagação comporta duas observações. Se considerarmos apenas o fator aumento da carga energética, não resta dúvida de que Reich pautou boa parte de sua ação clínica por essa medida. Aumentar a carga energética consistiu em um recurso central do terapeuta aproximadamente a partir de meados da década de 1930, na Vegetoterapia Carátero-Analítica e na Orgonoterapia, e também integrou terapias psicorporais<sup>77</sup> associadas ao campo reichiano, sobretudo a Análise Bioenergética. Entretanto, se há essa afinidade, é importante assinalar que no domínio reichiano a medida adotada para gerar o aumento de carga energética sempre envolveu, basicamente, um trabalho com a respiração e não injunções no sentido de barrar determinados comportamentos dos pacientes. Assim, por exemplo, em *A função do orgasmo* (1942/1978c), ao discorrer sobre o papel desempenhado pela respiração reduzida<sup>78</sup> na manutenção do estado neurótico, Reich afirmou:

[na] respiração reduzida, absorve-se menos oxigênio; de fato, apenas o suficiente para a preservação da vida. Com menos energia no organismo, as excitações vegetativas são menos intensas e, pois, mais fáceis de controlar. Vista biologicamente, a inibição da respiração nos neuróticos tem a função de reduzir a produção de energia no organismo e

---

<sup>77</sup> Sobre o amplo e diversificado campo das abordagens psicorporais de alguma forma associadas ao referencial reichiano, consultar Rego e Albertini (2010).

<sup>78</sup> Referindo-se às formas de respiração reduzida, Reich observou: “[os] pacientes têm inventado todos os meios possíveis para evitar a expiração profunda. Eles expiram de forma fragmentada, ou voltam rapidamente à posição de inalação” (1942/1989, p. 333).

de reduzir assim a produção de angústia (1942/1978, p. 262).

Apontadas as aproximações e os afastamentos existentes entre esse primeiro artigo de Ferenczi (1919/2011e) dedicado à técnica ativa e o pensamento de Reich, vejamos o que nos aguarda no segundo.

*Prolongamentos da “técnica ativa” em psicanálise (1921).*

Na comunicação apresentada em 1920 no VI Congresso da Associação Internacional de Psicanálise, realizado em Haia, e publicada no ano seguinte - *Prolongamentos da “técnica ativa” em psicanálise (1921/2011f)* -, Ferenczi retoma pontos já presentes no escrito que inaugurou a técnica ativa, insere novos aspectos, adensa a fundamentação teórica e, por meio de exemplos, expõe uma ampliação de suas intervenções. Trata-se de um trabalho que revela a presença de um autor que investe no caminho adotado, alguém que, de maneira aberta, explícita e avalia o processo de experimentação e formulação clínica em curso.

De início, a fim de mostrar que as suas atuais indicações técnicas constituem um desenvolvimento plenamente alicerçado na mais pura tradição psicanalítica, Ferenczi lança mão de uma série de argumentos. Na verdade, mais do que a simples defesa de uma vinculação, o autor promove uma reflexão sobre a dimensão ativa que o atendimento psicanalítico inevitavelmente comporta. Em outras palavras, para ele, a clínica psicanalítica, em algum grau, sempre foi efetuada por meio de uma orientação ativa. Assim, por exemplo, na pré-história da psicanálise, a atividade marcou o método catártico de Breuer e Freud; de

outra parte, mesmo no período da técnica consagrada, a própria interpretação representa uma intervenção ativa, pois orienta o pensamento do paciente “numa certa direção e facilita a emergência de ideias que, de outro modo, a resistência não teria deixado ingressar na consciência” (1921/2011f, pp. 118-119).

Ao mesmo tempo em que procura inserir no campo da psicanálise a trilha que está percorrendo, o húngaro, numa atitude cuidadosa, alerta quanto ao uso indiscriminado de suas formulações técnicas. De maneira clara, ele registra que a sua perspectiva deve constituir uma medida provisória, um instrumental de exceção indicado para situações específicas, aquelas marcadas por estagnação do processo analítico. Ainda nessa esfera dos cuidados, Ferenczi não aconselha que analistas principiantes empreguem a técnica ativa, dada a complexidade e os riscos envolvidos. Além disso, ele sustenta que ela nunca deve ser utilizada no começo do tratamento, período em que a transferência ainda não está bem estabelecida.

De acordo com o psicanalista, medidas ativas eventualmente poderiam ser empregadas em qualquer tipo de neurose. Discorrendo especificamente sobre as análises do caráter, frente às dificuldades usualmente encontradas nesses casos, nos quais o próprio ego narcísico apresenta-se como principal fonte de resistência, Ferenczi sugere como possibilidade última de busca de caminho clínico a intervenção ativa no sentido de “conduzir ao absurdo traços de caráter que, na maioria das vezes, só existem em estado de esboço” (1921/2011f, p. 131). Portanto, na sessão de análise, o paciente seria incitado a vivenciar e a expressar de maneira extremada os seus traços neuróticos de caráter. Em outras palavras, esgotadas as trilhas habituais da análise, o terapeuta direcionaria o paciente para ações que pelo seu exagero

escancarariam os aspectos neuróticos instalados no caráter do analisando. Da perspectiva de quem ler o escrito do autor húngaro, chama atenção a enorme liberdade que o clínico se atribui para, de alguma maneira, mobilizar o paciente para o trabalho analítico.

A fim de expor o jogo de forças posto em ação pela técnica ativa, Ferenczi lança mão de alguns fragmentos de análises. Cita, no exemplo mais desenvolvido no artigo, o caso de uma jovem música croata que, dentre vários sintomas, sofria de medos obsessivos, como o de tocar piano diante de pessoas. Nesse atendimento, e também em outros mencionados no trabalho, as determinações do húngaro à paciente comportaram duas fases. Numa primeira, frente à fobia da jovem em relação a executar certos atos - segundo a leitura de Ferenczi, desejados, mas reprimidos -, ele efetuou incitações para que ela realizasse esses atos nas sessões de análise. Processo que revelou, pelo progressivo envolvimento e fruição da jovem na execução dos comportamentos (como cantar e expressar por meio de gestos determinada canção) a existência de uma intensa satisfação latente em exhibir-se e, também, a emergência de lembranças ligadas à sua infância.

Numa segunda fase, quando as tendências anteriormente reprimidas se converteram em importantes fontes de prazer, Ferenczi mudou de atitude, ou seja, passou a cercear a realização dos atos agora propiciadores de satisfação. O intuito dessa proibição - assim como no caso clínico relatado no artigo *Dificuldades técnicas de uma análise de histeria* (1919/2011f) -, foi o de, ao interpor uma barreira, gerar um acúmulo de tensão não descarregado e, com isso, criar condições energéticas para o desenvolvimento do trabalho analítico, o

que acabou ocorrendo e implicou na tomada de consciência das moções de desejos envolvidas, além da lembrança de material infantil associado ao atual.

Como relatado, no exemplo citado, a interferência efetuada pelo terapeuta foi desenvolvida em dois momentos: primeiro o incentivo ao que estava inibido e depois o cerceamento ao comportamento prazeroso. Porém, cabe notar, que a meta continuou sendo a de barrar a satisfação e, com isso, elevar a quantidade de energia a ser canalizada para a análise. Assim sendo, em casos em que o processo não alcançar a segunda fase, a da renúncia do paciente à satisfação, Ferenczi não o considera completo e, pela possível ausência de um consistente trabalho analítico, vê perigo de retorno dos conflitos.

De posse desse prisma que considera essencial que a análise seja desenvolvida com os pacientes em determinado estado de privação, torna-se fácil compreender e concordar com a ligação que o húngaro faz (Ferenczi, 1921/2011f, p. 120) entre a sua formulação técnica e a regra de abstinência proposta por Freud. Se nos reportarmos à exposição do psicanalista vienense sobre o assunto, em determinado trecho, encontraremos a seguinte indicação: “devemos deixar que a necessidade e o anseio continuem a existir, na paciente, como forças impulsionadoras do trabalho e da mudança” (Freud, 1915/2010g, pp. 218-219). Ou seja, fundadas no ponto de vista econômico, as duas orientações sustentam que a libido libertada pelo trabalho clínico deve ser canalizada não para satisfações substitutivas, mas para estimular o processo analítico.

No terreno da fundamentação teórica, Ferenczi procura deixar claro que as suas ideias técnicas não significam um retorno a práticas clínicas já superadas pela psicanálise, nesse domínio cita especificamente a terapia por

sugestão e a por catarse. Para o autor, de índole completamente diferente “das sugestões médicas atuais que prometem a saúde” (1921/2011f, p. 133), a sua intervenção - o incitar o que está inibido e o proibir determinadas formas de satisfação - visa apenas alterar a distribuição de energia no paciente. Assim sendo, trata-se somente de um recurso para favorecer a emergência de material recalcado. Com relação à catarse, o psicanalista húngaro sustenta que, enquanto esta tem a descarga de afetos como fim, a sua orientação, dependendo da específica situação clínica, passa por incitar e, também, por inibir descargas de afetos. Além disso, e este é o ponto fundamental, faz isso como meio para acessar conteúdos inconscientes. Com essa visão dos fatos, ele conclui: “Portanto, quando a catarse considera sua tarefa terminada, o trabalho propriamente dito começa para o analista ‘ativo’” (Ferenczi, 1921/2011f, p. 133).

Após apontar que a técnica ativa não significa uma espécie de reedição da terapia por sugestão ou por catarse, Ferenczi, por meio de uma sequência de formulações, contendo tanto explicações mais gerais como a inclusão de pontos mais apurados e específicos, progressivamente avança no domínio conceitual do seu fazer clínico. Um sintético, mas bem amarrado trecho contendo as razões que explicariam a eficácia de sua técnica é assim expresso pelo autor:

Quando o doente abandona atividades voluptuosas ou obriga-se a praticar outras carregadas de desprazer, surgem nele novos estados de tensão psíquica, na maioria das vezes recrudescimentos dessa tensão, que vão perturbar a tranquilidade de regiões psíquicas distantes ou profundamente recalçadas que a análise tinha até então poupado, de sorte que

seus produtos encontram - sob a forma de ideias significativas - o caminho da consciência (Ferenczi, 1921/2011f, p. 134).

A seguir, ele se reporta a uma visão assinalada por Freud em *A interpretação dos sonhos* (1900/1973a), de que haveria uma relação de reciprocidade entre afeto e representação. Para o húngaro, essa reciprocidade poderia ajudar a entender fenômenos que se observam no cotidiano da clínica. Mais particularmente, tanto o fato de que o despertar de reminiscências inconscientes pode desencadear reações afetivas (como na catarse), quanto à situação em que “uma atividade exigida do paciente ou um afeto liberado nele também podem fazer surgir certas representações recalçadas, vinculadas a esses processos” (Ferenczi, 1921/2011f, p. 134).

Porém, cabe alertar que o autor, ao argumentar a favor da existência de uma relação de reciprocidade entre afeto e representação, está se referindo a uma ligação muito específica, ou seja, àquela pertinente. Em se tratando do atendimento terapêutico, fenômeno passível de ocorrer como fruto de um certo caminho clínico. A nosso ver, é por isso que ele, no bojo de seu raciocínio, introduz a frase: “Naturalmente, o médico deve ter certos indícios dos afetos ou das ações que precisam ser reproduzidos” (Ferenczi, 1921/2011f, p. 134).

Já na esfera dos sonhos, essa forma de ligação estaria presente no conteúdo latente e não no manifesto. Essa observação torna-se necessária para evitar uma visão errônea do pensamento freudiano, pois o psicanalista vienense não supôs qualquer espécie de vinculação necessária ou orgânica entre afeto e representação. Na verdade, Freud, inovando em relação ao usualmente aceito,

no capítulo dedicado ao tema dos afetos nos sonhos, indicou que o “afeto e o conteúdo de representações não constituem, contra o que estamos acostumados a admitir, uma unidade orgânica inseparável, mas que se encontram meramente soldados entre si e podem ser destacados um do outro pela análise” (Freud, 1900/1973a, p. 627).

Nas últimas frases do artigo *Prolongamentos da “técnica ativa” em psicanálise* (1921/2011f), quando o leitor supõe que a refeição de letras servida por Ferenczi já está na hora de uma sobremesa leve, ou de um cafezinho, o analista húngaro vem com um prato original, uma iguaria que amplia o potencial de utilização da sua técnica. De acordo com o autor, no caso de conteúdos psíquicos patogênicos datados da primeira infância, uma época anterior à compreensão verbal, e que, portanto, não podem ser rememorados, mas apenas revividos, as injunções e interdições da técnica ativa vão favorecer a ocorrência de repetições de experiências. De posse desse valioso material na cena analítica, cabe o trabalho de interpretá-lo ou reconstruí-lo nas lembranças. Ou seja, sem muito alarde, Ferenczi afirma que a sua proposta técnica pode alcançar extratos psíquicos do período pré-verbal e caminhar da ação repetitiva para a simbolização.

Apresentado esse artigo de Ferenczi de 1921, um trabalho incrivelmente rico em ideias e sugestões clínicas, cabe agora pensarmos as relações que podem ser estabelecidas entre esse material do analista húngaro e as orientações técnicas elaboradas por Reich.

Considerando inicialmente apenas terreno psicanalítico, compete explicitar uma diferença básica entre as sugestões técnicas propostas por Ferenczi e a Análise do Caráter. O húngaro entende suas formulações como

medidas auxiliares à técnica consagrada, já Reich propôs uma outra técnica para o trabalho clínico psicanalítico. Um argumento para tornar possível a coexistência da Análise do Caráter com a técnica freudiana é o de que a elaboração do analista mais jovem consiste numa proposta voltada para o trabalho com determinadas estruturas neuróticas, as marcadas pela acentuada presença de defesas neuróticas incorporadas no caráter. Apesar dessa possibilidade de leitura, de qualquer maneira, há uma evidente diferença entre como Ferenczi e Reich entenderam o papel de suas formulações em relação à técnica freudiana.

Uma outra distinção central entre a elaboração de Ferenczi (1921/2011f) e a Análise do Caráter é a de que as medidas “ativas” só devem ser empregadas quando a transferência já estiver bem estabelecida, portanto, segundo o psicanalista húngaro, nunca no início do tratamento. Por sua vez, a técnica reichiana pode ser utilizada desde o começo do atendimento, na verdade ela desempenha um papel essencial no começo da análise, período em que, sobretudo, o trabalho com a transferência negativa é considerado de importância fundamental para o bom desenvolvimento do processo clínico.

No âmbito das aproximações, Ferenczi (1921/2011f) não aconselhou que analistas pouco experientes lançassem mão das suas formulações conhecidas como “ativas”. No que se refere à Análise do Caráter, essa mesma posição foi assumida por Reich no escrito *Indicações e perigos da análise do caráter* (1933/1995e). Ao que parece, os dois especialistas em técnica analítica tinham plena consciência dos riscos envolvidos no emprego pouco hábil de suas inovadoras proposições.

Após essas observações gerais sobre a “técnica ativa” e a Análise do Caráter, como o artigo de Ferenczi (1921/2011f) focaliza importantes conteúdos afeitos ao campo das abordagens psicorporais, vamos abrir o leque de pareamento para além do universo das técnicas psicanalíticas.

Como relatado por Ferenczi (1921/2011f), no atendimento em que o próprio ego do paciente se apresentava como a principal fonte de resistência, ele incentivava os analisandos a realizarem na sessão de análise cenas pautadas pela expressão - sempre de maneira extremada - de traços neuróticos de caráter. Em outros termos, o criativo terapeuta promovia uma espécie de “teatro clínico” no qual os analisandos podiam manifestar de forma intensa as suas incipientes orientações neuróticas egossintônicas. Curioso constatar que um recurso utilizado por Ferenczi ainda no começo dos anos 1920 - o incentivo às vivências emocionais no espaço clínico - nos dias atuais constitui um procedimento largamente empregado no âmbito das terapias psicorporais. Com base nesse tom de certa afinidade, seria interessante investigar como essas cenas emocionais se integravam no trabalho do analista húngaro e como esse tipo de atividade clínica tende a ocorrer no domínio das abordagens psicorporais vinculadas ao referencial reichiano.

De qualquer forma, não pode passar despercebido o fato de que o psicanalista húngaro deixou contribuições valiosas a respeito do tema vivências no espaço clínico. Em síntese, pelos menos três formulações registradas por Ferenczi em *Prolongamentos da “técnica ativa” em psicanálise* (1921/2011f) merecem destaque: a) com base numa cuidadosa diferenciação conceitual entre a sua orientação terapêutica “ativa” e o método catártico, indicou que, a rigor, o trabalho de análise começa quando a catarse considera sua tarefa concluída;

b) tendo por alicerce conceitual o desenvolvido por Freud a respeito da relação entre afeto e representação, propôs estratégias clínicas voltadas para a possibilidade de que o afeto liberado pudesse trazer à tona representações recalçadas; c) no caso de conteúdos patogênicos de época anterior à compreensão verbal, portanto que não poderiam ser rememorados, criou estratégias clínicas para favorecer a ocorrência de repetições de experiências (um passo inicial necessário para tornar possível o trabalho de elaboração psíquica)<sup>79</sup>.

#### *As fantasias provocadas (1924)*

No terceiro artigo dedicado à experimentação e formulação clínica conhecida como “técnica ativa”, Ferenczi (1924/2011g) dá mais alguns passos no sentido de ampliar a gama de intervenções do terapeuta destinadas a catalisar a atividade analítica do paciente.

No início do texto, o analista húngaro, mais uma vez, esclarece que as suas inovações técnicas têm por meta encontrar saídas para atendimentos marcados por longas fases de estagnação. Ou seja, para Ferenczi não se trata de qualquer tentativa de substituição do procedimento psicanalítico clássico, mas da inclusão de medidas auxiliares para situações clínicas específicas. Ainda no contexto da abertura do escrito, defendendo a sua orientação de prisma ativo, ele repete o argumento de que, na verdade, as interpretações usuais constituem uma forma de atividade do analista, pois, em algum grau, interferem no curso

---

<sup>79</sup> Sobre essa temática, que envolve movimentos regressivos do psiquismo, ver Zlotnic, Almeida, Silva Junior (2009).

das associações do paciente - entendimento já expresso no artigo *Prolongamentos da “técnica ativa” em psicanálise* (1921/2011f). Portanto, na visão do autor, ao incluir em seu arsenal de medidas a possibilidade de influir na própria atividade de fantasiar do analisando, ou, como o título do artigo revela, ao “provocar fantasias”, ele, na posição de analista, estaria apenas seguindo uma trilha sedimentada no fazer clínico tradicional da psicanálise.

A seguir, ele vai construindo o corpo do trabalho por meio da exposição de casos clínicos e a inserção de formulações destinadas a embasar teoricamente a linha adotada. Mais ao final do escrito, a partir do conhecimento adquirido a respeito do período infantil da vida dos pacientes, Ferenczi expõe ideias voltadas para o tema da educação sexual de crianças.

Em um dos exemplos clínicos citados, a fim de ilustrar o procedimento técnico assumido, o analista húngaro relata o caso de um paciente possuidor de uma considerável capacidade de fantasiar, mas que, apesar desse potencial, se mostrava muito inibido na expressão de seus sentimentos. Como o trabalho de análise pouco avançava, o terapeuta tomou a atitude de fixar um prazo para o término do atendimento, medida não suficiente para alterar o cristalizado panorama presente. Nesse contexto, Ferenczi, supondo que o analisando sentia um ódio em relação a ele, incitou-o a imaginar algo agressivo contra ele. Segundo o autor, depois de um período de hesitação e recusa, o paciente passou a apresentar “com acuidade alucinatória [a fantasia de] que me agredia e depois me arrancava os olhos, fantasia que se transformou bruscamente numa cena sexual onde eu desempenhava o papel de mulher. Durante essa atividade fantasística, o paciente tinha ereções manifestas” (1924/2011, p. 265). De acordo com o analista, na sequência dos trabalhos, com o vivenciado nas sessões

em relação ao terapeuta, foi possível analisar fatores edípicos e reconstruir “toda a gênese da libido infantil do paciente” (p. 265).

Nesse exemplo, assim como em outros mencionados no artigo *As fantasias provocadas*, Ferenczi revela as características inovadoras que, no período, enredavam a sua forma de atendimento. Sem cerimônia, ao leitor é apresentado um *setting* no qual o analista, sintonizado com o processo clínico em curso e a partir de hipóteses levantadas, busca provocar certas fantasias no paciente. Este, incentivado pelo terapeuta, vai adentrando num campo de pouco controle, um espaço sem tempo determinado e potencialmente capaz de resultar, numa espécie de transe alucinatorio, em intensas vivências afetivas. Porém, tal viagem não se finda na cena catártica, ela traz à tona lembranças do analisando e o processo só se completa com a construção, auxiliada pelo analista, de pontes entre o atual e passado. Em suma, um trabalho clínico que, de maneira clara e assumida, inclui a atividade do terapeuta (o provocar fantasias), percorre um trajeto que passa por vivências emocionais e resulta numa ampliação da consciência do paciente.

O analista húngaro, explicitando de maneira organizada a sua forma de trabalho, efetua uma classificação das espécies de fantasias que ele tendia a provocar nos pacientes. Em suas palavras: “As fantasias que me vi coagido a provocar dessa maneira são, *grosso modo*, de três espécies: 1. Fantasias de transferências negativas e positivas; 2. Fantasias relativas a lembranças infantis; 3. Fantasias masturbatórias” (1924/2011g, p. 264). Chama atenção o jeito como o autor apresenta a sua classificação: “As fantasias que me vi coagido a provocar”. Ou seja, na posição de analista, as suas ações ativas, as provocações, ocorreriam em função das exigências do trabalho clínico, o verdadeiro sujeito da

relação, e não como movimentos autônomos seus. Nesse ponto cabe indagar: mais uma vez estaríamos frente à habitual orientação de Ferenczi no sentido de buscar caminhos práticos para lidar com situações impostas pelo fazer clínico? Parece-nos que sim, mas, além disso, talvez o emprego dessa linguagem bastante cuidadosa - afinal, ele só agiu porque foi coagido - talvez possa sugerir que ele, enquanto psicanalista, tinha plena consciência do caráter inovador e heterodoxo do passo que estava dando no campo da técnica.

Discorrendo sobre as indicações e contraindicações do procedimento em foco, Ferenczi deixa claro que, como toda medida de técnica ativa, o incitamento de fantasias só deve ser empregado no período final do processo clínico. Sobre a escolha da específica atividade imaginativa que o terapeuta deve buscar provocar no paciente, ele afirma que é o material analítico, em seu conjunto, que pode possibilitar tal decisão. Como alerta, considera que somente analistas com larga experiência devam lançar mão dessa forma de trabalho clínico, pois sugestões de fantasias mal orientadas são passíveis de alongar o tempo de duração do tratamento.

No que diz respeito aos efeitos gerados por essa forma de orientação ativa, o psicanalista húngaro relata que, em alguns casos, tanto ele quanto o paciente se surpreendem com o desencadear de cenas totalmente inesperadas, evento que tende a gerar forte impressão no analisando e promover o avanço do trabalho analítico. Pode ocorrer também de o analisando responder à provocação efetuada com uma produção de fantasias e ideias incompatíveis com o caminho sugerido, nessa circunstância cabe ao analista reconhecer o erro, embora não seja descartada a possibilidade de que o futuro venha a confirmar a pertinência da trilha clínica indicada.

Na parte final do artigo, Ferenczi expõe o que aprendeu a respeito da vivacidade imaginativa dos pacientes com o emprego da técnica de provocar fantasias. De acordo com o autor, os analisandos que tendiam a apresentar uma pobreza da vida de fantasia eram, em boa parte, provenientes de contextos familiares marcados por um severo controle dos atos e gestos das crianças. Mais especificamente, o analista atribui a parca exuberância imaginativa do adulto a uma educação excessivamente rigorosa em relação às expressões sexuais na infância. Com esse exagero educacional, as fantasias da criança sofreriam um “recalcamento primário” (*Urverdrängung*)<sup>80</sup>, mesmo antes de se tornarem conscientes” (Ferenczi, 1924/2011g, pp. 268-269). Assim o psicanalista húngaro explica a sua constatação:

São, de certo modo, crianças excessivamente bem-educadas, cujas moções sexuais pulsionais não têm, em geral, ocasião de radicar-se na realidade. Tal enraizamento, ou seja, uma experiência em parte vivida, parece constituir, entretanto, a condição de toda liberdade

---

<sup>80</sup> Na terminologia freudiana, recalque primário, ou original (*Uverdrängung*), é empregado para indicar “uma *repressão primordial*, uma primeira fase da repressão, que consiste no fato de ser negado, à representante psíquica do instinto, o acesso ao consciente” (Freud, 1915/2010h, p. 85-86, itálicos originais). No mesmo artigo, *A repressão*, sobre o recalque (*Verdrängung*), na expressão de Freud, o recalque “propriamente dito”, o psicanalista explica que “*a sua essência consiste apenas em rejeitar e manter algo afastado da consciência*” (p. 85, itálicos originais). Nesta nota, cabe levar em conta que na edição das obras de Freud aqui utilizada, que teve Paulo César de Souza como tradutor, *Uverdrängung* foi traduzido por “repressão primordial”, enquanto que *Verdrängung* por “repressão”. Ao que nos parece, Ferenczi, no texto que estamos apreciando, empregou os termos em tela com os sentidos freudianos básicos aqui citados. O leitor pode encontrar uma exposição comentada a respeito dos sentidos, bem como os problemas de tradução para a língua portuguesa, desses dois conceitos freudianos em Hanns (1996).

futura de fantasiar e da potência psíquica que a ela se vincula (Ferenczi, 1924/2011g, p. 268).

Desenvolvendo a sua argumentação, o autor sustenta que “uma certa quantidade de experiência sexuais infantis, portanto, de ‘traumas sexuais’, longe de prejudicar mais tarde a normalidade, sobretudo a capacidade normal de imaginação, antes a favoreceriam” (p. 269). Em outras palavras, a nosso ver, Ferenczi está defendendo a tese de que, para o pleno desenvolvimento da liberdade de fantasiar, a criança precisa encontrar no ambiente que a cerca alguma possibilidade da ocorrência de vivências sexuais. Cabe observar que a linguagem que o autor utiliza para expor a sua orientação em prol das manifestações sexuais da criança remete ao universo do real, vide o largo emprego de termos como “atos”, “gestos”, “vivências” e “experiências”. Além disso, vale registrar que, nesse texto, o húngaro não chega a discutir o assunto da violência sexual perpetrada por adultos sobre crianças, matéria que, por sua vez, serviu de mote para o artigo de 1933, *Confusão de língua entre o adulto e a criança* (Ferenczi, 1933/2001n).

A seguir, fundado no ponto de vista econômico, Ferenczi introduz um alerta a respeito da dimensão da experiência sexual na infância. De acordo com o psicanalista, para que se evite a incidência de recalçamento, essa vivência sexual só pode ocorrer dentro de certos limites quantitativos, ou seja, trata-se de uma questão de dosagem ótima. Vale notar que, nesse alerta, o autor usa a noção de recalque propriamente dito (*Verdrängung*) para indicar uma operação defensiva que procura afastar da consciência representações que já tiveram

acesso a ela, e não com o sentido de recalque primário ou original (*Urverdrängung*), anteriormente utilizado.

Sobre esse grau desejável de experiências sexuais, Ferenczi não efetua nenhuma elaboração mais detalhada e aprofundada, apenas aponta para a necessidade de se evitar a ocorrência de vivências sexuais muito precoces ou intensas demais. Talvez essa ausência de aprofundamento possa ser explicada pelo fato de que, pelo menos nesse trabalho, a orientação do autor está mais voltada para indicar os efeitos danosos do excesso no cerceamento das manifestações sexuais, do que para discutir o advento de possíveis traumas relacionados com a presença das experiências sexuais. Um indício que reforça essa linha de leitura é o fato de que, logo após ter mencionado o potencial perigo decorrente das vivências sexuais infantis (quando precoces ou intensas demais), o analista, no último parágrafo do artigo, volta a mencionar os danos decorrentes do exagero educacional. Em suas palavras:

Do ponto de vista do desenvolvimento do ego, podemos explicar a pobreza das fantasias sexuais na criança excessivamente bem-educada (e sua tendência ulterior para a impotência psíquica) pelo fato de que as crianças sem experiência dessa ordem no real são completamente esmagadas pelos ideais educativos, sempre antissexuais (Ferenczi, 1924/2011g, p. 269).

Em suma, o *enfant terrible* da psicanálise, tendo por base os achados provenientes do emprego da técnica de provocar fantasias na clínica com adultos, de maneira crítica ao contexto educacional de sua época, aponta para a

importância das experiências sexuais da criança, a seu ver, fator fundamental para a riqueza da vida imaginativa.

De acordo com o procedimento adotado neste ensaio, é hora de pensarmos o conteúdo desse artigo de Ferenczi (1924/2011g) em relação às ideias de Reich.

No terceiro escrito do analista húngaro dedicado à “técnica ativa”, o autor repete posições centrais registradas em pelo menos um de seus dois textos anteriores sobre a referida técnica, a saber: trata-se de um conjunto de medidas auxiliares à técnica psicanalítica consagrada, a ser empregado por analistas experientes e nunca na parte mais inicial dos atendimentos. Esses pontos cardiais nós já comentamos em relação à técnica da Análise do Caráter, vamos agora focalizar as novidades presentes no artigo.

A estratégia clínica exposta por Ferenczi - até onde temos conhecimento, absolutamente original no campo psicanalítico - vem indicada no próprio título do trabalho: *provocar fantasias*. E, em quais situações o analista húngaro ousava lançar mão desse inusitado recurso clínico? Em casos nos quais o processo analítico avançava até um determinado patamar, mas depois se estagnava, o terapeuta “ativo”, a partir da sua leitura a respeito da dinâmica psíquica instalada, incitava o analisando a imaginar determinados conteúdos vinculados a essa dinâmica. De acordo com o autor, como resultado, em boa parte dos atendimentos, o emprego dessa medida técnica proporcionava forte engajamento dos pacientes nos trabalhos, a conseqüente retomada do processo analítico e, até, o desencadear de cenas totalmente inesperadas. Por outro lado, de forma sincera e abrindo seu fazer clínico, Ferenczi revelou que nem sempre a

fantasia sugerida foi a mais adequada, porém, a seu ver, esse seria um risco inerente a essa linha de trabalho.

Além do evidente conteúdo original presente em *As fantasias provocadas* (1924/2011g), vale notar a atitude tomada por Ferenczi no desempenho da atividade clínica. Frente à situação de acentuada paralisia no processo de análise, o terapeuta procurava se colocar no lugar psíquico do paciente e, a partir desse lugar, sugeria a realização de vivências. Dentre outros aspectos, nos parece que estamos no campo clínico de um analista que marcou seu ofício pela busca de contato profundo com os pacientes, em outras palavras, alguém que utilizou recursos empáticos em seu fazer clínico (Coelho Junior, 2004; Kuperman, 2008a).

Chama também a atenção a postura de intenso envolvimento e compromisso do analista com os resultados no trabalho clínico desenvolvido. Esta leitura a respeito da forma como Ferenczi encarava a atividade analítica nos remete ao afirmado pelo autor, em *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (1933/2011n). No incisivo trabalho publicado no ano de sua morte, o especialista em técnica teceu sérias críticas ao *setting* psicanalítico tradicional, considerado por ele como frio e distante, algo similar à situação traumatizante vivenciada na infância por aqueles que adoeceram. Em suas cortantes palavras.

A situação analítica, essa fria reserva, a hipocrisia profissional e a antipatia a respeito do paciente que se dissimula por trás dela, e que o doente sente com todos os seus membros, não difere essencialmente do estado de coisas que outrora, ou seja, na infância, o fez adoecer (p. 114).

E quanto à Reich, esses aspectos levantados em relação à orientação clínica de Ferenczi - provocar vivências, utilizar recursos empáticos no fazer terapêutico e adotar uma postura de envolvimento e compromisso com os resultados do trabalho clínico - ocuparam espaço na abordagem desenvolvida por ele? Se sim, de que forma?

Quanto a provocar vivências, pelo menos da maneira semelhante ao exposto por Ferenczi (1924/2011g), supomos que não, apesar dessa resposta ficar prejudicada pelo fato de Reich não ter apresentado a Vegetoterapia e a Orgonoterapia como a mesma riqueza de detalhes que o fez em relação à Análise do Caráter. De outra parte, se nos basearmos na sistematização da Vegetoterapia efetuada pelo médico e analista italiano Federico Navarro (1924-2002) - um terapeuta que passou por uma formação com um dos principais nomes da clínica reichiana, o psicanalista norueguês Ola Racknes (1887-1975)<sup>81</sup> -, podemos esboçar algo a respeito do assunto.

Navarro, na chamada Somatopsicodinâmica (Navarro, 1987a, 1987b), acrescentou alguns procedimentos à Vegetoterapia potencialmente capazes de acessar emoções e lembranças do período infantil. Por exemplo, pedir para o paciente realizar “movimentos de sucção e mastigar (uma pequena toalha) como forma de reviver experiências de amamentação e surgimento da primeira dentição” (Wagner, 2009, p. 154). Obviamente que há diferenças gritantes em relação ao exposto por Ferenczi (1924/2011g), mas inserimos esse registro para indicar o emprego de um tipo de estratégia clínica do campo reichiano que

---

<sup>81</sup> Uma produção de Ola Racknes sobre a Orgonomia pode ser encontrada em Racknes (1970/1988).

também propõe uma atividade com o objetivo de suscitar conteúdos, inclusive os ligados à primeira infância.

Com relação ao emprego de recursos de contato não exclusivamente ligados à racionalidade, talvez seja possível afirmar que Reich sempre enfatizou esse caminho de trabalho clínico. Reforça essa hipótese o fato dele, como vimos no ensaio sobre a Análise do Caráter, ter advogado a favor de uma ampliação do que era considerado material analítico para incluir o universo das expressões dos pacientes, por exemplo, tom de voz, forma de dar as mãos ao chegar na sessão e de movimentar-se em geral. Na sequência de sua produção voltada para a área da técnica, Reich adensou essa elaboração inicial e passou a investir fortemente nas formas mais primárias de contato. Em 1949, no texto *A linguagem expressiva da vida* (1949/1995m), o então orgonomista explicou essa linha de ação: [os] movimentos expressivos do paciente provocam involuntariamente *uma imitação* no nosso próprio organismo. Imitando esses movimentos, ‘sentimos’ e compreendemos a expressão em nós mesmos e, conseqüentemente, no paciente” (p. 335, aspas e itálicos originais).

Sobre a postura de Reich como terapeuta, ele nunca pautou seu fazer clínico por uma orientação marcada pela distância e neutralidade. Mesmo nos trabalhos fundados na Análise do Caráter, a técnica formulada no seio do movimento psicanalítico, o papel do analista exigia presença e envolvimento, alguém que, durante os períodos de predomínio da resistência, assumia a direção dos trabalhos. Sobre o tema, criticando a que ele chamou de “atitude de múmia” do analista, Reich observou:

é um erro interpretar a regra geral analítica (o analista deve ser ‘uma folha de papel em branco’ sobre a qual o

paciente escreve sua transferência) no sentido de que se deve, sempre e em cada caso, assumir uma atitude de múmia. Em tais condições, muitos pacientes acham difícil ‘sair da concha’ (1933/1995f, p. 144, aspas originais).

Apesar dessas aproximações aqui registradas, é necessário não esquecer que estamos mencionando pontos de dois conjuntos teóricos diferentes. Assim sendo, cada um desses pontos só adquire pleno sentido quando inserido no seu respectivo quadro teórico. Levando em conta essa consideração basilar, a única suposição que realmente podemos fazer neste estudo é a de que Ferenczi, em escritos dedicados à “técnica ativa”, e Reich, considerando alguns fios condutores da sua orientação clínica em geral, assumiram algumas importantes posições que convergiram para o mesmo rumo. Em outras palavras, Ferenczi e Reich, em muitos aspectos, foram aliados ao defenderem um fazer clínico que caminhava para o mesmo sentido, ainda que por estradas diferentes.

Um último conteúdo de *As fantasias provocadas* (1924/2011g) que - tanto pela sua relevância no referido artigo, como por sua relação com o pensamento de Reich - merece ser comentado, diz respeito às afirmações de Ferenczi voltadas para o universo da educação infantil. O analista húngaro, fundado no que constatava na clínica com adultos, teceu pesadas críticas à exagerada vigilância, e conseqüente cerceamento, da vida sexual das crianças. A seu ver, essa educação sexual infantil “excessivamente bem-sucedida” (p. 269) resultava em adultos bastante limitados no que se refere à vida imaginativa. Pelo exposto no primeiro ensaio deste estudo a respeito do tema Reich e a educação sexual da criança, nos parece claro que, quanto a esse significante

ponto, Ferenczi e Reich olharam com perspectivas convergentes para a área da educação infantil.

### *Psicanálise dos hábitos sexuais (1925)*

Em 1925 o psicanalista húngaro publica o artigo *Psicanálise dos hábitos sexuais*, o quarto estudo dedicado à exposição da chamada “técnica ativa”. Antes de focalizarmos esse trabalho, com o intuito de, digamos, não perder o fio da meada, julgamos que pode ser útil uma breve retomada do aqui já apresentado.

Grosso modo, de acordo com *Dificuldades técnicas de uma análise de histeria* (1919/2011e), na busca de soluções clínicas para superar períodos de estagnação em um atendimento, o psicanalista efetuou injunções no sentido de evitar a ocorrência de uma prática masturbatória habitualmente realizada pela analisanda. Vale recordar que, medidas de interdição, uma orientação essencial nesse procedimento técnico, são efetuadas com o objetivo de gerar um aumento de tensão, na linguagem de Ferenczi, um incômodo, que, por sua vez, tende a catalisar o trabalho analítico do paciente. A seguir, no texto *Prolongamentos da “técnica ativa” em psicanálise* (1921/2011f), o autor relata uma configuração de intervenção efetuada em duas fases: na primeira, o analista incita o analisando para a realização de certas ações indicadas por ele; na segunda, após o pleno engajamento do paciente nas cenas sugeridas e a conseqüente fruição alcançada nas vivências realizadas, o terapeuta faz injunções que visam barrar as maneiras de satisfação ora alcançadas. Por fim, no artigo *As fantasias provocadas*

(1924/2011g), o campo da técnica ativa é alargado, pois o analista, a partir da sua leitura clínica, passa a sugerir determinadas fantasias ao paciente.

Após essa rápida retomada, e agora dando sequência ao nosso acompanhamento do curso de experimentações e formulações clínicas conhecidas como técnica ativa, quais as linhas mestras que caracterizam o texto *Psicanálise dos hábitos sexuais* (1925/2011i)? A nosso ver, numa apreciação global, o escrito em tela tem por eixos norteadores a regra de abstinência proposta por Freud, numa aplicação maximizada por Ferenczi, e a teoria da genitalidade, apresentada pelo psicanalista húngaro em artigo publicado em 1924, *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade* (1924/2011h).

No que diz respeito à regra de abstinência, enquanto que para Freud tal diretriz ajuda a compor um amplo quadro de orientações - éticas e técnicas - que, no seu conjunto, sustentam a clínica psicanalítica, na técnica ativa esse princípio geral acaba por se constituir no principal alicerce conceitual das inovadoras intervenções práticas do analista, uma base teórica que faz a ponte entre as experimentações de linha ativa e a tradição psicanalítica. Cabe observar que, como já citado neste trabalho, segundo a prescrição freudiana, o analista não deve corresponder às demandas emitidas pelo paciente na transferência e, nessa mesma direção, a fim de alcançar uma economia energética que favoreça o trabalho de recordar e elaborar, a análise deve ser desenvolvida com o analisando num estado basicamente caracterizado pela ausência de satisfação.

Em *Psicanálise dos hábitos sexuais* (1925/2011i), uma vasta gama de intervenções do analista alicerçadas na regra de abstinência se faz presente. Logo no primeiro tópico do trabalho, dedicado aos “hábitos uretrossexuais”,

Ferenczi relata que passou a orientar analisandos, que, durante a sessão, manifestavam como “sintoma passageiro” uma forte vontade de urinar, para que não cedessem a essa inclinação. De acordo com o analista húngaro, sempre pautado na meta de aumentar a tensão e, com isso, fomentar o trabalho analítico, esse tipo de interdição acabou por descortinar o universo da sexualidade pré-genital dos pacientes e, também, de forma correspondente, os traços de caráter presentes.

De outra parte, munido com as teses do artigo *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade* (Ferenczi, 1924/2011i), o qual, por sua vez, constitui para o autor uma continuidade e uma ampliação do clássico freudiano *Tres ensayos para una teoria sexual* (Freud, 1905/1973b), o fértil psicanalista faz apreciações destinadas a compreender o seu fazer clínico. Por exemplo, em uma dessas explicações, ele associa as manifestações neuróticas dos erotismos oral, anal e uretral a uma “tendência para fugir ao conflito edipiano e, por conseguinte, à genitalidade” (1925/2011i, p. 366). Nessa mesma linha, uma formulação central do *Thalassa*, a “teoria da anfimixia”, basicamente “a fusão de dois ou vários erotismos numa unidade superior” (Ferenczi, 1924/2011h, p. 285), tal como a fusão dos erotismos anal e uretral no erotismo genital, torna-se uma importante ferramenta de leitura dos achados clínicos suscitados pelas medidas ativas efetuadas nos atendimentos.

De posse desse prisma conceitual marcado pela ênfase na genitalidade, fica fácil não se surpreender com a manifestação de concordância que o analista húngaro registra no artigo *Psicanálise dos hábitos sexuais* (1925) em relação à tese de Reich de que não haveria neurose sem algum

comprometimento da genitalidade. Com a palavra o psicanalista experiente falando sobre uma posição do novato:

Aliás, compartilho inteiramente da opinião de Wilhelm Reich, segundo o qual todos os casos de neurose, e não apenas os casos de impotência manifesta, são acompanhados de distúrbios mais ou menos importantes da genitalidade, e estou em condições de demonstrar a oportunidade da atividade uretroanal nas diversas estruturas neuróticas (Ferenczi, 1925/2011i, p. 363).

Tal entendimento reichiano foi defendido no trabalho denominado *Sobre a genitalidade do ponto de vista do prognóstico psicanalítico e terapia* (Reich, 1924/1975d), citado em nota de rodapé pelo analista húngaro. Cabe notar que, os dois escritos sobre genitalidade, o *Thalassa*, de Ferenczi, e o *Sobre a genitalidade do ponto de vista do prognóstico psicanalítico e terapia*, de Reich, foram publicados em 1924. Movimentos que revelam, além de uma sintonia de interesse, uma sincronia de *timing*.

Ainda no texto sobre a técnica ativa que estamos analisando, outra menção ao mesmo artigo de Reich se faz presente. Nesse caso, focalizando o que chama de “hiperatividade sexual-genital”, no contexto de uma discussão sobre a neurastenia e a masturbação, Ferenczi afirma: “W. Reich tem toda razão em afirmar que é inútil impedir uma satisfação masturbatória até então evitada por angústia” (1925/2011i, p. 375). Em seguida, o húngaro tece argumentos a favor de suas medidas ativas de cerceamento da satisfação sexual, que vão além da interdição da prática onanista. Para ele, ao tolerar um período de abstinência o paciente criaria condições para superar o autoerotismo e “encontrar o caminho

para os objetos sexuais normais” (357). Portanto, no artigo *Psicanálise dos hábitos sexuais* (1925), Ferenczi cita duas ideias reichianas vinculadas ao tema da genitalidade e afirma concordar com elas.

Um tema especialmente delicado nesses escritos de Ferenczi dedicados à técnica ativa é o da relação entre essa orientação e a técnica psicanalítica já presente, aquela fundada em publicações freudianas. Se levantarmos o que o analista húngaro registrou sobre o assunto nos artigos aqui apreciados, verificaremos um acentuado cuidado do autor em esclarecer que o procedimento ativo não se trata de algo que viria para substituir o existente, mas sim um instrumental auxiliar, a ser utilizado por analistas experientes, em períodos marcados pela estagnação nos trabalhos e nunca numa fase mais inicial dos atendimentos. Como mais uma contribuição a essa matéria, em *Psicanálise dos hábitos sexuais* (1925/2011i) o especialista em técnica psicanalítica lança mão de uma inusitada terminologia para expor a sua visão sobre o assunto. De acordo com o autor, a “análise por baixo” (p. 387), as medidas ativas interpostas com o intuito de barrar reações de descarga dos pacientes, ao promover um aumento da tensão interna, cooperaria para o desenvolvimento da “análise pelo alto” (p. 387), aquela que, por meio de um trabalho de associações, parte da superfície psíquica.

Na esfera dos esclarecimentos a respeito de certos aspectos da técnica ativa, Ferenczi procura diferenciar as injunções efetuadas pelo analista das ordenações autoritárias presentes na educação infantil. Segundo o autor, a orientação ativa mesmo que, por períodos, cerceie determinadas formas de satisfação do paciente, o que, de alguma maneira, repete o modelo da educação infantil autoritária, ela, em última instância, visa substituir tal educação

“excessivamente bem-sucedida” (p. 365). Assim, na realidade, apesar de alguma semelhança, enquanto a prática educacional autoritária quer privar o acesso da criança ao prazer, o trabalho clínico ativo objetiva desfazer as amarras formadas e “deixar ao erotismo a margem que lhe cabe de direito” (Ferenczi, 1925/2011i, p. 365). Dando continuidade a essa busca de diferenciação, em uma nota de rodapé o analista húngaro observa que as expressões “injunção” e “interdição” são muito ambíguas e, por isso, não expressam bem o sentido das medidas empregadas na técnica ativa. A seu ser, seria mais apropriado pensar em termos de “*conselhos* negativos e positivos” e supor uma linha de intervenção de caráter experimental, algo que não trilha pelo caminho das “instruções formais e imperativas, como é habitual na educação das crianças” (p. 365).

Nesta apreciação do quarto artigo voltado para a técnica ativa, ainda não focalizamos o tema central do trabalho, aquele indicado no seu título, os hábitos sexuais. A nosso ver, o ponto nodal da formulação de Ferenczi sobre o assunto situa-se na aproximação efetuada pelo autor entre hábito e sintoma, o que revela que ele não está se referindo a qualquer hábito, mas sim a padrões de comportamentos marcados pela repetição e pela compulsão. Ações, portanto, que sempre implicam em uma perda de liberdade.

Nesse território, os padrões comportamentais repetitivos abrangidos pelo olhar do analista húngaro são amplos, desde hábitos uretrais e anais, como reter ou soltar demais, até o que ele chama de “maus hábitos” (p. 381) ou “inconveniência” (p. 381), tais como roer as unhas, puxar os pelos do bigode ou coçar-se. Alicerçando sua explicação conceitual em trabalho freudiano então recém publicado, *O eu e o id* (Freud, 1923/2011a), Ferenczi argumenta que a meta da terapia psicanalítica é a de colocar o id sob o domínio do eu. É fundado

nessa premissa que os modos automáticos de descarga, os hábitos sexuais apontados pelo autor, se tornam objeto de análise.

Com essa abertura de leque, o psicanalista chama a atenção para posturas e gestos nem sempre entendidos como sinais de patologia e o comportamento motor do analisando passa a ser foco de constante observação. Discorrendo a respeito o tema, Ferenczi afirma que muitos pacientes manifestam uma excessiva rigidez de todos os membros, um estado de elevada tensão que tende a desaparecer com o progresso da análise. Contudo, como nem sempre essa benéfica alteração física ocorre, por vezes, ele adota a medida de chamar a atenção do paciente para o seu comportamento rígido. Vejamos como o autor registra os efeitos que tendem a ser alcançados com essa forma de apontamento:

Disso resulta geralmente a verbalização de um importante material até então escondido ou inconsciente, com destaque para as tendências hostis e afetuosas que estavam inibidas pela tensão, assim como para as dificuldades relativas à descarga sexual e à ereção. O aperto de mão do paciente torna-se mais franco, suas posturas um pouco mais móveis, e uma atitude psíquica correspondente pode aparecer paralelamente (1925/2011i, p. 381).

Pelo aqui exposto, além do já presente em textos anteriores sobre a “técnica ativa” - como as injunções no sentido de cercear determinadas formas de satisfação sexual e a atenção às posturas e expressões do paciente -, no artigo *Psicanálise dos hábitos sexuais* (1925/2011i) fica claro que o analista húngaro opera na clínica fundado numa concepção de que há uma identidade entre as dimensões física e psíquica. Tal entendimento aparece, por exemplo,

quando ele relata que, no momento terapêutico pertinente, o apontamento de uma rígida postura física tende a suscitar a verbalização de um importante material inconsciente.

Nesse campo de teorização, Ferenczi sustenta que a “irrupção súbita de um movimento rítmico habitual pode ser interpretada como o sinal de uma operação mental reprimida e como tal deve ser apresentada ao paciente” (p. 381). Vinculada a essa afirmação, em uma nota de rodapé, ele faz uma aproximação entre a capacidade de relaxamento muscular e a de praticar a associação livre. Nessa mesma nota ele declara que “Aconteceu-me exigir tal relaxamento a um paciente” (1925/2011i, p. 381) e, a seguir, indica o seu artigo *Pensamento e inervação muscular* (1919/2011d).

Um olhar no trabalho sugerido permite entrar em contato com uma breve (trata-se de um artigo de apenas três páginas), mas produtiva discussão sobre o tema das “complexas relações entre atividade psíquica e inervação muscular” (Ferenczi, 1919/2011d, p. 399). Com um tom aberto e especulativo, o analista húngaro mescla descrições de tipos de pacientes - os que para refletir profundamente interrompem a movimentação que estavam fazendo e os que, ao contrário, só se entregam a uma atividade intelectual complexa a partir de uma possibilidade de movimentação - com tentativas de explicações conceituais e referências a ideias freudianas sobre o assunto. Do mestre psicanalista, ele menciona, por exemplo, a tese de que o riso propicia uma descarga motora de uma tensão psíquica. Ao final do texto, Ferenczi aponta, de maneira breve, para a presença de uma identidade entre a atividade psíquica e a inervação motora. Nas palavras do autor:

O paralelismo geralmente constatado entre as atividades psíquicas do pensamento e da atenção, por uma parte, e, por outra, as inervações motoras, sua reciprocidade quantitativa frequentemente assinalada e sua dependência mútua, falam de toda maneira a favor de uma identidade desses dois processos (1919/2011d, p. 399).

Se há uma clara linha de continuidade entre os escritos de Ferenczi dedicados à “técnica ativa” - basicamente representada por uma determinada aplicação da regra freudiana de abstinência -, cabe observar também que o fértil psicanalista húngaro vai, a cada artigo, desenvolvendo e até acrescentando novos aspectos ao conjunto. Em termos sintéticos e conclusivos, no que diz respeito ao pólo dos desenvolvimentos e acréscimos, em *Psicanálise dos hábitos sexuais* (1925/2011i) chama a atenção, além da forte presença de ideias do texto *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade* (1924/2011h), o foco nos hábitos motores e a orientação do autor fundada numa visão de que há uma relação de identidade entre os processos motores e psíquicos.

De forma diferente de como procedemos na análise dos três artigos anteriores de Ferenczi sobre a “técnica ativa”, em função de duas menções feitas pelo próprio analista húngaro às ideias de Reich, no curso de nossa exposição de *Psicanálise dos hábitos sexuais* (1925/2011i) já fomos inserindo observações a respeito da relação entre os enfoques teóricos desses dois autores. Basicamente, no referido trabalho, Ferenczi concordou com Reich em posições assumidas por este no que se referia ao assunto genitalidade. Imaginamos o júbilo sentido pelo jovem analista ao ver seu nome citado de maneira tão elogiosa pelo eminente psicanalista húngaro!

Sem delongas, são tantas e tão claras as aproximações que podem ser estabelecidas entre as formulações de Ferenczi presentes em *Psicanálise dos hábitos sexuais* (1925/2011i) e o pensamento de Reich que reuniremos os vários pontos num só conjunto. Essa forma de exposição também foi escolhida porque os aspectos que serão mencionadas configuram um todo coerente, assim sendo, um componente pode levar ao outro. Além da já mencionada importância atribuída à genitalidade, os seguintes pontos de aproximação devem ser assinalados: a) leitura conceitual fundada na compreensão de que há uma identidade entre as dimensões física e psíquica (tese de base que possibilita a formulação dos demais pontos); b) no trabalho clínico, incluir a observação do corpo; c) prestar atenção às posturas e formas de expressão do analisando; d) dentre as possíveis ações do analista, consta a de chamar a atenção do analisando para o seu comportamento rígido; e) há uma relação entre relaxamento muscular e fluência na associação livre; f) estados de permanente rigidez física e elevada tensão tendem a diminuir com o progresso da análise.

Neste estudo, com a análise de *Psicanálise dos hábitos sexuais* (1925/2011i), constatamos que uma série de ações clínicas de Ferenczi estão alicerçadas na assertiva de que há uma identidade entre as dimensões física e psíquica. Considerando que essa mesma tese enraíza o pensamento reichiano, podemos, finalmente, defender que faz sentido aproximar as abordagens desses dois autores. É importante fazer esse registro claro porque a relação entre o veterano e o jovem psicanalista poderia ser algo mais superficial, por exemplo o de uma confluência de interesses, sobretudo pelo corpo e pela relevância atribuída à genitalidade. A identificação de uma tese enraizando as duas abordagens dá densidade a essa aproximação e nos faz concordar como os

autores citados neste estudo que, de diferentes modos e argumentos, sugeriram a validade dessa aproximação. Estamos nos referindo, em especial, a Briehl (1981), Dadoun (1991) e Roudinesco e Plon (1998).

### *Contraindicações da técnica ativa (1926)*

Em 1926, no quinto e último trabalho dedicado à técnica ativa, Ferenczi (1926/2011j) promove uma espécie de balanço final da sua proposta clínica. Transpirando uma sinceridade cortante, o escrito segue uma trilha própria, um caminho de avaliação que despreza tanto as críticas geradas por incompreensões, como também os elogios marcados por interesses. Sobre esses últimos, preocupado com uma utilização indevida de suas ideias, o autor registra com veemência:

As críticas, no entanto, foram-me menos desagradáveis do que os excessivos louvores de alguns jovens psicanalistas que quiseram ver na atividade a aurora de uma espécie de liberdade psicanalítica em que manifestadamente se tratava, para eles, de nada menos do que suprimir a necessidade de seguir o rude caminho da teoria psicanalítica, cada vez mais complexa; uma corajosa espadeirada ativa podia cortar de um só golpe todos os nós terapêuticos mais emaranhados (1926/1911j, p. 401).

Como ponto nodal de sua autocrítica, o psicanalista húngaro considera ter pecado pela omissão ao não ter aprofundado a relação entre o aumento de tensão promovido pelas medidas ativas, por um lado, e a transferência e a resistência, por outro. Buscando preencher tal lacuna, ele afirma que a

orientação ativa em análise tende a exacerbar a resistência, sobretudo quando o foco dos trabalhos recai sobre os hábitos e traços de caráter do paciente. Para lidar com esse efeito, Ferenczi indica que a atividade só deve passar a fazer parte da análise quando uma sólida transferência positiva já estiver estabelecida, portanto nunca no começo de um processo de atendimento.

Em sua exposição, Ferenczi também manifesta que, por vezes, acabou por provocar dificuldades em atendimentos pelo fato de ter se enganado na apreciação da oportunidade ou do alcance das medidas ativas. Dada a presença inevitável desses erros de avaliação, mesmo para analistas experientes, ele defende que procedimentos ativos só sejam utilizados depois de esgotados todos os recursos clínicos associados ao emprego da técnica psicanalítica usual.

A seguir, relatando uma reformulação central promovida na sua orientação técnica, o autor afirma que, com o tempo, deixou de indicar de modo demasiado rígido as injunções e passou a trilhar um caminho de busca de acordo intelectual com os analisandos para as medidas planejadas. A seu ver, essa modificação teve a vantagem de evitar a repetição exageradamente fiel da situação pais/criança e, ainda, não deu ensejo para a ocorrência de atitudes sádicas de professor por parte de terapeutas. Além disso, por se constituir numa perspectiva menos fechada, tal linha de conduta propiciou a abertura de uma margem para que alterações pudessem ser realizadas, no caso de dificuldades insuperáveis geradas em pacientes. Sintetizando a sua visão sobre a forma ideal das instruções ativas, ele cita a feliz expressão de um colega por ele analisado, ou seja, elas não deveriam ser “de uma intransigência estrita, mas de uma flexibilidade elástica” (Ferenczi, 1926/2011j, p. 404).

Na esfera dos esclarecimentos, buscando combater visões errôneas a respeito de sua proposta técnica, o húngaro comenta que ele e Freud sempre empregaram o termo “ativo” para indicar que o paciente, por vezes, realiza ações, sugeridas pelo terapeuta, que vão além das vinculadas ao trabalho de associação livre. Porém, essas ações constituem tão somente um recurso utilizado pelo analista com o objetivo de precipitar a ocorrência de material novo, nesse sentido, elas não substituem a tarefa de interpretação, a ferramenta primordial da clínica psicanalítica.

Se o instrumental chamado de ativo, ao não deixar de lado a interpretação, segue uma linha já demarcada pela técnica cristalizada, por outro lado, Ferenczi não concorda com os que nada vêem de novo com a introdução da perspectiva ativa no fazer clínico. Para ele, quem adota tal posição, estaria sendo, de certa forma, mais realista do que o rei, pois o próprio Freud teria considerado existir “uma diferença de nuance entre acentuar o fator de repetição [técnica tradicional] e tentar eventualmente provocar o seu aparecimento [técnica ativa]” (Ferenczi, 1926/2011j, p. 407).

Sobre as ações efetuadas pelos pacientes nos atendimentos, Ferenczi relata que, em geral, eles inicialmente indagam se realmente podem gritar a plenos pulmões, olhar para o analista, sair do divã etc. A seu ver, o estabelecimento pelo psicanalista de um clima de não restrição às ações do analisando, além de não gerar maiores dificuldades, tende a favorecer a descoberta de diversos conteúdos, tais como: moções infantis recalcadas; a reprodução de formas de exibição próprias dos primeiros anos; buscas de reprovação do analista frente a desejos manifestos de masturbação ou incontinência. Como indicação de limite às atividades do paciente, o autor

propõe que “são admitidos todos os modos de expressão que não obriguem o médico a sair do seu papel de observador e de conselheiro benevolente” (1926/2011j, p. 408).

Na parte mais final do artigo, Ferenczi registra o que chama de “prolongamentos da atividade” - algumas medidas ativas de caráter prático que poderiam ser empregadas no trabalho clínico. O autor inicia esse rol afirmando que, em alguns casos, aconselhou “exercícios de distensão”. Sem detalhar a forma específica desses exercícios, ele afirma que “esse modo de relaxamento permite com frequência vencer também com maior rapidez as tensões psíquicas e as resistências à associação” (1926/2011j, p. 409).

Em seguida, focalizando a segunda medida indicada, o psicanalista húngaro passa a discorrer sobre o tema das palavras obscenas em análise, assunto de um artigo publicado por ele ainda em 1910: *Palavras obscenas. Contribuição para a psicologia do período de latência* (Ferenczi, 1910/2011c). No estudo inaugural, esse húngaro criativo e de espírito livre lança a hipótese de que as palavras obscenas permaneceriam num nível de desenvolvimento mais inicial da linguagem, ainda carregado de elementos motores, por isso, elas teriam o poder de suscitar no ouvinte o retorno regressivo e alucinatório às imagens mnêmicas da infância. Baseado em tal entendimento, ele defende que o analista, em determinados casos, ao falar com o paciente, não substitua essas palavras.

No escrito de 1926 que estamos expondo, Ferenczi, retomando essa temática, chama a atenção, sobretudo, para a importância de se levantar a interdição, efetuada na infância, de se pronunciar palavras obscenas para designar os órgãos e as funções sexuais e excretoras. De acordo o autor, em uma

série de atendimentos, a impotência e a frigidez só foram vencidas depois dos pacientes superarem a interdição de dizer palavras obscenas, e isso, eventualmente, durante o próprio ato sexual.

A apresentação das medidas denominadas pelo autor como “prolongamentos da atividade” é completada por meio de um último e curioso relato, algo que, a nosso ver, revela a imensa amplitude das ações clínicas ativas efetuadas por Ferenczi em prol da melhora de seus pacientes. No atendimento de homens com uma hipersensibilidade na mucosa da glândula, para os quais o menor contato com essa parte do órgão sexual suscitava temores de castração, o que os levava, por exemplo, a praticarem a masturbação por meio de manobras não diretamente na glândula, Ferenczi afirma que conseguiu avanços na análise ao aconselhar a esse gênero de paciente a manter durante o dia o prepúcio arregaçado, isso com o objetivo de que a glândula ficasse exposta a atritos e contatos.

Por fim, o húngaro conclui o artigo discorrendo sobre a importância do fator afetivo, numa linguagem psicanalítica, da transferência, na formação da convicção, ou não, a respeito de algo. Nesse domínio, ele argumenta que “o conhecimento de uma parte da realidade, talvez a mais importante, não pode converter-se numa convicção pela via intelectual, mas somente *na medida em que ela estiver em conformidade com a vivência afetiva* (1926/2011j, p. 412, itálicos originais). O sentido, manifestado pelo autor, ao recuperar e expor essa conhecida tese psicanalítica, foi o de defender a relevância das vivências emocionais na situação da análise. Em outras palavras, a sua proposta técnica, ao suscitar a vivência dos pacientes por meio das medidas ativas, colaboraria para escapar do estrito terreno intelectual e, com isso, propiciaria condições

para facilitar a convicção dos pacientes a respeito dos conteúdos levantados nos processos analíticos.

Porém, apesar de registrar esse aspecto positivo de sua técnica, na realidade, Ferenczi está desistindo de continuar a investir no caminho da atividade como uma ferramenta para a clínica psicanalítica. Parece fazer isso com algum pesar, com alguma ambivalência, pois talvez considere que o potencial de fertilidade da técnica ativa não tenha sido devidamente apreciado por seus pares do campo psicanalítico. Essa linha de leitura está afinada com o tom de insatisfação exalado pelo autor já no início do artigo. Ali ele se queixa tanto dos críticos que se julgaram no dever de “proteger” a psicanálise das inovações contidas na técnica ativa, quanto dos que usaram indevidamente as orientações ativas para tentar evitar o árduo e necessário caminho do fazer clínico analítico. A nosso ver, tal enredo, permeado por uma amalgama de sérios conflitos teóricos e pessoais, revela muito do contexto institucional em que se deu a construção dos alicerces do edifício psicanalítico.

Iniciando o nosso comentário sobre as possíveis relações entre esse último artigo de Ferenczi (1926/2011j) dedicado à “técnica ativa” e o pensamento de Reich, nos parece necessário procurar responder a uma questão. Considerando a idade de Reich e as menções positivas feitas por ele à “técnica ativa”, será que Ferenczi o incluía no rol dos jovens analistas que louvavam a “técnica ativa” para, na verdade, evitar trilhar o árduo e necessário caminho do trabalho clínico por meio da técnica consagrada? Ao que parece não, pois a publicação de Ferenczi é de 1926 e, como já citamos, segundo Briehl (1981), na passagem de 1926 para 1927, durante o período de oito meses em que o analista

húngaro passou em Nova Iorque, Ferenczi costuma indicar o nome de Reich para interessados em fazer análise com psicanalistas em Viena.

Do balanço final feito por Ferenczi a respeito da “técnica” que estava abandonando, vamos destacar um ponto que nos parece central e que, além disso, comporta uma forte relação com o universo da clínica reichiana.

A nosso ver, se há algum aspecto que consegue escapar ileso da severa autocrítica efetuada por Ferenczi em *Contraindicações da técnica ativa* (1926/2011j), esse aspecto diz respeito à relevância das vivências afetivas. Para o autor, essas cenas clínicas carregariam o mérito de não deixar o ambiente analítico ficar limitado à dimensão intelectual. Além disso, tal ampliação da experiência humana traria ganhos no que se refere à convicção dos pacientes a respeito dos conteúdos levantados e analisados. Ao que parece, Ferenczi sepultou a “técnica ativa”, mas salvou a estratégia clínica das vivências emocionais. Com relação ao campo reichiano, tendo em vista o amplo emprego desse recurso clínico, os argumentos de Ferenczi são bem-vindos. Além disso, se ouvirmos o indicado pelo analista húngaro em *Prolongamentos da “técnica ativa” em psicanálise* (1921/2011f), a vivência emocional não pode terminar na catarse emocional, mas sim avançar até o trabalho de elaboração psíquica.

Na introdução do terceiro volume das obras completas de Ferenczi, Judith Dupont, ao se referir à técnica ativa, a experiência clínica efetuada durante sete anos pelo analista húngaro, observou: “como todos os erros de Ferenczi, [a técnica ativa] é um erro fecundo” (Dupont, 2011, p. VII). De nossa parte, pensando no que o campo reichiano pode aprender com o processo de tatear clínico conhecido como técnica ativa, consideramos que esses sete anos do autor foram muito bem aproveitados.

### 3.2 Palavras finais

*Um poema só termina por acidente de publicação ou de morte do autor (Mario Quintana)*<sup>82</sup>

Neste escrito apresentamos e comentamos, de um ponto de vista do espaço reichiano, cinco artigos de Ferenczi dedicados à “técnica ativa”. Entretanto, não fizemos nenhuma menção à esfera das cartas, essa elegante forma de comunicação tão empregada no terreno psicanalítico que focalizamos. Nestas palavras finais, como forma de reparação, entraremos um pouco nesse rico universo.

Na seção de documentos do livro *Reich fala de Freud* (Higgins & Raphael, 1979) consta uma carta de Reich para Ferenczi datada de 11 de fevereiro de 1925, porém uma nota de rodapé informa de que se trata de um fragmento não enviado. Apesar dessa nota, considerando os dados que esse documento pode acrescentar a este estudo, vamos tecer algumas observações sobre ele.

A missiva é aberta com um respeitoso pedido de desculpas de Reich por tomar tempo do analista húngaro e pela indicação do assunto a ser abordado: discutir algumas ideias de Alfred Adler. A seguir, Reich insere a frase: “Com o consentimento do Professor estou presentemente a trabalhar num livro sobre terapia e técnica psicanalíticas” (Higgins & Raphael, 1979, p. 135). Como

---

<sup>82</sup> Quintana (2006, p. 95).

já citamos e comentamos neste estudo, em carta de 21 de dezembro de 1924, Freud apoiou a iniciativa do então diretor do Seminário de Técnica em elaborar um livro sobre técnica. A novidade a acrescentar é que, cerca de um mês e meio depois de ter recebido a correspondência de Freud, Reich escreveu para Ferenczi, um especialista em técnica, e nessa carta mencionou a importante anuência do “Professor” à sua empreitada na área da técnica.

No corpo da missiva dois temas são tratados: a contribuição de Adler aos estudos sobre o caráter neurótico e a visão do criador da Psicologia do Indivíduo a respeito do instinto agressivo (uma comparação entre as posições de Freud e Adler). De acordo com o foco deste ensaio, discorreremos sobre o primeiro assunto.

Em sua apreciação sobre o pensamento de Adler voltado para a área de estudos sobre o caráter, Reich cita o artigo de Ferenczi *Prolongamentos da “técnica ativa” em psicanálise* (1921/2011f), no qual o húngaro procurou diferenciar as suas medidas ativas da orientação voltada para o caráter neurótico defendida por Adler. Apesar de não discordar de Ferenczi, e de também exergar sérias limitações no pensamento de Adler, o missivista formula argumentos a favor da atribuição de certo crédito àquele autor. O ponto central defendido por Reich é o de que a terapia psicanalítica estava passando da análise dos sintomas para a análise do caráter. Dada essa dinâmica, havia um encontro temático entre a psicanálise e o trabalho de Adler a respeito do caráter neurótico. Vejamos como Reich detalha para Ferenczi a mudança de foco em curso no meio psicanalítico:

estamos a evoluir da análise de sintomas para a terapia que investiga os fundamentos caracterológicos da análise de

sintomas; e essas curas, reais e duradoras, só podem ser alcançadas se conseguirmos modificar o caráter neurótico, que é o substrato da sua sintomatologia (p. 135).

Na sequência, Reich, ao mesmo tempo em que atribui mérito a Adler, aponta o que diferenciaria a orientação psicanalítica da perspectiva sustentada pelo dissidente vienense. Na missiva do jovem analista.

Estamos, contudo, cada vez mais perto do ponto de vista de Adler, mesmo se a nossa análise de caráter difere substancialmente da sua. É justo admiti-lo. Esta concessão a Adler é suficientemente neutralizada se destrinçarmos a diferença: *não* libido, *mas* análise do caráter (Adler) *versus* análise do caráter *através* da análise da libido (Freud) (pp. 135-136, itálicos originais)

Interessante notar que, no início de 1925, Reich já dava sinais claros a respeito do caminho que iria trilhar no terreno da técnica: a de um especialista em análises voltadas para as patologias do caráter. Na carta ao então grande nome da técnica psicanalítica, Sándor Ferenczi, a defesa dos méritos de Alfred Adler - um dissidente da psicanálise que chamou a atenção para os aspectos neuróticos do caráter - é mais um aceno nessa direção.

Não temos conhecimento se Ferenczi chegou a mandar alguma carta a Reich, mas na correspondência entre o analista húngaro e Freud há algumas menções ao jovem analista. Levando em conta o tema deste ensaio, apresentaremos duas dessas menções, ambas em missivas de Ferenczi. Como essas cartas tocam em diversos assuntos, focalizaremos apenas os trechos sobre Reich.

Em missiva de 26 de abril de 1924, Ferenczi afirmou: “Sugestões do Dr. Reich também têm muitos pontos de contato com a teoria da genitalidade; Reich certamente está demonstrando ser um terapeuta originalmente dotado” (Brabant & Falzeder, 2000, p. 144). Vale lembrar que Ferenczi, em 1924, publicou *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade* (1924/2011h), enquanto Reich lançou o seu primeiro artigo sobre a Teoria do Orgasmo, *Sobre a genitalidade do ponto de vista do prognóstico psicanalítico e da terapia* (Reich, 1924/1975d). Uma confluência de interesses e, segundo o húngaro, com muitos pontos de contato.

Quatro anos depois, em carta de 29 de abril de 1928, o analista húngaro escreveu o seguinte comentário para Freud a respeito de uma apresentação feita por Reich em Budapest sobre a Análise do Caráter.

Ele contou-nos sobre seu esquema técnico; eu reconheci seu esforço para contar com a análise do caráter como legítima, mas critiquei a ênfase apressada e unilateral sobre as resistências do ego. Eu tive a impressão que ele tomou nossos argumentos ao coração, pelo menos em parte (Brabant & Falzeder, 2000, p. 340)

Se está faltando a visão de Ferenczi a respeito da Análise do Caráter, essa missiva a Freud preencheu tal lacuna. Dada a sua clareza, não há o que acrescentar. Por outro lado, incrível constatar a forte presença do universo das correspondências na psicanálise. Ao que parece, além dos escritos publicados e dos contatos pessoais, há um outro mundo ocorrendo, o das cartas trocadas. Nesse espaço mais privado e confidencial, tudo é comentado, até uma simples apresentação de um jovem entusiasmado pela técnica da Análise do Caráter.

Como palavras finais, vamos dar voz ao que Reich escreveu em *A função do orgasmo* (1942/1978c) sobre *enfant terrible* da psicanálise.

Ferenczi, homem de talento e humanamente destacado, tinha perfeita consciência da desolação reinante no campo da terapia. Procurou a solução no corpo. Desenvolveu uma “técnica ativa”, concentrada nos estados de tensão física. Mas não estava familiarizado com a neurose estásica e cometeu o erro de não levar a sério a teoria do orgasmo (pp. 135-136, aspas originais).

## REFERÊNCIAS

- Abraham, K. (1970). A formação do caráter no nível genital do desenvolvimento da libido. In K. Abraham, *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido* (C. M. Oiticica, trad., pp. 195-205). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).
- Albertini, P. (1992). *Uma contribuição para o conhecimento do pensamento de Reich: desenvolvimento histórico e formulações para a Educação*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Albertini, P. (1994). *Reich: história das idéias e formulações para a educação*. São Paulo: Ágora.
- Albertini, P. (1997) A sexualidade e o processo educativo: uma análise inspirada no referencial reichiano. In J. G. Aquino (Org.), *Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas* (pp. 53-70). São Paulo: Summus.
- Albertini, P. (2003). Reich e a possibilidade do bem-estar na cultura. *Psicologia USP* (Dossiê - Wilhelm Reich e outros trabalhos), 14(2), 61-89.
- Albertini, P., Siqueira, F. Z., Tomé, L. A., & Lisboa, T. M. (2007). Reich e o movimento de higiene mental. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 393-401.
- Albertini (2008). Três breves comentários sobre os primeiros caminhos de Wilhelm Reich. *Revista Reichiana*, 17, 12-18.
- Albertini, P. (2011). Wilhelm Reich: percurso histórico e inserção do pensamento no Brasil. *Boletim de Psicologia*, 61(135), 159-176.

- Almeida, B. H. P. (2012). *Noção de couraça na obra de Wilhelm Reich: origens e considerações sobre o desenvolvimento humano*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Almeida, B. H. P., & Albertini, P. (2014). A noção de couraça na obra de Wilhem Reich: publicações de 1920 a 1933. *Psicologia USP*, 25(2), 134-143.
- Assoun, P-L. (1991). *O freudismo* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorze Zahar Editor.
- Avila, D. C. (2010). *Reich, Espinosa e a Educação*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Balint, M. (2011). As experiências técnicas de Sándor Ferenczi: perspectivas para uma evolução futura. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise IV* (2a ed., A. Cabral, trad., pp. XVII- XXVIII). São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Barreto, A. V. B. (2000). *A revolução das paixões: os fundamentos da psicologia política em Wilhelm Reich*. São Paulo: Annablume/FAPESP.
- Barreto, A. V. B. (2007). *A luta encarnada: corpo, poder e resistência nas obras de Foucault e Reich*. Tese de Doutorado, Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Becker, P. L. (1981). Edward Hirschmann 1871-1957. A psicanálise dos grandes homens. In F. Alexander, S. Eisenstein, & M. Grotjahn, (Orgs.), *A história da psicanálise através dos seus pioneiros* (M. C. Celedônio & E. M. Souza, trads., vol.1, pp. 188-196). Rio de Janeiro: Imago.

- Bedani, A. (2007). *Energética e epistemologia no nascimento da obra de Wilhelm Reich*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bedani, A. (2013). *A relação entre sensação e produção de conhecimento na obra de Wilhelm Reich*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bellini, L. M. (1993). *Afetividade e cognição: o conceito de auto-regulação como mediador da atividade humana em Reich e Piaget*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bergson, H. (1964). *A evolução criadora* (A. C. Monteiro, trad.). Rio de Janeiro: Editora Delta. (Trabalho original publicado em 1907).
- Berman, M. (2012). Rasgando véus: o manifesto comunista. In K. Marx, *Manifesto do partido comunista* (Posfácio, S. Tellaroli, trad., pp. 91-109). São Paulo: Penguin/Companhia das Letras.
- Birman, J. (n. d.). Confusão de língua em psicanálise: uma leitura introdutória aos escritos de Ferenczi. In S. Ferenczi *Escritos psicanalíticos: 1909 - 1933* (J. Bastos, A. Telles, trads, pp. 7-28). Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora.
- Birman, J. (2010). Governabilidade, força e sublimação: Freud e a filosofia política. *Psicologia USP*, 21(3), 531-556.
- Bischof, G., Pelinka, A. & Herzog, D. (2009). *Sexuality in Austria* (Contemporary Austrian Studies 15). New Brunswick, New Jersey: Transaction Publishers.
- Recuperado em 20 de março de 2015, de

<https://books.google.com.br/books?id=JsROu8f8MMMC&pg=PA48&lpg=PA48&dq=%22counseling+centers%22+%22wilhelm+reich%22+vienna&source=bl&ots=g7jhii-xlh&sig=OaAlY3Vshclrjb49jdUoIZV1AdE&hl=pt-BR&sa=X&ei=yplsLVeTIJ4WwsASchIGABA&ved=0CGQQ6AEwCQ#v=onepage&q=%22counseling%20centers%22%20%22wilhelm%20reich%22%20january%20vienna&f=false>

Boadella, D. (1985). *Nos caminhos de Reich* (E. R. B. Rebelo, M. S. Mourrão Netto & I. Carvalho Filho, trads.). São Paulo: Summus.

Boarini, M.L. (Org.). (2012). *Higiene mental: ideias que atravessaram o século XX*. Maringá: Eduem.

Briehl, W. (1981). Wilhelm Reich 1897-1957. Análise do caráter. In F. Alexander, S. Eisenstein, & M. Grotjahn (Orgs.), *A história da psicanálise através dos seus pioneiros* (M. C. Celedônio & E. M. Souza, trads., vol.2, pp. 480-488). Rio de Janeiro: Imago.

Carone, Iray. (1991). De Frankfurt à Budapest: os paradoxos de uma psicologia de base Marxista. *Psicologia USP*, 2(1-2), 111-120. Recuperado em 05 de abril de 2015, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51771991000100010&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771991000100010&lng=pt&tlng=pt).

Castellina, L. (1971). A experiência soviética. In M. Felix, F. Cunha (Orgs.), *A crise da família e O futuro das relações das relações entre os sexos* (série Ecumenismo e Humanismo v. 29, G. V. Konder, trad., pp. 51-82). A. Heller (apêndice) O futuro da relação entre os sexos. Rio de Janeiro: Paz e terra

- Câmara, M. V. (2009). *Reich: grupos e sociedade*. Rio de Janeiro: Annablume.
- Coelho Junior, N. E. (2004). Ferenczi e a experiência da *Einfühlung*. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 7(1), pp. 73-85. Recuperado em 26 de agosto de 2015, de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982004000100005&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982004000100005&lng=pt&tlng=pt). 10.1590/S1516-14982004000100005
- Conger, J. P. (1993). *Jung e Reich: o corpo como sombra* (M. S. Mourão Neto, trad.). São Paulo: Summus.
- Dadoun, R. (1991). *Cem flores para Wilhelm Reich* (R. E. F. Frias, trad.). São Paulo: Moraes.
- Danto, E. A. (2005). *Freud's free clinics: psychoanalysis & social justice, 1918-1938*. Columbia University Press.
- Danto, E. A. (2011). An anxious attachment: letters from Sigmund Freud to Wilhem Reich. *Contemporary Psychoanalysis*, 47(2), 155-166.
- Dupond, J. (1990). Prefácio. In S. Ferenczi, *Diário Clínico* (A. Cabral, trad., pp. 11-27). São Paulo: Martins Fontes.
- Dupond, J. (2011). Introdução. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise III* (2a ed., A. Cabral, trad., pp. VII- XIII). São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Engels, F. (1979). *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (5ª ed., L. Konder, trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1884).

- Espinosa, B. (1983). Ética. In B. Espinosa, *Os Pensadores* (3a ed., M. S. Chauí et al, trad.). São Paulo: Abril Cultural. (Trabalho original publicado em 1677).
- Etchegoyen, R. H. (1989). *Fundamentos da técnica psicanalítica* (2a ed., C. G. Fernandes, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Etkind, A. M. (n. d.). *The reception of psychoanalysis in Russia until the Perestroika*. Recuperado em 10 de março de 2015: <http://psychoanalyse.narod.ru/english/ruetkind.htm>
- Falzeder, E. & Brabant, E. (Orgs.). (2000). *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi, volume 3, 1920-1933* (P. T. Hoffer, trad.). Cambridge, Massachusetts/ London, England: The Belknap Press of Harvard University Press.
- Faria, C. C. M. M. (2012). *Wilhelm Reich e a formação das crianças do futuro*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Ferenczi, S. (2011a). *Obras completas: Psicanálise III* (2a ed., A. Cabral, trad.). São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (2011b). Psicanálise e pedagogia. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise I* (2a ed., A. Cabral, trad., pp. 38-44). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1908).
- Ferenczi, S. (2011c). Palavras obscenas. Contribuição para a psicologia do período de latência. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise I* (2a ed., A.

Cabral, trad., pp. 125-138). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1910).

Ferenczi, S. (2011d). Pensamento e inervação muscular. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise II* (2a ed., A. Cabral, trad., pp. 397-399). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1919).

Ferenczi, S. (2011e). Dificuldades técnicas de uma análise de histeria. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise III* (2a ed., A. Cabral, trad., pp. 1-8). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1919).

Ferenczi, S. (2011f). Prolongamentos da “técnica ativa” em psicanálise. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise III* (2a ed., A. Cabral, trad., pp. 117-135). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1921).

Ferenczi, S. (2011g). As fantasias provocadas. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise III* (2a ed., A. Cabral, trad., pp. 261-269). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924).

Ferenczi, S. (2011h). Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise III* (2a ed., A. Cabral, trad., pp. 277-357). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924).

Ferenczi, S. (2011i). Psicanálise dos hábitos sexuais. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise III* (2a ed., A. Cabral, trad., pp. 359-395). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1925).

- Ferenczi, S. (2011j). Contraindicações da técnica ativa. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise III* (2a ed., A. Cabral, trad., pp. 401-412). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1926).
- Ferenczi, S. (2011k). O problema do fim da análise. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise IV* (2a ed., A. Cabral, trad., pp. 17-27). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928).
- Ferenczi, S. (2011L). Princípio de relaxamento e neocatarse. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise IV* (2a ed., A. Cabral, trad., pp. 60-78). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1930).
- Ferenczi, S. (2011m). Análise de crianças com adultos. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise IV* (2a ed., A. Cabral, trad., pp. 79-95). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1931).
- Ferenczi, S. (2011n). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise IV* (2a ed., A. Cabral, trad., pp. 111-121). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933).
- Ferraz, F. C. (1994). *A eternidade da maçã: Freud e a ética*. São Paulo: Escuta.
- Filloux, J.C. (2000). Psicanálise e pedagogia ou: sobre considerar o inconsciente no campo pedagógico. In *Anais do I Colóquio do Lugar de Vida/LEPSI: A psicanálise e os impasses da educação* (pp.9-42). São Paulo: Lugar de Vida/LEPSI - IP/FE/USP (Trabalho original publicado em 1987).

- Freitas, L. V.; Albertini, P. (2008/2009). Um exercício de alteridade: aproximações e afastamentos entre Jung e Reich. *Imaginário*, v. 13/14, n. 17/18, pp. 453-491.
- Freud, A. (1986). *O ego e os mecanismos de defesa* (8a ed., A. Cabral, trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Trabalho original de 1936).
- Freud, S. & Andreas-Salomé, L. (1975). *Freud - Lou Andreas-Salomé: correspondência completa* (D. Flacksman, trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1973a). La interpretación de los sueños. In *Sigmund Freud: Obras Completas* (3a ed., L. L. Torres, trad., vol. 1, pp. 343-754). Madrid: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1973b). Tres ensayos para una teoría sexual. In *Sigmund Freud: Obras Completas* (3ª ed., L. L. Torres, trad., vol. 2, pp. 1169-1237). Madrid: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1973c). Analisis fragmentario de una histeria. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (3a ed., L. L. Torres, trad., vol. 1, pp. 933-1002). Madrid: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1973d). Analisis terminable e interminable. In S. Freud, *Obras Completas de Sigmund Freud* (L. L. Torres, trad., vol. 3 pp. 3339-3364). Madrid: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (1975). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão,

trad., vol. 23, pp. 247-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).

Freud, S. (1976a). Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada 'neurose de angústia'. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. 3, pp. 107-135). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).

Freud, S. (1976b). A sexualidade na etiologia das neuroses. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. 3, pp. 289-312). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1898).

Freud, S. (1976c). Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. 9, pp. 187-208). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908).

Freud, S. (2010a). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 10, pp. 108-121). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911).

Freud, S. (2010b). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 10, pp. 147-162). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912).

- Freud, S. (2010c). Tipos de adoecimento neurótico. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 10, pp. 229-239). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (2010d). O início do tratamento. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 10, pp. 163-192). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (2010e). Prefácio a *O Método Psicanalítico*, de Oskar Pfister. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 10, pp. 240-243). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (2010f). Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 10, pp. 193-209). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2010g). Observações sobre o amor de transferência. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 10, pp. 210-228). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010h). A repressão. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 12, pp. 82-98). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010i). Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 12, pp.

209-246). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (2010j). O inconsciente. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 12, pp. 99-150). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (2010k). Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 12, pp. 253-286). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916).

Freud, S. (2010L). Caminhos da terapia psicanalítica. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 14, pp. 279-292). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).

Freud, S. (2010m). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 14, pp. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, S. (2010n). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 15, pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).

Freud, S. (2010o). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 18, pp. 13-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).

- Freud, S. (2010p). A dissecção da personalidade psíquica (Novas conferências introdutórias de Psicanálise, 31). In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 18, pp. 192-223). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2010q). Esclarecimentos, explicações, orientações (Novas conferências introdutórias de Psicanálise, 34). In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 18, pp. 294-321). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2010r). Acerca de uma visão de mundo (Novas conferências introdutórias de Psicanálise, 35). In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 18, pp. 321-354). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2011a). O eu e o id. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 16, pp. 13-74). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2011b). Prólogo a *Juventude Abandonada*, de August Aichhorn. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 16, pp. 347-350). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2012a). O interesse da Psicanálise. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 11, pp. 328-363). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913).

- Freud, S. (2012b). Contribuição à história do movimento psicanalítico. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 11, pp. 245-327). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2012c). Totem e tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e dos neuróticos. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 11, pp. 13-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912-1913).
- Freud, S. (2012d). Sobre a psicologia do colegial. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 11, pp. 418-423). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2013). Cinco lições de Psicanálise. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 9, pp. 220-286). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (2014a). Conferências introdutórias à Psicanálise. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 13, pp. 13-613). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916/1917).
- Freud, S. (2014b). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 17, pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926).

- Freud, S. (2014c). O futuro de uma ilusão. In S. Freud, *Sigmund Freud obras completas* (P. C. de Souza, notas e trad., vol. 17, pp. 231-301). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927).
- Garcia, J. G. S. (2007). *Educação e liberdade em Wilhelm Reich*. São Paulo: Perspectiva.
- Garcia, J. G. S. (2010). *A couraça como currículo-oculto: um estudo da relação entre a rotina escolar e o funcionamento encouraçado*. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Grotjahn, M. (1981). Karl Abraham 1877-1925. O primeiro psicanalista alemão. In F. Alexander, S. Eisenstein, & M. Grotjahn, (Orgs.), *A história da psicanálise através dos seus pioneiros* (M. C. Celedônio & E. M. Souza, trads., vol.1, pp. 13-25). Rio de Janeiro: Imago.
- Haynal, A. (1995). *A técnica em questão - controvérsias em psicanálise: de Freud e Ferenczi a Michael Balint* (G. G. de Almeida, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo/Clínica Roberto Azevedo.
- Hanns, L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Higgins, M. Raphael, C. (Orgs.). (1972). *Reich speaks of Freud*. London: Condor Book.
- Higgins, M. & Raphael, C. (Orgs.). (1979). *Reich fala de Freud* (B. S. Nogueira, trad.). Lisboa, Portugal: Moraes.

- Hilário, C. L. (2014). A sombra marxiana em Freud, ou o descompasso constitutivo de um encontro. *Psicologia & Sociedade*, 26(3), 540-551. Recuperado em 19 de maio de 2015, de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822014000300003&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000300003&lng=pt&tlng=pt). 10.1590/S0102-71822014000300003.
- Hinchey, K. (2012). Abertura dos arquivos de W. Reich. In M. Borine (Org.), *W. Reich: abertura dos arquivos, temas reichianos*. (pp. 11-26). São Paulo: Spiral Editora.
- Jacoby, R. (1977). *Amnésia social: uma crítica à psicologia conformista de Adler a Laing* (S. S. Gomes, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Jones, E. (1979). *Vida e obra de Sigmund Freud* (M. A. M. Mattos, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Jones, E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud. Vol. 3: última fase 1919-1939* (J. C. Guimarães, trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Kupermann, D. (2008a). *Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Kupermann, D. (2008b). A libido e o álbi do psicanalista. Uma incursão pelo *Diário clínico* de Ferenczi. In D. Kupermann, *Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica* (pp. 125-143). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Kupfer, M. C. M. (2001). *Educação para o futuro: psicanálise e educação*. (2a ed.). São Paulo: Escuta.

- Lagache, D. (1990). *A transferência* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1952).
- Laplanche, J., & Pontalis, J.C. (1983). *Vocabulário da psicanálise* (7a ed., P. Tamen, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Lênin, V. I. (2007a). *Discurso no Primeiro Congresso Pan-Russo das Operárias* (F. A. S. Araújo, trad.). Recuperado em 9 de fevereiro de 2015, de <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1918/11/19.htm> (Discurso proferido em 1918 e publicado originalmente em 1925).
- Lênin, V. I. (2007b). *A contribuição da mulher na construção do Socialismo* (F. A. S. Araújo, trad.). Recuperado em 9 de fevereiro de 2015, de <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1919/07/28.htm> (Trabalho original publicado em 1919).
- Lênin, V. I. (2007c). *As tarefas do movimento operário feminino na República dos Sovietes* (F. A. S. Araújo, trad.). Recuperado em 9 de fevereiro de 2015, de <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1919/09/25.htm> (Trabalho original publicado em 1919).
- Lorand, S. (1981). Sándor Ferenczi 1873-1933. O pioneiro dos pioneiros. In F. Alexander, S. Eisenstein, & M. Grotjahn, (Orgs.), *A história da psicanálise através dos seus pioneiros* (M. C. Celedônio & E. M. Souza, trads., vol.1, pp. 26-48). Rio de Janeiro: Imago.
- Lowen, A. (1982). *Bioenergética* (M. S. Mourão Netto, trad.). São Paulo: Summus.

Malinowski, B. K. (1983). *A vida sexual dos selvagens* (C. Sussekind, trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1929).

Maluf Junior, N. J. (2009). Reich e a Orgonomia. In P. Albertini, P.; L. Villares de Freitas, (Orgs.), *Jung e Reich: articulando conceitos e práticas* (pp. 158-173). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Marcuse, H. (1981). *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud* (8a ed., A. Cabral, trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Trabalho original publicado em 1955).

Marx, K. (2007). *Para a crítica da economia política* (J. Barata-Moura, trad.). Recuperado em 21 de abril de 2015, de <https://www.marxists.org/portugues/marx/1859/01/prefacio.htm> (Trabalho original publicado em 1859).

Marx, K. & Engels, F. (2007). *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)* (R. Enderle, N. Schneider & L. C. Martorano, trads.). São Paulo: Boitempo. (Trabalho original publicado em 1932).

Marx, K. & Engels, F. (2012). *Manifesto do partido comunista* (S. Tellaroli, trad.). São Paulo: Penguin/Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1848).

Matthiesen, S. Q. (1996). *A educação do corpo e as práticas corporais alternativas: Reich, Bertherat e Antiginástica*. Dissertação, Mestrado em

História e Filosofia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Matthiesen, S. Q. (2001). Último desejo e testamento de Wilhelm Reich.

*Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17 (3), 207-210.

Matthiesen, S. Q. (2005). *A educação em Wilhelm Reich: da psicanálise à*

*pedagogia econômico-sexual*. São Paulo: Editora UNESP.

Matthiesen, S. Q. (2007). *Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich:*

*bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento*. São

Paulo: FAPESP/Annablume.

Mattl, S. (2013). O caso da Viena Vermelha (M. C. Mota, trad.). *Lua nova:*

*Revista de Cultura e Política*, (89), pp. 191-213. Recuperado em 03 de junho

de 2014, de

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-)

[64452013000200008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452013000200008&lng=pt&nrm=iso)

Meyer, R. (1986). *Therapies corporalles*. Paris: Hommes et Groupes.

Meyer, R. & col. (1992). *Reich ou Ferenczi? Psychanalyse et somatothérapies*.

Marseille: Hommes et Perspectives / Journal des Psychologues.

Mezan, R. (1991). *Freud: a trama dos conceitos* (3ª ed.). São Paulo: Perspectiva.

Mezan, R. (1996). O símbolo e o objeto em Férenczi. In C. S. Katz (Org.)

*Férenczi: história, teoria e técnica* (pp. 91-120). São Paulo: Editora 34.

- Millot, C. (1992). *Freud antipedagogo* (A. Roitman, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Mohr, G. J. (1981). August Aichhorn 1878-1949. O amigo da juventude rebelde. In F. Alexander, S. Eisenstein, & M. Grotjahn (Orgs.), *A história da psicanálise através dos seus pioneiros* (M. C. Celedônio & E. M. Souza, trads., vol.2, pp. 394-405). Rio de Janeiro: Imago.
- Mota, M. V. S. (1999). *Princípios reichianos fundamentais para a educação: base para a formação do professor*. Tese de doutorado. Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.
- Navarro, F. (1987a). *Terapia reichiana: fundamentos médicos somatopsicodinâmica* (A. Bedani; B. Sidou, Trad.). São Paulo: Summus.
- Navarro, F. (1987b). *Terapia reichiana II: fundamentos médicos somatopsicodinâmica* (M. H. N. Liberalli, Trad.). São Paulo: Summus.
- Neill, A. S. (1968). *Liberdade sem medo* (6ª ed., N. Lacerda, trad.). São Paulo: Ibrasa.
- Nietzsche, F. (2005). *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro* (P. C. Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1886).
- Oliveira, A. C. (2014). *Ação política e formação da consciência de classe no pensamento de Wilhelm Reich*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- Orgone Institute Press (1953). *Wilhelm Reich: Biographical material - History of the discovery of the life energy*. Rangely, Maine: Orgone Institute Press.
- Quintana, M. (2006). *Caderno H* (2ª ed.). São Paulo: Globo.
- Raknes, O. (1988). *Wilhelm Reich e a Orgonomia* (A. Negrini, trad.). São Paulo: Summus. (Trabalho original publicado em 1970).
- Ramalho, S. A. (2001). *Psicologia de massa do fascismo: Reich e o desenvolvimento do pensamento crítico*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Rego, R. A. (2005). *Psicanálise e biologia: uma discussão da pulsão de morte em Freud e Reich*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Rego, R. A. (2005b). Reich e o paradigma pulsional freudiano. In P. Albertini (Org.) *Reich em diálogo com Freud: estudos sobre psicoterapia, educação e cultura* (pp. 59-87). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rego, R. A. & Albertini, P. (2010). Psicoterapias corporais. In G. C. Pinto (Editora), *Psicoterapias, 1* (Mente Cérebro, pp. 85-121). São Paulo: Duetto Editorial.
- Reich, A. (1980). *Se teu filho pergunta* (S. Moretzsohn, trad.). Rio de Janeiro: Espaço Psi. (Trabalho original publicado em 1932).
- Reich, I. O. (1978). *Wilhelm Reich: una biografia personal* (J. Crespo, trad.). Barcelona: Gedisa.

- Reich, W. (n. d.a). Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura? In W. Reich & C. Alzon, *Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura?* (3a ed., M. Amaral, trad., pp. 7-45). Textos Exemplares 4. (Trabalho original publicado em 1930, ampliado em 1936).
- Reich, W. (n. d.b). *Irrupção da moral sexual repressiva* (S. Montarroyos & J. S. Dias, trads.). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1932).
- Reich, W. (1966). Die sackgasse der sexualaufklärung. In W. Reich, *Die sexuelle revolution* (pp. 79-87). Frankfurt: Fischer Taschenbuch Verlag (Trabalho original publicado em 1929).
- Reich, W. (1974a). *Psicologia de massa do fascismo* (J. S. Dias, trad.). Porto, Portugal: Publicações Escorpião. (Trabalho original publicado em 1933).
- Reich, W. (1974b). *Escuta, Zé Ninguém!* (3a ed., M. de F. Bivar, trad.). Lisboa/Santos: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1948).
- Reich, W. (1975a). A case of pubertal breaching of incest taboo. In W. Reich, *Early writings, v. 1* (P. Schmitz, trad., pp. 65-72). New York: Farrar, Straus and Giroux. (Trabalho original publicado em 1920).
- Reich, W. (1975b). Two narcissistic types. In W. Reich, *Early writings, v. 1* (P. Schmitz, trad., pp. 133-142). New York: Farrar, Straus and Giroux. (Trabalho original publicado em 1922).
- Reich, W. (1975c). Drive and libido concepts from Forel to Jung. In W. Reich, *Early writings, v. 1* (P. Schmitz, trad., pp. 86-124). New York: Farrar, Straus and Giroux. (Trabalho original publicado em 1922).

- Reich, W. (1975d). On genitality: from the standpoint of psychoanalytic prognosis and therapy. In W. Reich, *Early writings*, v. 1 (P. Schmitz, trad., pp. 158-179). New York: Farrar, Straus and Giroux. (Trabalho original publicado em 1924).
- Reich, W. (1975e). Further remarks on the therapeutic significance of genital libido. In W. Reich, *Early writings*, v. 1 (P. Schmitz, trad., pp. 199-221). New York: Farrar, Straus and Giroux. (Trabalho original publicado em 1925).
- Reich, W. (1975f). Libidinal conflicts and delusions in Ibsen's Peer Gynt. In W. Reich, *Early writings* v. 1 (P. Schmitz, trad., pp. 3-64). New York: Farrar, Straus and Giroux.
- Reich, W. (1975g). Os jardins de infância na Rússia Soviética. In Conselho Central dos Jardins de Infância Socialistas de Berlim, V. Schmidt & W. Reich, *Elementos para uma pedagogia anti-autoritária* (J. C. Dias, A. Sousa, A. Ribeiro, & M. C. Torres, trads., pp. 39-52). Porto: Escorpião. (Trabalho original publicado em 1935).
- Reich, W. (1975h). Os pais como educadores: a compulsão a educar e suas causas. In Conselho Central dos Jardins de Infância Socialistas de Berlim, V. Schmidt & W. Reich, *Elementos para uma pedagogia anti-autoritária* (J. C. Dias, A. Sousa, A. Ribeiro, & M. C. Torres, trads., pp. 53-68). Porto: Escorpião. (Trabalho original publicado em 1926).
- Reich, W. (1975i). The impulsive character: a psychoanalytic study of ego pathology. In W. Reich, *Early writings* v. 1 (P. Schmitz, trad., pp. 237-332). New York: Farrar, Straus and Giroux. (Trabalho original publicado em 1925).

Reich, W. (1976a). *O que é consciência de classe* (Textos exemplares, 6, sem indicação de trad.). Porto: S. A. Carneiro. (Trabalho original publicado em 1934).

Reich, W. (1976b). *People in trouble: v. II of The emotional plague of mankind* (P. Schmitz, trad.). New York, EUA: Farrar, Straus and Giroux. (Trabalho original publicado em 1953).

Reich, W. (1976c). *Character analysis* (third, enlarged edition, V. R. Carfagno, trad.). New York: Pocket Books. (Original publicado em 1933, ampliado em 1945 e 1949).

Reich, W. (1977a). *Psicopatologia e sociologia da vida sexual* (M. S. T., trad.). Porto/São Paulo: Escorpião/Global. (Trabalho original publicado em 1927).

Reich, W. (1977b). *Materialismo dialético e psicanálise* (3ª ed., J. J. M. Ramos, trad.). Portugal/Brasil: Editorial Presença/Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1929 e ampliado em 1934).

Reich, W. (1978a). *O combate sexual da juventude* (2ª ed., A. Fontes, trad.). Lisboa, Portugal: Antídoto. (Trabalho original publicado em 1932).

Reich, W. (1978b). O reflexo do orgasmo e a técnica da vegetoterapia de análise do caráter. In W. Reich, *A função do orgasmo: Problemas econômico-sexuais da energia biológica* (M. G. Novak, trad., pp. 254-303). São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1937 e ampliado em 1942).

- Reich, W. (1978c). *A função do orgasmo: Problemas econômico-sexuais da energia biológica* (M. G. Novak, trad.). São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1942).
- Reich, W. (1979). Análise leiga. In M. Higgins & C. Raphael, C. (Orgs.). *Reich fala de Freud* (B. S. Nogueira, trad., pp. 220-223). Lisboa, Portugal: Moraes.
- Reich, W. (1981a). *A revolução sexual* (7a ed., A. Blaustein, trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Trabalho original publicado em 1930, ampliado em 1936).
- Reich, W. (1981b). Casamento compulsório e relação sexual permanente. In W. Reich *A revolução sexual* (A. Blaustein, trad., pp. 149-182). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Trabalho original publicado em 1930).
- Reich, W. (1981c). A luta pela “nova vida” na União Soviética. In W. Reich *A revolução sexual* (A. Blaustein, trad., pp. 183-311). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Trabalho original publicado em 1936).
- Reich, W. (1981d). O beco sem saída da educação sexual. In W. Reich *A revolução sexual* (A. Blaustein, trad., pp. 94-103). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Trabalho original publicado em 1928).
- Reich, W. (1982). *O assassinato de Cristo: volume um de A peste emocional da humanidade* (C. R. L. Viana, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953).
- Reich, W. (1983a). Armoring in a newborn infant. (1984b). In W. Reich, *Children of the Future: on the prevention of sexual pathology* (D. Jordan; I. Jordan; B.

Placzek, trad., pp. 89-113). New York: Farrar Straus Giroux. (Original publicado em 1951).

Reich, W. (1983b). Problems of healthy children during the first puberty (ages three to six). In W. Reich, *Children of the Future: on the prevention of sexual pathology* (D. Jordan; I. Jordan; B. Placzek, trad., pp. 22-63). New York: Farrar Straus Giroux.

Reich, W. (1983c). Concerning childhood masturbation. In W. Reich, *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (D. Jordan, I. Jordan & B. Placzek, trads., pp. 140-145). New York: Farrar Straus Giroux. (Trabalho original publicado em 1928).

Reich, W. (1986a). Algunos problemas de técnica psicoanalítica. In W. Reich, *Análisis del carácter* (3a ed., L. Fabricant, trad., pp. 27-32). Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1933).

Reich, W. (1986b). Sobre la técnica de la interpretación y el análisis de las resistencias. In W. Reich, *Análisis del carácter* (3a ed., L. Fabricant, trad., pp. 43-60). Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1927).

Reich, W. (1986c). Sobre la técnica del análisis del carácter. In W. Reich, *Análisis del carácter* (3a ed., L. Fabricant, trad., pp. 61-128). Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1928, reeditado em 1933).

Reich, W. (1986d). Indicaciones y peligros del análisis del carácter. In W. Reich, *Análisis del carácter* (3a ed., L. Fabricant, trad., pp. 129-133). Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1933).

- Reich, W. (1986e). El manejo de la transferencia. In W. Reich, *Análisis del carácter* (3a ed., L. Fabricant, trad., pp. 135-154). Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1933).
- Reich, W. (1986f). *Análisis del carácter* (3a ed., L. Fabricant, trad.). Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1933, ampliado em 1945 e 1949).
- Reich, W. (1988). *Passion of youth: an autobiography, 1897-1922* (P. Schmitz; J. Tompkins, trads.). New York: Farrar Straus Giroux.
- Reich, W. (1989). *The function of the orgasm. Sex-economic problems of biological energy* (V. R. Carfagno, trad.). London: Souvenir Press. (Trabalho original publicado em 1942).
- Reich, W. (1995a). Alguns problemas da técnica psicanalítica. In W. Reich, *Análise do caráter* (2a ed., M. L. Branco, M. M. Pecegueiro, trads., pp. 17-22). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933).
- Reich, W. (1995b). O ponto de vista econômico na teoria da terapia analítica. In W. Reich, *Análise do caráter* (2a ed., M. L. Branco, M. M. Pecegueiro, trads., pp. 23-31). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933).
- Reich, W. (1995c). Sobre a técnica de interpretação e de análise da resistência. In W. Reich, *Análise do caráter* (2a ed., M. L. Branco, M. M. Pecegueiro, trads., pp. 33-50). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1927, reeditado em 1933).
- Reich, W. (1995d). Sobre a técnica de análise do caráter. In W. Reich, *Análise do caráter* (2a ed., M. L. Branco, M. M. Pecegueiro, trads., pp. 51-118). São

Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928, reeditado em 1933).

Reich, W. (1995e). Indicações e perigos da Análise do Caráter. In W. Reich, *Análise do caráter* (2a ed., M. L. Branco, M. M. Pecegueiro, trads., pp. 119-123). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933).

Reich, W. (1995f). Sobre o manejo da transferência. In W. Reich, *Análise do caráter* (2a ed., M. L. Branco, M. M. Pecegueiro, trads., pp. 125-144). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933).

Reich, W. (1995g). O caráter genital e o caráter neurótico. In W. Reich, *Análise do caráter* (M. L. Branco & M. M. Pecegueiro, trads., pp. 165-185). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1929, reeditado em 1933).

Reich, W. (1995h). O caráter masoquista. In W. Reich, *Análise do caráter* (2a ed., M. L. Branco, M. M. Pecegueiro, trads., pp. 215-253). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933).

Reich, W. (1995i). Contato psíquico e corrente vegetativa. In W. Reich, *Análise do caráter* (M. L. Branco & M. M. Pecegueiro, trads., pp. 267-327). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1935).

Reich, W. (1995j). *Análise do caráter* (2ª ed. M. L. Branco & M. M. Pecegueiro, trads.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1933, ampliado em 1945 e 1949).

- Reich, W. (1995k). Prefácio à primeira edição. In W. Reich, *Análise do caráter* (M. L. Branco & M. M. Pecegueiro, trads., pp. 1-8). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933).
- Reich, W. (1995L). A cisão esquizofrênica. In W. Reich, *Análise do caráter* (M. L. Branco & M. M. Pecegueiro, trads., pp. 367-459). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1949).
- Reich, W. (1995m). A linguagem expressiva da vida. In W. Reich, *Análise do caráter* (M. L. Branco & M. M. Pecegueiro, trads., pp. 329-366). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933).
- Reich, W. (1996). *Paixão de juventude: uma autobiografia 1897-1922*. (C. S. Martins & S. Rios, trads.). São Paulo: Brasiliense.
- Reich, W. (2003). *O éter, Deus e o Diabo [seguido de] Superposição cósmica*. (M. Hantower, trad., R. Rego, revisão técnica). São Paulo: Martins Fontes. (Superposição cósmica, original de 1951).
- Reich, W. (2008). A atitude dos pais sobre a masturbação infantil (D. C. Avila, P. Albertini, trads.). *Transformações em Psicologia*, 1(1), 103-111. (Trabalho original publicado em 1927).
- Reich, W. (2009). *O caráter impulsivo* (M. Hantower, trad.). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1925).
- Roazen, P. (1974). *Freud e seus discípulos* (H. de L. Dantas, trad.). São Paulo: Cultrix.

- Rodrigues, H. J. L. F. (2008). *A relação entre o corpo e a mente nos escritos de Freud, Lacan e Reich: do fenômeno psicossomático à unidade soma-psyché*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Rouanet, S. P. (1986). *Teoria crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro, & L. Magalhães, trads.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Rousseau, J.-J. (1999). *Emílio ou Da Educação*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1762).
- Schmidt, V. (1975). Educação psicanalítica na Rússia Soviética. In Conselho Central dos Jardins de Infância Socialistas de Berlim, V. Schmidt & W. Reich, *Elementos para uma pedagogia anti-autoritária* (J. C. Dias, A. Sousa, A. R. & M. C. Torres, trads., pp. 15 - 37). Porto: Publicações Escorpião. (Trabalho original publicado em 1924).
- Schorske, C. E. (1989). *Viena fin-de-siècle: política e cultura* (D. Bottmann, trad.). São Paulo: Editora da UNICAMP/Companhia das Letras.
- Sharaf, M. R. (1994). *Fury on earth: a biography of Wilhelm Reich*. United States of America: Da Capo Press.
- Silva, J. R. O. (2001). *O desenvolvimento da noção de caráter no pensamento de Reich*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- Silva, J. R. O. (2009). Reich e a psicanálise: o encontro. In P. Albertini; L. Villares De Freitas (Orgs.) *Jung e Reich: articulando conceitos e práticas* (pp. 109-125). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Silva, J. R. O. (2012). *Peer Gynt: encontros e diálogos com a psicanálise*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Sinelnikoff, C. (1971). *La obra de Wilhem Reich* (A. G. Camino, trad.). México/Argentina/Espanha: Siglo Vintiuno Editores.
- Singer, H. (1997). *República de crianças: sobre experiências escolares de resistência*. São Paulo: Hucitec.
- Sterba, R. F. (1982). *Reminiscences of um viennese psychoanalyst*. Detroit: Wayne State University Press.
- Thompson, C. M. (1969) *Evolução da psicanálise* (A. Cabral, trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Trabalho original publicado em 1950).
- Trotsky, L. (2007) *Atenção à teoria* (E. Fishuk, trad.). Recuperado em 30 de março de 2015 de <https://www.marxists.org/portugues/trotsky/1922/02/27.htm> (Trabalho original publicado em 1922).
- Wagner, C. M. (1996). *Freud e Reich - Continuidade ou ruptura?* São Paulo: Summus Editorial.
- Wagner, C. M. (2003). *A transferência na clínica reichiana*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Wagner, C. M. (2009). Reich e a terapia psicorporal. In P. Albertini; L. Villares De Freitas, (Orgs.), *Jung e Reich: articulando conceitos e práticas* (pp. 148-157). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Weinmann, A. O. (2014). *Infância: um dos nomes da não razão*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Weiss, E. (1981). Paul Federn 1871-1950. A teoria da psicose. In F. Alexander, S. Eisenstein, & M. Grotjahn, (Orgs.), *A história da psicanálise através dos seus pioneiros* (M. C. Celedônio & E. M. Souza, trads., vol.1, pp. 168-187). Rio de Janeiro: Imago.
- Zlotnic, S., Almeida, M. M. & Silva Junior, N. (2009). Um lugar na contramão: movimentos regressivos para o analista ... *Revista Percurso*, 42, pp. 13-18.
- Zullinger, H. (1981). Oskar Pfister 1873-1956. Psicanálise e fé. In F. Alexander, S. Eisenstein, & M. Grotjahn, (Orgs.), *A história da psicanálise através dos seus pioneiros* (M. C. Celedônio & E. M. Souza, trads., vol.1, pp. 197-208). Rio de Janeiro: Imago.

